A Defesa Nacional



EXÉRCITO — MARINHA — AERONÁUTICA

N. 553

BRASIL

DIRETORIA ELEITA PARA O EXERCÍCIO DE 1958/1960

Diretor-Presidente

Gen João Baptista de Mattos

Diretor-Secretário

Cel Ayrton Salgueiro de Freitas

Diretor-Gerente

Ten-Cel João Capistrano Martins Ribeiro

Conselho de Administração

Cel Golbery do Couto e Silva
Maj Amerino Raposo Filho

Conselho Fiscal

Gen Armando Batista Gonçalves
Cel Adailton Sampaio Pirassununga
Ten-Cel Danilo Darcy de Sá da Cunha e Mello

Suplentes

Cel João Batista Peixoto
Ten-Cel Hugo de Andrade Abreu
Maj Nilton Freixinho

Chefias

De expedição — Maj Dario Ribeiro Machado
De publicidade — Ten-Cel J. de Abreu Lins (S. Paulo)
Maj Lauro Lima dos Santos (Rio)
Cap Diógenes Vieira Silva (Paraná)

PEDE-SE PERMUTA

PIDESE CANJE
SI RICHIEDE LO SCAMBIO
WE ASK FOR EXCHANGE
ON DÉMANDE L'ÉCHANGE
ONI PETAS INTERSAGON
MAN BITTET UM AUSTAUSCH

A DEFESA NACIONAL

FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913

Ano XLVII | BRASIL — Rio de Janeiro, Agôsto de 1960 N. 553

SUMÁRIO

ASSUNTOS MILITARES

Págs.

Poder aéreo das Fôrças Armadas — Cel Ayrton Freitas 3

Guerra Atômica e Guerra Radiológica 6

EXÉRCITO

I — A coordenação do fogo na Divisão de Cavalaria — Maj Everaldo de Oliveira Reis 19

II — Um pára-quedista descreve o que é a mentalidade "Pára" — J. J. Thieuloy 23

Ordem do Dia (25 de agôsto de 1960) 31

Seção do Candidato à EsAO

O BI no Ataque — Ten-Cel Danilo Cunha Melo 33

Seção do Candidato à ECEME

I — A Campanha de 1851-52, contra Oribe e Rosas — Maj Germano S. Vidal 47

II — Solução de questões escolhidas entre as propostas no número anterior 59

III — Questões de História e Geografia 68

MARINHA

Capitão-Tenente Estanislau Przewosdowski 69

AERONÁUTICA

I — Prisioneiro de guerra durante a campanha da Itália — Ten-Cel Av Othon Correia Netto 77

II — A aviação do futuro próximo 93

ENGENHOS-FOGUETES E SATÉLITES

Pág.

I — Mísseis no Exército Brasileiro — Cap Carlos Olavo Queiroz Guimarães 95

II — Propulsão nuclear para navios mercantes — Ten A. Brandão de Freitas 101

III — O míssil anticarro Malkara — Ten-Cel Tércio Veras 102

DOUTRINA MILITAR BRASILEIRA

I — Bases Filosóficas

1 — A doutrina militar Russa na 2ª Guerra Mundial 105

2 — Decisões fatais — Maj Amerino Raposo Filho e Maj J. R. de Miranda Carvalho 123

II — Guerra revolucionária — Ten-Cel Frederick Wilkins 131

III — Organização — Nossas Fôrças Armadas e a nova doutrina — Maj Germano Seidl Vidal 147

GEOGRAFIA

Aspectos econômicos — Argentina — Colômbia e Chile 151

ASSUNTOS DIVERSOS

Democracia versus Comunsimo 161



ASSUNTOS MILITARES

Coordenador: Cel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

PODER AÉREO DAS FÔRÇAS ARMADAS

Cel AYRTON FREITAS

Revistas americanas especializadas publicaram dados comparativos entre o Poder Aéreo das três Fôrças Armadas dos Estados Unidos, assinalando o que existia em junho de 1959, o que existe atualmente e o que está previsto para junho de 1961.

É interessante observar com atenção os quadros seguintes:

EXÉRCITO

	Existente em junho de 1959	Atual em junho de 1960	Previsto para junho de 1961
Grupos de mísseis "Redstone"	3	3	3
Comandos de mísseis	4	4	4
Batalhões de mísseis guiados contra aviões	74	73	82
Batalhões de mísseis superfície-superfície	18	24	26
Helicópteros	2.357	2.714	2.840
Aviões	2.842	2.949	2.951

MARINHA

	Existente em junho de 1959	Atual em junho de 1960	Previsto para junho de 1961
Grupos de ataque em NAe	16	16	16
Grupos anti-submarinos em NAe	—	11	11
Esquadrões de Patrulha e alarme	42	42	42
Grupos aéreos de fuzileiros	3	3	3
Número total de aviões ...	9.649	8.657	8.348

FÔRÇA AÉREA

	Existente em junho de 1959	Atual em junho de 1960	Previsto para junho de 1961
Grupos estratégicos	43	40	38
Grupos de defesa aérea ...	27	23	20
Grupos táticos	35	33	33
Esquadrões de reabastecimento aéreo	60	62	66
Esquadrões de transporte de MATS	27	22	21
Outros esquadrões especializados	58	34	28
Número total de aviões ...	20.890	19.513	18.885

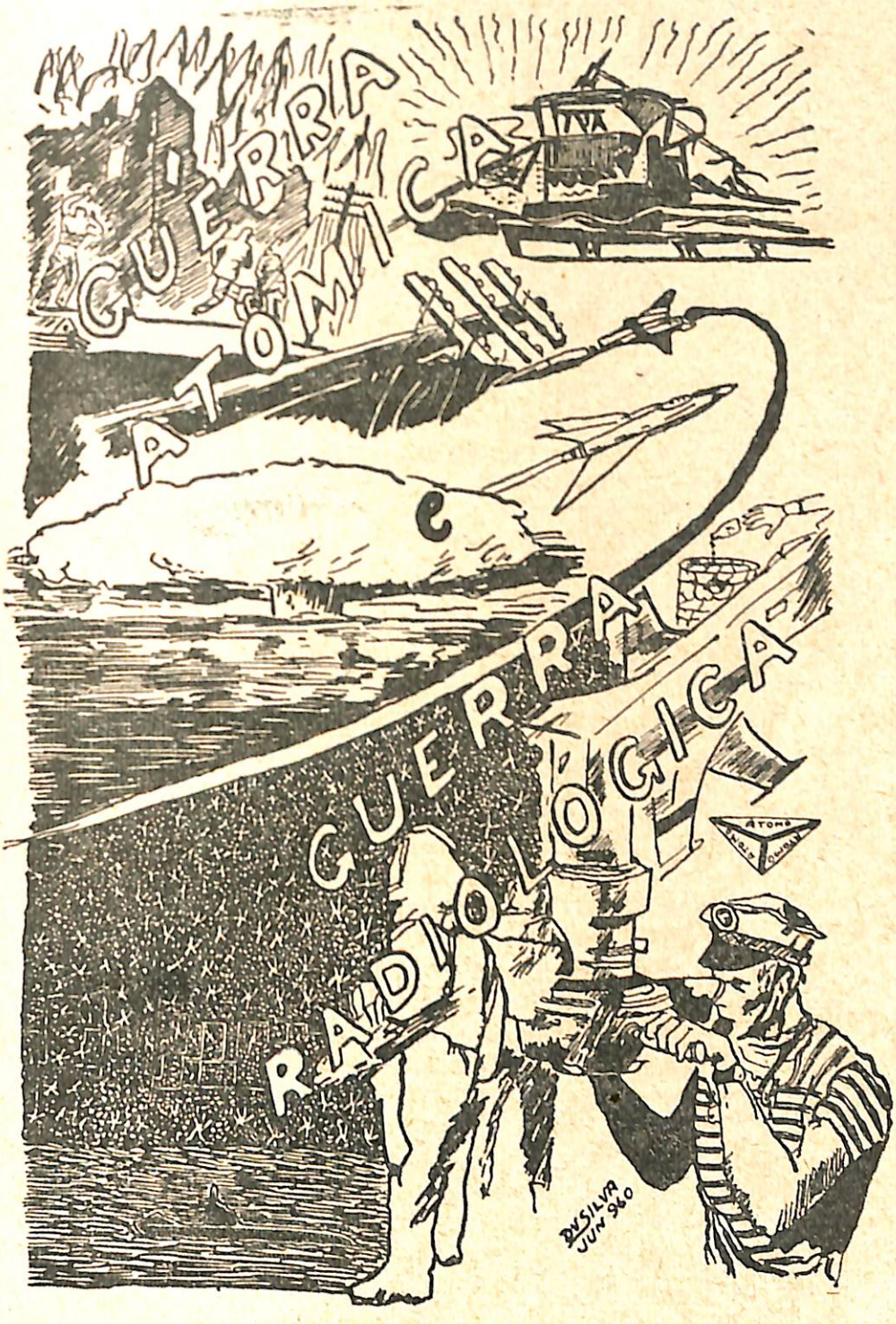
Observando os quadros acima, concluímos que:

— na Fôrça Aérea, a grande baixa ocorrerá em aviões especializados, que serão reduzidos a 50% dos existentes em 1959;

— na Marinha, os esquadrões anti-submarinos baseados em NAe foram reorganizados em 11 grupos, tendo o poder de fogo muito aumentado;

— no Exército, o número de helicópteros aumentou de 500 e o de aviões de 100, havendo, ainda, considerável acréscimo nos batalhões de mísseis contra aviões;

— a única Fôrça que não sofreu cortes, em seus meios aéreos, foi o Exército, embora o programa de compressão de despesas do govêrno o tenha atingido em outros pontos.


GUERRA
ATÔMICA
e
GUERRA
RADIOLÓGICA
ATOMO
R.S.S.
U.S.A.
R.SILVA
JUN 960

GUERRA ATÔMICA E GUERRA RADIOLÓGICA

(Conclusão do número anterior)

II — GUERRA RADIOLÓGICA

A Guerra radiológica é o conjunto de táticas e técnicas de conduzir a guerra com o uso de materiais radioativos ou por meio de métodos dos quais resulte a produção de radioatividade (FM 3-8 Chemical Corps Reference Handbook).

A 1 de março de 1954, enquanto os americanos experimentavam sua primeira Bomba H, no atol de Bikini, 80 milhas ao sul, o barco de pesca japonês "Fukuryu Maru" (Dragão Feliz) navegava tranqüilamente. Sua tripulação pescava, sem saber que estava predestinada a representar o papel de primeiras vítimas da Guerra Radiológica. Apreciaram um clarão que iluminou o horizonte durante cêrca de 50 segundos, seguido, sete minutos depois, de um estrondo com dois ecos. Alguns pescadores depois declararam que pensaram ser o Sol nascendo de maneira estranha, mas que, ao ouvirem o estrondo, julgaram se tratar da "Pikadon" (Bomba Atômica), mas a distância a que se encontravam, os colocava imunes aos seus efeitos.

No entanto, duas horas mais tarde, uma chuva de cinzas cobriu o navio e o mar em tôrno, sem que seus tripulantes supusessem que êsse pó branco, aparentemente tão inofensivo, pudesse causar os mesmos efeitos causados, há quase nove anos antes, a seus compatriotas, em Hiroshima e Nagasaki. Três dias depois, começaram os marinheiros a observar manchas vermelhas no pescoço, com pruridos, apresentando-se alguns com náuseas. Duas semanas depois, o navio chegou ao Japão, com 23 tripulantes contaminados, sendo que a 17 de março as medições efetuadas no barco acusaram uma radioatividade ainda de 50 vêzes a dose humana tolerável.

Dessas vítimas, depois de uma agonia de sete meses, faleceu no Hospital de Tóquio, o operador de bordo, Aikichi Kuboyama, com trinta anos de idade, constituindo-se assim como a primeira vítima dos agentes radiológicos capazes de serem empregados em futuros conflitos.

A análise química das cinzas que contaminaram o Dragão Feliz permitiu identificar 16 rádio-elementos, dentre os quais, muitos produtos de fissão, além do iôdo, bário e estrôncio. Também rádio-elementos produzidos por captura de neutron foram identificados, como o cálcio 45 e o enxôfre 35, originados do cálcio 44 e do enxôfre 34.

A Guerra Radiológica, portanto, não apresenta, como a Guerra Atômica três efeitos diferentes, mas apenas o terceiro dêles, exatamente o que causou menor número de vítimas nas duas explosões de 1945.

1 — FINALIDADE DA GUERRA RADIOLÓGICA

Enquanto a Guerra Atômica, levada a efeito, seja por meio de bombas estratégicas, seja por meio de bombas táticas, causa a destruição do pessoal e do material e equipamento por êle usado, a Guerra Radiológica atua exclusivamente sôbre pessoal, não causando destruição em material, equipamento ou instalações, por não apresentar efeitos mecânicos ou térmicos. Ela ocorre, na Guerra Atômica, como uma aplicação secundária da Bomba Atômica, mas existe a possibilidade de utilizar materiais radioativos, sem provocar uma explosão atômica, diretamente com finalidades militares, com o objetivo de contaminar pessoas, áreas, estruturas, materiais e equipamentos.

A finalidade principal dêsse emprêgo deliberado de *agentes radiológicos* é obrigar os combatentes a evacuarem uma área importante, como, por exemplo, uma cidade, um aeroporto, um estabelecimento militar, uma região industrial, ou mesmo um ponto crítico do terreno, sem destruir êsse objetivo. Criará a Guerra Radiológica apenas uma ameaça de baixas para o pessoal, caso êle não abandone imediatamente o objetivo. Por outro lado, depois de algum tempo, quando a atividade dos agentes radiológicos decair, será possível a ocupação dêsse objetivo abandonado pelo inimigo, sem necessidade de reconstrução.

Outra finalidade será a contaminação de uma região industrial importante, que, após um bombardeio estratégico tenha sido destruída ou sèriamente danificada, e que não desejamos seja reconstruída ou novamente utilizada, interferindo assim com o apoio de retaguarda às atividades do inimigo. Também poderá ser utilizada na Zona de Combate ou de Administração do inimigo interferindo com suas atividades logísticas, pela contaminação de fontes e depósitos de abastecimentos.

Como vemos, a finalidade da Guerra Radiológica é semelhante à das Guerras Química e Biológica, razão pela qual foi associada às outras duas, formando a trilogia QBR, colocada sob a responsabilidade do Corpo Químico. Mas, vejamos como podemos caracterizar êsses novos *agentes radiológicos*, capazes de serem utilizados em tal tipo de guerra.

2 — CARACTERÍSTICAS DOS AGENTES RADIOLÓGICOS

Como sabemos, os materiais radioativos emitem três tipos de radiações principais, sendo que as duas primeiras, *alfa* e *beta* são chamadas de partículas, e a terceira, a *gama* é uma radiação do tipo eletromagnético, semelhante aos raios X.

As partículas alfa, por serem excessivamente pesadas, com massa quatro vêzes maior que a de um neutron e aproximadamente 7.000 vêzes maior que a da partícula beta, pouco poder de penetração apresenta, sendo capaz de se deslocar apenas 3 a 5 centímetros no ar e, portanto, incapaz de penetrar na própria pele, sendo detido pela roupa

comum. Assim, uma substância emissora de partículas alfa se apresentará com eficiência, apenas se puder atuar no interior do organismo, pois externamente nada adiantará.

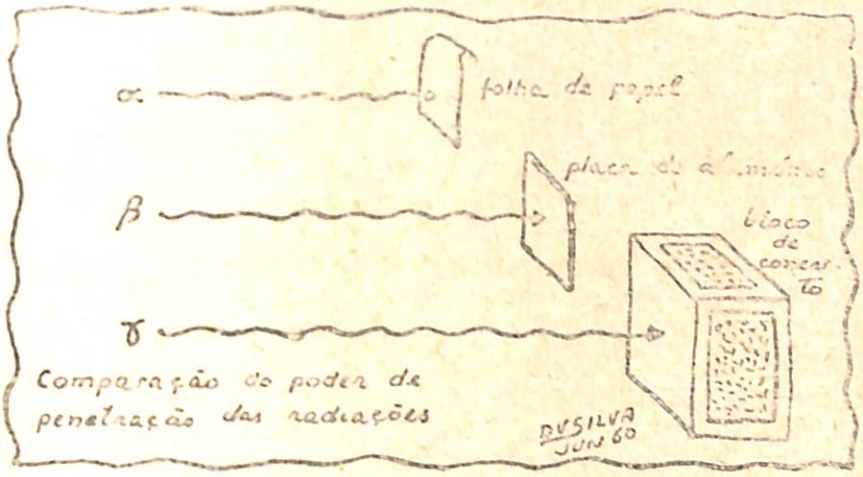
Já as partículas beta nada mais são do que um fluxo de eléctrons dotados de grande energia, mas possuem um alcance de apenas poucos pés no ar, não possuindo capacidade para atravessar roupas relativamente grossas. São pouco eficientes externamente, a não ser que a pele esteja desprotegida, a elas exposta.

Pela necessidade que essas partículas apresentam de, depois de emitidas, percorrerem certa distância, antes de atingirem o corpo humano ou a pele, para produzirem seus efeitos, vemos que substâncias que emitam apenas partículas alfa e beta, pouco valor terão como agentes radiológicos.

A radiação *gama*, por outro lado, é altamente energética e muito penetrante, sendo semelhante aos raios-X, podendo atravessar consideráveis distâncias no ar, não sendo detida pelas roupas mais grossas, atravessando fàcilmente a pele para atuar sôbre as células do organismo. As substâncias emissoras de radiações gama, se apenas forem removidas da pele ou da roupa, ainda continuarão a produzir seus efeitos à distância. Por outro lado, o simples uso de máscaras e roupas protetoras com luvas e botas, não irá fornecer proteção suficiente que só será obtida, ou com a permanência do pessoal a uma distância superior à de ação dessas radiações, ou sob uma proteção de material que forneça blindagem à ação delas. E essa blindagem terá de ser de vários centímetros de chumbo ou de concreto, em vista do alto poder de penetração da radiação.

Vemos assim que, para atuar externamente sôbre o combatente, podem ser consideradas como satisfazendo às condições básicas de um agente radiológico, aquelas substâncias capazes de emitir radiações gama. Mas, geralmente, as substâncias que emitem essas radiações também emitem partículas alfa e beta, sendo mais comuns as últimas. Assim, se a substância atingir o interior do organismo do combatente, pela respiração, pela ingestão de alimentos ou líquidos, ou ainda por qualquer solução de continuidade da pele, além dos efeitos danosos da radiação gama, irão se somar os efeitos das partículas alfa ou beta, atuando dentro do corpo.

Essa condição, de emitir radiações gama, pode ser considerada como a primeira condição a ser satisfeita por uma substância para ser considerada como agente radiológico. Outras condições são também desejáveis, e podemos então citar como segunda condição, a necessidade de a energia da radiação ser suficientemente alta, pois quanto mais alta fôr essa energia maior distância poderá ser percorrida pela radiação para produzir seus efeitos, e maior poder de penetração apresentará. Essa energia variará de acôrdo com a substância emissora de que dispusermos.



Ainda como terceira condição, podemos estabelecer que a *meia vida* da substância não seja nem muito curta nem muito longa, variando, de preferência, entre duas semanas e seis meses. Caso essa meia vida seja muito curta, com pouco tempo a substância deixará de ser um agente radiológico para se transformar em uma substância inerte e inofensiva, em virtude da decadência natural. O material que tiver sido estocado como agente radiológico, isto é, como uma munição, terá passado a ser apenas uma areia, um líquido ou um gás inofensivo. Por outro lado, substâncias com longa meia vida geralmente se apresentam como emissoras de radiações de fraca intensidade, tendo de ser usadas em consideráveis quantidades para produzir efeitos. Além disso, sua contaminação, sendo muito prolongada, elas irão impedir a reocupação da área contaminada por um tempo excessivamente longo.

3 — PRODUÇÃO DOS AGENTES RADIOLÓGICOS

Sem levarmos em conta a explosão da Bomba Atômica, que produz indiretamente agentes radiológicos, iremos considerar aqui apenas a produção deliberada dêsses agentes. Talvez pela primeira vez na história da humanidade, tenha surgido como um grave problema problema para certas indústrias o jogar fora, como imprestável e perigosa, uma valiosa munição de guerra. Sim, pois o tão comentado *lixo atômico*, resíduo dos reatores nucleares ou das pilhas atômicas, nada mais é do que um elemento que poderá ter utilização, em caso de guerra, como agentes radiológicos. Existem dois métodos principais de produzir agentes radiológicos.

O primeiro é a utilização dos inúmeros isótopos radioativos resultantes da fissão do urânio e do plutônio e que são obtidos em consideráveis quantidades nos reatores nucleares. No reator nuclear, certos núcleos de urânio são submetidos à fissão por intermédio dos neutrons,

tendo lugar o mesmo processo que ocorre em uma explosão atômica, apenas que, nesta última, a reação é rápida, enquanto no reator ela é lenta ou controlada. Assim, não há explosão, e a energia é lentamente liberada e não ràpidamente como na explosão atômica. Os mesmos, ou similares, produtos radioativos obtidos em uma explosão atômica são encontrados no reator, apenas não são dispersados, nêle permanecendo. Considera-se que para cada quilo de plutônio obtido em um reator nuclear, se forma um pêso aproximadamente igual de produtos altamente radioativos, os quais poderão ser utilizados como agentes radiológicos. A desvantagem é que êsses produtos são uma mistura de substâncias com diversas meias vidas, variando desde alguns segundos até vários anos. Essa desvantagem poderia ser contornada se extraíssemos, dessa mistura, algumas substâncias particulares que apresentassem as desejáveis características como agentes radiológicos. Mas, êsse processo de extração, além de difícil irá apresentar um custo pràticamente proibitivo. Calculam os técnicos que um elemento especial, por nós desejado isoladamente, talvez seja encontrado apenas numa quantidade correspondente a 3% do total da mistura obtida.

O segundo processo de obtenção de agentes radiológicos é o mesmo utilizado com finalidades pacíficas para a obtenção dos isótopos largamente aplicados hoje em dia na medicina ou na agricultura. Assim, o reator nuclear será usado para produzir agentes radiológicos, expondo à ação dos neutrons certos elementos estáveis, normalmente não radioativos. Os neutrons serão capturados por êsses elementos, nêles produzindo radioatividade. Por meio de uma escolha apropriada dos materiais a serem submetidos à ação dos neutrons, será possível preparar agentes radiológicos com as características desejáveis. A desvantagem dêste processo será que os neutrons usados no reator para produção dos agentes radiológicos não ficarão disponíveis para nenhuma outra finalidade, isto é, nem para a obtenção do plutônio necessário à bomba atômica, nem para a produção dos isótopos radioativos necessários às finalidades pacíficas. Será uma questão de escolha, a finalidade a ser dada ao reator.

4 — ESTOCAGEM DOS AGENTES RADIOLÓGICOS

Existem duas importantes diferenças entre os agentes radiológicos e as munições convencionais, e ambas exercem grande influência na estocagem dos mesmos.

— Primeira diferença: tôda a munição convencional pode ser fabricada e armazenada com suficiente antecedência, prevendo uma provável emergência, e não haverá deterioração apreciável, desde que sejam seguidas as prescrições certas de estocagem. Mas isso já não é válido para os agentes radiológicos que se desintegram continuamente, o que sua quantidade irá diminuir constantemente, fazendo com que, depois de certo período de tempo, a munição tenha se transformado

em material inofensivo. Uma substância aceita como agente radiológico, com uma meia vida de um mês, terá sua atividade reduzida à metade depois de um mês de produzida e armazenada, passando a um quarto no fim de dois meses e a 1/8 depois de três meses. Já vimos que a obtenção de agentes radiológicos com grandes meias vidas é difícil em grandes quantidades, de modo que a maioria dêsses agentes terá vida relativamente curta, variando de algumas semanas a poucos meses, de modo que a produção terá de anteceder de semanas a sua utilização, sendo que sua desintegração contínua é uma desvantagem que não pode ser evitada.

— Segunda diferença: a munição convencional, desde que se tomem algumas precauções, pode ser armazenada e manuseada com relativa segurança. Já os agentes radiológicos se acham contìnuamente emitindo poderosas e perigosas radiações, de modo que, sua atuação em caso de emprêgo militar, já se manifesta desde o momento de sua produção. A munição de artilharia, antes de ser provocado seu arrebentamento, é inerte e pràticamente não oferece perigo seu manuseio. Mas, o agente radiológico, a partir de sua obtenção já começa a atuar como irá atuar contra o inimigo ao ser empregado. E, para que êle satisfaça às condições de um eficiente agente radiológico, como já vimos, deverá emitir radiações penetrantes e de alta energia. Portanto, sua armazenagem e seu manuseio irão exigir paióis blindados com grossas paredes de concreto e chumbo, e cuidados especiais terão de ser exigidos para o pessoal encarregado dêsse manuseio.

5 — LANÇAMENTO DOS AGENTES RADIOLÓGICOS

Não apenas a armazenagem oferece problemas, mas também o lançamento ou a dispersão, e pelas mesmas razões. No entanto, essa nova arma se apresenta com a vantagem de ser uma arma muito compacta, desde que consideráveis quantidades irão pesar muito pouco. Para ilustrar esta afirmativa, iremos nos valer da comparação feita pelo Cmt Charles Gibrin, em sua obra "*Atomique Secours*": se tivermos uma grama de partículas alfa, e se cada uma dessas partículas pudesse ser representada por um grão de areia, a quantidade obtida iria permitir cobrir todo o território francês com uma camada de areia de 300 metros de espessura. Ora, as partículas beta são pràticamente 7.000 vêzes mais leves, e as radiações gama não têm pêso. Mas, pouco ainda existe estabelecido para os processos de lançamento ou dispersão, e provàvelmente essa vantagem muito perderá por ter o agente radiológico de ser dispersado em mistura com outras substâncias. Vejamos ràpidamente alguns meios.

(1) *Com armamento convencional*

Desde que já se conseguiram granadas atômicas semelhantes às convencionais de artilharia, também poderá ser possível armazenar, no in-

terior de granadas aparentemente convencionais, semelhantes às granadas químicas, agentes radiológicos, sob a forma de líquidos, gases ou poeiras. Essas granadas, arrebentando em tempo sôbre o local a contaminar, irão provocar a dispersão dos agentes radiológicos na região desejada. Também o armazenamento convencional das tropas químicas poderá provocar a dispersão de agentes radiológicos, desde que os gases e fumaças tradicionais sejam constituídos não com seus elementos normais, mas sim com isótopos radioativos dêsses elementos.

Fragmentos de munição contendo agentes radiológicos, que em caso normal, provocariam ferimentos de pouca gravidade, no caso em tela terão sua gravidade aumentada pela contaminação, provocando efeitos danosos no interior do organismo.

Agentes radiológicos misturados com certas substâncias adesivas poderão ainda contaminar materiais, equipamentos e áreas, evitando sua utilização pelo inimigo.

(2) *Aviação*

A necessidade de blindagens especiais dificulta o espargimento de agentes radiológicos pela aviação. Apesar de pouca quantidade de agente ser suficiente para contaminar uma vasta área, normalmente deverá êle ser espargido em mistura com outras substâncias, preferencialmente as fumaças convencionais da guerra química. Mas sua ação energética irá exigir grossa blindagem que proteja a tripulação do aparelho espargidor. E ainda existe um outro aspecto a considerar, de grande importância ao encararmos a possibilidade de espargimento. Uma pequena quantidade da energia das partículas e radiações emitidas pelo material radioativo se converterá em calor no seu continente que ficará depois de algum tempo aquecido, obrigando-nos a uma série de providências para remoção dêsse calor enquanto o material estiver sendo transportado para espargimento.

(3) *Submarinos*

O Náutilus, de Júlio Verne, em suas 20 mil léguas submarinas, foi realizado e superado no atual século com os submarinos atômicos norte-americanos em suas viagem de circunavegação, submersos. O primeiro engenho bélico a utilizar a propulsão nuclear, talvez seja o recurso mais eficiente para o lançamento de agentes radiológicos sob a forma de fumaças constituídas por isótopos radioativos. A ficção científica a que nos referimos de um submarino se aproximar da costa norte-americana, e, aproveitando as correntes aéreas favoráveis, lançar sôbre New York uma neblina radioativa é perfeitamente factível, já com os conhecimentos atuais, tendo deixado de ser um sonho. O estudo da movimentação atmosférica e a possibilidade de um submarino atômico se aproximar, sem

ser percebido, do inimigo, depois de viajar submerso durante dias, permite o lançamento de surprêsa de um ataque radiológico. Os problemas de blindagem do armamento radiológico, e a proteção da tripulação, no caso dos submarinos já não constituem problema também, por terem sido resolvidos possibilitando a utilização da propulsão nuclear nessas embarcações.

(4) *Mísseis*

O grande desenvolvimento dos foguetes, obtido pelos dois prováveis contendores futuros, permite hoje em dia a utilização de mísseis dotados de ogivas nucleares, com raios de ação intercontinentais. Essas ogivas atômicas produzirão os mesmos efeitos das bombas atômicas, mas para sua utilização na dispersão de agentes radiológicos, será necessária apenas sua substituição por ogivas semelhantes às munições químicas. Sem efeitos explosivos, poderão, ao atingir o território inimigo, permitir a emissão dos agentes radiológicos sob a forma sólida (fumaças), líquida (aerosóes) ou gasosa (gases), seja após atingir o solo, ou mesmo antes, por um dispositivo de arrebentamento em tempo.

(5) *Sabotagem*

Os problemas que surgiram com a guerra revolucionária ou insurrecional, em que se torna difícil o prévio conhecimento do inimigo, por surgir êle, quando menos esperamos, no seio de nossas próprias fileiras, ficarão tremendamente agravados com a possibilidade oferecida pelos agentes radiológicos de fàcilmente contaminarem fontes de abastecimento de grandes cidades, ficando o conhecimento de tal fato retardado até o momento do aparecimento dos primeiros sintomas. A reunião, assim, da guerra radiológica com a guerra insurrecional trará as vantagens tremendas do pânico, arma predileta da guerra psicológica. Além disso, um tema que até algum tempo repugnava aos técnicos, hoje já está se tornando menos repulsivo, e é êle o da *guerra preventiva*, em que, prevendo um possível ataque e procurando evitar seus fatais efeitos, tomamos a iniciativa, destruindo antecipadamente o provável agressor. Nesse caso, os agentes radiológicos apresentarão imensas vantagens em sua utilização na sabotagem dos recursos inimigos, pela destruição do seu elemento humano, entregando-nos intatos seus recursos materiais.

6 — CARACTERÍSTICAS FAVORÁVEIS DOS AGENTES RADIOLÓGICOS

No estado atual do conhecimento, existem, sob o ponto de vista da defesa contra os agentes radiológicos, algumas de suas características que nos favorecem, tais como:

— fácil detecção: os agentes radiológicos podem ser imediatamente detectados pelos mesmos instrumentos utilizados no reconhecimento e

mensuração da contaminação posterior a uma explosão atômica. Podendo assim, fàcilmente determinar a intensidade da contaminação, um comandante poderá saber com precisão quanto tempo sua tropa poderá permanecer na região contaminada, com relativa segurança.

— contaminação relativa: é pràticamente impossível obter uma uniformidade de contaminação em uma vasta área, pois não podemos proceder a um espargimento extenso com igual intensidade de agentes radiológicos em tôda essa área. É improvável também que uma área fique de imediato tão pesadamente contaminada que obrigue sua pronta evacuação ou abandono. Serão poucas as ocasiões em que o pessoal poderá ser ràpidamente contaminado com doses tão elevadas que fique logo incapacitado.

Os próprios efeitos da radiação são lentos, necessitando um período chamado de *incubação*, até que os primeiros sintomas apareçam. Nas dosagens mais violentas, os primeiros sintomas aparecerão horas depois, e o pessoal ainda terá alguma capacidade combativa durante alguns dias. Assim, uma posição importante poderá ser conservada por um tempo mais ou menos longo, sujeitando-se seus defensores ao inevitável risco enquanto são providenciados os recompletamentos indispensáveis. E depois, com um rodízio bem planejado da tropa, nenhum dos defensores terá de permanecer obrigatòriamente na região contaminada, por um período de tempo suficientemente longo para receber uma dosagem letal.

— possível defesa: apesar da região ser contaminada com os agentes radiológicos, êles por si sós não impedem o desenrolar das operações que podem continuar, desde que a fôrça ocupante da posição se decida a correr os riscos de futuras perdas pelos efeitos radiológicos, ou desde que possa providenciar um periódico revezamento dos defensores, de modo a que nenhum elemento receba uma dosagem letal. Por outro lado, se a posição não fôr de grande importância, poderá ser evacuada pelos defensores tão logo identifiquem a contaminação, sem que sofram perdas sensíveis. Mas, mesmo que desejem permanecer na área contaminada, se a tropa fôr bem treinada, poderá cavar novos abrigos individuais e utilizar terra fresca como cobertura de seus abrigos. Sendo possível limpar um trecho da área com máquinas de terraplenagem, tais como *bulldozer*, e nesse trecho limpo construindo abrigos enterrados, os efeitos dos agentes radiológicos serão bem reduzidos.

— regiões edificadas: no espargimento sôbre regiões edificadas, os agentes radiológicos se depositarão de preferência sôbre o solo, ou nos telhados das edificações. Assim, identificado o lançamento dos agentes radiológicos, com medidas apropriadas de segurança, a tropa poderá obter uma relativa proteção, desde que se abrigue no interior dos edifícios. A Maior ou menor proteção obtida com essa providência irá depender das grossuras dos forros e das paredes, e da distância a que o indivíduo ficar do agente radiológico.

— decadência natural: não devemos nos esquecer ainda que todo agente radiológico decai com uma certa constância a partir do momento de sua obtenção, variando êsse tempo com sua meia vida específica.

Portanto, desde que a região tenha sido submetida a um ataque com agentes radiológicos, a partir daquele momento a intensidade dos efeitos dos mesmos passará a decrescer, podendo não mais ser apreciável dentro de pouco tempo, conforme o agente utilizado.

7 — CARACTERÍSTICAS DESFAVORÁVEIS DOS AGENTES RADIOLÓGICOS

Como vimos acima, as características dos agentes radiológicos que poderão nos facilitar a defesa contra os mesmos, veremos agora quais as suas características que poderão nos dificultar essa mesma defesa. Evidentemente, o que se considera favorável para o defensor será desfavorável para o agressor e vice-versa. Além de outras, duas são as características mais importantes dos agentes radiológicos que irão trazer dificuldades ao defensor da região atacada, e que são:

— aspecto psicológico: as radiações não podem ser percebidas pelos nossos sentidos, e seus efeitos são retardados, de modo que ao surgirem os primeiros sintomas de contaminação, não há mais recurso para evitar seus efeitos. Assim, os agentes radiológicos são eficientes principalmente para estabelecer confusão e pânico. O único recurso possível para reduzir tais efeitos é uma instrução cuidadosa e um conhecimento perfeito de seus efeitos, além da existência de aparelhagem apropriada para imediatamente reconhecer a existência de radioatividade, medindo sua intensidade. Além disso, faz-se mister um contrôle perfeito da vida radiológica do combatente, sabendo a qualquer momento qual a dosagem já recebida, e quanto ainda pode receber antes de atingir o limite perigoso. Tais recursos, que poderão existir para o combatente, já serão muito mais difíceis no seio da população civil de grandes cidades, de modo que a guerra radiológica será ideal para ser usada conjugada com a guerra psicológica, visando a levar o pânico e o desespêro à retaguarda adversária.

— ação à distância: outro aspecto desfavorável, sob o ponto de vista da defesa contra os seus efeitos, dos agentes radiológicos, é de que, diferentemente dos agentes químicos e biológicos — que exigem um contato direto entre o indivíduo e o agente — êles podem atuar a uma certa distância, em virtude do alcance da radiação gama. Isso torna a proteção mais difícil e exige que os indivíduos se mantenham a uma certa distância da área contaminada ou do local em que se encontrar o elemento radioativo.

SUMÁRIO

A Guerra Atômica, que se tornou possível a partir de 1945, com os primeiros lançamentos de bomba atômica sôbre Hiroshima e Nagazaki, apresenta três ordens de efeitos: mecânicos, ou devidos ao sôpro, térmicos ou devidos ao calor e radiológicos ou devidos às radiações.

A Guerra Radiológica, por seu lado, utiliza apenas a terceira ordem de efeitos da explosão atômica, não havendo em sua utilização as duas primeiras ordens de efeitos, resultantes da explosão.

Pode ela ser desencadeada, pela utilização de materiais radioativos denominados *agentes radiológicos*, com a finalidade de contaminar pessoas, materiais ou áreas do terreno. A principal finalidade da Guerra Radiológica é destruir o combatente, conservando intatos os materiais, armamentos e equipamentos por êle utilizados, ou provocar o abandono de uma região, sem destruir seus edifícios e instalações.

Uma substância, para satisfazer às condições de um eficiente agente radiológico, deverá apresentar uma meia vida entre duas semanas a seis meses, tendo ainda a capacidade de emitir radiações gama de alta energia. Tais agentes podem ser produzidos nos reatores nucleares de duas maneiras. Primeiro, com o funcionamento normal do reator, sendo pura e simplesmente a utilização do chamado lixo atômico, do qual serão extraídas as substâncias capazes de satisfazer às condições de um agente radiológico. Processo bastante caro e difícil. O segundo processo é a transformação de certos elementos inofensivos em isótopos radioativos, com um funcionamento do reator semelhante ao que atualmente é usado para a obtenção dêsses mesmos isótopos para utilização na agricultura e na medicina. Evidentemente, com êsse processo, o reator não poderá simultâneamente produzir agentes radiológicos e cumprir suas finalidades pacíficas.

Os agentes radiológicos diferem fundamentalmente das munições convencionais, pois apresentam uma série de dificuldades para sua armazenagem. Em primeiro lugar, não podem ser armazenados com muita antecedência, pois pela sua decadência natural, se desintegram com o tempo, tornando-se depois de dias, ou semanas ou meses, em uma substância inofensiva. Em segundo lugar, sua armazenagem e manuseio irão exigir precauções especiais, pela periculosidade que apresentam, produzindo seus efeitos imediatamente após a fabricação, diferentemente das munições convencionais que só começam a produzir efeitos depois de acionadas.

Essas mesmas dificuldades tornam difícil seu lançamento ou seu espargimento, porém, considera-se hoje em dia, que se utilizarmos os agentes radiológicos na confecção de fumaças, líquidos ou poeiras, poderão êles ser lançados por vários meios. Não apenas com o armamento convencional poderemos espargir os agentes radiológicos, mas também utilizando aviões, submarinos, mísseis, e, finalmente, usando a sabotagem.

Para nos defendermos dos agentes radiológicos, temos uma série de características ditas favoráveis e outras chamadas desfavoráveis. Êles podem ser prontamente detectados pelos instrumentos apropriados, e então podem ser adotadas as necessárias medidas de defesa. Por outro lado, seus efeitos não são imediatos, de modo que uma posição pode ser man-

tida, mesmo sujeita a um ataque radiológico, seja aceitando o risco de futuras baixas, seja adotando um eficiente sistema de revezamento de tropas, de modo que nenhum combatente fique sujeito a uma dosagem letal.

O aspecto mais desfavorável de sua utilização sob o ponto de vista defensivo, é o seu efeito psicológico que o torna especìficamente apto para provocar o pânico e o terror no meio civil ou nas áreas de retaguarda. Além disso, sua ação se processa à distância, não exigindo um contato direto entre o agente e o indivíduo, com o que se torna mais difícil a proteção contra seus efeitos.

BIBLIOGRAFIA

Na impossibilidade de citar tôdas as obras consultadas, e das quais resultaram o presente trabalho, ainda quando exercíamos as funções de Instrutor do Assunto "Guerra Radiológica", na Escola de Instrução Especializada, bem como os apontamentos que contìnuamente vimos tomando, visando à atualização constante, podemos destacar as seguintes obras, para os que desejarem mais se aprofundar na matéria:

1 — "Guerra Radiológica e Biológica" — Assunto n. 5 do Curso de Guerra Química da EsIE — Anos de 1955 e 1956.

2 — "Radiological Defense" — The Armed Forces Special Weapon Project.

3 — "Atomic Explosion Effects" — Special Text n. 3-156 — The Chemical Corps School.

4 — "Atomic Secours" — Comandant Charles Gibrin.

5 — "Atomic Warfare Defense" — Navy Training Courses — USA.

6 — "Instruction Sommaire sur la protection contre les Armes Atomiques" — Ministère de la Défense Nationale — France.

7 — "Defensa contra las terribles armas modernas" — V. Matilla Gomez — G. Piedrola Gil — J. Amaro Lasheras — Espanha.

8 — "Les applications de l'Explosion Thermonucléaire" — Camille Rougeron — França.

9 — "Les effets des Armes Atomiques" — Ten-Cel P1 Genaud — J. M. Rocard.

10 — "FM 3-8 Chemical Corps Reference Handbook" — Department of the Army.

11 — "Átomos para a Guerra" — R. Argentière.

12 — "O Atomo" — Dr. Fritz Kahn.

13 — "O perigo das radiações" — Jack Schubert e Ralph E. Lapp.

Jeep



RURAL-WILLYS



Dauphine



Aero Willys



VEÍCULOS PARA O BRASIL! A Willys-Overland do Brasil S. A. - a maior indústria automobilística da América Latina - orgulha-se de ser a pioneira na produção de veículos brasileiros. Produzindo 4 veículos diferentes - Jeep, Rural-Willys, Dauphine e Aero-Willys - integra-se perfeitamente numa legítima participação no desenvolvimento do País.

WILLYS-OVERLAND DO BRASIL S.A.
SÃO BERNARDO DO CAMPO – ESTADO DE SÃO PAULO



EXÉRCITO

Coordenador: Ten-Cel HUGO DE ANDRADE ABREU

I — A COORDENAÇÃO DO FOGO NA DIVISÃO DE CAVALARIA

Major EVERALDO DE OLIVEIRA REIS

Incluído, por motivo de conclusão de Curso da ECEME, no QG de uma das nossas DC, recebi, como uma das minhas primeiras missões, **arbitrar** um GACav.

Comandava-o, um velho "troupier", excelente camarada, sempre em dia com os problemas da Artilharia. Tivemos, de início, uma divergência de pontos de vista, no tocante à coordenação dos fogos da Divisão de Cavalaria.

Prometi, a mim mesmo, estudar o problema. É o que faço agora. Com honestidade, mas com as deficiências que me são peculiares.

Vejamos as bases de raciocínio:

1) O ESPÍRITO DOS REGULAMENTOS

É inegável que os nossos atuais regulamentos são fortemente influenciados pelos manuais norte-americanos. Ora, a Divisão de Cavalaria, nos moldes da nossa DC, não mais existe na organização norte-americana. Assim, temos que reconhecer que o próprio "espírito" dos regulamentos atuais nem sempre se coaduna com a Divisão de Cavalaria, que possui características completamente diferentes da Divisão de Infantaria, inspiradora dos regulamentos em uso.

2) COORDENAÇÃO E CENTRALIZAÇÃO

Alguns companheiros de outras Armas têm uma idéia dêstes vocábulos, não muito em consonância com as que constituem o "pão nosso de cada dia" na Artilharia.

Assim, vejamos: o C 6-20, edição de 1957, quando estuda, em seu capítulo 15, a Coordenação do Apoio de Fogo, ao definir no art. II, n. 242, o CCAF, deixa entrever o que seja coordenação, ao dizer: "Êste órgão (CCAF) procura o emprêgo eficiente dos meios de apoio de fogo, inclusive o ataque oportuno dos alvos e o transporte de tiros, de acôrdo com o plano e as necesisdades da Unidade apoiada ou da fôrça". Esta aí, pois, o que é coordenar: é, no mínimo, determinar o modo mais judicioso de empregar os meios de apoio de fogo.

O que podemos entender por centralização? A Pub 6-401 da EsAO, na sua 3ª parte, capítulo 13, trata no n. 207 da Coordenação dos Fogos. Neste número é dito que "os escalões de Artilharia podem coordenar os fogos e até mesmo centralizar o tiro". Isto já nos demonstra que não são duas ações equivalentes.

O C 6-101, edição de 1953, no art. IV, do capítulo 8, n. 151-a, diz que "centralizar para um comandante de grupo é manobrar os planos de fogo de suas baterias".

Parece-nos, pois, que neste momento podemos concluir: a) todo escalão de apoio de fogo coordena os seus meios, desde que indique a maneira judiciosa de empregá-los; centraliza-os, quando lhes distribui alvos, fixa a maneira de batê-los e até mesmo a oportunidade para fazê-lo. b) que a ação de coordenar não implica em centralizar e, por outro lado, que a centralização é a mais cerrada maneira de executar a coordenação.

3) OS APOIOS DE FOGO DE UMA DC

O apoio de fogo de uma DC será precìpuamente a sua AD e os morteiros dos seus Regimentos. Tomemos, para base de raciocínio, as organizações do QOD da ECEME.

Teremos, então, em cada RC, o seu Esquadrão de Petrecho Pesado, do qual é orgânico o Pel de Mrt 81, com 2 seções, dando um total de 4 Mrt 81. O mesmo elemento encontramos no RCM. Já não sucedendo o mesmo com o R Rec Mec. Em síntese, a Divisão possui, para apoio de fogo, quatro pelotões de Mrt 81.

E a AD? A AD/DC compreende 4 grupos de campanha. Três grupos 75 e um 105. Os grupos 75 se destinam, primacialmente, ao apoio direto dos RC. O grupo 105 é o mesmo material, com que era dotada a antiga Cia de Canhões dos RI. É o chamado 105-M3, com um alcance útil de 9.500 m. Pela sua mobilidade, é particularmente apto a

integrar o GT/RCM. Não tem êste grupo características técnicas (alcance e projetil) para bater alvos, que, numa DI, sejam normalmente os designados para Ação de Conjunto.

Expostas estas bases de raciocínio, analisemos, agora, a coordenação do fogo na Divisão de Cavalaria.

Inicialmente, recordemos as características de uma DC.

O TE 2-0-1 Curso de Cavalaria — 2º volume, da ECEME, no seu capítulo I, diz: A DC é uma GU essencialmente móvel e suficientemente potente... "Assim, está dito que a mobilidade é o atributo essencial de uma DC, guardando esta uma potência que assegure esta MOBILIDADE.

Ainda no mesmo capítulo acima citado, ao estudarmos a POTÊNCIA, encontramos — "Potência compatível com a execução de ações de fôrça, embora de duração limitada e calculada de forma a não prejudicar sua principal característica, a MOBILIDADE..."

Em síntese, diremos que a DC poderá executar ações de fôrça, mas estas serão de pequena duração e de molde a não prejudicar a mobilidade.

Isto pôsto, vejamos a coordenação na AD/DC. A mais elementar será aquela que implicará na indicação judiciosa do emprêgo dos Grupos. Isto já é uma NGA. Os Grupos 75 apóiam os RC, com êles constituem o GT/RC. O mesmo faz o Grupo 105 com o RCM.

A mais complexa será aquela que buscará, no âmbito da DC, a Ação de Conjunto. Comecemos por defini-la: A Pub 6-44 da EsAO, em seu 1º volume, capítulo 2, n. 2.05, diz: "É uma parcela ponderável de fogo, disponível pelo Cmt de uma fôrça, com a qual poderá influir no curso de combate, seja reforçando em fogos a Art de Ap Dtc, seja aprofundando sua ação".

Ora, já foi demonstrado que a ação em fôrça da DC não é uma ação normal. Admitamos, porém, que lhe seja imposta tal missão. Existirá então um Gp, o que corresponde à peça de manobra em reserva que deverá executar a Ação de Conjunto. A melhor hipótese é que êste Grupo seja o 105-M3. Será, todavia, uma ação de conjunto falha. Ao atuar em benefício da DC como um todo, faltará alcance a êste Grupo para DAR PROFUNDIDADE AO COMBATE e potência para neutralizar os alvos que se apresentarem em determinadas regiões da Zona de Ação. Se isto é verdade para o 105, o que diremos para os grupos 75?

4) OS APOIOS DE FOGO DOS REGIMENTOS

Relembremos que os regimentos, seja do tipo hipo, seja do motorizado, possuem, em seus Esquadrões de Petrecho Pesado, um Pel de Mrt 81.

O Regulamento C 2-61, quando estuda o RC no ataque, no Capítulo VII, art. II, n. 602, diz: "O contrôle de tiro centralizado permite obter

maior flexibilidade e coordenação de fogos e o conseqüente aumento dos seus efeitos.

Entretanto, êle não é freqüente e, na maioria das vêzes, a situação exigirá uma descentralização total ou parcial".

O mesmo regulamento, no Capítulo 8, art. II, n. 793, diz:

"O sucesso da defesa será função, principalmente, da coordenação dos fogos.

Os fogos das armas automáticas devem ser intimamente ligados aos dos morteiros e aos de Artilharia, que os reforçam ou então suprem a sua falta nas regiões desenfiadas."

A conclusão, neste momento, já se tornou acaciana. Os apoios de fogo dos Regimentos poderão estar, ou não, centralizados; poderão, em curso de ação, passar desta para aquela situação, ou vice-versa.

No ataque, as mais das vêzes, serão levados à descentralização.

5) CONCLUSÃO

a) Coordenação do apoio de fogo:

— o que o C 6-20 diz no seu n. 244, também se aplica à Divisão de Cavalaria: "As funções de coordenação de apoio de fogo são desempenhadas em todos os escalões". "A maneira peculiar da DC agir não invalida êste princípio. A coordenação existirá, quanto mais não seja, para aconselhar o Cmt da Divisão sôbre o emprêgo judicioso dos seus meios de apoio de fogo. Se a esta afirmação acrescentamos a de que a ação centralizada da DC, embora eventual, não é impossível, está plenamente justificada a existência do CCAF, com a participação, sempre, dos representantes dos Esquadrões de Petrecho dos Regimentos.

b) A ação de conjunto:

— A AD/DC justifica a sua existência, pela possibilidade de executar da missão tática, "ação de conjunto", o reforço aos grupos de apoio direto, e mesmo pela necessidade de, em dado instante, atuarem todos os grupos, em proveito da DC como um todo".

Todavia, AD/DC enquanto permanecer dotada de seus atuais materiais, não poderá, jamais, "dar profundidade ao combate", missão precípua da Ação de Conjunto. Do exposto, concluímos que fica sempre um problema a resolver. A AD/DC é necessária, pois a DC, mesmo nas situações ofensivas pode ser obrigada a uma ação em fôrça, mas a atual organização desta AD não permite que ela realize, em sua plenitude, a missão tática de Ação de Conjunto.

II — UM PÁRA-QUEDISTA DESCREVE O QUE É A MENTALIDADE "PÁRA"

J.J. THIEULOY

J. J. Thieuloy tem vinte e sete anos de idade. Terminou recentemente o serviço militar no Exército da África: passou perto de três anos em diversas unidades de pára-quedistas. Foi incorporado ao 18º RIPC. (Regimento de Infantaria de Pára-quedistas de Choque); serviu depois no 35º Batalhão de Atiradores argelinos pára-quedistas na zona de operações Leste, na fronteira tunisina; depois, novamente no 18º RIPC e, finalmente, no 14º RCP (Regimento de Caçadores Pára-quedistas).

Consignou suas impressões de "pára" num diário. De regresso è vida civil, trouxe a "L Express" as notas que redigira sôbre a psicologia dos pára-quedistas. Não devemos cometer o êrro de sistematizar: há agora na França 150.000 pára-quedistas da reserva e da ativa; entre êles encontramos, como nas outras armas, os temperamentos mais diversos. Aquêles com quem J. J. Thieuloy privou mais ìntimamente durante muitos anos são os "ativistas". É uma minoria — precisamente a que forjou o mito "pára" que é agora um elemento da vida nacional da França. Eis o que êsses pára-quedistas têm no espírito, na opinião de um entre êles.

Fui incorporado num regimento aerotransportado porque praticara o pára-quedismo na vida civil. Gosto dêsse esporte.

Parlamentares, professôres, funcionários, pequenos burgueses, haveis já considerado vossa pequenês aos olhos do pára-quedista que vos espreita, que vos espera, em posição de salto, na porta do avião?

O "pára" é um vencedor por definição. No céu. Vencedor da gravidade: num salto, anula a atração. Vencedor do espaço e dos obstáculos naturais. O aviador (o pilôto, não o mecânido) foge à gravidade com seu avião. Não a desafia: não é um homem! O infante, êsse, marcha, rasteja, agarra-se ao terreno e às raízes: é uma bêsta de carga. Mas o "pára" é um anjo. Violou a lei da natureza. Eleva-se, voa, ri-se dos abismos e da crosta terrestre.

Vencedor sobretudo de si próprio. Todos os diplomas da Universidade não valem, sem dúvida, a seus olhos, essa vitória sôbre a própria vontade: saltar no vácuo com um saco às costas. Não se lança no vazio quem quer.

Êle tem a obsessão do "Já" (1). Sua honra é posta em jôgo à porta do avião. É atormentado pelo receio de vir a sofrer um desfalecimento nervoso, involuntário, pelo mêdo de "acovardar-se". No momento do salto, essa obsessão mina-o, cerca-o. Na véspera do primeiro salto, a psicose do "Já" (a que se junta a obsessão de uma tíbia quebrada, do pára-quedas rasgado, mal dobrado, rebelde a abrir-se) atormenta-o. Vi moços atléticos, que depois ficariam ilustres nos combates, não conseguirem evitar, na véspera do primeiro salto, o pranto e a necessidade de escreverem à noiva ou à mãe, com os olhos vermelhos de chôro, cartas impressionantes de emoção.

Mas êle não se acovardou: queria ser pára-quedista. Sabe que, para "fazer parte dessa elite", "il faut en avoir".

"Só os bastardos se acovardam". Essa frase é do tenente que comandava nosso pelotão, falando aos subordinados, na véspera do primeiro salto de treino.

UMA RAÇA DE SENHORES

O "pára" evoluído (seu número é maior do que se pode pensar) vos dirá que o "covarde" não é forçosamente um bastardo, um impuro, um assustado, um efeminado. (Certos "covardes" se salientaram em combate.) Dirá ainda que certos organismos, mesmo bem equilibrados e poderosos, são fisiològicamente incompatíveis com o pára-quedismo e que ser "pára" não é um critério de superioridade. Êle o dirá sinceramente, mas também sinceramente nunca deixará de pensar que aquêle que "passou para lá da porta" tem qualquer coisa a mais que o que se acovardou.

Os quinze dias de prisão que espera o aluno pára-quedista "que desfaleceu" não são, em si mesmos, infamantes. Mais infamantes são as injúrias dos chefes, na presença dos camaradas que o olham, enquanto êle, como punição, rasteja sôbre pedras ou é obrigado a correr gritando "sou um poltrão, sou um anjinho" em volta dessa tôrre de salto donde não ousou lançar-se. Certos monitores contentam-se em escrever a letra "D" (degonflé) nas costas daqueles a quem faltou a coragem, mas vi um sargento obrigar dois dêles, a passear pela parada da Base-Escola de Pau, levando às costas o letreiro "Je suis un degonflé".

Desde o recruta ao coronel (a graduação, aliás, importa pouco dentro do avião) o "pára" sabe que no salto se forma uma raça.

"Vocês se consideram uma nova raça de senhores?" perguntou um dia um oficial de quepi ao soldado de boina que se "esquecera" de fazer a continência.

---

(1) Palavra com que se ordena ao pára-quedista que salte.



No primeiro assalto, os cogumelos de "NYLON" rompem das nuvens e pousam com a suavidade das garças no "Campo de Batalha"

A placa de metal numerada que traz no peito — um pára-quedas aberto, alado, com uma coroa de louros e uma estrêla — resume o seu orgulho, o feitiço sagrado, objeto de todos os cuidados. A angústia na fase de adestramento, de não ter a certeza de ganhar a placa, torturou-lhe, dia e noite, o cérebro. Enfim, ganhou a famosa insígnia. Bebeu fartamente à sua saúde, segundo um rito tradicional. Dá-lhe brilho, enfeita-a com uma moldura de couro e coloca-a ao peito, brilhando como um sol.

Aliás essa placa não lhe basta. Precisa de outras. Compra alguns emblemas que os civis usam na lapela para identificação de antigo pára-quedista e cobre-se com êles. Usa-os na pulseira do relógio, nas dragonas. Prende a gravata com um outro feitiço, o alfinête representando uma "asa de frango" armada com um punhal que também usa na boina "entre o ôlho direito e a orelha" como manda o regulamento. No cinturão, um berloque: o Arcanjo São Miguel, vencendo o demônio e, no verso, mais um pára-quedas. "São Miguel proteje os pára-quedistas". Ao pescoço, um fio com outro arcanjo. Na pulseira com a placa de identificação, outras medalhas de pára-quedista. No saco de viagem, na mochila, outros pára-quedas alados, cuidadosamente desenhados. Faz questão de só escrever à noiva, aos pais ou aos amigos, em papel de carta com o timbre dos pára-quedistas.

Os recrutas que chegam a um regimento de pára-quedistas fazem a fortuna dos comerciantes de emblemas militares. Boina de fantasia, dragonas revestidas de plástico e botões polidos, gravata com o nó fixo, emblemas de tôda espécie, mais ou menos autorizados, etc. Em cada contingente, de cada quatro recrutas, três deixam na loja de insígnias militares o pouco dinheiro que trouxeram à chegada.

O "pára" manda reduzir o tamanho da boina que recebeu com o equipamento, porque a acha, quase sempre, grande demais. Molha-a durante várias noites. Chega a deformá-la, para lhe dar um certo ar de muito usada. Passa horas a substituir os botões polidos. Ao domingo, de manhã, agrada-lhe passar a ferro a farda. O blusão é passado a ferro segundo regras exatas que consistem em traçar sôbre êle vincos, paralelos e diagonais, perfeitos. Os mais sábios chegam a coser o vinco da calça pelo lado de dentro para que ela fique mais durável e visível. Apertar a dobra da calça do uniforme de passeio é coisa freqüente, ainda que ilícita. Conheci um soldado, alfaiate de profissão, que foi punido com quinze dias de prisão, por ter apertado, segundo os canones de uma moda demasiadamente estreita, as calças dos camaradas.

OS DOIS LADOS DA MEDALHA

Às pesadas "botas de salto" pretas, o pára-quedista prefere os "rangers" de fantasia. Dão classe à sua silhueta, sobretudo quando nas fivelas tilintam os anéis para prender granadas, que aumentam o caráter marcial. Mas as botas de salto do regulamento também têm sua característica "pára": a maneira de passar os cordões, dita "à pára-quedista" e que está longe de ser a habitual.

A insígnia onde se lê em grandes letras "Batalhão de Choque", costurada no alto da manga, também tem uma história. Autorizada antigamente, mas agora rara, vi ser comprada a pêso de ouro pelos amadores do exibicionismo, que não poriam os pés num baile ou numa taverna se não levassem cosidas, à altura do deltóide, estas palavras mágicas: "Batalhão de Choque"... Objeto de muitos abusos, e proibida, nem por isso deixou de continuar sendo usada no uniforme de passeio, mas prêsa por botões de pressão para poder ser tirada imediatamente durante as revistas ou, na rua, à aproximação de um graduado.

Não é privilégio do pára-quedista, mas é-lhe característico: aquêle que "escolheu os pára-quedistas" distingue-se pelo seu instinto dinâmico, pelas tendências possessivas. Pouco se importa, na maioria das vêzes, com considerações metafísicas. Pensa pouco. Lê pouco (Seleções, contos policiais, histórias em quadrinhos, novelas de guerra). Mas sente, vê. E sente que está mais perto do homem tal como vê (músculos, sexo, luta pela vida) do que como nós o concebemos (raciocínio, sentimentalidade, etc.).

SEU INIMIGO ÍNTIMO

Que procura êle combater? O combatente? O rebelde em busca da independência? Não: o comunista.

O "pára", soldado de vanguarda, tomou consciência do sentido do mundo moderno, de seu papel na guerra moderna, que é essencialmente política. Aprendeu, às suas custas, lutar contra um inimigo que se esconde, que se esquiva e que o ataca pelas costas. Um inimigo que é mestre na arte de combater a partir de nada, que prima na propaganda e que sabe forçar a população civil a tornar-se sua aliada. Há doze anos que os "pára" se batem corpo-a-corpo contra os comunistas. Há doze anos que aprendem a fazer sua contrapolítica.

O "pára" sentiu vivamente sua expulsão do Vietnã. Na Argélia, decidiu ficar e vencer. Não importa por que meio. Está pronto, inclusive a aliar-se com o árabe; o muçulmano não é seu inimigo. Fará dêle um amigo para combater seu inimigo íntimo, seu inimigo físico. Inimigo que não ousa dizer o nome, que não ousa mostrar-se a descoberto, que está em tôda parte e em nenhuma, invasor, à maneira do câncer: nas salas, nas redações até nos Etados-Maiores. Inimigo que, para êle, é de uma virilidade duvidosa, mas nas assembléias, nos comícios, na rua é de uma inteligência demoníaca. O "pára" faz guerra à inteligência progressista — organizadora de traição, de derrota, de degradação.

Há um felaga em cada intelectual. Não o haverá mesmo em cada civil? Ensinaram-nos a desconfiar dos civis, quando éramos jovens recrutas, insistiram em mostrar-nos, como a todos os outros jovens recrutas, fitas de curta metragem do Serviço Cinematográfico do Exército, tais como "Percy e o espião" que ensinam e ilustram esta verdade: "O civil é o inimigo".

"Pára-quedistas, sois soldados de elite. Procurareis o combate e habituar-vos-eis às mais duras provas. A batalha será para vós o objetivo supremo".

"Cultivai a verdadeira camaradagem; é com o auxílio de vossos companheiros que ireis à vitória ou à morte".

"Deveis ser avaros de palavras, incorruptíveis. O homem age e deixa o falatório para às mulheres. Êste poderia conduzir-vos ao túmulo. Deveis ser calmos e prudentes, fortes e resolutos. A bravura, o entusiasmo, o espírito de ofensiva vos darão no ataque a ascendência sôbre o adversário".

"Na presença do inimigo, nada mais precioso que as munições. Quem atira sem necesidade, sòmente para se dar coragem, é um fraco que não merece o título de pára-quedista. Nunca deveis render-vos. Para vós, ou a vitória ou a morte. Não há outra alternativa. É uma questão de honra".

"Não há triunfo sem boas armas. Obedecei a esta lei: primeiro as minhas armas, depois eu. Em cada uma de vossas iniciativas deveis com-

preender perfeitamente seu objetivo, a fim de que a possais levar a bom têrmo, mesmo que o vosso chefe tenha sido morto. Com um inimigo que bate de rosto descoberto, batei-vos com cavalheirismo. Com a guerrilha, mostrai-vos humanos".

"Que os vossos olhos estejam sempre bem abertos. Elevai-vos à altura dos heróis".

"Deveis ser tão rápidos como o galgo, tão resistente como o couro, tão duros como o aço, e sereis assim a incarnação perfeita do guerreiro".

O FALATÓRIO É PRÓPRIO DAS MULHERES

O espírito "pára"? Que poder de fascinação! Está próximo o dia em que os analistas de uma juventude que, cada ano, às dezenas de milhares, passa pelos "Dakotas" e os "Nord 2.000" das escolas de Pau e de Philippeville, não mais poderão deixar de contar com êle. (Essa atração pelo pára-quedismo não virá do Leste e sobretudo da União Soviética, onde êsse esporte, eminentemente popular, se tornou um hábito?)

Não falarei dos males causados pela deformação do espírito de pára-quedista sôbre um grande número de jovens — convocados ou voluntários — para os quais êle depressa se tornou sinônimo de espírito de aventura, de violência.

O que é mais notável é o "trabalho" de espírito de um ambiente "pára" sôbre aquêles que, pela formação, deveriam ser, os mais seguramente imunizados. Vi operários, sindicalistas ou mesmo comunistas militantes deixarem-se levar pelo espírito "comando", o espírito do "choque".

O "pára" pode tudo. Pode tudo e tudo e tudo permite a sí próprio, porque sabe que só se tornou "pára", desprezando o perigo, o próprio mêdo, a própria vida até. No avião, como nos "djebels", joga pela audácia, pelo desafio. É guerreiro. Sua lei, é a disciplina. A humanidade, é a virilidade. Saltar no vácuo é a pedra de toque do verdadeiro valor, da virilidade.

Não gosta das frases, dos consiliábulos, das assembléias. Sua vocação é a de impor a ordem. Às frases, aos conciliábulos, às assembléias, êle opõe seu corpo e suas armas. Nasceu num mundo que treme sôbre os alicerces, fendido, desgarrado — êsse mundo agoniante que é republicano, pequeno republicano. Os valores humanos, as leis que vós haveis votado num hemiciclo viciado, o que é tudo isso, que poderia ter sido grande, nobre, justo mas que só sabe mostrar-se gelatinoso e ridículo? Que é tudo isso para o "pára" que tem os pulmões cheios de ar puro?

A fúria do pára-quedista. A cólera do pára-quedista é bem grande para que êle, apolítico por dever e extrametripolitano por profissão, seja levado agora a exigir a supressão dos partidos.

Há doze anos que êle dá seu sangue pela Pátria, lutando contra seu inimigo da infância: o comunismo. Há doze anos que a seus olhos os partidos não se batem, mas, pelo contrário, fazem composições com êsse mesmo inimigo que êles conhecem melhor que os políticos, fisicamente. Com o pano de fundo dêsses sacrifícios, um "circo parlamentar".

Para o "pára" o deputado é o homem-mulher, sub-homem votado ao falatório e à inação.

O pára-quedista tem palavras, cujo sentido não escapa já a ninguém, para qualificar um deputado. Ouvi nosso velho capitão, mais humorista que exaltado, exclamar, referindo-se aos membros da Câmara: "Essas damas vão levar uma surra!"

No espírito de um pára-quedista de carreira, veterano na Indochina, a esquemática é ainda mais nítida. Para êle, "deputado", "jornalista", "intelectual", "comunista", "felaga" e "Viet" são têrmos que têm uma sinonímia certa — e que lhe inspiram a mesma repulsa física.

ÉPOCA QUE ACABOU

Desgraçados daqueles cuja fraqueza e desunião levaram o pára-quedista a imiscuir-se nos negócios públicos! Deus sabe porém se o "pára" despreza tudo que é público. Mas êle já mordia o freio há muito tempo. Foi durante muito tempo testemunha da imperícia dos governos, para não estar convencido da debilidade incurável do "sistema" republicano.

Hoje, De Gaulle. Acaso o "colégio dos coronéis" pára-quedistas será de obediência estritamente degaulista?

De Gaulle é o homem de uma época em que, sob a bandeira da Resistência, os patriotas de tôdas as confissões uniam seus esforços para expulsar o invasor fascista. "Epoque révolue". O desaparecimento de De Gaulle do poder, em 1946, significa aos olhos do pára-quedista a impossibilidade de uma política de união nacional e abre uma nova época, a sua, aquela durante a qual êle se formou: a época em que a guerra revolucionária é travada nos territórios da França e em que o regime dos partidos revela sua incapacidade para pôr-lhe têrmo.

De Gaulle: uma grandeza nacional, mas feita estátua. Um chefe militar, "estilo segunda guerra mundial", ultrapassado pelo "pára" que ganhou uma combatividade nova, até mesmo uma ideologia, na guerra político-revolucionária no Extremo Oriente e depois na África do Norte.

De Gaulle: um homem político. De Gaulle: o homem da reconciliação nacional, para quem a noção de unidade se sobrepõe à de luta Ora, o "pára" sente-se levado, mobilizado pelo seu dinamismo, seu sangue novo, sua glória, sua amargura, sua cólera... Êle irá até o fim de sua missão.

FITAS
MARCA
SCOTCH

MÁQUINAS COPIADORAS
MARCA
Thermo-Fax

3M

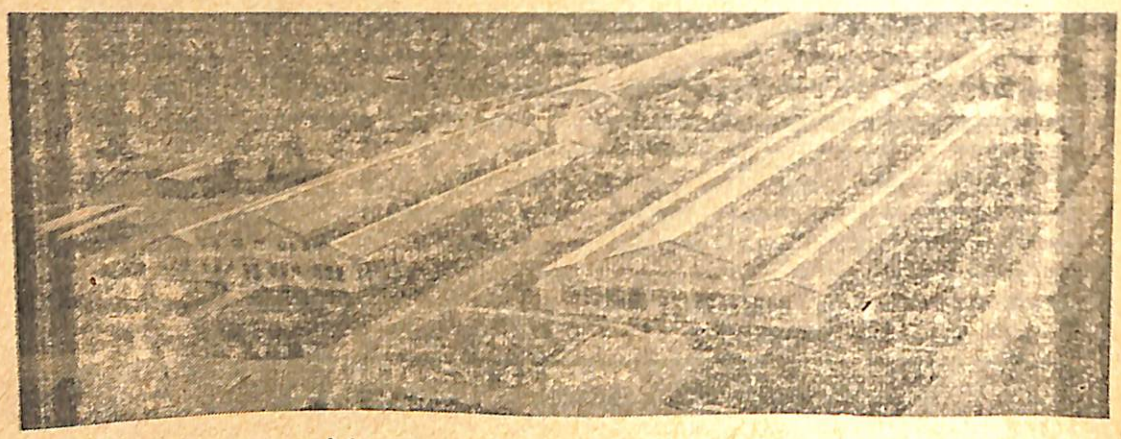
PELÍCULA REFLETORA
MARCA
"SCOTCHLITE"

LIXAS
MARCA
3M

ADESIVOS
MARCA
3M

REVESTIMENTO
MARCA
UNDERSEAL

MARCAS QUE GARANTEM QUALIDADE!



MINNESOTA MANUFATUREIRA E MERCANTIL LTDA.

FÁBRICA E MATRIZ: Parada 3M – Via Anhanguera – km 110 – Tel. 3-670 – Cx. Postal 123 – CAMPINAS – Est. de S. Paulo

FILIAIS:

SÃO PAULO: Av. Paulista, 2.073 – Conjunto 29 (Edifício Conjunto Nacional) – Caixa Postal 22.060 – Tel. 80-2137
RIO DE JANEIRO: Av. Gomes Freire, 559 – sobreloja – Caixa Postal 4.903 – Telefone 32-9874
PÔRTO ALEGRE: Rua Pinto Bandeira, 357 – 5.º andar – Caixa Postal 727 – Telefone 5-414

ORDEM DO DIA

(25 DE AGÔSTO DE 1960)

Meus camaradas!

Com intenso júbilo cívico, comemoramos hoje o "DIA DO SOLDADO", evocando os feitos heróicos do EXÉRCITO BRASILEIRO, cuja presença nos lances decisivos de nossa História teve sempre influência marcante na definição dos rumos da Pátria em busca de seus gloriosos destinos universais.

Desde os albores de nossa autonomia política, o EXÉRCITO constituiu-se em fator de aglutinação das energias nacionais, reprimindo os regionalismos infrenes, que ameaçavam a unidade do novo Estado, e subjugando as investidas expansionistas dos tiranos que dominavam os povos vizinhos e irmãos, do outro lado da fronteira. Graças ao espírito patriótico, ao senso de disciplina de seus componentes, o EXÉRCITO soube impor-se à confiança do Povo Brasileiro, transformando-se no elemento nuclear em tôrno do qual se estruturou a nacionalidade. Sob a inspiração dos seus exemplos, aperfeiçoaram-se os nossos costumes políticos e sociais, fêz-se a Abolição, proclamou-se a República e, ao ingressar nos dias contemporâneos, a Nação evolui e se engrandece nas mais auspiciosas perspectivas.

Como supremo herói das glórias do passado e expressão máxima das tradições do EXÉRCITO, sobrepaira impàvidamente, nas comemorações de hoje, a figura varonil de CAXIAS, o soldado invicto que, em mais de meio século de porfiadas lides, velou pela integridade do BRASIL, defendendo as instituições e consolidando a unidade dêste vasto e rico patrimônio, que constitui um legado de honra de nossos beneméritos antepassados.

Em brilhante ascensão, empolgou êle o cenário nacional, desde os fastos da Independência até os fins do 2º Reinado, tanto nas pelejas cruentas da guerra, como nas obras fecundas da paz. A onda libertária que se propagou pelas províncias, logo após a nossa emancipação, só foi contida mercê da providencial ação de CAXIAS, que sufocou os motins do norte, do sul, de São Paulo e Minas Gerais. Foi nessa quadra convulsiva que êle conquistou os maiores lauréis, impedindo a fragmentação da Pátria estremecida. As cintilações de sua espada cederam lugar, então, ao brilho de sua inteligência e às fulgurações do seu coração magnânimo; e o guerreiro se converteu em pacificador, para reconciliar os espíritos desavindos e pôr têrmo às lutas fratricidas, sem deixar ressentimentos entre vencidos e vencedores. Rematava as vitórias espe-

taculares com os rasgos de sua fidalga generosidade. O antagonista vencido não era mais o inimigo, mas o companheiro fraterno das jornadas construtivas do amanhã.

Nas lutas externas, quando nossa soberania estêve ameaçada pelo delírio expansionista de caudilhos estrangeiros, Caxias pôs à prova sua invulgar capacidade de chefe militar, consagrando-se como um dos mais notáveis generais de todos os tempos. Diante do obstáculo das linhas do PIKYSSIRY, concebeu e executou a marcha de flanco do CHACO, para envolver a brava resistência oposta pelo adversário e obter a série de triunfos em ITORORÓ, AVAÍ e LOMAS VALENTINAS, alcançados na DEZEMBRADA, registrando, com lances de genialidade e bravura, o mais brilhante capítulo de nossa história militar.

O prestígio que conquistou nessas memoráveis jornadas não obscureceu sua consciência cívica, nem empanou seu espírito bem formado. Sentia-se plenamente recompensado em ver os lares pacificados, a Nação desafrontada e unida em tôrno do ideal comum. Quando militou na política, foi sempre um baluarte inexpugnável da legalidade. Como Senador, Ministro e Presidente do Conselho, nunca deixou de ser um verdadeiro soldado, servindo com dedicação e lealdade ao seu Rei e ao seu Povo.

Servir à causa pública foi a grande vocação de CAXIAS e é a norma invariável de conduta do SOLDADO BRASILEIRO. Por sua origem e formação, o EXERCITO encarna o espírito de solidariedade com as aspirações, os interêsses gerais e os superiores desígnios da Pátria, conservando-se alheio às paixões de grupos e acima das correntes que se entrechocam nas lides vivificadoras do processo democrático. Essa posição de eqüidistância lhe confere fôrça e autoridade para desencorajar aquêles que pretendam transfigurar as competições políticas em ameaças à ordem legal e às instituições vigentes. Fiel às suas tradições, cumprirá êle hoje, como ontem, o papel de fiador da paz no seio da família brasileira e da segurança da Nação.

Soldados do Brasil!

No calor e no entusiasmo das homenagens que vos são consagradas na data de hoje, tende bem presente e vivo na memória o sagrado juramento prestado ante a Bandeira Nacional, pois nêle se consagram e se sublimam os princípios fundamentais da honra militar, de devotamento à causa pública e exaltação da integridade soberana da Pátria.

E, no culto cívico dêsses conceitos e dos magistrais ensinamentos deixados pelo vosso patrono imortal, elevai os corações numa ardente prece pela fraternidade e coesão de todos quantos, no serviço das armas, em terra, no mar e no ar, velam, sem medir esforços e sacrifícios, pela preservação dos assinalados desígnios de ordem e progresso do Brasil.

Mar ODYLIO DENYS,
Ministro da Guerra.

SEÇÃO DO CANDIDATO À ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

O BI NO ATAQUE

(Continuação do número anterior)

Ten-Cel DANILO CUNHA MELLO

2 — ASPECTO TÁTICO

— Observação:

Possibilidades da observação inimiga em relação à montagem e progressão do ataque.

Provável localização dos Observatórios Inimigos (Regiões dominantes em nossa Z Aç e na dos vizinhos):

a — No compartimento em contato:

COTAS A, B e E

b — Em profundidade:

COTAS D e C
COTAS 40 e 60
PLANO ALTO

c — Conclusões:

(1) Para a montagem do ataque — *Acidentes que limitam a observação inimiga, permitindo selecionar posições favoráveis a: posições de ataque; armas de apoio, reservas, PC, etc.*

A crista das COTAS 20 ao N de GIL e LÉO limitam a observação inimiga, permitindo, em suas encostas Sul, a tomada do dispositivo de ataque. As armas de apoio terão que se instalar nas proximidades da crista se de tiro tenso e nas encostas Sul as de tiro curvo.

(2) Para a progressão do ataque — *Condições de comandamento entre as diferentes regiões:*

No desembocar do ataque:

Os Observatórios Inimigos situados em COTAS A, B e E dominam completamente o desembocar do ataque.

Durante a progressão:

Observatórios Inimigos situados em COTAS D e C dominam o vale do AR do MEIO e permitem o contrôle de nossa progressão entre COTAS A e D e COTAS B e C.

Observatório Inimigo situado em COTA E permitiria a observação de nossa progressão de COTA A para COTA D.

Observatórios Inimigos situados em COTAS 40 e 60 dominam o vale do AR NORTE e permitem a observação de nossa progressão desde COTAS D e C até COTAS 40 e 60.

Finalmente a Região de PLANO ALTO proporciona a possibilidade de instalação de observatórios que podem controlar a progressão de COTAS 40 e 60 para PLANO ALTO.

(3) Conclusão — O ataque será diurno, logo devemos cegar os observatórios acima citados, para permitir a realização da progressão em boas condições.

— Nossas possibilidades de Observação

Provável localização de nossos PO:

No compartimento em contato:

COTAS 20 N de LÉO e GIL
Em profundidade:
COTAS A e B
COTAS D e C
COTA 40

Conclusão — *Condições em que iremos realizar a observação para a progressão e o tiro:*

Não haverá dificuldades para a observação, seja da progressão seja dos fogos.

Acidentes que limitam nossa observação:

As cristas sucessivas de COTAS A e B, COTAS D e C e COTA 40, limitarão a nossa observação, proporcionando ao inimigo regiões desenfiadas para as suas reservas, armas de apoio, etc. Impõem o deslocamento de nossos PO.

Campos de tiro

1. Para o inimigo

a. Regiões que oferecem ao inimigo maiores ou menores vantagens para a aplicação de fogos defensivos (áreas limpas que deverão ser atravessadas pelo atacante sob o fogo do defensor).

O terreno limpo e descoberto facilitará a ação da defesa, que não terá limitação para o emprêgo de seus fogos, a não ser a resultante da estreita compartimentação do terreno.

b. Faixas do terreno que dão ao inimigo facilidades para a aplicação de fogos de flanqueamento.

O terreno ao Sul de COTA A pode ser completamente flanqueado por fogos partidos de COTA E e COTA B e a região ao Sul de COTA D pode ser flanqueada por fogos partidos de COTA E.

O vale do AR DO MEIO pode ser amplamente enfiado por fogos de COTA D, que tomarão de flanco o terreno ao Sul de COTA C.

COTA 40 tem amplas possibilidades de flanquear o terreno ao Sul de COTA 60.

c. Regiões dominantes no interior da posição inimiga com comandamento de fogo sôbre outras (dependência de progressão).

COTA B — tem amplo comandamento sôbre o vale do AR SUL.

COTA A — tem comandamento sôbre o vale do AR SUL com exceção da encosta SE de COTA B.

COTA D — domina completamente o vale do AR DO MEIO.

COTA C — tem comandamento sôbre o vale do AR DO MEIO.

COTA 40 — tem amplo comandamento sôbre o vale do AR NORTE.

d. Regiões dominantes nos flancos de nossa ZA, que possam ter comandamento de fogos sôbre nossa ZA (dependência de progressão).

COTA E — tem amplo comandamento sôbre o vale do AR SUL, domina COTAS A e D e tem relativo comandamento sôbre vale do AR DO MEIO.

COTA 60 — tem comandamento sôbre o vale do AR NORTE, todavia, com algumas restrições sôbre as encostas SSE de COTA 40.

Conclusões:

(1) Em que região o atacante estará mais exposto aos fogos inimigos

Região Sul de COTA A (flanqueamentos de COTAS B e E), região S de COTA C (flanqueamento de COTA D e de COTA E) e encostas SW de COTA 40 (flanqueamento de COTA 60).

(2) Dependência de progressão

A progressão no compartimento do AR DO MEIO fica muito na dependência de COTA E, cujos fogos terão que ser neutralizados, mesmo para a manutenção de COTA A.

(3) Condução dos fogos

Os observatórios iniciais e em profundidade asseguram a condução dos fogos de Art e Mrt em tôda a ZA.

(4) Medidas para neutralizar os fogos inimigos

Fumígenos sôbre os PO anteriormente assinalados e maior densidade de fogos inicialmente sôbre COTA B e posteriormente sôbre COTA D.

2. Nossas possibilidades de apoio:

Maiores ou menores possibilidades de apoio à nossa progressão
Não há qualquer limitação ao apoio de fogos à nossa progressão.

Obstáculos:

Examinar os obstáculos na Z A e nos Flancos
— Na Zona de Ação — Não há obstáculos
— Nos Flancos — A MD existente no flanco E, sendo obstáculo contra carros e contra a Infantaria, oferecerá relativa cobertura do flanco E.

Cobertas e abrigos:

Verificar para ambos os contendores:

Atacante:

Prováveis posições de ataque e zona de reunião

Para a montagem do ataque:

Encostas Sul de Cota 20 de LÉO, particularmente, região de Bos Euc.

Para o prosseguimento do ataque:

Encostas S de COTAS A e B, Vale do AR DO MEIO e Encostas S de COTA 40.

Itinerários desenfiados
Não há itinerários desenfiados.
Regiões favoráveis ao desdobramento das armas de apoio
Para as armas de tiro tenso as cristas sucessivas de COTA 20 de LÉO, COTAS A, B, C e D e COTA 40; para as armas de tiro curvo os vales de AR SUL, AR DO MEIO e AR NORTE.

Para o defensor:

Regiões favoráveis à reunião de reservas
Vale do AR NORTE e Encostas N de COTA 40
Regiões favoráveis ao desdobramento do apoio da defesa
Sucessivamente COTAS C e D e COTA 40

Vias de Acesso:

Definição e orientação das vias de acesso em função dos objetivos atribuídos ao BI e dos acidentes capitais
Via de acesso W — Colo entre COTAS 20 de LÉO e GIL — COTA A — COTA D — COTA 40
Via de acesso E — Bos Euc de LÉO — COTA B — COTA C — COTA 40

Comparação das vias de acesso quanto:

— *tomada do dispositivo*
— *progressão Inf e CC*
— *deslocamento das armas de apoio*
— *orientação para o objetivo*

Para a conquista de COTA A — COTA B:

Quanto à tomada do dispositivo inicial as Vias de Acesso se equivalem, a LP poderá ser balizada pela própria crista de COTA 20 (linha ocupada pela tropa amiga), posições de ataque há grande facilidade havendo ligeira vantagem para a Via de Acesso de E dada a existência do Bos Euc, há grande facilidade em ambas as Vias de Acesso no que concarne a instalação de bases de fogos seja das armas de tiro tenso ou curvo.

Quanto à progressão da Inf e CC há uma substancial vantagem para a Via de Acesso de E, pois o atacante que progredir coleando-se a MD de W ficará sujeito apenas aos fogos de frente, enquanto o elemento que progredir pela Via de Acesso de W terá sempre os flancos expostos aos fogos de COTA B e de COTA E, parecendo que a conquista de COTA A ficará na dependência da posse de COTA E.

Quanto ao deslocamento das armas de apoio, após a conquista de COTA A e COTA B, não há limitações em qualquer das Vias de Acesso, partindo-se da idéia de que não é possível a conquista de COTA A, sem que COTA E esteja em nossas mãos.

Quanto à facilidade de orientação para o objetivo não há qualquer dificuldade em ambas as Vias de Acesso.

Para a conquista de COTA D — COTA C:

Quanto à tomada do dispositivo para o prosseguimento do ataque ambas as Vias de Acesso se equivalem, admitindo-se a ocupação de COTA E, não há limitações para ocupação de posições de ataque, instalação de bases de fogos ou LP.

Quanto à progressão de Inf e CC parece impossível sem a ocupação ou neutralização total de COTA E, estando COTA E em nossas mãos a Via de Acesso de W é mais favorável à progressão, pois a Via de Acesso de E ficará completamente dominada por COTA D que sôbre ela tem amplas possibilidades de fogos de flanqueamento.

Quanto ao deslocamento de armas de apoio não há limitações, admitindo-se a ocupação ou neutralização total de COTA E.

Quanto à facilidade de orientação para o objetivo não há dificuldades.

Para a conquista de COTA 40:

Quanto à orientação para o objetivo, tomada do dispositivo de ataque e deslocamento das armas de apoio, ambas as vias de acesso se equivalem.

Quanto à progressão da Inf e CC há ligeira vantagem para a Via de Acesso de W, por estar relativamente mais distante e menos sujeita aos fogos de flanqueamento partidos de COTA 60.

Conclusão:

Concluir qual a Via de Acesso que maiores vantagens ou facilidades oferece ao atacante e se elas são interdependentes ou independentes entre si.

Inicialmente a Via de Acesso mais favorável é a de E até a conquista de COTA A — COTA B; em seguida, para a conquista de COTAS C e D, a Via de Acesso mais favorável é a de W, embora esteja na estreita dependência de COTA E sem cuja conquista será muito difícil qualquer progressão no vale do AR DO MEIO; e, finalmente, para a conquista de COTA 40 a Via de Acesso mais favorável é a de E, por estar menos dominada por COTA 60.

II — Efeitos sôbre as possíveis ações do inimigo.

1. Como o terreno permite ao inimigo opor-se à nossa progressão e onde oferece maiores facilidades (regiões que barram inicialmente as vias de acesso).

As regiões de COTAS A e B barram inicialmente as Vias de Acesso e COTA E poderá contribuir para a defesa de COTA A, cuja defesa será mais fácil.

2. Em profundidade.

As regiões de COTA C e D permitem ao inimigo dar profundidade à defesa, havendo um pouco mais de facilidade na defesa de COTA C.

COTA 40 oferecerá ainda mais uma possibilidade para aprofundamento da defesa, parecendo ser mais fácil a defesa das encostas SW de COTA 40, pela cooperação mais eficiente que poderá ser prestada de COTA 60.

3. Pontos-chaves (regiões que, perdidas pelo inimigo, comprometem sua defesa).

COTAS A, D e 40 constituem os pontos-chaves dos diferentes divisores e conquistar.

4. Que regiões favorecem as ações ofensivas do inimigo.

COTAS C, D e E destacam-se como bases de partida para contra-ataques, nas direções: 1) COTA C — COTA A ou B; 2) COTA D — COTA A, B ou C; 3) COTA E — COTA A ou D.

III — Efeitos sôbre nossas operações.

Regiões que favorecem a montagem e o desembocar do ataque; Vias de Acesso mais favoráveis; regiões cuja conquista permitem o aprofundamento do ataque; possibilidade de mudança de dispositivo; regiões que caracterizam o rompimento da posição; regiões que permitem a retomada do ataque.

1. Via de Acesso mais favorável — Inicialmente a de E, em seguida a Via de Acesso balizada por COTA A — COTA D e, finalmente, a de E balizada por COTA C — COTA 40.

2. Regiões favoráveis à montagem e ao desembocar do ataque — As encostas Sul de Cotas 20 e Bos Euc favorecem a montagem do ataque e a crista de COTAS 20 ou a própria linha de contato poderão facilitar o desembocar do ataque já que poderão balizar a LP.

3. Aprofundamento do ataque — A conquista de COTAS C e D permitem o aprofundamento do ataque.

4. *Regiões que permitem a retomada do ataque* — As COTAS A e B, C e D e, finalmente, COTA 40 permitirão a retomada do ataque.

5. *Regiões que permitem a mudança de dispositivo* — As regiões acima citadas permitem a mudança de dispositivo no decorrer do ataque, dando-lhe grande flexibilidade.

6. *Regiões que caracterizam o rompimento da posição* — A conquista de COTA A caracteriza o rompimento da linha de contato; e a conquista de COTA 40 caracteriza o rompimento da posição.

7. *Outras idéias* — A conquista de COTA E é indispensável para a manutenção de COTA A ou prosseguimento para COTA C e D; e a conquista de COTA 60 dará maior segurança ao nosso ataque.

Obs. — Admite-se sempre que os vizinhos cumpram a sua missão.

(2) *Valor relativo da capacidade de combate das fôrças amigas e inimigas.*

(a) Situação do inimigo

Visa concluir sôbre:

— *Atitude, valor e composição das tropas empenhadas.*

— *Valor e composição das tropas em condições de reforçar.*

Tropas empenhadas são as unidades inimigas em contato e respectivas reservas até o escalão imediatamente inferior ao nosso. (Para o Esc BI as tropas inimigas empenhadas pertencem à Cia inimiga em contato.)

— Em nossa frente foram identificados elementos do 1º/8º RI

Frente — 1.500 m

Profundidade — 800 m

Valor — em nossa ZA o inimigo atua com o valor de 1 Cia Fzo, dispondo de apoio de Art e Mrt.

Dispositivo — Parece ter uma Cia ocupando COTAS A, B, C e D e uma Cia defendendo COTAS 40 e 60.

Atividades — De OT nas COTAS A, B, C e D e COTAS 40 e 60.

— Reservas em condições de atuar:

Do BI uma Cia ocupando COTAS 40 e 60

Outros elementos capazes de reforçar — 1 BI na região 4 K N de ARY

(Tropas em condições de reforçar são as reservas do inimigo que se supõe estar sob o contrôle do escalão semelhante ou superior ao nosso)

— Conclusão:

Tropa empenhada — 1 Cia

Tropa em condições de reforçar — 1 BI e 1 Cia

Trata-se de uma posição organizada em profundidade em que as unidades ocupam frentes normais.

(b) Nossa situação

Efetivo — 1º BI completo e 1ª/101 BCC Me (98%)

Composição — Normal e completa

Dispositivo — Ver calco anexo

Apois — 1º GO 105 e Cia Mrt 4.2

Unidades Vizinhas — 2º BI, atacará simultâneamente em nosso flanco W para conquistar COTAS E e 60

Unidades Interpostas — 3º BI, em contato, apoiará o desembocar do ataque.

Moral — Muito boa

Instrução — Muito boa

Estado físico — Muito bom

Dotação orgânica — Completa.

Concluir:

— número de Cia necessárias ao ataque (frente) — 2 Cia

— valor da reserva face à frente e profundidade da posição — 1 Cia

— valor do apoio (Art e Mrt) — suficiente.

— valor do reforço — 1 Pel CC para cada Cia de Fzo.

— valor relativo dos meios face à tropa empenhada — Favorável. Cada Cia atacará um Pel inimigo.

— valor considerando a tropa que poderá reforçar — desfavorável, pois será superior em infantaria, embora inferior em CC.

— capacidade de choque e manobra — grande, pois dispomos de 1 Cia CC Me.

— condições de segurança para a tomada do dispositivo — Boa, pois temos 1 BI interposto.

b — Possibilidade do inimigo

(1) Enumeração

Considerar tôdas as linhas de ação do inimigo capazes de afetar o cumprimento da missão. Definir, sempre que possível, para cada uma delas: QUE, ONDE, QUEM, QUANDO:

— *atacar*

— *defender*

— *ser reforçado*

— *retrair-se*

— *atuar no flanco*

— *inimigo aéreo*

O valor do inimigo considerado nas linhas de ação ATACAR e DEFENDER é o correspondente ao efetivo das tropas inimigas empenhadas.

Tôdas as demais unidades inimigas são incluídas na linha de ação de REFORÇAR.

Ponto lógico é o ponto que o inimigo deve atingir para iniciar uma determinada missão. Fica, normalmente, na altura da reserva das tropas inimigas consideradas empenhadas.

Ações gerais:

a. Defender:

(1) Onde? Zona defendida pela unidade empenhada.
Defender suas atuais posições, particularmente, COTA B.
Quem? (Valor expresso em dois escalões abaixo)
3 Pel Fzo apoiados por Mtr, Mrt e Art.
Quando?
Desde já.

b. Atacar

Esta possibilidade não será considerada porque o 3º/1º RI está interposto entre nossa tropa e o inimigo.

c. Reforçar:

Unidade	Localização	Hora Data	Dist (a)	Percurso A pé — Moto (b)	Tempo Cerrar (c)	TOTAL (d)
BI	4 K ao N de ARY	1400 D-1	5,5 K	1 h 6 min	16 min	1 h 22 min
Cia	COTAS 40 e 60	idem	11 K	12 min		12 min

(a) A distância é tomada do local em que a tropa está estacionada ao ponto lógico.

(b) Para distâncias superiores a 8 K considerar o inimigo motorizado e para distâncias inferiores a 8 K considerar o inimigo a pé.

(c) Considerar o tempo de cerrar a partir do escalão BI para cima.

(d) Prazo de reforço — deslocamento mais tempo de cerrar.

Dá-se ao inimigo a possibilidade de iniciar o deslocamento desde o momento em que foi observado.

Observação — Considerando-se que o ataque será realizado no dia seguinte ao dia em que o inimigo foi observado, considera-se na possibilidade de reforçar como — *desde já*

d. Defender ainda — Esta linha de ação é muito controvertida e pode deixar de ser considerada.

Corresponde a linha do terreno em que o escalão inimigo correspondente ao que ataca pode aprofundar a defesa (em princípio alturas imediatamente atrás das ocupadas pela tropa inimiga empenhada).

Região de COTA 40

e. Retrair:

Onde, quem e quando:

Para o N, todo o dispositivo, a qualquer momento.

Enunciado:

O inimigo pode:

(1) Defender suas atuais posições, particularmente, COTA B, com o valor de três Pel de Fzo apoiados por Mtr, Mrt e Art

(2) Reforçar estas ações com:

— 1 Cia Fzo de COTAS 40 e 60

— 1 BI da região 4 K N de ARY

desde já.

Observação — Como vamos atacar no dia seguinte da observação feita sôbre a Cia e o BI inimigo, torna-se desnecessário, assinalar que a Cia poderá atuar 12 minutos após o início de seu deslocamento e o BI 1 h e 22 minutos.

(3) Defender ainda COTA 40.

(4) Retrair para o N a qualquer momento.

Nossas linhas de ação

1. Estabelecer, em função do estudo realizado, as diferentes linhas de ação.

1. Atacar às 0600/D, em íntima ligação com o 2º/1º RI, na direção EVA — COTA D — COTA 40, com a 1ª Cia Ref a E e com a 2ª Cia Ref a W, para conquistar sucessivamente COTA A — COTA B (OB.1), COTA C — COTA C (OR.1) e COTA 40, (OR.2) em condições de prosseguir sôbre PLANO ALTO

2. Atacar às 0600/D, em íntima ligação com o 2º/1º RI, inicialmente na direção ELY — COTA B para conquistar COTA A — COTA B (OB.1), em seguida, na direção COTA A — COTA D para conquistar COTA D — COTA C (OR.1) e, sem perda de tempo, na direção COTA C — COTA 40 para conquistar COTA 40 (OR.2) com a 1ª Cia Ref a W e a 2ª Cia Ref a E.

Posteriormente, ficar em condições de prosseguir sôbre PLANO ALTO.

3. Atacar às 0600/D, em íntima ligação com o 2º/1º RI, inicialmente na direção EVA — COTA D para conquistar sucessivamente COTA A — COTA B (OB.1) e COTA D — COTA C (OR.1) e, em seguida, na direção COTA C — COTA 40 para conquistar COTA 40 (OR.2) com a 1ª Cia Ref a W e a 2ª Cia Ref a E.

Posteriormente, ficar em condições de prosseguir sôbre PLANO ALTO.

3. ANÁLISE DAS LINHAS DE AÇÃO OPOSTAS

Neste parágrafo trata-se de estabelecer uma comparação entre as nossas linhas de ação e as possibilidades do inimigo, devendo, evidentemente, ser abandonadas as possibilidades do inimigo que interfiram igualmente sôbre as diferentes linhas de ação.

a. Possibilidades do inimigo que não serão consideradas.

Não serão consideradas as possibilidades inimigas de Ref e retrair-se.

b. Síntese da 1ª linha de ação a ser considerada versus:

(1) Possibilidade n. 1 do inimigo

Esfôrço inicial onde o inimigo tem maiores possibilidades de defesa.

(2) Possibilidade n. 3 do inimigo

Realiza o esfôrço sôbre a região de mais fácil defesa.

c. Síntese da 2ª linha de ação a ser considerada versus:

(1) Possibilidade n. 1 do inimigo

O esfôrço inicial incidirá sôbre a região de mais difícil defesa, em seguida para a conquista de COTA C — COTA D o esfôrço será realizado sôbre COTA D de mais difícil defesa.

(2) Possibilidade do inimigo n. 2

Para a conquista de COTA 40 o esfôrço se realiza na direção em que a defesa se torna mais difícil para o inimigo.

d. Síntese da 3ª linha de ação a ser considerada versus:

(1) Possibilidade n. 1 do inimigo

Esfôrço inicial sôbre a região de mais fácil defesa para o inimigo, em seguida atua na direção COTA A — COTA D para a conquista de COTA D onde o inimigo tem menores possibilidades de defesa.

(2) Possibilidade do inimigo n. 3

Realiza o esfôrço na direção em que é mais difícil a defesa de COTA D.

4. COMPARAÇÃO DAS NOSSAS LINHAS DE AÇÃO

A finalidade do estudo dêste parágrafo, consiste em permitir a escolha da linha de ação mais favorável para o cumprimento da missão.

Embora possam surgir outros fatôres, normalmente, as diversas linhas de ação devem ser comparadas face aos seguintes:

— *terreno*
— *dispositivo inimigo*
— *possibilidade do inimigo*
— *nosso dispositivo*

a. Fatôres preponderantes

Citar apenas

Terreno, dispositivo do inimigo, possibilidade do inimigo e nosso dispositivo.

b. Comparação das linhas de ação

Para cada um dêsses fatôres fazer uma síntese das principais vantagens e concluir qual a linha de ação mais vantajosa.

1. *Terreno*

a. Linha de Ação n. 1

(1) Vantagens

No segundo lanço (de COTAS A e B para COTAS D e C) utiliza a Via de Acesso mais favorável.

Conduz diretamente a conquista de COTA A, que caracteriza o rompimento da linha de contato.

Permite rapidez no aprofundamento do ataque pela posse imediata de COTA D.

(2) Desvantagens

Utiliza no 1º e no 3º lanço a Via de Acesso mais desfavorável

b. Linha de Ação n. 2

(1) Vantagens

Utilizar sempre a Via de Acesso mais favorável.

Permite maior rapidez na ação pela posse, em mais curto prazo, de COTA B, conseqüentemente de COTA A, e de COTA D.

Realiza a ação mais diretamente sôbre os pontos dominantes do terreno.

(2) Desvantagens

Não há desvantagens.

c. Linha de Ação n. 3

(1) Vantagens

Utilizar no segundo e terceiro lanço a Via de Acesso mais favorável

Conduz mais diretamente a conquista de COTA A

Dá maior rapidez ao ataque pela ação mais direta sôbre COTA D

(2) Desvantagens

Utilizar no 1º lanço a Via de Acesso mais desfavorável.

CONCLUSÃO — *Sob o ponto de vista terreno a Linha de Ação n. 2 é mais vantajosa.*

2. *Dispositivo*

a. Linha de Ação n. 1

(1) Vantagens

Escalão de ataque forte com dispositivo simples

Conduz o esfôrço no 2º e 3º lanço sôbre o ponto-chave da posição.

No 2º lanço conduz o esfôrço na direção mais favorável

Dispositivo flexível, que permite a variação do esfôrço com grande facilidade.

Grande facilidade no apoio do desembocar e progressão do ataque.

(2) Desvantagens

No 1º e 3º lanço o esfôrço é conduzido na direção mais desfavorável

b. Linha de Ação n. 2

(1) Vantagens

Escalão de ataque forte com dispositivo simples

Conduz em todos os lanços o esfôrço sôbre o ponto-chave

Realiza o esfôrço sempre na direção mais favorável

Flexibilidade do dispositivo, que permite a variação do esfôrço

Grande facilidade de apoio de fogo, seja no desembocar seja na progressão do ataque.

(2) Desvantagens

Variação do esfôrço durante a realização do ataque.

c. Linha de Ação n. 3

(1) Vantagens

Escalão de ataque forte com dispositivo simples

Conduz o esfôrço no 2º e 3º lanço na direção mais favorável e sôbre os pontos-chaves da posição.

Flexibilidade do dispositivo, que permite a variação do esfôrço

Grande facilidade de fogo no desembocar e na progressão do ataque.

(2) Desvantagens

Variar o esfôrço durante a realização do ataque

Não realizar no 1º lanço o ataque principal na direção mais favorável.

CONCLUSÃO — Quanto ao dispositivo a Linha de Ação n. 2 é a mais favorável.

3. *Possibilidades e dispositivo inimigo*

a. Linha de Ação n. 1

(1) Vantagens

Atua sôbre o inimigo em tôda a frente

Ação direta e mais potente sôbre COTA A

Flancos do ataque principal completamente cobertos por tropas amigas em tôda profundidade da ação.

(2) Desvantagens

No 1º lanço o ataque principal ficará exposto a fogos de flanqueamento partidos de COTA B

b. Linha de Ação n. 2

(1) Vantagens

Atua sôbre o inimigo em tôda frente

Flancos cobertos no 1º lanço por tropa amiga e Md E, no 2º por tropa amiga e no 3º novamente por tropa amiga e Md E.

Certa independência do ataque principal no 1º e 3º lanços, pois o atacante ficará sujeito sòmente a fogos frontais do inimigo.

(2) Desvantagens

Não há.

c. Linha de Ação n. 3

(1) Vantagens

Atua sôbre o inimigo em tôda a frente

Flancos do ataque principal nos 1º e 2º lanços cobertos por tropas amigas e no 3º por tropa amiga e Md E

Certa independência do ataque principal no 3º lanço, que fica sujeito apenas a fogos de frente.

(2) Desvantagens

No 1º lanço o ataque principal ficará exposto aos fogos de flanqueamento partidos de COTA B.

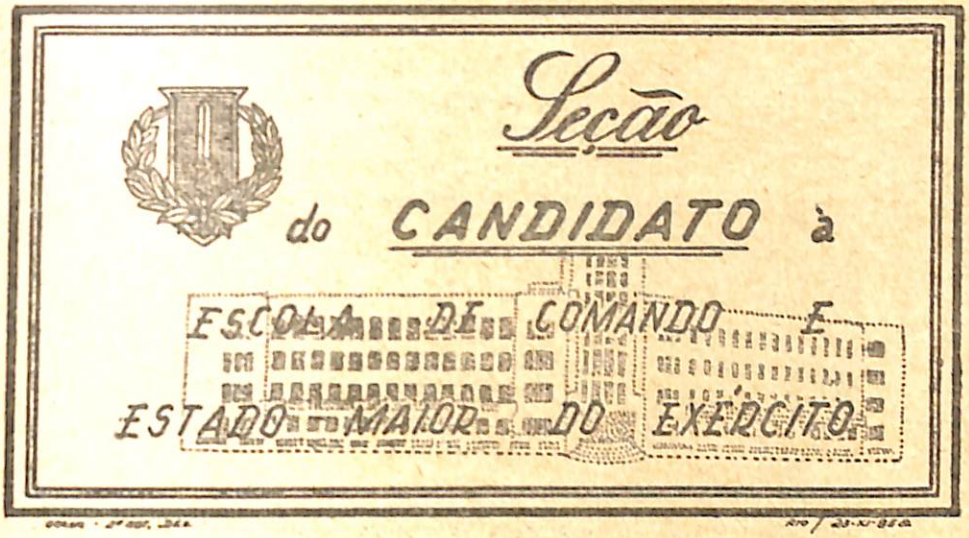
CONCLUSÃO — Quanto a dispositivo e possibilidades do inimigo a Linha de Ação mais favorável é a n. 2.

CONCLUSÃO SÔBRE AS LINHAS DE AÇÃO — A linha de Ação n. 2 é a mais favorável.

5. DECISÃO

Atacar às 0600/D, em íntima ligação com o 2º/1º RI, inicialmente na direção ELY — COTA B para conquistar COTAS a e B (OB.1), em seguida, na direção COTA A — COTA D, para conquistar COTA D (OR.1) e, sem perda de tempo, na direção COTA C — COTA 40 para conquistar COTA 40 (OR.2) com a 1ª Cia Ref a W e a 2ª Cia Ref a E.

Posteriormente, ficar em condições de prosseguir para PLANO ALTO.



Coordenador: Major GERMANO SEIDL VIDAL

I — A CAMPANHA DE 1851-52, CONTRA ORIBE E ROSAS

Maj GERMANO S. VIDAL

Êste ensaio foi elaborado para estudo dos candidatos à EsCEME. Por êste motivo não tem a preocupação de originalidade mas, exclusivamente, a de compilação de narrativas e interpretações de historiadores militares consagrados. Foi consultada extensa e clássica bibliografia sôbre a matéria (cuja referência é feita, no texto, em números entre parêntesis e a citação completa das obras, no final, a ser publicado no número de outubro desta revista), o que, pareceu-nos, facilitará muito o trabalho do candidato, tornando assim útil o presente artigo, que será publicado em três partes, em números sucessivos da Revista.

O AUTOR

SUMÁRIO

I — Preâmbulo

II — Desenvolvimento

1. Os antecedentes políticos
2. O Convênio de 29 de maio de 1851. Preliminares da guerra
3. As causas da guerra
4. O teatro de operações, sob o ponto de vista físico-militar
5. As operações militares contra Oribe
6. O Tratado de 21 de novembro de 1851. Desfecho da luta contra Rosas

7. As operações militares contra Rosas

a) Os planos de operações

b) A concentração dos aliados

c) As marchas e os primeiros combates

d) A batalha de Caseros. Ocorrências no epílogo da campanha

8. Conseqüências da guerra

III — Conclusões finais

1ª PARTE

I — PREÂMBULO

A luta em questão se desenrola em efervescente ambiente político na área platina, criado pelas disputas entre caudilhos, o jôgo de interêsses dos nascentes países sul-americanos e das potências imperialistas européias: França e Inglaterra. Daí a importância dos antecedentes políticos, aos quais daremos larga margem nos comentários iniciais, extensão evidentemente reduzidíssima face ao espírito de síntese que norteia o presente artigo. Em seguida enumeraremos as causas próximas ou efetivas da guerra, estudaremos as operações militares na Banda Oriental e na Confederação Argentina e, finalmente, arrolaremos as conseqüências advindas para os países integrantes da bacia platina.

Hoje, à luz da numerosa e excelente bibliografia sôbre o assunto, não há mais segredos a sondar na memorável campanha. Não somos possuídos do pleno conhecimento dos seus fatos históricos, nem pretendemos avocar tal erudição ao apresentarmos êste trabalho. Tentamos, na enumeração e interpretação dos fatos históricos, resumir os conceitos de consagrados historiadores, platinos e nacionais, e, dessa forma, contar de novo a história da antiga campanha como nos pareceu ser a mais verdadeira.

Os mapas ilustrativos, adaptados dos existentes nas conferências do Cap Genserico de Vasconcellos (1), provàvelmente em muito concorrerão para a melhor compreensão dos fatos explanados.

Permita-nos, ainda, a tolerância do leitor, acrescentar aqui, à guisa de fecho do modesto preâmbulo, duas frases de Foch.

A primeira, para relembrar a importância dêsse estudo:

"Para exercitar, em tempo de paz, o cérebro de um exército; para orientá-lo constantemente para a guerra, não há livro mais fecundo em meditações do que a História."

A segunda, em nosso socorro, evidenciando o valor dos fatos, apesar de descritos pelo autor:

"Não vos preocupeis com frases e sim com fatos, com êles podeis construir."



Conde de Caxias, participou da Campanha como Cmt-em-Chefe das Fôrças Imperiais em Operações. Seu exemplo de militar irreprochável frutifica, ainda hoje, como Patrono do Exército Brasileiro

II — DESENVOLVIMENTO

1. **Os antecedentes políticos:**

Desde os primórdios da colonização, portuguêses e espanhóis lutam pela hegemonia no Prata.

Um ponto crítico dessas lutas está no desmembramento do Vice-Reinado do Prata, conseqüente da quebra da autoridade central dominante. A Bolívia e o Paraguai desgarram das províncias coirmãs, que se subordinavam à tutela de Buenos Aires. A Banda Oriental, hoje Uruguai, é teatro de lutas entre lusos e espanhóis e seus descendentes.

Finalmente, em 1828, Passo do Rosário cria nova situação política pelo estabelecimento de um Estado independente, tampão entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas de Buenos Aires.

Ao paliativo para a ferida crônica de brasileiros e argentinos segue-se um período de paz entre ambos. Nas Províncias é a época do caudilhismo desenfreado e no Império consolida-se a nossa formação política enfrentando-se graves questões internas.

Em 1829 sobe ao poder nas Províncias platinas o caudilho Rosas, violento federalista, que vai, entretanto, fazer a política dos unitários, apesar de combatê-los sem trégua.

Enquanto isto, no Uruguai, independente pela fiança de seus próprios algôzes, Argentina e Brasil, Rivera é feito Presidente em 1830. Quatro anos depois sobe à presidência uruguaia o próprio Ministro da Guerra de Rivera, Oribe.

No Império, sempre atento às oscilações políticas dos vizinhos sulinos, a Regência vê-se às voltas com a luta fratricida e incontida da Revolução Farroupilha. A República do Piratini é um perigo para a integridade nacional, especialmente pela proximidade de vizinhos tão irrequietos.

Em 1838 Rivera apeia do poder a Oribe. No ano seguinte é êle efetivamente eleito presidente. Rosas, com seu sonhos de reconstituição do Vice-Reinado, é ameaça à independência uruguaia. Rivera alia-se a Corrientes contra o tirano. O caudilho argentino envia Echague para combater a Aliança, levando êste Oribe, Urquiza e Lavalleja na malsinada expedição. Rivera vence-os em Cagancha. Animado pelo êxito inicial, e sentindo-se forte, o uruguaio resolve atacar a Rosas. Em 1842, transpõe o rio Uruguai e é derrotado em Arroio Grande, por Oribe.

O domínio de Rosas e seus sonhos, as lutas políticas no Prata, as possibilidades econômicas das riquezas platenses, interessam à França e à Inglaterra. Vêm os mediadores, lôbos com peles de ovelha... A Inglaterra quer a livre navegação da bacia do Prata e a independência do Paraguai e Uruguai, como benéficos para o seu comércio. A França ainda não perdeu suas esperanças de se estabelecer definitivamente na América do Sul, em zona próspera e rica. A diplomacia dos fortes é de espada na mão. Às primeiras reações de Rosas Buenos Aires é bloqueada.



Osório, comandou, como Ten-Cel, o 2º RC. O espírito de audácia dêsse cavalariano fê-lo Patrono da Arma e premiou-o com o título de nobreza de Marquês do Herval

Enquanto isso, no Uruguai a situação é a seguinte: Oribe, vencedor, sitia Montevidéu, onde os colorados uruguaios e os unitários argentinos não capitulam. Rivera domina a campanha uruguaia (1843).

A ameaça franco-inglêsa provoca a aproximação das Províncias com o Império. É feito um tratado de Aliança defensiva. O Brasil ratifica-o, mas Rosas, que pensa ter resolvido as pretensões dos mediadores, rejeita-o, sem justificações plausíveis. Foi um grave êrro político. Êrro que o inábil Rosas agrava quando não recebe o ministro brasileiro em Buenos Aires, Ponte Ribeiro. E não foi só. Obtém da Inglaterra autorização para bloquear Montevidéu. Sinimbu, o Ministro brasileiro na metrópole uruguaia, não reconhece êsse direito. Ponte Ribeiro adere à resistência e é insultado pelo estúpido gaúcho.

Tais processos diplomáticos são afronta aos desejos de aliança e boa-vizinhança do Brasil. Rosas tira aos poucos a máscara — é adversário fanático do vasto Império do Norte.

Em conseqüência, o Brasil muda de política e envia à Inglaterra a Missão Abrantes, a fim de obter das potências européias o seu apoio e beneplácito numa intervenção militar contra Rosas, pondo fim à sua política dominadora e expansionista. Não surtiu efeito.

Prosseguindo na firme idéia de se opor a Rosas, o Brasil, em 1844, reconhece a independência do Paraguai, que se governava por si só desde 1811 e cuja emancipação oficial fôra decretada pelo Congresso paraguaio em 1842, pouco depois da morte de Francia.

No ano seguinte, o Império volta a respirar tranqüilo, pois os filhos sulinos, pacificados por Caxias, riscam a ameaça separatista dos farroupilhas e suas ligações com Rivera. É, êste ano de 45, decisivo. Urquiza, a mando de Rosas, invade o Uruguai e bate definitivamente Rivera, em India Muerta, o qual se refugia no Rio Grande. Oribe, o preposto de Rosas, domina agora todo o Uruguai, exceto a Montevidéu sitiada.

Em 1846, nova voz de revolta contra o Ditador se faz sentir na Argentina. O caudilho Madariaga, de Corrientes, alia-se a Carlos Lopez, do Paraguai, e ao Gen Paz, anti-rosista de projeção, sob a assistência moral do Brasil. Paz, idealista, organiza o Exército Pacificador, onde aparece Solano Lopez com 4.400 paraguaios. A primeira expedição de Paz é um fracasso e os seus 1.500 homens, comandados por Pablo Lopez, depois de invadirem Santa Fé e tomarem a Capital da Província, são totalmente desbaratados.

De novo Urquiza vai pacificar a revolta em nome do tirano Rosas. Antes da batalha decisiva, entretanto, os irmãos Madariaga acordam com o entrerriano o Tratado de Alcaraz, com a obrigação de expulsar Paz. Rosas, todavia, é ditador e não ratifica a iniciativa de seu preposto. Indigna-se. Anula o tratado e manda outro a Urquiza para fazê-lo valer. Os Madariaga se revoltam. O combate de Potrero Vences dá a Urquiza a vitória final (1847).

É agora a vez da desistência das potências européias. A Inglaterra vê que não há solução militar para suas pretensões — falta-lhe uma



Brig Marques de Souza, comandou a 1ª DI Imperial, a cuja bravura fizeram-se unissonos os encômios dos historiadores pátrios e os das nações vizinhas. Passou à História consagrado como Conde de Pôrto Alegre

base de operação local e suficientes tropas de terra. Passa às manobras diplomáticas e em 1849 abandona o bloqueio. A França, cansada de subvencionar os legalistas de Montevidéu, em quase dez anos de esperanças frustradas, abandona, no ano seguinte, a ação naval no Prata.

Rosas está livre! E o Brasil também, pois o fato de franceses e inglêses disputarem o Prata ou seu domínio econômico, deixava à margem um terceiro pretendente, o Império brasileiro...

1850 é um ano crítico. Na Argentina, Rosas tenta manobras políticas, inclusive a farsa de renúncia, para obter a defecção de Urquiza, cuja sombra teme que o encubra e por isto o incomoda. No Uruguai, Oribe entra em desmandos, não reconhece propriedades de brasileiros, faz tropelias nas fronteiras, instiga a luta contra os vizinhos.

No Brasil, assiste-se à precipitação dos acontecimentos. Há mesmo certa timidez diplomática ou cautela em exagêro... A reação, por fim, surge do particular exaltado. É o Barão de Jacuí que, sentindo as estocadas dos ferros oribistas, encabeça a desforra e invade, em ações locais, o Uruguai. Quem toma satisfações do Império, da maneira mais disparatada, é Rosas, através de seu embaixador no Rio, Tomaz Guido. O Brasil não lhe dá ouvidos, apesar das explicações que tenta para os uruguaios (cujo govêrno de fato não reconhece). Guido pede os passaportes e parte — são rôtas as relações entre os dois maiores países da América do Sul!

O Congresso das Províncias, a Sala dos Representantes fantoches, autoriza Rosas a tomar providências para a incorporação do Paraguai. A ostensiva ação rosista quebra o marasmo de nossa política. Agora, no Brasil, prevê-se a guerra próxima. Na elaboração do Plano de Guerra destaca-se o seguinte: Medidas políticas — fazer alianças; medidas econômicas — substituir o apoio financeiro francês para a continuação da defesa de Montevidéu (proprocionado por Mauá) e medidas militares — preparação do Exército e da Esquadra para a possível refrega.

Iniciando sua intensa ação diplomática o Brasil assina com o Paraguai um tratado de Aliança defensiva e ofensiva (1850).

Rosas está no fastígio da glória e do poder. Quer fazer desaparecer o concorrente que o observa de Entre-Rios. Faz a segunda patranha: renuncia de novo. Urquiza que, na primeira tentativa, havia se solidarizado com as demais Províncias no apêlo dramático à continuação do Ditador, rebela-se. O incansável "loco-tenente" do tirano de Buenos Aires é, agora, seu figadal inimigo.

2. **O Convênio de 29 de maio de 1851. Preliminares da guerra:**

O Império, pressionado pelos acontecimentos e diante da ostensiva agressividade do ditador argentino, faz novas alianças.

Diz Calógeras: "A fim de preparar alianças e para evitar a acusação de que o Império se preparava contra a Argentina, o Brasil tratou de se unir aos argentinos que lutavam contra Rosas e a lhe conferir a chefia da luta contra o Ditador. A única coisa lógica, efetivamente, após o espalhafatoso rompimento de Rosas com o Império e a retirada do Rio

do General Tomás Guido, Ministro da Argentina, era a aliança franca do Brasil com o govêrno de Montevidéu; a 29 de maio de 1851, foi a assinatura do tratado ofensivo e defensivo do Império com êsse govêrno, subscrito pelo Ministro brasileiro Silva Pontes e pelo Uruguai e Entre-Rios, por Manuel Herrera y Obes e Antônio Cujás y Sampere, e explanado e pôsto em condições de se aplicar, pelo tratado do Rio de Janeiro de 12 de outubro de 1854" (4).

O Convênio assinado tinha em vista apear Oribe do poder, atendendo os interêsses das partes contratantes.

Para representar o Brasil junto aos novos aliados é nomeado Honório Hermeto Carneiro Leão, futuro marquês de Paraná. Sem detença o Brasil se prepara para a guerra, aproveitando as lições do passado nas lutas platinas. "Foi o Marechal Conde de Caxias nomeado chefe das hostes imperiais. Enquanto em Buenos Aires Congresso, imprensa, manifestações populares, arruaças mais ou menos açuladas pelo govêrno rosista, despejavam sôbre o Império torrentes de injúrias e de doestos, ia o Império preparando-se ativamente para a luta. Era óbvio que o Rio da Prata teria de representar papel saliente na contenda, de sorte que na Côrte se teve o cuidado de convidar para o comando naval um oficial cheio de méritos e de serviços e conhecedor do teatro das futuras operações" (4). É o Almirante João Pascoe Greenfell, inglês a serviço do Brasil desde 1823, quando nomeado por Lord Cockrane, tendo se destacado nas lutas da Independência e dos Farrapos.

Embora improvisando seus recursos bélicos, o Império dispunha no Prata, em 1851, de: Quatro divisões, comandadas por Bento Manoel, Caldwell, Pereira e David Canabarro, e a artilharia de Silva Bittencourt, no Exército e uma fragata, sete corvetas, três brigues e seis vapôres, na Armada.

3. **As causas da guerra :**

Em síntese, foram causas efetivas das lutas contra Oribe e Rosas:

a) Defesa dos limites com o Uruguai firmados no Pacto de Montevidéu em 1821;

b) Manutenção da independência do Paraguai e Uruguai;

c) Defesa da livre navegação no Prata, fechada por Rosas em 1842;

d) Proteção da vida e propriedade de brasileiros na região fronteiriça com o Uruguai;

e) Predisposição inconteste da política rosista contra o Império.

4. **O teatro de operações, sob o ponto de vista físico militar :**

A História estuda um teatro de operações sob vários pontos de vista, pois o *teatro* significa para ela, a nosso ver, a zona, o local das lutas, as condições de vida, os costumes, a população, o prisma econômico, o sistema hidro-orográfico, enfim, o meio ambiente e o homem no tempo e no espaço encarado. Assim, um teatro *històricamente* pode ser visto sob os ângulos: político, social, étnico, econômico, físico e militar. Cada um dêles, evidentemente, estudando o teatro naquilo que especifica.

Pretendemos aqui ver o teatro de operações sob o ponto de vista *físico-militar*, ou seja, o dos aspectos físicos que interessam às operações militares.

Usaremos para êste estudo da opinião do Major Meton Borges Gadelha. Diz êle:

"Ao primeiro exame, o que ressalta, no teatro de operações referente à luta contra Rosas, é a importância dos rios. As calhas do Uruguai, de um lado, e do Paraná, de outro, repartem êsse Teatro de Operações em três faixas distintas:

— Faixa do Estado Oriental e da Província de S. Pedro do Rio Grande, a Leste;

— Faixa da Mesopotâmia argentina — Província de Entre-Rios e Corrientes, ao centro;

— Faixa das Províncias de Santa Fé e Buenos Aires, a Oeste.

Desde a confluência dos rios Paraná e Uruguai, formando o largo estuário do rio da Prata, passam a existir duas, separadas por considerável obstáculo.

Particularizando o estudo de cada uma daquelas faixas podemos constatar:

a) *Faixa do Estado Oriental e Província de S. Pedro do Rio Grande:*

Caracterizada:

1) Por uma costa marítima baixa, em regra sem ancoradouros, forçando o emprêgo de portos fora dela; ou do Rio Grande e Pôrto Alegre, êste muito distante e aquêle de difícil uso, apesar de mais próximo para apoio de operações mais ao Sul; ou de Montevidéu, no estuário platino;

2) Por cursos de água que correm para o rio Uruguai e que dificultam, na região dêsse vale, as operações na direção S-N, favorecendo as na direção E-W;

3) Pelo vale oblíquo do Rio Negro, estendendo-se desde o território brasileiro até o baixo-Uruguai;

4) Pela região vizinha da costa marítima, permeável aos movimentos em qualquer sentido mas com a sua importância reduzida pelas deficiências daquela costa.

Nesse quadro, destaca-se a importância do vale do rio Negro, para a penetração no território oribista, e nêle a região central de S. Gregório, a importância da calha do Uruguai, como obstáculo a um inimigo W, a importância da costa do estuário e, nelas, da praça de Montevidéu.

b) *Faixa da Mesopotâmia:*

Caracterizada, principalmente, pelas calhas do Uruguai e do Paraná, que a isolam, e que dificultam as operações que imponham uma trans-

posição, facilitando a defensiva e dificultando a ofensiva que pretenda ultrapassá-las. Tal transposição torna-se tanto mais difícil quanto mais à jusante dêsses rios, não só pelo valor dos cortes como, no caso do Paraná, pela existência do delta.

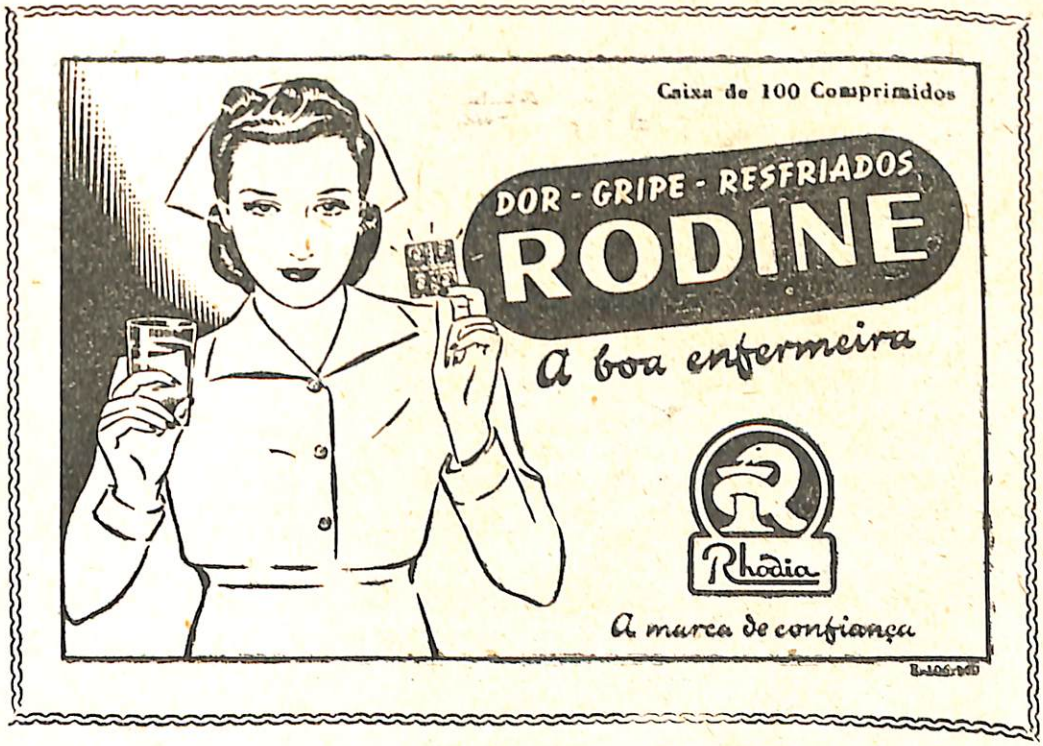
c) *Faixa de Santa Fé e Buenos Aires:*

1) A existência da calha do Paraná e do estuário platino, êsse dominado, em boa parte, pela região da cidade de Buenos Aires, facilitando a defesa e dificultando operações defensivas que impusessem a transposição;

2) A existência dos sucessivos arroios que buscam o Paraná, de valor reduzido mas prestáveis ao retardamento de fôrças que progredissem a cavaleiro do Paraná, na sua margem direita;

3) A região pampeana, permeável ao movimento em todos os sentidos e francamente dotada de aguadas, tanto mais quanto mais afastada do vale do Paraná. Em detalhe: a existência de lagunas que balizam a região vizinha das cabeceiras dos afluentes do Paraná" (9).

(Continua no próximo número)



PUBLICAREMOS EM NOSSO PRÓXIMO NÚMERO

ASSUNTOS MILITARES

I — Como vencer o Comunismo — Cel Ayrton Salgueiro de Freitas

II — Palavras aos Aspirantes — Cel Gilberto Pessanha

III — Vitória sem guerra — Marechal Saundby

EXÉRCITO

I — A Guerra Química em "A Defesa Nacional" — Cap Diógenes V. Silva

II — Comunicações — Cap B. Ramalho

III — Seção do Candidato à ECEME — Maj Germano S. Vidal

MARINHA

I — Os Navios-Aeródromos — CMG Leôncio Martins

II — Contato submarino na costa brasileira — Ten A. Brandão

AERONÁUTICA

I — Reconhecimento Meteorológico — Maj Rabiço

ENGENHOS-FOGUETES E SATÉLITES

I — A primeira viagem à Lua — Cel Ayrton Salgueiro de Freitas

II — Fotogrametria com os satélites terrestres — Cap Lauro Pie

DOUTRINA MILITAR BRASILEIRA — Vários artigos interessantes sôbre a doutrina militar e o desenvolvimento que devemos alcançar para não perdermos a hegemonia do continente sul-americano

GEOGRAFIA

I — Aspectos do problema do minério boliviano — Ten-Cel Danilo Cunha Melo

II — A Terra do Sol — Bill Gordman

III — Problemas da Amazônia — Artur César

HISTÓRIA

I — Querela Célebre — Gen João Pereira de Oliveira

II — As expedições contra Canudos — Marechal E. Leitão de Carvalho

ASSUNTOS DIVERSOS

I — Democracia versus Comunismo — 4ª Parte — A Propaganda Comunista

II — A África Negra e o Comunismo — Ten-Cel Carlos Evaristo

II — SOLUÇÃO DE QUESTÕES ESCOLHIDAS ENTRE AS PROPOSTAS NO NÚMERO ANTERIOR

GEOGRAFIA

QUESTÃO PROPOSTA

Comparar sob o ponto de vista geográfico as áreas costeiras entre o Rio Doce — Cananéia e Laguna — Chuí, acentuando os aspectos semelhantes e dessemelhantes.

SOLUÇÃO

1 — Caracterização das áreas:

A — *Área Rio Doce — Cananéia* — Abrange uma faixa de 350 km costeira, sendo 200 para dentro do Oceano Atlântico e 150 para o interior, compreendendo os Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara e São Paulo. Esta faixa litorânea se acha situada, aproximadamente, no centro do litoral: promontório nordestino — Chuí.

B — *Área Laguna — Chuí* — Abrange o litoral mais meridional do Brasil, confrontando-se com a República do Uruguai. Abrange as costas marítimas dos Estados do Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina.

2 — Aspectos fisiográficos:

Área A — Caracterizada geològicamente pelo arqueano da Serra do Mar e por uma faixa terciária com manchas quaternárias. A orografia se apresenta sob a forma abrupta da Serra do Mar, ora próxima ao litoral, ora se afastando do mesmo. O litoral é bastante recortado, apresenta várias baías e ilhas de grande importância. A vegetação, apesar de um tanto ou quanto desbastada é a mata atlântica. Poucos são os rios que desaguam no Oceano Atlântico sendo os mais importantes o Doce, Paraíba e Iguape. A plataforma continental é larga e profunda não sendo entrave sério à navegação. O clima da área é tropical, quente e úmido (média de 1.500 mm de unidade).

Área B — Caracterizada por uma vasta planície quaternária em sua maioria. Apresenta em Pôrto Alegre e nas serras do SE manchas de arqueano, devido ao reaparecimento da Serra do Mar. Orografia de planície. A hidrografia se resume nas lagoas dos Patos e Mirim ligadas pelo canal de São Gonçalo e nos Rios Guaíba, Camaquã, Pira-

tini e Jaguarão. A vegetação é do tipo mangues e o clima subtropical com verões quentes. As chuvas são bem distribuídas. A plataforma continental é pouco profunda sendo um entrave à navegação.

3 — Aspectos econômicos :

Área A — Grande importância na extração mineral : minério de ferro, areias monazíticas, sal, chumbo, xisto e linhite, são os principais. Agricultura bem desenvolvida tendo como principais produtos o café, algodão, açúcar, frutas, etc. É o litoral mais industrializado do país, abrangendo os dois principais centros industriais : Rio e São Paulo. Conseqüentemente possui a área em causa a infra-estrutura mais importante do país, seja na parte referente à energia como também transportes, (melhor rêde rodoviária e ferroviária), cimento e indústria de máquinas pesadas. A indústria de transformação pode-se também afirmar que é a 1ª, pois fabrica-se desde o alfinête até maquinaria pesada. Na Siderurgia é a 1ª do país, pois Volta Redonda, Acesita, as quase terminadas Usiminas (Cel Fabriciano) e Cosipa (Piassagüera) estarão entre as maiores usinas siderúrgicas da América do Sul. Podemos assim afirmar que esta área é a mais industrializada do país, sendo o seu centro econômico de valor capital.

Área B — Na extração mineral encontramos de importância econômica o Carvão (Laguna, Vale do Jacuí e adjacências), o Cobre (Camaquã) e a Cassiterita (Encruzilhada). Na agricultura vemos como produtos importantes a cebola (2º prod. do Brasil) o arroz (1º produtor), a uva, o feijão, o trigo, etc. A pecuária é bem desenvolvida (no caso encosta da Serra) onde pratica-se a pecuária intensiva. E a região de Pôrto Alegre e parte da Encosta da Serra (S. Leopoldo, Caxias) onde encontramos a zona industrializada do Estado, com metalurgia, produtos alimentícios, indústria de calçado, fábrica de cimento e projeto de construção de um estaleiro (aprovado pelo GEICON). A rêde de estradas é deficiente, tanto para o interior do Estado como as ligações para o resto do país. Podemos concluir que a área em tela, dentro do Rio Grande do Sul é de máxima importância pois é onde se acha a zona industrializada do Estado.

4 — Aspectos políticos e sociais :

Área A — Abrange o litoral de 4 Estados da Federação, sendo que ainda pode-se considerar como o centro político do Brasil. Nesta área encontramos a Capital do Estado de São Paulo e do Estado da Guanabara, ambas exercendo grande influência na política nacional. O índice demográfico da área é de 15 hab/km 2, sendo que nas grandes cidades chega a alcançar a 100 hab/km 2. A salubridade e o estado cultural podem ser considerados muito bons. A imigração estrangeira se faz notar, principalmente em São Paulo e Rio com grande número de imigrantes japonêses.

Área B — Abrange o litoral de dois Estados, sendo parte do de Santa Catarina e completo o do Rio Grande do Sul. Tem em sua área a capital de Pôrto Alegre, centro político do Estado. A densidade

demográfica apresenta da ordem de 10 hab/km 2 e nos grandes centros 50 hab/km 2. O índice cultural é bom nas cidades e fraco nas áreas adjacentes, como também o estado sanitário. A imigração estrangeira é grande, principalmente de uruguaios na fronteira sul, de alemães e italianos na Encosta da Serra.

5 — Aspectos militares :

Área A — É onde se acha o centro econômico, político e cultural do país. Nesta área encontramos 40% das Fôrças Armadas. É sede do comando do I e II Ex, de Zona Aérea e Distrito Naval.

Área B — É de grande importância devido sua posição mais meridional do país, limitando-se com o Uruguai. É Comando do III/Exército e nela se acham locadas várias Unidades.

6 — Aspectos semelhantes e dessemelhantes :

a) Na Fisiografia das áreas :

Comparando sob o aspecto puramente geográfico podemos afirmar que não existe semelhanças entre os fatôres fisiográficos das áreas em estudo. Assim predominam os elementos dessemelhantes : orografia, geologia, vegetação, hidrografia e clima e plataforma continental.

b) Na economia :

Semelhantes — Em ambas as áreas a pecuária é desenvolvida, apesar de características diferentes. Em ambas, a industrialização se faz notar, principalmente nos grandes centros. O binômio Rio—São Paulo é a área mais industrializada do país e a área Pôrto Alegre — São Leopoldo, a mais industrializada no Rio Grande do Sul.

Dessemelhantes — A agricultura, no que se refere aos produtos, é diferente. A rêde de transportes na área A pode ser considerada muito boa enquanto que na área B é deficiente. A indústria pesada na área A é uma realidade enquanto que na área B acha-se em projeto. (Construção naval, automob., etc.).

c) Na Política e Social :

Semelhantes — Em ambas, se acham grandes capitais de Estado e conseqüentemente os centros políticos das áreas. Na área A encontramos o centro político do país e na área B o centro político do Rio Grande do Sul. O estado cultural nos grandes centros, bem como as condições de saneamento podem ser consideradas muito boas. A imigração estrangeira se faz notar em ambas as áreas, aparecendo êstes núcleos em regiões distintas.

Dessemelhantes — Na área A o índice demográfico é bem superior ao da área B nas grandes cidades. O número de municípios e Estados é maior na 1ª que na 2ª.

d) Sob o aspecto militar :

Semelhantes — Ambas têm grande importância militar. A área A tendo em vista seu potencial econômico e militar deverá apoiar

logìsticamente qualquer operação no território nacional. A área B apoiará logìsticamente o TO do Rio Grande, principalmente a região fronteiriça sul e oeste.

Dessemelhantes: Poderio militar da primeira superior em relação à segunda.

Observações:

1 — Não confundir a faixa costeira com tôda a região;

2 — Encruzilhada parece estar fora da área;

3 — A geografia é uma ciência de fatos. Só mencionar projetos e possibilidade quando fôr imperioso ou a questão exigir (estudo de situações ou de áreas isoladas);

4 — Os Municípios de Pôrto Alegre e Pelotas têm mais de 100 habitantes por km 2;

5 — Sob o ponto de vista industrial é diferente;

6 — O qualificativo regional e nacional basta para mostrar que são diferentes. O fato de existência de centro político não é semelhança é fato normal, comum a todos os Estados;

7 — Diferença no quadro das hipóteses de guerra continental e extracontinental.

OBSERVAÇÃO GERAL: Trabalho realizado pelo Maj "B". Metódico, muito objetivo, suficientemente completo. Mereceu menção Muito Bom. Valiosa colaboração do Curso do Gen Flamarion.

HISTÓRIA

QUESTÃO PROPOSTA

"Focalizar o "ESFÔRÇO MILITAR PORTUGUÊS NO BRASIL", durante o Período Colonial, e assinalar, justificando, "SUAS CONSEQÜÊNCIAS, na formação dêsse país."

* * *

ESQUEMA:

A — INTRODUÇÃO

1) Intenções da Coroa com relação ao Brasil;

2) Maior interêsse inicial pelas Índias;

3) Interêsse de outras potências européias — Atitude de Portugal.

B — MANUTENÇÃO DA POSSE E DEFESA CONTRA AGRESSÕES EXTERNAS:

1) Reconhecimentos Gerais e expedições guarda-costas Martin Afonso de Souza — Capitanias;

2) Govêrno Geral — Franceses no Rio de Janeiro e no Maranhão — Fortificação da costa leste-oeste — Disputa da região do Cabo Norte e da Amazônia;

3) Guerra Holandesa — Inssurreição Pernambucana.

C — DILATAÇÃO DA CONQUISTA — LUTAS PARA MANTE-LA:

1) Entradas e Bandeiras;

2) A Colônia do Sacramento — Luta contra os espanhóis no Sul;

3) D. João VI no Brasil — Incorporação da Cisplatina — Organização das Fôrças Armadas.

D — CONSEQUÊNCIAS.

E — CONCLUSÃO.

* * *

SOLUÇÃO

A — INTRODUÇÃO:

Portugal, na época do descobrimento, tinha tôda sua atenção voltada para as Índias. O interêsse inicial, provocado pela notícia da nova terra descoberta, foi logo substituído pelo esquecimento e descrédito, por não se encontrar aqui, de imediato, as riquezas ambicionadas. Aqui não havia o ouro nem povos que produzissem o bastante para um comércio rendoso, o que possuía a Índia, cujo adiantamento e riqueza acumulada atraíram o português. A terra abandonada foi alvo da ambição de outras potências européias, entre as quais se destacou a França. Tão intensiva foi a atividade dos franceses, exercendo o contrabanso em larga escala e fundando feitorias semipermanentes, que chegou a despertar o interêsse de Portugal. Êste, desprovido de recursos suficientes ara atender convenientemente ao comércio com as Índias e à colonização do Brasil, ao mesmo tempo, sentiu contudo que estava diante das seguintes alternativas: ou colonizar o Brasil ou perdê-lo.

Foi a falta de recursos que orientou a formação do sistema das Capitanias Hereditárias, assim como também, ao longo de todo o Período Colonial, a colonização se realizou empenhando-se ao máximo os recursos da terra com um mínimo de dispêndio por parte da Coroa. Não fugindo à regra geral, a mesma atitude foi adotada no esfôrço militar, tanto para efetivar a posse quanto para dilatar a conquista.

No esfôrço militar português, podemos caracterizar as diversas ações bélicas dentro das seguintes atitudes:

B — MANUTENÇÃO DA POSSE E DEFESA CONTA AGRESSÕES EXTERNAS.

1) *Reconhecimentos Gerais e Expedições Guarda-Costas:*

Portugal procurou inicialmente reconhecer a nova terra e determinar seus recursos. Verificando que êstes eram pobres, por largo espaço de tempo relegou-a ao olvido. Despertado por incursões de outras potências, procurou guardá-la e iniciar a colonização com as Capitanias. Dentro desta idéia podemos citar:

— 1501 — Gaspar de Lemos: reconhecimentos;

— 1503 — Gonçalo Coelho;

— 1516 e 1526 — Cristóvam Jacques: guarda-costas — fundação da Feitoria de Itamaracá;

— 1530 a 1532 — Martim Afonso de Souza: exploração do litoral — fundação de São Vicente — Combate aos franceses;

— 1532 — Capitanias Hereditárias: possuiam organização militar própria para a defesa do território.

Das Capitanias resultaram dois núcleos de importância: Pernambuco e São Vicente.

2) *Govêrno Geral — Franceses no Rio de Janeiro e Maranhão. Disputa da região do Cabo Norte e Amazônia:*

O Govêrno Geral foi criado para coordenar os esforços a fim de que se efetivasse a colonização que as Capitanias não tinham conseguido realizar. Foi localizado na Bahia de Todos os Santos, fundando-se Salvador. Detinha o poder político e militar, sendo um dos seus auxiliares o "Capitão-mor da côrte", e encarregado da defesa do litoral. Com o Govêrno Geral vieram os primeiros 600 soldados profissionais do Exército Português, bem como o "Regimento de El Rei, de 1548", lei orgânica da Fôrça Armada no Brasil. Surgiram as "Milícias pagas" (Profissionais) e as "Milícias não pagas", organizadas com gente da terra. Os franceses no Rio de Janeiro deram origem ao primeiro grande esfôrço defensivo, coordenando os recursos militares do N e do S e dando origem à fundação do Rio de Janeiro (1565). Os franceses no NE e a conquista no Maranhão (1612), mais uma vez fizeram com que os recursos fôssem mobilizados Daí se originou a expansão praa o N e a conquista e fortificação da costa L-O (Alexandre de Moura — Castello Branco — Jerônimo de Albuquerque). Alexandre de Moura fundou Belém em 1616, base donde se coordenou a conquista da Capitania do Cabo Norte e Amazônia. Esta se realizou a custo de várias e continuadas lutas contra franceses, inglêses e holandeses.

3) *Guerra contra os holandeses*:

De 1624 a 1654, a guerra contra os holandeses congregou todo o esfôrço militar da Colônia. Culminou com a Insurreição Pernambucana, em auxílio da qual ocorreram fôrças de várias capitanias, notadamente de São Paulo.

C — DILATAÇÃO DA CONQUISTA — LUTAS PARA MANTÊ-LA:

1) *Entradas e Bandeiras*:

As Bandeiras, ainda que organizadas por iniciativa privada, revestiram-se, muitas vêzes, de caráter militar. Cumpriram missões tanto ofensivas quanto defensivas, colaborando decisivamente na defesa da terra e na dilatação do domínio português. Territórios que, històricamente deveriam pertencer à Espanha, foram conquistados pelas Bandeiras: Planalto de Mato Grosso, Reduções de Guaíra, Reduções de Tapes (Rio Grande), etc.

2) *A Colônia do Sacramento — Lutas contra os espanhóis no sul*:

Tendo os paulistas conquistado o interior até as regiões de Mato Grosso e havendo se garantido o domínio da região amazônica, sentiu o português a necessidade de dominar a bôca do Prata, a fim de que assegurasse, através dos rios, as comunicações com os núcleos do interior. Para tanto, fundou em 1680 a Colônia do Sacramento na margem N do Estuário do Prata. A fundação da Colônia, desencadeou as lutas no sul que se prolongaram por mais de um século. Surgiu então o Rio Grande como cenário de lutas sem trégua, transformando-se em base militar e dando formação a uma comunidade militar.

3) *D. João VI no Brasil — Incorporação da Cisplatina — Organização das Fôrças Armadas*:

Chegando ao Brasil, D. João VI adotou uma série de medidas de caráter militar que muito vieram influir em nossa formação. Entre elas se destacaram:

a) melhoria das fortificações; aumento do efetivo das tropas de linha; a criação das secretarias da Marinha e Guerra; Reorganização do Exército; Construção de Arsenais; Laboratórios Químicos, fábrica de pólvora e ferro; Fundação da Academia Militar e da Academia de Guardas-Marinha; Criação dos Quartéis-Generais do Exército e da Marinha;

b) Intervenção e incorporação da Cisplatina e conquista da Guiana Francesa.

D — CONSEQÜÊNCIAS :

1) Manutenção da unidade geográfica ;

JUSTIFICATIVA — As lutas contra as agressões externas e o êxito obtido nas mesmas, evitaram que o Brasil tivesse seu território retalhado entre diversas potências, do que resultaria a formação de vários Estados independentes.

2) Miscigenação e formação étnica do grupo brasileiro ;

JUSTIFICATIVA — Brancos, índios e negros se incorporaram nas mesmas fileiras que combateram os invasores. Na luta em defesa dos interêsses comuns, no contato constante durante os combates e se solidarizando no sacrifício da guerra, quebraram os preconceitos que porventura ainda existiam tornando a miscigenação mais efetiva e possibilitando a formação étnica do grupo brasileiro e infundindo ao Exército um nítido sentido democrático.

3) Sentimento nativista e entrelaçamento dos núcleos populacionais ;

JUSTIFICATIVA — Desde a luta contra os franceses no Rio de Janeiro até as guerras no Sul, se desenvolveu um espírito de apoio mútuo entre os diversos núcleos demográficos. A cada ponto ameaçado acorriam de todos os núcleos fôrças em auxílio. As milícias organizadas com gente da terra, constituíram a fôrça combatente que enfrentou os invasores ao N no centro e no Sul. Tornou o luso-brasileiro por se convencer de que era capaz de defender sòzinho o Brasil, dispensando a ajuda do Reino.

4) Dilatação do Território ;

JUSTIFICATIVA — As Entradas e Bandeiras e as lutas ao Sul, incorporaram ao domínio português terras que històricamente deveriam pertencer à Espanha. Após os tratados de Madri e Santo Ildefonso, pontilhou o Marquês de Pombal a nossa zona fronteiriça por uma cadeia de fortes, marcando a nossa fronteira.

5) Divisão política do território ;

JUSTIFICATIVA — Tendo em vista as necessidades sucessivas, apresentadas ora ao N, ora ao Sul, com relação à defesa do território, o poder não só foi deslocado como dividido, por muitas vêzes.

Tivemos assim a formação do Estado do Maranhão (1621), a formação do Govêrno Geral de Pernambuco (1657), a Capitania do Cabo Norte (1537).

6) Bases para a formação das Fôrças Armadas ;

JUSTIFICATIVA — O emprêgo dos filhos da terra nas lutas em sua defesa, bem como no combate ao indígena, ensejou a criação de uma tática própria do colono, tornando-o capaz para a luta. Além disso, o Serviço Militar Obrigatório e a Formação das Milícias desde

1548, formaram os embriões dos nossos corpos de tropa, que tomaram feição definitiva com a chegada de D. João VI ao Brasil.

7) Formação social;

JUSTIFICATIVA — O Rio Grande do Sul é o exemplo típico da influência do esfôrço militar na formação social do Brasil. Lá, nas lutas contra o espanhol, se plasmou uma sociedade tipicamente militar.

* * *

E — CONCLUSÃO:

De um modo geral, pode-se concluir, que o esfôrço militar português, durante o Período Colonial, influenciou na formação do Brasil, quer geográfica como política ou socialmente.

Legando-nos um território unido geográfica e politicamente, trabalhado por um povo que foi caldeado por lutas contínuas em defesa da terra, que pouco a pouco foi considerando sua, Portugal, movido como foi pela ambição, ao explorar ao máximo a Colônia com o mínimo de dispêndio por parte da Coroa, insensìvelmente colaborou para a formação do Brasil.

Além disso, a vinda do seu Soberano, D. João VI, terminou por impulsionar o Brasil no sentido de Independência, deixando-nos inclusive com Fôrça Armada organizada, sustentáculo da nossa Independência e integridade nacional, logo a seguir.

* * *

OBSERVAÇÕES

1 — Organização militar.

2 — Alcaide-mor, Comandante da fôrça terrestre.

3 — Tinham uma organização par-militar e foram empregadas em lutas contra os indígenas e negros revoltados.

4 — Nessa época não havia núcleos de população no centro-oeste. O que desejava era fechar o contôrno da costa fluvial da ilha Brasil.

5 — As ordenanças do Conde de Lippe tiveram grande influência na organização e nos recessos operacionais da Fôrça Armada.

6 — O esfôrço militar se fêz sentir ainda na manutenção da segurança interna. Influiu na organização e na mentalidade do Exército. (Democrática e miliciana) e na da Marinha.

OBSERVAÇÃO FINAL: Trabalho realizado pelo Caf W. Metódico, claro, sintético. Mereceu menção *muito bem.*

Preciosa contribuição do Curso do Gen Flamarion.

III — QUESTÕES DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

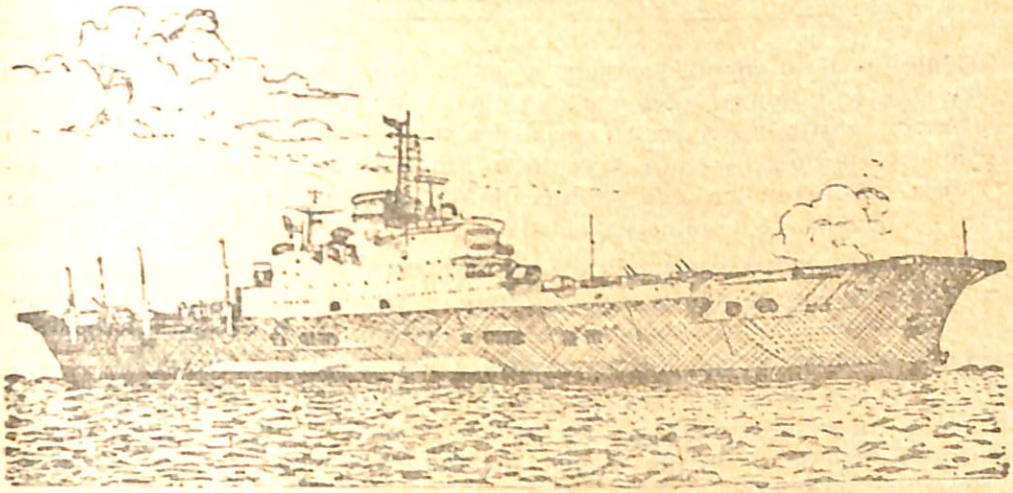
Prosseguindo na publicação de questões elaboradas de acôrdo com Programa do Concurso à EsCEME, na parte de Cultura Geral, arrolamos mais cinco de cada matéria. Em número seguinte A DEFESA NACIONAL dará publicidade a uma solução, de cada uma das matérias, certa de estar, dessa forma, incentivando o sempre crescente número de oficiais que se preparam, metòdicamente e a longo prazo, para o sucesso dessa etapa de vida profissional.

a. *HISTÓRIA*

1. Caracterizar a influência do fator geográfico na formação da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Chile.
2. Analisar a evolução da organização político-administrativa estabelecida pelos espanhóis na Bacia do Prata e caracterizar as causas das mudanças ocorridas.
3. Comparar a Batalha dos Guararapes, verificada em 19 Abr 1648, com a que ocorreu em 19 Fev 1649, tendo em vista caracterizar:
   — as causas dessemelhantes da derrota holandesa;
   — as causas semelhantes da vitória luso-brasileira.
4. Conseqüências, para cada um dos países integrantes da Bacia do Prata, da Guerra contra Rosas, desencadeada em 1851-52.
5. Conseqüências políticas, sociais e econômicas da Abolição, distinguindo a repercussão nas regiões do Brasil onde essas conseqüências tiveram características diversas.

b. *GEOGRAFIA*

1. Partindo de um estudo sumário da região amazônica, no qual sejam apreciados os principais problemas políticos desta área e as possibilidades econômicas que a mesma apresenta, mostrar as possíveis conseqüências que advirão para a segurança nacional com o aproveitamento econômico das estradas BELÉM — BRASÍLIA e BRASÍLIA — RIO BRANCO.
2. Uma raça cósmica em processo de formação no BRASIL.
3. Tendo em vista o desenvolvimento da indústria siderúrgica no continente sul-americano, mostrar:
   a. as fontes de matérias-primas dessa indústria, existentes nos países da América do Sul;
   b. a possibilidade de intercâmbio dessas matérias-primas entre os diversos Estados sul-americanos;
   c. o atual estágio de desenvolvimento da siderurgia nos países da América do Sul.
4. A indústria petrolífera no Brasil e na Argentina.
5. O problema da energia no Brasil.



MARINHA

Coordenador: Ten da Armada A. BRANDÃO DE FREITAS

CAPITÃO-TENENTE ESTANISLAU PRZEWODOWSKI

EDMUNDO GARDOLINSKI

Filho de ilustres imigrantes poloneses, escreveu uma heróica página de nobreza da história gaúcha. O famoso incidente ocorrido entre o Comandante da Flotilha da Marinha de Guerra do Brasil do Alto Uruguai, sediada em Itaqui e as autoridades de Alvear, na Argentina.

Desagravada a Bandeira do Brasil e a honra dos gaúchos missionários. Outras interessantes paisagens da vida do grande marinheiro que foi Przewodowski estão contidas neste artigo do escritor brasileiro Edmundo Gardolinski.

Ten Brandão

"ITAQUI, plantada no território de velha fazenda jesuítica do Rincão da Cruz, à margem do Uruguai, na foz do Cambaí, comemora, neste ano, sua data centenária..." assim se manifestou o consagrado escritor Manoelito de Ornellas, no seu magnífico artigo, sob o título "Italianos de Itaqui".

E neste momento em que procuramos evocar os pioneiros da imigração gaúcha, e tôdas aquelas figuras do passado, que concorreram para a formação histórica do Rio Grande do Sul, parece-me oportuno relembrar um notável incidente ocorrido naquela legendária cidade. Aliás, a

propósito dêste mesmo episódio o já citado historiador diz ainda no seu artigo: "Houve época em que Itaqui, pequenino no seu perímetro urbano, constituía um centro social dos mais destacados da fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina. Em 1893, com a Revolução Federalista destinaram-lhe uma Flotilha da Marinha de Guerra do Brasil, que foi o encanto e o orgulho da cidade".

Eis que o ilustre articulista ao descrever a influência exercida pelos oficiais vindos da Côrte, nos costumes e festas da época, mencionou ràpidamente o bravo Comandante da Flotilha Capitão-Tenente Estanislau Przewodowski e o Teatro que leva o seu nome.

Tratando-se de um brilhante oficial da Marinha de Guerra, filho de ilustres imigrantes poloneses radicados na Bahia, e que o destino veio trazer à fronteira do Rio Grande do Sul, em fins do século passado, procurei obter maiores dados, a fim de divulgar despretensiosamente, alguns aspectos pouco conhecidos do famoso incidente internacional que estêve envolvido no dia 22 de junho de 1874, o heróico Capitão-Tenente Estanislau Przewodowski.

Vejamos um pouco de história, desta verdadeira história que deveria servir de guia e inspiração à nossa mocidade, que, infelizmente, nem sempre dispõe de tempo para as coisas do passado.

ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS DO ILUSTRE HERÓI DE ITAQUI

O ilustre engenheiro militar polonês André Przewodowski tomou parte ativa na revolução libertadora de 1830 como oficial da cavalaria. Dominada a revolução pelas tropas moscovitas, recusou a anistia oferecida pelo czar por não ter querido assinar o pacto de submissão ao govêrno russo. Exilou-se na Inglaterra, tendo participado na construção de grandes obras como na do primeiro túnel sob o Tâmisa. Achava-se em Londres quando foi convidado pelo Ministro brasileiro para dirigir as obras públicas da Província da Bahia. Chegou ao Brasil em 1839 casando-se a 28 de novembro de 1840; dêste consórcio houve 12 filhos. A Bahia lhe deve as suas melhores obras, entre elas: a ponte metálica "D. Pedro II" sôbre o Paraguaçu com 366 metros de comprimento, ligando S. Félix a Cachoeira; o canal de Ilhéus que une o Rio Itaipe ao Itabuna e favorece essa riquíssima região; remodelação de Alfândega, levantamentos topográficos que hoje são aceitos sem discussão pelos tribunais. Conta-se que após os levantamentos geológicos que fêz, afirmou existirem depósitos petrolíferos no subsolo baiano por volta de 1859, quando Drake na Pensilvânia fêz jorrar casualmente o precioso líquido. Apresentou o traçado das primeiras estradas de ferro e o primeiro projeto das obras do pôrto da Bahia. Foi agraciado pelo Império inúmeras vêzes pela excelência dos trabalhos que executou, falecendo aos 30 anos de idade a 31 de março de 1879.

O Capitão-Tenente Estanislau Przewodowski, filho primogênito do engenheiro polonês André Przewodowski e de D. Rozalina Augusta Dultra, nasceu em Salvador, capital da Província da Bahia, a 22 de

outubro de 1843. Estanislau matriculou-se na Escola Naval a 22 de fevereiro de 1588. Promovido a guarda-marinha em 30 de novembro de 1860, partiu no ano seguinte em viagem de instrução, na corveta Bahiana para os Estados Unidos da América e Europa. Segundo-Tenente em 1862; Primeiro-Tenente em 1864; Capitão-Tenente em 1869.

UMA CARREIRA DE BRAVURA E DE HEROISMO A SERVIÇO DO BRASIL

Fêz parte da expedição do Amazonas na questão peruana. Espontâneamente ofereceu seus serviços ao Govêrno em 1864 ao iniciar-se a guerra do Paraguai (1865). Aí se distinguiu pela bravura, batendo-se em Riachuelo, Cuevas, Curupaiti e Humaitá. Como comandante da canhoneira Greenhalgh, tomou parte no bombardeio e destruição dos acampamentos paraguaios do Salto de Santa Maria e San-José-mi, no Alto Paraná, desembarcando com a fôrça composta dos destacamentos dos quatro navios que ali se achavam. Tomou parte no sítio e bombardeio da fortaleza de Humaitá, assistindo-lhe à rendição. Foi elogiado pelo Imperador, pela Câmara dos Deputados e pelas altas autoridades da Marinha. Achou-se no bombardeio de Paissandu, na tomada de Corrientes, forçou as passagens de Mercedes e Cuevas. Auxiliou a passagem do Exército no Passo da Pátria conduzindo, no transporte "Suzan Bearne", então sob seu comando, as fôrças de infantaria que desembarcaram acima da foz do Paraguai. Como oficial da corveta Beberibe destruiu as primeiras fortificações de Curupaiti. Como comandante da canhoneira Greenhalgh subiu o Alto Paraguai cortando as comunicações entre Corrientes e o inimigo, destruindo tôdas as guardas paraguaias nas margens daquele rio até 60 léguas acima do Passo da Pátria.

Percorreu a parte navegável do Iguaçu, efetuando assim a primeira navegação a vapor nessa paragem longínqua do território brasileiro.

Levou ainda as suas explorações até ao majestoso Salto das Sete Quedas. De volta desta expedição desceu o Passo da Candelária, efetuando a passagem da divisão brasileira sob o comando do General Portinho, protegendo-a e suprindo-a de recursos. Em 1869 foi promovido por merecimento a Capitão-Tenente (hoje correspondente a Capitão-de-Corveta), tendo sido ainda distinguido com as seguintes condecorações: cavaleiro de Aviz, do Cruzeiro de Cristo e da Rosa, medalha argentina pela tomada de Corrientes; da batalha naval de Riachuelo, da Campanha General do Paraguai, com o passador de cinco anos, e a medalha de Mérito Militar.

Terminada a guerra (1870), desempenhou duas importantes missões, uma em Mato Grosso, outra no Rio Grande do Sul, ainda comandante do "Greenhalgh". Regressou, então, ao lar paterno coberto de louros, após oito anos de ausência.

Não tardou a ser convidado para espinhosa missão, que vários oficiais superiores da Armada relutaram aceitar, o comando da Flotilha do Alto Uruguai, cuja guarnição indisciplinada, justamente quando as relações entre o Brasil e Argentina se achavam estremecidas. Não afastou

de si o pêso da responsabilidade, tal era o molde do caráter daquele que trocava a viagem de estudos à Europa pela campanha do Paraguai.

Ouvido, aceitou o comando da flotilha que foi aumentada e tornada autônoma e independente da do Rio Grande do Sul.

Aí ocupou-se o bravo marinheiro de levantar a planta do Rio Uruguai e a passagem do Salto Grande, pelo que foi elogiado pelo respectivo Ministro (aviso de 21-1873), pela imprensa do Rio da Prata, do Rio de Janeiro, Bahia e outras províncias.

O DESAGRAVO DA SOBERANIA OFENDIDA

Distinto e conhecido como era, teria sido convidado pelo Major Antonio Cardozo Pereira de Mello e sua mulher Bazília Ferreira Bicca Pereira de Mello, gaúcha, talentosa e de raras qualidades, para visitá-los. Aí conheceu a prole do casal, todos gaúchos, sendo que Felicidade Perpétua, de excepcional beleza e inteligência, o impressionou tanto de tal modo que ela ficou encantada, que logo obtiveram a licença a que eram obrigados os enamorados. Estanislau estava com 32 anos. A residência do major ficou sendo um ponto obrigatório de Itaqui, onde as môças da cidade e a oficialidade da Marinha se reuniram em festas alegres e culturais. Foi nesta época que se deu o incidente de Alvear, cidade argentina fronteira a Itaqui. Ei-lo: Determinado doente fôra desenganado pelos médicos de Alvear, quando se lembraram do médico da flotilha brasileira, Dr. Amphiloquio Freire de Carvalho. Com a licença do seu comandante, seguiu o Dr. Amphiloquio para Alvear, conseguindo salvar o doente desenganado, obtendo, por isso, um sucesso impressionante. Daí por diante, com fama sempre crescente, passou a ser chamado com constância à vila argentina, o que muito desgostou os médicos locais, até que, de certa feita, de modo estranho foi solicitado por carta ao que foi advertido pelo comandante que temia por sua segurança e integridade. De fato, as apreensões se justificaram quando o médico da Marinha voltou carregado e em deplorável estado. Revoltado pelo desrespeito àquele homem que, caritativamente passara a cuidar da população de Alvear, e também à farda que era também a sua, exigiu satisfações imediatas. Comandante experiente e responsável, o Capitão-Tenente Przewodowski concedeu ainda um prazo para a resposta, e esta, além de tardia, foi grosseira e ofensiva. A idéia de soberania ofendida era rígida e a indecisão não era, como não é, própria dos bravos!... E os canhões da flotilha entraram em ação, sem ofender os edifícios, para mostrar, até que ponto, levava a dignidade da farda que envergava e da bandeira de sua pátria.

UM ATO DE HOMBRIDADE E CIVISMO

Em 1874, por causa dêsse incidente, foi submetido ao Conselho de Guerra pelos "fatos ocorridos entre a Flotilha de Uruguaiana e autoridades argentinas da povoação de Alvear". Foi unânimemente absolvido, depois de memorável defesa sustentada pelo Conselheiro Ferreira Vianna. Demitido pelo Govêrno Imperial, justificou-se e defendeu-se tão bem do

que o Govêrno classificara de ato de imprudência, para reconhecer mais tarde como ato de hombridade e civismo, que foi de novo chamado ao serviço da Armada com promessas de acesso, graças ou mercês. A recusa mais formal a convites e instigações para voltar ao efetivo da Marinha foi a resposta dêste distinto brasileiro à tardia reparação da injustiça que lhe tinha sido infligida. E tão nobre foi o seu procedimento, tão aplaudida a sua conduta como chefe daquela flotilha, que o Comércio do Rio de Janeiro lhe ofereceu uma espada de ouro, que será o mais precioso brasão de sua gloriosa vida de marinheiro". Daí também o teatro que lhe conserva o nome em Itaqui.

CASOU-SE COM ÚMA NOBRE FILHA DO RIO GRANDE DO SUL

Em 12 de junho de 1875, depois de voltar ao Rio Grande do Sul, casa-se com Felicidade Perpétua, na cidade de Jaguarão.

Tinha o curso da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e dedicou-se a nova profissão. Com o seu colega Colatino Marques de Souza Filho, organizou o projeto "A Barra do Rio Grande do Sul", causa de sua obstrução e de sua remoção — Rio de Janeiro, 1889, in 8.o, com uma planta. Foi ainda engenheiro chefe da Comissão de Demarcação e Colonização dos Vales dos Rios Pardo e Jequitinhonha; foi juiz-comissário de Terras em Belmonte; engenheiro-chefe da Cia. Norte Mineira de Terras e Colonização em Pôrto Seguro, na aBhia, e ainda gerente da Cia. de Navegação Baiana, onde prestou os mais assinalados e relevantes serviços ao Brasil, até o ano de 1898.

Na Rua do Paço do Saldanha, Distrito da Sé, contando 59 anos de idade, faleceu a 25 de agôsto de 1903, deixando uma prole de 5 filhos, Esther, Francisco Estanislau e Marietta, falecidos, e Francesa e Bazílio, vivos.

No intuito de focalizar melhor êste famoso incidente que lhe granjeou as maiores simpatias e admiração do nobre e valente povo gaúcho, vejamos, segundo publicação feita em 1835, pelo Sr. Paulo José Pires Brandão, na sua obra intitulada "Vultos do meu caminho", onde vamos encontrar, em síntese, esta belíssima narrativa sob o título:

ESTANISLAU PRZEWODOWSKI BRAVO E BRABO BAIANO DE NASCIMENTO E GAÚCHO DE CORAÇÃO

Foi bravo e brabo oficial da Marinha de Guerra Brasileira, desta marinha sempre brilhante, nunca vencida nem humilhada, marinha de Barroso, Tamandaré e Saldanha da Gama, que apesar da triste época que atravessamos em que tudo tem caído por terra, ainda está de pé, esta marinha imortal. Quase sem navios, sem material, sem dinheiro, ainda vive com galhardia, mostrando a sua reta disciplina e cada um de seus oficiais é o homem fino, educado, cheio de sabedoria que o Brasil exibe no estrangeiro, para espanto do mundo, acreditando desta maneira nos nossos foros de alta civilização e fidalguia.

Descendente de poloneses, tão grande por seu berço como por seu sangue, pois ser polonês foi e sempre será sinônimo de herói. Seu pai

André Przewodowski, natural da Polônia, emigrando de sua infeliz pátria ao jôgo da escravidão da Rússia, naturalizou-se cidadão brasileiro e viveu muitos anos na Bahia onde prestou relevantes serviços como notável engenheiro, sendo alguns transcritos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

No limiar de sua carreira rompeu a guerra do Paraguai e com o troar da artilharia, na peleja dos combates, as suas promoções foram vindo sem a contagem do tempo necessário, porque a bravura o suplantava.

Finda a guerra, estava Przewodowski cheio dos lauréis com que se revestem heróis e guerreiros, cicatrizes, galões, condecorações e medalhas, rosto enrugado, fronte encanecida e corpo môço. Já dizia Napoleão, quando lhe negaram um pôsto na frente da batalha sob alegação de que era muito môço: "Não vem ao caso, porque no campo de batalha se envelhece depressa".

Continua Przewodowski como oficial da Marinha, na paz como o era na guerra, calmo, honrado e cumpridor exato de seus deveres. No pôsto de Capitão-Tenente, comandava a flotilha de guerra do alto Uruguai que estacionava defronte da cidade brasileira de Itaqui, cidade fronteira à antiga Vila de Alvear na República Argentina. O médico da flotilha, o Dr. Amphiloquio Freire de Carvalho, pela sua notável proficiência, era ocupado em suas horas a atender chamados de clínica, nessas duas cidades fronteiriças, porém em Alvear por várias vêzes foi alvo de manifestações de desagrado por inveja de charlatães locais, manifestações estas que foram até a forte agressão por parte da Polícia de Alvear, ao ponto de vir para bordo carregado em braços, tais eram os ferimentos recebidos. Imediatamente Przewodowski manda uma reclamação às autoridades de terra e teve como resposta: "Se êle era médico que se curasse a si próprio". Mais ofensiva não poderia ter sido essa resposta para os brios dêste patriota. Przewodowski sentiu como que uma nuvem toldar-lhe a vista e teve a visão de estar içado nas vergas de seu navio o sinal de Barroso em Riachuelo: "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever". Mandou pedir satisfação a esta resposta. A satisfação não veio. Guarnição a postos! gritou Przewodowski e os canhões que dormiam desde o Paraguai, despejaram fogo sôbre a vila de Alvear, fazendo suas balas cruzarem as casas sem ofendê-las. Era o bastante para desagravar o Brasil. O Imperador mandou chamar à Côrte Przewodowski, recebe-o censurando-o àsperamente sem ouvir explicações. Przewodowski então diz: "Permita V. Majestade que eu deposite a seus pés esta farda, ou melhor, libré. Não sou mais oficial da marinha". Foi a Conselho de Investigação e de Buerra, absolvido pela defesa brilhante que fêz meu avô, como seu advogado.

O Imperador e Caxias desejavam a condenação de Przewodowski, apesar de dizerem que o Imperador declarara que não desaprovou o procedimento dêste comandante, mas era necessário castigá-lo porque os perigos das guerras, não é durante elas e sim quando acabam, pois êstes moços habituados ao fogo, por dá cá uma palha armam logo conflito.

Passa-se o tempo, o feito heróico não foi esquecido. A população de Itaqui constrói o seu primeiro teatro e para perpetuar o nome daquele que desagravou o Brasil diante de sua cidadania, batizou o teatro "Przewodowski", e lá está e ninguém jamais o tirará" conforme fotografia que publicamos especialmente nesta edição.

Tendo ouvido várias histórias e versões sôbre "êste baiano de nascimento e gaúcho de coração", que constitui sem dúvida uma figura verdadeiramente heróica e cuja memória é reverenciada pelo povo da centenária cidade de Itaqui, procurei investigar também no próprio local dos acontecimentos. Graças à gentileza do historiador Sr. Martim Ogayar, que possui um verdadeiro museu particular e revela um profundo conhecimento da História Pátria, foi possível obter valiosos e inéditos elementos, que parcialmente passamos a transcrever:

O TEATRO PRZEWODOWSKI É HISTÓRICO, POR QUÊ?

— Porque o Capitão-Tenente Estanislau Przewodowski, quando aqui estêve no comando da Flotilha Alto Uruguai, de 1872 a 1874 fôra o precursor da idéia da construção do teatro. Existem duas versões a respeito, parecendo ser a citada a verdadeira, embora não exista o primitivo arquivo do teatro; a segunda versão propalada é que tempos depois do incidente internacional a população de Itaqui construiu o seu primeiro teatro e batizou-o com o nome do Herói Przewodowski para perpetuar-lhe o nome. Para refutar esta versão temos a conjeturar que o lugar mais indicado para exaltar o seu glorioso nome seria um logradouro público ou uma rua desta cidade, que lamentàvelmente, depois de numerosas sucessões administrativas, não foi resgatada essa dívida sagrada.

É possível que o motivo desta segunda versão tenha nascido em virtude da coincidência de poucos meses depois de iniciada a construção do Teatro Przewodowski fôra envolvido no incidente internacional (22-6-1874) que até então Itaqui se ressentia de uma casa de diversões e que, decorridos até hoje 85 anos, continua sendo nesta cidade a única casa no gênero.

LIGADO POR NOTÁVEIS OBRAS E LAÇOS DE FAMÍLIA AO PROGRESSO E À SOCIEDADE DO RIO GRANDE DO SUL

Em homenagem, pois, àquela sentinela avançada do solo gaúcho, vamos rememorar ainda algumas passagens e feitos do ilustre oficial da Armada Nacional.

Segundo ainda elementos fornecidos pelo Sr. Martim Ogayar sob o título: "O Teatro Przewodowski é vendido em leilão", vamos encontrar esta interessante descrição:

— "Integrando informações e documentos agora incorporados no início e final dêste trabalho, que foram involuntàriamente omitidos ao Departamento do Serviço Nacional do Teatro em 3-6-1957, quando foi remetido ao seu pedido, o "Histórico do Teatro Przewodowski" que: seu patrono, idealizador, animador e construtor Capitão-Tenente Estanislau Przewodowski, herói do Riachuelo, Cuevas, Curupaiti e Hu-

maitá, contraiu núpcias no Rio Grande do Sul, na cidade do Jaguarão, com a Exma. Srta. Felicidade Perpétua Carvalho e Melo. Tinha o curso de Engenharia da Escola Politécnica, organizou o projeto: A Barra do Rio Grande do Sul, causas da obstrução e de sua remoção, conforme planta que apresentou em 1889.

Faleceu no Estado da Bahia seu Estado natal levando para a sepultura as insígnias da Ordem Militar que lhe cobriam o peito de Herói Nacional: "Condecoração conferida pelo govêrno argentino em 10-6-1883; cavaleiro das ordens de São Bento de Aviz; Cruzeiro, Rosa e Cristo: medalhas das campanhas do Uruguai e Paraguai; medalha de Mérito Militar; portador ainda, quiçá, em maior número das condecorações e medalhas, eram as cicatrizes que levara no corpo oriundas de épicas batalhas navais, que atestavam eloqüentemente o honroso título de Herói, que legou à posteridade.

Em 30 de março do ano passado, respondendo a um questionário "Particularidades Parciais da Vida Municipal de Itaqui" citei superficialmente o nome do Herói e no capítulo final inerente ao mesmo consignei um apêlo nas considerações formuladas:

— "O glorioso nome inscrito no frontespício do Teatro Municipal, do baiano heróico, pela população itaquiense, credenciou-o às futuras administrações locais para que também fizessem figurar o seu nome em uma placa de bronze em um logradouro público ou rua desta cidade, mas — lamentàvelmente até hoje, após inúmeras sucessões administrativas, os senhores Prefeitos não lembraram de resgatar essa dívida com o Herói Nacional que tanto soube dignificar a farda que envergara e fôra um dos colaboradores do progresso de Itaqui.

Resta-nos porém a esperança no Prefeito atual Sr. Enio Sayage que certamente virá ao encontro de mais uma reivindicação da terra que lhe serviu de berço.

Przewodowski, é aquêle mesmo baiano que em 1872 Itaqui recebera-o de braços e coração abertos, envergando a farda de Capitão-Tenente, para assumir o comando da flotilha Alto Uruguai, coberto de louros de herói guerreiro.

Itaqui não pode constituir uma exceção. É um imperativo de brasilidade e culto de seus fatos históricos, exaltando os feitos de seus antepassados".

E assim, termina, uma de suas cartas que nos dirigiu o Sr. Martim Ogayar: "Esta narrativa é para os que não conhecem e que não sabem quem era o baiano brioso e zeloso da honra de seus comandados e sentinela indormida da Fronteira Meridional da nossa estremecida Pátria".

Evocando êste episódio da história da nossa fronteira, rendemos homenagem, também, ao bravo povo de Itaqui, que guarda com tanto carinho e orgulho, a tradição daquele notável feito histórico, e que tão bem caracterizou na época o sentimento do nobre e valente povo gaúcho, de cuja obra participam distintas gerações de poloneses e seus descendentes que deram o melhor de seus esforços pela sempre crescente afirmação do progresso e da grandiosidade da Terra Farroupilha.



I — PRISIONEIRO DE GUERRA DURANTE A CAMPANHA DA ITÁLIA

(Relato do Ten-Cel Av OTHON CORREIA NETTO)

. . . . . .

. . . . . .

Da Itália até Nürenberg seguimos de trem, fazendo baldeação em algumas estações, entre elas a de Munich, que se achava, pelo menos nas redondezas da gare, muito destruída. O bombardeio dos desvios, estações e pontes era um fato; tudo tinha sido atingido.

No percurso, em uma estação, cruzamos com um bando de prisioneiros que me crivaram de perguntas e, lamentando minha situação de prêso recente com mãos vazias, ofereceram parte de suas poucas rações, que não aceitei. Isso deixou-me preocupado, uma vez que ali estava a voz da experiência — presos havia bastante tempo...

* * *

Chegamos a Nürenberg. Totalmente destruída!

Até o centro de interrogatório, nos arredores da cidade, fomos a pé.

Conduzido a uma sala de apresentação, confirmei nome, pôsto, etc. e vi meus pertences, num saco de papel, serem ali entregues sob promessa de posterior devolução, (1) o que não foi feito.

---

(1) Os pilotos, antes de fazerem suas missões, deixavam na sala de informação, num envelope, os documentos e tudo que pudesse dar informação ao inimigo sôbre sua pessoa ou Unidade. Por isso, ali, o alemão tinha apenas: lapiseira, bôlsa de fuga, etc...

Dali, separado dos guardas de viagem, fui ter a um pequeno quarto em galpão de madeira, onde fui fechado a chave. Lá estavam dois americanos. Um dêles, de braço enfaixado, ocupava a cama existente. Houve uma conversa de apresentação, mas as informações possíveis nós as evitamos (tínhamos sido alertados, pelo endoutrinamento nas Unidades respectivas, contra os prováveis microfones instalados nas paredes).

Que seria ali? Aguardar o interrogatório. No mesmo dia, à tarde, chegou um suboficial que indagou:

— "Quem é o Tenente Correia Netto?"

Em bom português, iniciou uma conversa, enquanto nos encaminhávamos à sala do lado.

Disse estar cumprindo sua obrigação militar, que não era aliado do regime (nazismo) e que gostava do Brasil. Estivera como religioso em Recife, conhecendo o Nordeste. Tinha saudades. Gente boa e simples.

Vez por outra, interrogava-me distraidamente... "O Sr. é do Nordeste?"

Ao que, com a típica preparada: "não posso responder-lhe, a não ser coisas tais como — leite é branco".

O padre falou bastante, oferecendo-me cigarros durante a conversa, procurando ser amável e provàvelmente usando todos os recursos a favor de seu objetivo: colhêr informações.

Procurou impressionar-me com os conhecimentos que tinha sôbre nossa Unidade, comentando sôbre ela. Sabia o bastante, afirmava; o interrogatório era pró-forma: o Cel Nero Moura era nosso Comandante, gaúcho; só tínhamos o 1º Grupo na Itália, com aviões P-47, etc...

Pensei com meus botões que êle "jogava o verde para colhêr maduro"... Mais adiante, declarou haver conversado "com seu companheiro Assis", com quem iria encontrar-me. Falou no "outro companheiro Motta Paes". Êsse tinha ido para outro lugar e eu não o encontraria.

Que podia eu fazer? — Ficar calado, evitando qualquer confirmação do que me dizia.

Mais adiante, num choque para mim, disse que o Medeiros morrera, ao descer de pára-quedas, sôbre fios de alta tensão. Que ao Assis havia entregue seus pertences, para levar à família (verdade ou mentira?). Procurei resistir a êsse interrogatório o quanto pude, a fim de evitar-lhe qualquer informação. Se o consegui, não sei. Êles tinham realmente homens treinados, muito espertos, que jogavam com o que sabiam de nós com muita habilidade.

Ao saber do amigo Medeiros (era voz corrente que êle se achava prêso), teria eu escondido, também no olhar, a perturbação que me passou na alma? Não sei. De uma coisa apenas estou certo: tôda a conversa foi dirigida com o objetivo de colhêr informações.

Passei dois dias no cubículo. Fui chamado a falar com o padre mais uma vez, e uma outra com novo interrogador que usou o inglês. A essa altura dos acontecimentos, por fôrça das circunstâncias e de meu procedimento, já deviam saber que eu "arranhava" um pouco dêsse idioma; por isso, apenas tornando pior o que sabia, respondi alguma coisa pèssimamente, não entendendo outras, por conveniência, procurando obedecer à doutrina do "leite é branco". O interrogatório foi curto. Não houve cigarros nem amabilidades. Se não estou esquecido, tratava-se mais de perguntas técnicas.

Foram mais dois dias de alimentação deficiente: fatia de pão transparente com um chá aguado, de sabor desconhecido, uma vez ao dia; podia usar-se no pão o suficiente de geléia (gôsto esquisito) para torná-lo opaco...

Nesses cubículos o pessoal ficava submetido à prova de fome e paciência, a fim de "desembuchar" o que sabia. Julgo assim pelos comentários posteriores, segundo os quais alguns rapazes lá ficaram semanas, interrogados diàriamente, enquanto outros só permaneceram horas.

Por sorte, os acontecimentos militares apressaram a solução do nosso caso (daqueles que se achavam ali). Fizeram-nos dormir todos num quarto só, a fim de no dia seguinte partirmos de "ônibus" (!) para o campo de concentração.

Éramos mais de vinte naquele quarto. Dizia-se que a situação estava "preta" para os alemães, e que nós tínhamos de sair imediatamente daquela região.

Por outro lado, aventou-se a hipótese de haver uma grande leva de novos prisioneiros a serem interrogados.

A noite, apesar do apêrto, foi boa em comparação com as anteriores: o calor de vinte e tantos homens a dormir no assoalho da saleta afugentou o frio.

De manhã cedo partiu o ônibus conduzindo-nos através das belas terras plantadas da região. De vez em quando, à sombra das matas que marginavam a estrada, via-se um Fock-Wulf 190.

Aquêle sistema de camuflagem era surpreendente. Onde estava o campo? Decolavam da estrada? Como juntar as esquadrilhas nesse caso? Mais tarde, em conversa com outros, soube haver um campo próximo.

Depois de 1 hora ou mais de viagem, deixaram-nos em um ponto da estrada de onde prosseguimos a pé por outro tanto de tempo.

Chegamos enfim. Com sua cêrca alta de arame farpado, marcada de pontos em pontos pelas tôrres de madeira, armadas de metralhadoras, ali estava o Campo de Concentração de Nürenberg.

Olhando para seu interior, notei o ambiente de mau trato em que viviam seus habitantes. Estavam sujos, barbados e magros.

Procurando observar nesses homens o que seria de mim nos dias vindouros, marquei um dêles que tinha uma touca na cabeça e se aproximava da cêrca ansioso de nós — era o Tenente Assis! Companheiro nosso, abatido fazia cêrca de 1 mês.

— "Assis!"

— "Oh!... Até que enfim apareceu um de vocês!... Tenho esperado aqui todos os dias..."

O Assis não recordou meu nome. Devia estar fraco. E que recepção...

Continuando, disse que iam abandonar o campo, porque os Aliados estavam próximos e aquela zona talvez sofresse bombardeio — "Sairemos hoje mesmo".

— "Achtung! March!" — Comandaram os guardas, e separei-me do Assis. Entramos, pois, no campo, sob a auspiciosa notícia de que iríamos deixá-lo, por causa do avanço Aliado!

O moral do grupo se alevantou.

Conduziram-nos a um barracão onde estava o Cel ....., americano, prisioneiro, e que, por determinação dos alemães, comandaria o deslocamento dos demais prisioneiros.

Exposta nossa situação pelo Capitão ..... o mais antigo do grupo, tomou a palavra o Coronel.

Confirmou o que disse o Assis e aconselhou-nos, apesar da fome ou cansaço que sentíssemos, a marchar com êles "hoje mesmo". Era perigoso ficar.

Decidimos pela marcha.

Mais tarde soubemos que muitos dos que ficaram pereceram metralhados e bombardeados pelos próprios aviões americanos, quando, por cansaço ou ferimento, faziam de trem o que fizemos a pé.

Rápidos soubemos que a vida ali era péssima; alimentação pouca, e o que realmente sustentava era a ração distribuída pela Cruz Vermelha em caixas americanas, inglêsas e canadenses. Caixas aproximadamente de 30 x 20 x 15 cm, contendo latas, pacotes, saquinhos, etc. de carne, vegetais, biscoitos, açúcar, chocolate, leite em pó, sopa em pó, café solúvel em pó, cigarros, para um homem durante 4 dias, ração "complementar".

Essas caixas, embora as houvesse bastante na Alemanha, operadas pelos suíços da Cruz Vermelha Internacional, sempre chegaram atrasadas e insuficientes enquanto estive por lá. Ouvi comentários sôbre a irregularidade propositada dêsse fato por parte dos alemães; não sei se procedem. As rações eram distribuídas por "de rancho" em grupos de 2 a 6, numa razão média, para o grupo de que eu fazia parte, de 1 caixa para 6, por 4 dias; isto é, 1/6 do normal.

Por outro lado, banho não havia, grassando percevejos e piolhos que atacavam os descuidados. (2).

Contra o frio, a Cruz Vermelha distribuíra algumas peças de uniforme e cobertores.

Conseguimos arranjar alguma coisa velha deixada pelos outros.

Da manga de uma camisa de lã fiz um capuz contra o frio.

Providenciada a mochila, (3) de cobertores, camisa de lã e alguma coisa mais, cada um se considerou pronto para a marcha que iríamos encetar, não se sabia de quantos quilômetros.

Estávamos organizados por batalhões, companhias, pelotões e "de rancho".

Deram a partida, cabendo a nós, os mais modernos prisioneiros, a cauda da coluna, com suas desagradáveis conseqüências, fruto da "sanfona de marcha".

O deslocamento durou dias, num percurso de cêrca de 180 km. Foi feito por estradas secundárias, ora à noite, ora durante o dia, sendo as paradas feitas em fazendolas que nos abriam seus galpões de feno para dormir. O destino era Müsberg, local de outro campo de concentração.

Durante nossa ida, muita coisa aconteceu. Mas seria maçante e talvez supérfluo contar tudo. Por isso, de caráter militar foram selecionamos alguns fatos que poderiam trazer ensinamento:

Organização para a marcha — O Alemão, para facilidade sua, determinou ao Coronel mais antigo entre os prisioneiros que comandasse o deslocamento dos mesmos de um campo para outro.

Por essa razão é que foram os homens enquadrados em batalhões, companhias e pelotões, comandados por oficiais prisioneiros.

Grandes vantagens obtinham com isso os germânicos: os prisioneiros eram mais dóceis em atender às ordens de seus comandantes americanos; ao mesmo tempo que faziam economia de pessoal para efetuar o deslocamento.

O cuidado dos alemães — Havia guardas acompanhando a coluna, a pé ou de bicicleta. Estavam armados com metralhadoras de mão, e alguns conduziam cães de fila. Evitavam a conversa dos prisioneiros com a população e qualquer outra espécie de entendimentos.

Durante as paradas — Os proprietários das fazendas pediam aos comandantes de batalhão, etc. que os prisioneiros utilizassem os campos de cultura para defecar — no que sempre foram atendidos.

---

(2) Os alemães distribuíram um pó que devia ser usado no corpo, nas roupas e na cama. Muitos não ligaram, tendo sido vítimas dessa imundície.

(3) A instrução de infantaria que recebi na Escola Militar de muito me valeu na confecção da trouxa em forma de mochila. Se bem feita, facilitaria a marcha. Em caso contrário, sacrificaria, como aconteceu a um americano (mexicano de feição) que andou quilômetros curvando-se para contrabalançar a mochila, até que eu lhe ajudasse a fazer outra.

A dureza das marchas — Causou grandes males: muitos dos homens abatidos em vôo, por não usarem as resistentes botinas de campanha (GI shoes), tiveram calos horríveis nos pés. Dizia um dêles: "são 15 calos, um sôbre o outro"... verdadeira chaga. Não sei como se pôde andar daquele jeito. (4).

Outros, na ânsia de comer alguma coisa mais, trocaram com os habitantes locais pedaços de sabão (das caixas de ração) por alimentos quaisquer (até cerveja!) que provocaram disenterias, diarréias: isto redundava em fraqueza, deixando-os no caminho. Quase todos receavam isso pelo desconhecimento do que poderia acontecer. Mas a fome era maior. Mais tarde soubemos que os homens eram apanhados pela Cruz Vermelha e transportados, em viaturas, para o campo de destino. Nem podia deixar de ser, dentro da lei.

Socorro médico — Na organização prevista pelo Coronel Americano estavam incluídos elementos de socorro médico. Eram homens (também prisioneiros) abnegados e resistentes que para lá e para cá, ao longo das colunas em marcha (creio eram distribuídos por companhia), ajudavam e medicavam os doentes com os remédios fornecidos pela Cruz Vermelha (e pelos alemães?).

O senso de organização e responsabilidade dos americanos — Houve ordem para que deixássemos limpas, como as encontrávamos, as fazendas de pernoite e instruções para que fôssemos atenciosos com seus moradores. Objetivo: impressionar favoràvelmente as populações da região, a fim de facilitar a futura ocupação da zona pelas tropas americanas que já avançavam naquela direção.

Um aspecto da marcha — (Que no fim parecia desorganizar-se): — Em determinado ponto da estrada, de madrugada, nosso pelotão repousava os 10 minutos de alto-horário, nas "últimas" de energia. Chuviscava. O cansaço era tal que mal tínhamos fôrça para nos levantar. Os pés doíam e as articulações não queriam funcionar.

À ordem de prosseguir, o nosso chefe de grupo, que já confabulara com os outros, disse:

— "Eu não marcho mais! Isto é absurdo!"

Os outros concordaram.

— "E você, brasileiro? Está conosco?"

— "Sim".

Tratava-se do seguinte. Já estávamos cansadíssimos e um guarda que nos acompanhava dizia, desde o dia anterior, que íamos chegar logo a determinado ponto para receber rações, ganhar uma refeição quente e repousar um pouco. Isso não acontecera; estando nós mais mortos do que vivos, o americano resolveu, em vista das promessas não

(4) Mais uma vez me valeu a Escola Militar. "Não tive um calo por causa dos treinamentos de Gericinó... e porque obedeci às instruções de usar em vôo as botinas de campanha".

cumpridas, retornar uns 600 metros até uma cidadezinha medieval (cercada por uma muralha) por onde acabávamos de passar. Pelo menos teríamos o teto da Igreja.

Tomada a decisão, levantamos para o regresso à cidade. O guarda só fêz dizer que não se responsabilizava por nós, pois podiam atirar-nos do portão de entrada, guardado com metralhadoras...

Acreditando ou não, caminhamos de ouvidos atentos às "rajadas" que felizmente não vieram...

Entramos na cidade e fomos à Igreja. Mas o Padre não nos abriu as portas, cortando as esperanças de um cochilo no sêco.

Todos se apinharam sob uma pequena coberta para carroças.

Já estava mais clara a madrugada quando avistei uma velhinha na porta de sua casa. Pedi para entrar.

Consentiu e todos os outros para ali correram.

Deitamos no assoalho da sala aquecida e dormimos umas 2 horas. Muito agradecidos, demo-lhe sabonete (valia ouro na ocasião — recordo um comentário: "é perfumado!...")

Os americanos, com seu espírito de comércio, aproveitaram a ocasião e negociaram cigarros e sabonetes "versus" pão, etc. — pão que era feito no forno da sala, enquanto repousávamos...

Descansamos até que alguém trouxe a notícia de que os outros haviam alcançado o local prometido com mais uns 6 km de marcha dali; que para lá devíamos ir, pois iríamos comer; além do mais, o pessoal ia prosseguir.

Deixamos a cidade em busca do local referido.

O grupo desfez-se em subgrupos e em elementos isolados, função das possibilidades de velocidade de seus componentes para atingir o comedouro... e, pelo meio do caminho, íamos tendo a impressão de que aquilo era à vontade, de que poderíamos seguir em outra direção sem que ninguém nos parasse (pelo menos naquela zona de prisioneiros).

Militares alemães e civis olhavam-nos ao passar por nós e não sabiam o que fazer... Eram mais de 20 os prisioneiros, salpicando a estrada; andando uns, outros parados, indo como podiam.

Mais tarde, reunidos ao grosso, prosseguimos em marcha.

Durante as paradas — Acontecia em geral o seguinte:

Atingida uma fazendola, o Comandante do Batalhão instruía os Comandantes de Companhia que nos diziam quanto tempo íamos permanecer, que podíamos apanhar lenha com parcimônia (sempre havia, empilhadinha sob uma coberta, essa lenha racionada), etc.

Assim que era dado o "fora de forma", entravam em ação os "de rancho"; meu companheiro e eu íamos correndo assegurar nossos leitos sôbre o monte de feno (separávamos a área dos 6 e púnhamos lá nossos pertences, ao mesmo tempo que ajeitávamos o local de dormir); dois

outros saíam à cata de material para fazer fogo (pedras, aro de metal para fazer fogão e lenha) e os dois restantes iam "comerciar" cigarros e sabonetes x pão, verdura, cebola, etc. (Êsse comércio com os alemães locais era proibido pelos guardas, mas a proibição foi burlada muitas vêzes).

Disfarçava-se a comida das caixas de ração com o fogo, e comia-se a "bóia" feita pelo nosso cozinheiro (um dos rapazes). Depois lavávamos as latas que nos serviam de prato, panela e talheres.

Geralmente nessas fazendas o alemão distribuía batatas.

A vida pela estrada, não fôsse o rigor das marchas, seria melhor do que os dias passados no "campo".

De fazenda em fazenda deslocaram-se os prisioneiros, aos milhares, até o novo campo de concentração de Müsberg.

Quantos dias levamos na estrada? Não recordo com precisão; talvez uns treze.

Em levas sucessivas de batalhões, chegaram todos ao novo campo de Müsberg, que ficou superlotado com seus 20.000 habitantes. Êsse campo era um dos vários da região que, somado aos outros, completava um total de 120.000 prisioneiros.

Estava dividido em dois setores: o de russos e o de ocidentais (na grande maioria americanos), que, por sua vez, se subdividia em 2 áreas, para oficiais e praças. Não sei a razão precisa da separação de russos e americanos; estou certo, apenas, de que isso facilitava a administração dos alemães; até mesmo na área dos oficiais aliados havia uma espécie de separação: os barracões de inglêses grupavam-se numa parte do campo, deixando seus moradores, por fôrça dos costumes, educação, etc., afastados dos outros. Os americanos formavam a maioria de 50%; os russos, 40%; os 10% restantes eram de inglêses e diversos, entre os quais cêrca de 15 brasileiros (3 oficiais); essas porcentagens são aproximadas, porque não recordo o número de prisioneiros de cada nacionalidade.

O campo ocupava uma área grande, rodeado por cêrcas duplas de arame farpado, numa altura de 3 metros, existindo entre as duas um emaranhado do mesmo arame, numa altura média de metro e meio. Entremeando a grande cêrca, como de costume, havia tôrres de madeira com guardas armados.

A separação entre russos e americanos também se fazia com essas cêrcas.

No interior do campo havia: um sem número de barracões onde viviam os prisioneiros; grande número de barracões sanitários (com 40 latrinas em 4 linhas de 10, sem qualquer separação entre os vasos, estando os mesmos orientados, por linha, de frente dois a dois, uns para os outros); barracões de banho, (só vi uma vez), de reembolsável (ouvi dizer) e para pôsto médico.

Os barracões de habitação eram do tipo padrão, divididos em 2 grandes dormitórios separados no sentido longitudinal por dependên-

cias cuja finalidade não recordo; lembro-me apenas de que aí existia fogão, numa espécie de pequena cozinha, e água corrente de 1 torneira, noutro quarto

Os alojamentos eram muito grandes. No sentido do comprimento havia 2 filas de arapucas (grupos de 8 camas, 4 sôbre 4) que somavam um total de bem uns 160 leitos. Em cada dormitório havia um espaço livre, à guisa de sala de estar ou o que fôsse, tendo uma mesa comprida e bancos.

Tudo era rústico, mas bem disposto. Os barracões eram de paredes duplas e os assoalhos também. As camas, apesar de duras e estreitas, eram camas...

Foi aí que, chegados da longa caminhada, ficamos mais uns 15 dias sob o contrôle alemão.

Divididos como estávamos em batalhões e companhias, assim ocupamos os alojamentos.

Os que tinham vindo antes, carregados por caminhões da Cruz Vermelha, ficaram mal-alojados, deitados no chão, em barracões sem leitos; foi o que sucedeu ao Assis.

Foram 15 dias de monotonia para a maioria. Não para mim, a quem tudo era novo. Houve o que aprender.

REGIME DE VIDA

Pela manhã, o pessoal do alojamento era formado do lado de fora para a chamada. Fazia-se a limpeza do barracão; depois, o importante: que fazer para comer? Os "de rancho" procurávamos negociar com os outros prisioneiros. Faziam-se trocas de cigarros por qualquer tipo de comida e também, o que era nossa grande luta, por lenha! (5).

(5) Sim. Era frio ainda na Alemanha e muitos dos elementos fornecidos pela ração requeriam calor: sopa em pó, café solúvel, etc. Com as latas de ração fizemos fogareiros onde queimávamos (só se vendo) a lenha racionada em forma de palitos, no máximo do tamanho de um lápis comum de escrever.

A lenha era, realmente um problema. Usávamos obtê-la com os russos. Jogávamos-lhe por sôbre a cêrca um maço de Chesterfield amarrado a uma pedra e êles nos devolviam 3 pedaços de lenha enfaixados. Isso era feito às escondidas ou sob as vistas grossas de um guarda camarada. Era interessante o comércio: gesticulava-se de um lado e do outro com as mercadorias na mão; quando o guarda virava as costas, cruzavam-se nos ares os pedaços de lenha, maços de cigarro, etc.

Os russos tinham lenha porque eram praças e como tal trabalhavam fora do campo, podendo consegui-la.

Mas, nem sempre foi possível o comércio e, como resultado, andavam os companheiros a tirar, às escondidas, o segundo fôrro do assoalho dos barracões! Ia-se a proteção contra o frio. Ouvi dizer que mais tarde isso fêz sofrer os desabrigados de guerra alemães, que lá foram alojar-se.

Não foi só do assoalho que tiraram madeira. Dos estrados de algumas camas também. E isso me prejudicou diretamente. Faltou, à minha, 1/3 das tábuas, cuja inexistência me causou dores nas costas. Tinha que dormir equilibrado: 1 tábua para o calcanhar, 2 para as pernas, etc.

Por volta do meio-dia era servida a refeição — geralmente uma sopa de batatas ou "alpiste" (cereal semelhante) e pão que era dividido matemàticamente; às vêzes distribuíam algo mais: queijo, latas de carne argentina (isso aconteceu uma vez, de cada). Como sempre, a ração era pouca. O resto do dia passávamos a conversar, a procurar comida, negociar, etc. A grande preocupação era comer.

A tardinha era lido uma espécie de jornal do dia, às escondidas, com notícias mais recentes sôbre a guerra; notícias da BBC de Londres em geral. (6) Depois, feita a visita dos guardas, dormíamos.

LIBERTAÇÃO E REGRESSO À BASE

Restabelecido um plano de busca, iniciei-o no mesmo dia de chegada, para encontrar o Assis. Só no segundo dia, depois de haver dado com o Tenente Varoli, de Infantaria, brasileiro, pude achá-lo. Foi grande a satisfação.

Daí por diante, víamo-nos sempre, comentando e analisando os boatos e a vida do campo, ajudando-nos o quanto podíamos, no que se incluía o Tenente Varoli.

O Assis havia sofrido muito com o deslocamento e era vítima do escorbuto, pela escassez de vitaminas adequadas: sangravam-lhe as gengivas, vez por outra.

De minha parte, nos últimos dias também fiquei fraco, pois dormi demais, durante dois dias e duas noites (excetuadas as horas de refeição ou revista) ou mais, sem razão aparente. Nessa vida fomos levando até que as coisas, pouco a pouco, se foram tornando "pretas" para os alemães e de alegre e emocionante expectativa para nós.

Falava-se em avanço dos americanos. Confirmando isso, um belo dia passamos a ter cobertura diária, feita por 2 F-51!

— Que será?

— Os exércitos avançam e êles nos protegem!

Era verdade.

Dois dias depois, sôbre o campo voavam os "Teco-Tecos":

— Regulação de tiros de artilharia, dizia o Varoli, especialista...

De fato. Ouviam-se disparos longínquos... Que se tornavam mais nítidos.

Tudo acontecia rápido. No dia 29 de abril, seriam 10 horas, além da artilharia ouviram-se rajadas de metralhadoras.

---

(6) Disseram-me que possuíamos um rádio no campo, conseguido através do quinta-colunismo nosso. Outros contavam que o rádio tinha sido montado pelos nossos, peça por peça... O fato é que soubemos de várias notícias importantes; entre elas uma que nos interessava de perto: a declaração do General Patton visando a impedir novas marchas para nós, como — dizia-se — era intenção dos alemães; e para os Alpes! (Talvez fôsse boato)

Muitos correram para as trincheiras existentes no campo; outros deitaram-se, apenas, enquanto os guardas desapareciam.

Passados alguns segundos, uma gritaria entusiasta fêz-nos correr para fora: a bandeira americana já tremulava do outro lado do campo, na cidadezinha de Müsberg!

Estávamos libertados!

Grande alegria.

Alguns saíram do campo e foram à cidade, outros fugiram pelos portões ou pelo buraco feito na cêrca por um tanque. (Um enorme tanque que, em cima, trouxera uma bela mulher, oficial do serviço da assistência social do exército americano!)

Terminado o contrôle germânico, passamos ao americano. Quem saísse do campo sofreria não sei que penalidade! E o pior é que não havia, como se esperava, a fartura imediata de alimentos. Mas houve explicações. Tudo foi entendido e suportado com resignação, compreendido: "as tropas em primeiro lugar, porque iam libertar outros campos e acabar logo com a guerra".

Tivéssemos paciência. A comida, de certo, não faltaria; só que ainda não podia ser farta.

Esperamos mais uns 7 dias pela verdadeira libertação — a saída de Müsberg.

Nesse meio tempo, continuou o regime de vida anterior, ligeiramente modificado: havia pão branco (vi um sujeito — pilhéria? — comer um sanduíche de pão escuro alemão com o recheio de pão branco...) e tomamos banho.

Isso talvez explicasse a impaciência e o receio infantil de tantos daqueles homens — ficarem ali ainda por muito tempo! — receio êsse que os moveu à fuga.

Meu alojamento ficou reduzido a 2/3 do pessoal. Cada noite faltava mais gente à revista. Até nós mesmos, o Assis e eu, quisemos fugir. Fato que não se deu em função da fraqueza física de que fui vítima, fraqueza que considero hoje providencial, pois em dois ou três dias deixaríamos o campo, na maior segurança, sem atropelos.

Aquêles pelotões e companhias organizados para a marcha mantiveram-se em vigor. Um a um, em dias e horas aprazados, deslocaram-se em caminhões do exército (7) até um aeródromo próximo onde tomaríamos um avião.

Chegando ao aeroporto, avistei centenas de homens esperando. Para meu grupo a demora foi pouca. Talvez 1 hora.

Evacuação bem planejada e executada.

Deixamos a Alemanha (separado do Assis novamente) com destino ao Havre — França.

---

(7) Antes do embarque, a precaução do exército americano: desinfecção de todos. Tiramos a roupa de fora que foi flitada a DDT em pó; quanto à roupa de dentro, abríamo-la, enquanto éramos flitados entre a roupa e o corpo.

Durante êsses dias de espera houve coisas interessantes. Entre elas a visita do General Patton, com sua pose militar, sua pistola de cabo de madrepérola, confortando os prisioneiros pelo interêsse que demonstrava. Na sua inspeção era imponente: andava só, entre as alas de curiosos, seguido de seu Estado-Maior, dêle afastado uns 5 metros.

A organização americana é realmente admirável: no dia seguinte ao da libertação houve distribuição, pelo serviço de assistência social, de "Hot Coffee & Donats"!

Entrei na fila 2 vêzes. Creio nunca os comi tão saborosos...

* * *

No Havre a coisa era diferente, embora estivéssemos instalados em barracas de lona, ocupando camas de campanha (por causa disso houve queixas de alguns, que julgavam ir hospedar-se em hotéis confortáveis); era diferente porque se comia bem: a bóia era gostosa e bastante.

Assim que chegamos, distribuíram-nos pelas inúmeras barracas do acampamento, depois de, em fila, têrmos recebido: prato, caneco e talheres de campanha; "necessaire" para barba e banho; toalha e cobertor. Em seguida, entramos na fila para o rancho. Lá estava na entrada da barraca principal: "Tire tudo que quiser, mas coma tudo que tirar".

Por mais que quisesse obedecer seria difícil cumprir a prescrição Por isso mesmo, ao longo da fila, médicos e outros oficiais do campo perguntavam-nos se estava boa a comida e explicavam-nos o risco de indigestão em que incorriam os que se alimentavam demais. Não receiássemos mais a falta de alimentos.

Mesmo assim, comi muito e ainda levei fruta e sanduíches para a barraca. Como é claro, não os comi, pois agora tinha 3 refeições diárias. Isso aconteceu-me no 1º dia. Não creio, entretanto, que um só dia fôsse suficiente para convencer de fartura a quem tivesse vivido 1 ano ou mais prisioneiro dos alemães.

Quanto tempo no Havre?

Demorava-se u'a média de 10 dias, aguardando navio para os Estados Unidos. Disseram-me que, chegados à América, os homens tinham direitos à hospedagem em hotéis "grã-finos" (sempre o desejo de confôrto e comida boa).

Depois de reencontrar-me com o Assis, ficou assentado que pediríamos ao Comandante do campo nos permitisse regressar a Pisa. Assim o fizemos. O Coronel Snavely foi atenciosíssimo:

— Farei pelos senhores, o que, estou certo, os senhores fariam por nós americanos em idênticas condições.

O Coronel era feliz: seu filho terminara incólume sua 25ª missão sôbre Berlim.

De ordem sua, tivemos banho e uniforme novo completo (Americano). Só não nos podia dar dinheiro. O Regulamento não permitia.

— Já falei com o Coronel... Em Paris. Os senhores embarcarão no meu avião amanhã, devendo ficar hospedados no Hotel... Até que resolvam sua situação. Para facilidade dos dois, já fiz uma comunicação à Embaixada Brasileira, alertando-a sôbre a ida dos senhores.

* * *

Assim se deu, graças à bondade e compreensão daquele homem. Chegados ao aeroporto, lá estava o Coronel referido, que nos fêz levar, em carro especial, ao Hotel combinado.

— Não sei porque não veio ninguém da Embaixada... — Disse êle.

Algum equívoco, contratempo, justificamos nós (mas decepcionados...).

...O Hotel era administrado aparentemente por um sargento. Apresentadas as credenciais, lá ficamos num bom quarto.

E a Embaixada?

Telefonamos. O Embaixador estava não sei onde (se não me falha a memória, numa reunião social) e não havia ninguém na Embaixada, a não ser aquêle telefonista que mal recordava o português...

* * *

No dia seguinte, tratamos de ir ao "Air Transport Command" americano, para regressar a Pisa.

O General que nos ouviu deu-nos prioridade 2 (o que significava o direito de escolher o dia de viagem (!), pois prioridade 1 era só para generais e altas autoridades a serviço, etc., raramente concedida). Tanta atenção dos americanos, e dos nossos, nada.

Teríamos embarcado no dia seguinte, não fôsse a môça das passagens que nos aconselhava:

— Amanhã? Sem conhecer Paris? Sem passar um dia sequer?

— Não temos dinheiro... E estamos cansados.

— Mas... E o Embaixador de vocês? Vão lá que êle lhes dará dinheiro e vocês serão bem tratados; descansarão uns 3 dias e depois voltarão a Pisa. Que tal?

— É... Parece mesmo. Vamos fazer isso C. Netto?

— Combinado.

Arrependemo-nos.

Mas era concludente: se não ligavam à comunicação feita pelo Coronel Snavely, esquecendo-se de nos receber, ou procurar no Hotel, para que insistir?

Enfim, tínhamos o direito de ser atendidos.

Novo telefonema. O Secretário da Embaixada ouviu-nos:

— "Não temos automóvel" (para atender a nosso desejo de ir lá)... "E o Embaixador não estava".

— Nós iremos aí — decidimos.

Comentando com o Assis, tivemos a impressão de que nada querim conosco.

Por especial favor do Cabo de serviço à Portaria do Hotel, conseguimos que um Jipão nos levasse lá...

Agora tínhamos o espírito prevenido.

Recebeu-nos o Secretário.

— Com muita dificuldade conseguimos uma condução até aqui, que nos aguarda; temos pressa.

— Vamos tomar um cafèzinho... E começou a falar, a indagar sôbre a Itália, Alemanha, etc... Lamentava muito o que acontecera a Nürenberg... Uma cidade tão bela... etc.

Um perfeito "chato". Com que simplicidade esquecia o Cabo a esperar-nos.

Enfim, depois de alguma demora, ouviu-nos.

Desejávamos o seguinte: comunicação imediata ao Ministério da Aeronáutica sôbre nossa libertação. Dinheiro para cortar o cabelo do Assis (que não o fazia desde muito) e para alguma emergência; assinaríamos vales ("não é preciso"). Recomeçou a conversa sôbre paisagem, etc.

Mais tarde, atendeu-nos em parte, fornecendo-nos algum dinheiro. Insistimos nos vales. Não quis. (Quanto ao dinheiro... Foi tão pouco que só deu mesmo para resolver o problema do Assis).

E continuou falando sem se lembrar de que tínhamos pressa...

Quase nos fêz perder a calma. (8)

Felizmente nos despachou, ao ditar a mensagem para o Rio.

— Sim senhor! Que cooperação... Que boa vontade... Que sentimento de dever... — Comentamos.

---

(8) Nossos nervos não estavam bons. Dando sinais evidentes de impaciência e aborrecimento, fi-lo ver nossa pressa em sair, certos de que a comunicação seria feita ao Brasil. Até hoje desconfio da promessa. Pelo menos no Ministério ou em casa de nada se soube.

Com surprêsa, mais tarde, soubemos do convite, para jantar, do Embaixador. Estariam mudando as coisas?

Não. Infelizmente, não.

Não estaríamos de espírito "ultraprevenido"? Pode ser.

Mas, de qualquer modo, não nos agradou ver o "possante" automóvel que não existia... Nem tampouco apreciar as tão comentadas privações de comida, etc. (É o cúmulo! Falar em privações alimentares a quem sai de um campo de concentração — privação que nos parecia banquete!)

O pior é que naquele salão de luxo, onde jantávamos, nos pareceu que sua Excia., ao apresentar-nos a outras pessoas, o fazia como quem traz dois espécimes de terra longínqua, duas novidades...

É possível que o espírito fôsse de prevenção, mas não nos agradaram suas lamúrias.

Em dado momento, depois de queixar-se de uma série de coisas, de dizer que não nos podia ajudar, etc., pediu-nos para tirá-lo de grande apuro!

(Afinal de contas, por que não? Que seria?)

Sua Excia. queria que lhe conseguíssemos giletes para sua "barba sacrificada, no PX americano. As francesas eram lamentáveis"...

É. Indiscutìvelmente aquilo era muito sério; nós trataríamos do caso...

Ficamos decepcionados, indignados; mas nos comportamos.

Mais tarde vim a saber que êsse personagem causou vergonha a outros oficiais brasileiros que com êle estiveram na companhia de americanos.

Pareceu-nos que o Brasil com um time de representantes daqueles não podia ser tido na devida conta.

No dia seguinte terminava nossa sensação de mal-estar. Fomos surpreendidos, no quarto do hotel, pelo Buyers, Pessoa Ramos e Lagares; gente nossa que nos buscava de B-25 pela Alemanha, seguindo-nos o rastro até Paris.

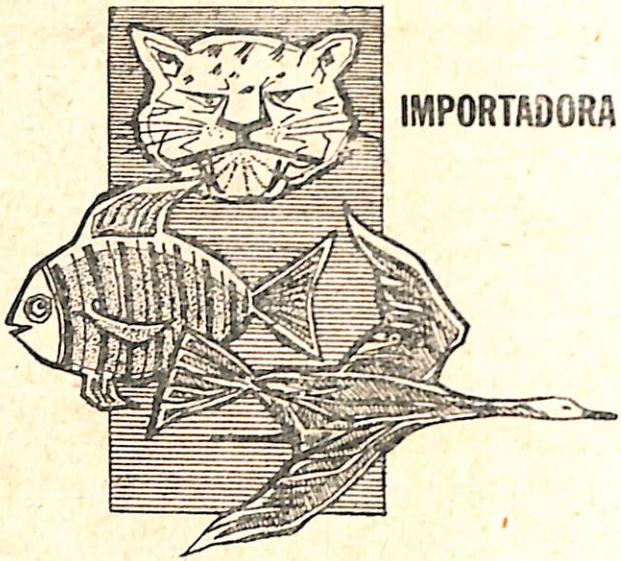
Foi muito grande a alegria.

Demos uns passeios na famosa capital e regressamos no dia seguinte à nossa Base.

Tinha perdido onze quilos.

Fui interrogado pelo "Inteligence Office" da Fôrça Aérea (Florença) e pelo nosso oficial de Informação do Grupo.

Findara o contratempo.



IMPORTADORA OMAR ZIMMERMANN & CIA. LTDA.

armas, munições
artigos para caça, pesca,
praia e campo
cutelaria, ferragens
consertos
niquelação, oxidação

CASA Bayard

RUA LÍBERO BADARÓ, 578 - Tel. 34-7569 - End. Teleg. "TIROCERTO" - São Paulo

MORRIS-COMMERCIAL
AUSTIN
Riley
BMC
WOLSELEY
MORRIS
MG

PEÇAS LEGÍTIMAS

Cia.
PROPAC
Comércio e Indústria

Av. Oswaldo Cruz, 73 a 95
Telefone: 45-8185
Rua Camerino, 79/81
Telefone: 43-4990
Rua Bambina, 36
Telefone: 26-6763 - Rio

II — A AVIAÇÃO DO FUTURO PRÓXIMO

DESENVOLVIMENTO DO TRANSPORTE SUPERSÔNICO

De conformidade com o Acôrdo entre as Nações Unidas e a Organização de Aviação Civil Internacional (OACI), o Secretário-Geral recebeu recentemente, para submetê-lo ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, em sua 13ª sessão, o relatório anual dessa entidade especializada. É uma obra de fôlego e passa em revista tôda a atividade aviatória do mundo, no ano de 1959. As estatísticas são as mais idôneas e completas e os vários aspectos considerados mostram um quadro total não apenas do que é, neste momento, a aviação civil, como também do que vai ser, em futuro próximo. Destacamos do relatório mencionado uma informação sôbre o desenvolvimento do transporte supersônico, na certeza de que interessará aos leitores desta revista.

A planificação e as pesquisas sôbre transporte supersônico — lê-se no relatório da OACI — vêm se processando nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha (e presumìvelmente também na União Soviética) desde o comêço de 1950. Nesse primeiro estágio, é de imaginar-se que o objetivo tenha sido militar, mas os aspectos civis do tema também têm sido amplamente explorados, e pode-se dizer que há um acôrdo geral, entre construtores de aviões, de que é exeqüível a produção de um aparelho supersônico de transporte comercial, num futuro relativamente próximo, quer dizer, em 1965 ou até 1970.

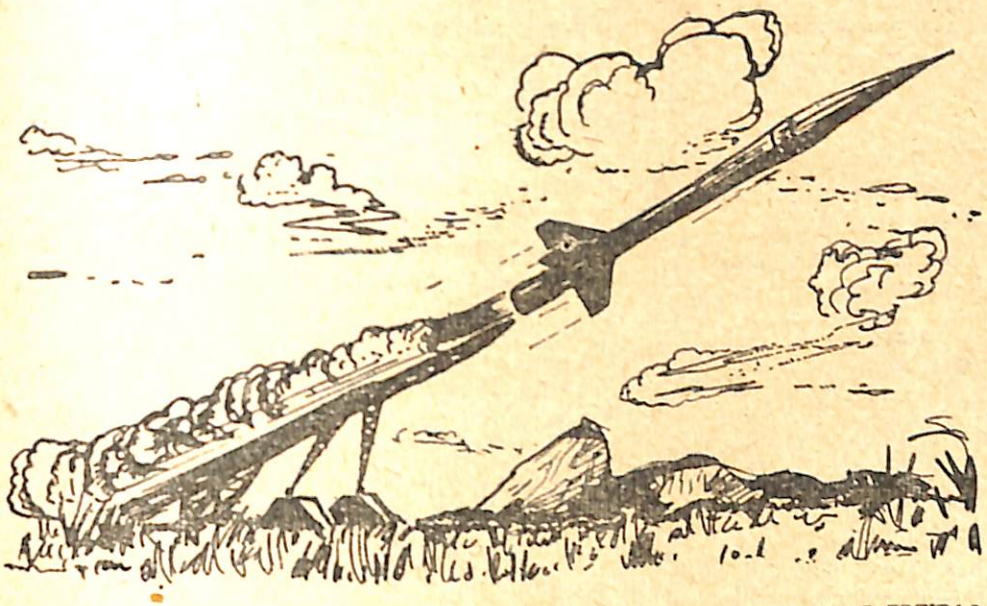
Pode-se dizer que 1959 foi também o ano em que surgiu a noção geral de que o avião supersônico, sôbre ser uma realidade de execução próxima, será com certeza o sucessor natural do atual avião a jato. No ano passado, parecia haver uma boa medida de acôrdo entre construtores norte-americanos e britânicos sôbre as prováveis especificações da primeira geração de supersônicos. Segundo êsse consenso, deve ter uma velocidade de cruzeiro de 3.200 quilômetros, entrar em produção útil mais próximo de 1970 do que em 1965, com um raio de ação de 5.600 km, operando a altitudes entre 18 e 24 mil metros e capaz de utilizar as pistas já existentes, para jatos. Sôbre a questão das dimensões, há uma certa diferença de opinião: uns acham que o pêso bruto deverá ser de 270 toneladas e carregar 160 passageiros, ao que, para outros, deve-se reduzir metade do pêso e da capacidade de transporte.

Juntamente com a noção de que o projeto é tècnicamente realizável, surgiu o reconhecimento geral da magnitude dos problemas econômicos que os supersônicos acarretam. A preocupação dos construtores de aviões

e dos governos, sôbre a questão econômica e as necessidades novas de navegação, induziu a OACI a levar a efeito um estudo das conseqüências técnicas, econômicas e sociais relativas ao lançamento dos aviões supersônicos em 1965. O custo dos aviões, para as companhias de navegação aérea, estima-se entre 12 e 20 milhões de dólares, conforme as dimensões e o número de aparelhos encomendados. Parece, a princípio, muito elevado êsse preço, mas, quando se considera que os supersônicos serão duas ou três vêzes mais produtivos do que os jatos, chega-se à conclusão de que é razoável. Se realmente forem êsses os preços e se os novos aviões não aparecerem antes de completamente depreciados os atuais jatos, as companhias transportadoras não acharão insuperável o problema de reequipar-se com supersônicos, para o serviço de suas linhas intercontinentais, embora a alta produtividade dêsses aparelhos talvez force um grau mais alto de cooperação entre as companhias secundárias.

O problema financeiro mais grave, entretanto, é o custo de desenvolvimento do programa. Estima-se variàvelmente entre 250 e 1.000 milhões de dólares e, até agora, ainda não há resposta satisfatória sôbre quem vai arcar com essas tremendas despesas. Uma das propostas é que os construtores produzam um supersônico básico e, ainda, que norte-americanos e britânicos se unam, para a produção dêsse tipo único. Não é provável, porém, que os construtores estejam em condições financeiras de enfrentar os custos de desenvolvimento. É quase certo que os governos terão de contribuir — e em grande escala.

CLORO LÍQUIDO • HIPOCLORITO DE SÓDIO
ÁCIDO CLORÍDRICO (MURIÁTICO)
CLORETO DE POLIVINILA (PVC)
TRICLOROETILENO • PERCLOROETILENO
SODA CÁUSTICA
e outros derivados do cloro, fabricados pelas
INDÚSTRIAS QUÍMICAS ELETRO-CLORO S. A.
ELCLOR e distribuídos pela ICI
CIA. IMPERIAL DE INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO BRASIL
SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO, PÔRTO ALEGRE, BAHIA, RECIFE
AGENTES EM TÔDAS AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS



Coordenador: Cel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

ENGENHOS-FOGUETES E SATÉLITES

É com prazer que publicamos o trabalho do Capitão Carlos Olavo, ex-instrutor da EsACos e estudioso entusiasmado de assuntos referentes aos mísseis.

O Capitão está com razão quando afirma que nosso Exército já está em condições de acompanhar, na prática, aquilo que os oficiais já conhecem em teoria.

I — MÍSSEIS NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Cap CARLOS OLAVO QUEIROZ GUIMARÃES

Os mísseis disputam, no correr de nossos dias, a primazia dos temas de palestra nos mais variados setores da atividade humana. Infelizmente, o grande volume de notícias, publicado em jornais e revistas "leigas" no assunto, se insurge de modo espantoso contra a verdade, seja pela tradução leviana, seja pelo emprêgo de expressões extemporâneas ou falhas de caráter científico. De tal forma, é comum, nesses círculos de conversação, ouvir-se as mais disparatadas defesas de adoção de certos tipos de mísseis para as Fôrças Armadas Brasileiras.

A intenção do presente trabalho é dar as características de uma série de teleguiados que poderiam, mediante acôrdo com os países fabricantes, vir a integrar nosso acervo de material bélico.

A — ENGENHOS ANTICARROS

O tipo mais conhecido e adotado é o do míssil guiado pela vista através de um fio. Uma vez lançado na direção aproximada do alvo, vai desenrolando êsse fio, através do qual um observador, munido de luneta, o guia, certeiramente, até o impacto. Vejamos as características de alguns dêles:

Dart — Conhecido oficialmente como XXSSM-A-23, era o adotado pelo Exército Americano até o fim do ano passado, quando suspendeu sua produção. Usando combustível sólido, era destinado ao uso da Infantaria e das unidades motorizadas. Sua velocidade de 1 Mach (1.232 km/h) o punha a salvo de qualquer fogo contrário defensivo. Pesa 45 kg, pode atingir até 1.800 m e sua ogiva de alto explosivo destrói as mais possantes couraças. Seu lançador é montado sôbre viatura. O que o levou a ser preterido foi seu pêso e o tamanho de seu lançador — que muito dificultavam seus movimento na áreas de combate. Em conseqüência, os EUA, imitando vários outros países, em meado do ano passado compraram da França "alguns milhares" do míssil anticarro guiado a fio SS-10 para suas fôrças na Europa e vai, também, construí-los.

SS-10-França (Tipo 5 203) — Pesa 15 kg, tem uma velocidade de 300km/h, alcance de 1,5 km; é um foguete de dois estágios a combustível sólido. Usa dois tipos de ogiva de guerra: a carga ôca de alto explosivo perfuradora de couraças até 46 cm e a de fragmentação contra pessoal. A percentagem de acêrto, tirada de inúmeros lançamentos, é de 80%. Êste projetil dirigido é típico de Infantaria, sendo êle, e todo o seu equipamento, fàcilmente transportável por dois homens. A própria caixa de transporte é o lançador.

SS-11-França (Tipo 5 210) — Semelhante ao SS-10, porém mais pesado (28 kg), com maior alcance (3,5 km) e maior poder destruidor. O SS-11 não é uma versão mais moderna do SS-10. Êle é mais indicado para ser lançado de "jeeps", carros de combate, aviões leves ou helicópteros — porém, em terra, usa o mesmo equipamento do SS-10. Os americanos estão também estudando a compra dêsse tipo, bem como a fabricação.

Cobra-Suíça — Êste pequeno míssil já é operacional e está em uso nesse país; pesando apenas 12 kg, com velocidade de 300 km/h atinge alvos até uma distância de 1,8 km. Fabricado pela Oerlikon, usa também combustível sólido, carga ôca de alto explosivo e direção à vista, por fio. Tanto o lançador como o projetil podem ser transportados e disparados por um só homem. Existe, na fábrica, tipos mais modernos em estudo.

Vigilante-Grã-Bretanha (Tipo V 891) — Fabricado pela Vickers, êste anticarro também a combustível sólido, pesa 18 kg, é guiado a fio e usa carga de alto explosivo. Seu alcance, não dado a conhecer, deve ser, como os outros, da ordem de 1,5 km. A caixa de transporte é também o lançador e transportável por um homem.

Os mísseis anticarro SS-10 e o Cobra podem ser vendidos a outros países ou ter sua fabricação permitida. O **Vigilante**, não se sabe se é ainda considerado secreto ou exclusivo pelos inglêses.

Engenhos Antiaéreos — Os EUA, a Grã-Bretanha, a França e a Suíça são os países, no mundo ocidental, que mais adiantados estão no campo dos projetis dirigidos, sendo que o número de modelos de engenhos antiaéreos quase atinge a duas dezenas. Os modelos mais antigos utilizam combustível líquido, uma vez que, na época em que foram criados, não tinham sido ainda solucionados alguns problemas que os sólidos apresentam. O combustível líquido num projetil dirigido torna, no entanto, muito trabalhoso e perigoso seu manuseio e carregamento. Assim, à medida que se aperfeiçoam os propelentes sólidos, vão sendo êles usados nos mísseis mais recentes.

Assim, neste artigo, vai-se defender a adoção de antiaéreos que já sejam a combustíveis sólidos, uma vez que os líquidos se tornarão em breve, obsoletos. É claro que países que os possuem não podem abandoná-los enquanto não houver número suficiente de projetis a combustível sólido — ou ainda: enquanto não houver sido sua performance ultrapassada. Exemplo típico é o míssil anticarro BOMARC, da Fôrça Aérea americana, que é propulsado, durante seu trajeto, por dois motores a jato. Êste míssil que, com o NIKE HERCULES do Exército, vai constituir o esteio da defesa aérea territorial americana, já tem planos para ter seus motores substituídos por um a combustível sólido. Em conseqüência, vejamos as características dos seguintes Mísseis:

Nike Hercules — EUA — Oficialmente conhecido como SAM-A-25, é um projetil dirigido com dois estágios, a combustível sólido; o primeiro estágio é a fonte propulsora auxiliar ("boostter") com 4 foguetes que se desprendem quando esgotado o combustível; o 2° estágio é o sustentador, que o impulsiona a uma velocidade superior a 3 Mach (3.600 km/h). O alcance é de 120 km e a carga pode ser nuclear ou de alto explosivo. O sistema de direção é a comando; êsse sistema compõe-se de um radar de procura que dá a posição do alvo, de um calculador eletrônico, que faz as correções necessárias e de um radar de acompanhamento que dirige o projetil ao impacto.

Êste tipo de projetil já protege inúmeras cidades norte-americanas, tendo aproveitado as instalações de seu irmão a combustível líquido, o NIKE AJAX. Mede, aproximadamente, 12 metros de comprimento.

Hawk — EUA — O XM-3 é um projetil dirigido especialmente construído para destruir aviões que se aproximem em vôo rasante. Seu sistema de direção é o de atração semi-ativa. Um radar especial consegue detectar alvos nas "zonas mortas" dos radares usuais e o reflexo destas ondas, vindo do alvo, serve para atrair o engenho. Tem velocidade supersônica e alcance de 30 km. É um projetil a 2 Estágios sólidos, carregado com alto explosivo. Tem 5 m de comprimento e é disparado de um lançador móvel fàcilmente rebocável. Em cada lançador são montados 3 foguetes e, em cada bateria, existe 12 lançadores, portanto, 36 unidades. O HAWK complementa o NIKE na defesa aérea.

Mata-França — Êste projetil (tipo R 422) antiaéreo de dois estágios a combustível sólido é o mais moderno dêsse país em tal ramo. Disparado de um lançador móvel, atinge a velocidade de 2 Mach (2.400 km/h). Pode destruir alvos voando com velocidade supersônica entre 3.000 a 20.000 m de altitude. Seu sistema de direção é a comando, passando, no final da trajetória, a sistema de atração semi-ativa. O alcance é da ordem de 20 km e seu comprimento é de 8 m.

Thunderbird — Grã-Bretanha — Êste projetil possui 2 estágios: o 1º é a fonte propulsora auxiliar e se compõe de quatro foguetes presos lateralmente, os quais se desprendem quando tôda a pólvora se queima; o 2º estágio impulsiona o projetil a uma velocidade de 2 Mach (2.400 km/h). Também disparado de um lançador móvel, atinge alvos até a uma distância de 32 km. O projetil tem um comprimento de 6,3 m.

B — ENGENHOS DE EMPRÊGO TÁTICO

Daremos características apenas dos mísseis norte-americanos, por serem os únicos que se enquadram no ponto de vista que defendemos. E ainda sòmente daqueles que tenham alcances pequeno e médio — uma vez que dificilmente estaremos empenhados m lutas que exijam lançamentos superiores a 120 km, não só pelas possibilidades de nosso Exército, mas também pela nossa política externa.

Dentre êsses mísseis, vamos encontrar vários tipos que poderão ser divididos em duas classes: os guiados e os não guiados. Os engenhos não guiados são aquêles que têm sua trajetória determinada apenas pela posição da rampa de lançamento. Altamente móveis, nada mais são que gigantescas "bazookas" que, devido ao alcance relativamente pequeno e à missão que se lhes é atribuída, não necessitam de contrôle à distância Assim, vejamos a descrição dêsses mísseis de emprêgo tático.

Honest John — Oficialmente designado como M 31-1C, é um foguete não guiado, a combustível sólido, de um único estágio, com alcance de 25 km. O fato de não possuir contrôle eletrônico o torna extremamente móvel, de manejo muito simples, podendo ser disparado por uma guarnição de seis homens. Sua rampa de lançamento autopropulsada (caminhão adaptado) leva o míssil, do local de carregamento, onde recebeu a carga nuclear, de alto explosivo ou química, até o local de lançamento. Pode ser levado para a zona de combate por via aérea (helicóptero), quando, então, usa um tipo fixo de rampa, também fàcilmente transportável. Êste engenho mede, aproximadamente, 8 m, pesa 2.600 kg e tem uma velocidade de deslocamento de 1.200 km/h. Está em serviço há alguns anos, fazendo parte da Artilharia Divisionária da Divisão Pentônica americana.

Little John — Irmão menor do Honest John, êste míssil, também não guiado, é um suplementar daquele. Designado como XM-47, usa combustível sólido e é também de um único estágio. Seu alcance é de 16 k e seu pêso sòmente 400 kg. Com 4,5 m de comprimento e tão pouco pêso, prevê-se seu emprêgo pelas tropas pára-quedistas, tanto

assim que, mesmo sem ser ainda considerado operacional, foi entregue, no ano passado, à 101ª Divisão Aeroterrestre para que esta aperfeiçoe a técnica de combate. O **Little John** desenvolve velocidade supersônica e pode levar cargas atômicas ou convencionais.

Lacrosse — Oficialmente designado SSM-A-12, êste projetil, em produção em série desde 1957, foi especialmente projetado para ter uma acurada precisão e assim poder destruir casamatas e outros pontos fortificados que prejudicassem o avanço da Infantaria. Extremamente móvel, pesando pouco mais de uma tonelada, é lançado de um caminhão de 2,5 ton, comum, a 32 km de distância, com uma velocidade de 2 Mach (2.400 km/h). Impulsionado por um motor de um estágio, a combustível sólido, êste míssil, com um comprimento de 5,8 m, pode levar uma ogiva nuclear ou convencional. Depois de lançado de uma posição à retaguarda, é guiado até o alvo por um observador avançado que tanto pode estar colocado em terra, numa elevação, como num helicóptero ou avião leve, Em sua cauda, existe 4 aletas que, movimentadas convenientemente, permitem ao projetil alterar sua trajetória para conseguir um certeiro impacto. Cada projetil possui seu próprio aparelho de teste automático, que verifica tôdas as suas partes, momentos antes do disparo. Em junho do ano passado, foram criadas as duas primeiras Baterias equipadas com êste míssil, estacionadas em Fort Sill, Okla.

Sergent (Fagm-SS) — Êste projetil, de um estágio a combustível sólido, pode levar uma carga atômica até a uma distância aproximada de 120 km. É dotado de grande mobilidade, podendo ser fàcilmente transportado pelo ar. Seu lançador-reboque, tracionado por viaturas comuns, pode colocá-lo ràpidamente em posição, permitindo que seja disparado sob quaisquer condições de tempo. O sistema de direção usado é o de inércia, que o torna invulnerável a qualquer contramedida eletrônica. Nesse sistema, antes do lançamento, se introduzem os dados para que o projetil atinja o objetivo e êste, uma vez lançado, faz, automàticamente, correções para se manter na trajetória determinada. Êste míssil não foi ainda considerado operacional. Tem 10 m de comprimento, pesa cêrca de 10 ton e deverá desenvolver uma velocidade de mais ou menos 3 Mach (3.700 km/h).

Apreciando as características dos mísseis das três categorias acima estudados e de posse de informações, não oficiais, da Escola Técnica do Exército, podemos dar, salvo melhor juízo, algumas sugestões.

Na categoria dos mísseis anticarros pode-se optar por duas soluções: comprar, na França, o SS-10 e o SS-11 ou ser por nós fabricado o modêlo em estudo na Es T Ex, do Curso de Armamento.

O SS-10 francês é um ótimo anticarro, estando já em uso em 11 países além da França. O modêlo nacional, em estudos avançados, tem características semelhantes ao míssil francês e poderá, se fôsse escolhido, ter acelerado seu programa, de modo a se ter, dentro de 2 ou 3 anos, os primeiros protótipos. A vantagem da escolha do SS-10/11 seria sua chegada rápida ao país onde poderia, depois de algum tempo, ser distribuído.

Quanto aos engenhos antiaéreos não resta outra alternativa senão apelar para o exterior e evocar o Acôrdo de Assistência Militar com o EE.UU., tendo em vista nossa participação com a base de acompanhamento de Fernando de Noronha. Cumpre notar que o míssil NIKE HERCULES já tem bases em Formosa e é possível que, em segrêdo, também em outros países. Com bastante empenho junto à nação amiga, seria possível que dentro de algum tempo os tivéssemos aqui. O projetil HAWK não está ainda operacional e apresenta muitas novidades de modo que não se pode pensar nêle durante muito tempo.

O MATRA francês e o THUNDERBIRD inglês poderiam entrar em nossas conjeturas caso fôssem infrutíferas nossas "demarches" junto ao govêrno norte-americano.

Na categoria dos engenhos táticos observamos que os mísseis americanos HONEST JOHN e LITLLE JOHN têm sua direcionalidade dada apenas pela rampa de lançamento. Nessa classe de projetis nossa Escola Técnica tem feito estudos de diversos tipos, tendo executado, com êxito, vários lançamentos experimentais, de modo que apoiada de maneira especial e com a experiência adquirida, poderia desenvolver um projetil de maior "calibre" (400 mm, por exemplo) com grande carga de arrebentamento. Com a indispensável cooperação da indústria automobilística poder-se-ia tê-lo montado sôbre uma viatura nacional, tornando-o bastante móvel, constituindo uma Artilharia pesada longa.

O engenho SERGENT seria indispensável para completar o número mínimo de armas modernas. O problema consiste em sua cessão pelos EE.UU. da mesma maneira que o NIKE HERCULES. A fabricação de algo parecido com o SERGENT aqui seria inviável. Os anos de estudos, pesquisas, provas e os gastos que acarretariam tornam proibitivo, para países como o nosso, semelhante projeto. Aquêles que acham improvável a hipótese da cessão dos projetis americanos convém lembrar que a maioria dos países da OTAN e a China Nacionalista já os têm e que, pouco a pouco, são operados pelos próprios nacionais.

Os projetis dirigidos que nos fôssem cedidos evidentemente não dariam para nossa defesa, mas seriam o embrião, o Centro de Defesa à Base de mísseis, onde oficiais e praças se especializariam e estariam em condições de, numa emergência, operarem maior número dessas armas. Há necessidade se dotar o Exército de algo moderno para que possamos acompanhar o desenvolvimento do material bélico e não ficarmos em inferioridade com relação a outros países. Convém lembrar que somos a maior nação da América Latina e naturais aliados das potências ocidentais.

O material mais moderno aqui recebido foi o canhão automático de 90 mm que já é obsoleto e do qual já não existe uma só unidade em serviço nos EUA.

Além de outras vantagens, novos materiais aqui chegados dariam um excelente estímulo aos nossos companheiros e um formidável impulso em nosso Exército.

II — PROPULSÃO NUCLEAR PARA NAVIOS MERCANTES

Ten A. BRANDÃO DE FREITAS

O Ministro de Transportes da Inglaterra anunciou, que foram solicitadas propostas a firmas selecionadas do Reino Unido para o fornecimento de reatores de água fervente ou reatores orgânicos moderados, para a instalação em um navio-tanque de 65.000 toneladas. O govêrno decidirá, quando receber as propostas, se efetuará ou não a aquisição. Esta medida foi tomada face às recomendações do Comitê Naval de Propulsão Nuclear, cujo subcomitê técnico examinou sistemas capazes de serem utilizados em navios de superfície. Os tipos de reatores acima foram escolhidos por se supor sejam êles os sistemas mais aperfeiçoados capazes de atender ao presente objetivo. De acôrdo com relatórios, há outros tipos, como o de água pesada refrigerado a vapor e os reatores avançados refrigerados a gases de alta temperatura, cujo desenvolvimento se continua na Inglaterra, e que podem vir a se apresentar mais promissores. Não foi decidida a compra de um dêsses reatores. Os planos e desenhos desenvolvem-se aceleradamente e a decisão final será tomada levando-se em conta o progresso de outros tipos de reatores e as informações obtidas da concorrência já citada. O reator tipo Calder Hall é muito grande para ser instalado em navios. Os sistemas de água fervente e orgânico moderados foram desenvolvidos nos EUA, principalmente, mas as propostas a serem apresentadas pelas firmas do Reino Unido incluirão seus próprios desenhos, ainda que usando as experiências básicas dos americanos. Uma firma do Reino Unido aperfeiçoou o seu próprio sistema de reatores orgânicos moderados.

III — O MÍSSIL ANTICARRO MALKARA

Tenente-Coronel TÉRCIO VERAS

MALKARA — designação dada à palavra escudo pelo aborígine australiano — poderá tornar-se o meio de proteção contra carros pesados, embarcações de desembarque e pontos fortificados, que os aliados têm procurado há vários anos. É uma arma de extraordinária precisão e altíssimo poder de destruição, apta a ser empregada, tanto na defesa, quanto no ataque. Não exige uma plataforma de lançamento estabilizada e, por isso, pode ser atirada de vários locais, como viaturas leves ou pesadas, lanchas torpedeiras, embarcações de desembarque, ou de pontos fixos de lançamento nas áreas de defesa. É relativamente leve como míssil dirigido, mas potente e mortífera.

O Malkara é um míssil de pequeno alcance, controlado por fio, com capacidade para destruir o mais pesado carro de combate que poderá surgir. Pode cumprir, com grande eficiência, várias outras missões. Tem 6 pés de comprimento, 200 libras de pêso, podendo ser transportado em viaturas, em quantidade variável com o tamanho destas. É acionado por um foguete, com dois estágios, de combustível sólido, que lhe imprime uma aceleração de cêrca de 20 g, mantendo uma velocidade de vôo superior a 480 km/h, e um alcance de vários quilômetros.

É lançada, automàticamente, de uma plataforma por um atirador-apontador, colocado próximo ou afastado dela. Pode ser guiado até o seu alvo.



ANO II — N. 6
(AGÔ 60)

Coordenador — Major AMERINO RAPOSO FILHO.
Instrutor da ECEME

SUMÁRIO

I — BASES FILOSÓFICAS

1. A DOUTRINA MILITAR RUSSA NA 2ª GM
   Ten-Cel J. A. Jimenez Coronado, do Ex Espanhol
   Extraído do "EJERCITO".

2. DECISÕES FATAIS
   Maj Amerino Raposo Filho
   Maj J. R. de Miranda Carvalho.

II — GUERRA REVOLUCIONÁRIA

GUERRILHAS E GUERRILHEIROS
Ten-Cel Frederick Wilkins
Extraído da "Revue Bimestrielle".

III — ORGANIZAÇÃO

NOSSAS FÔRÇAS ARMADAS E A NOVA DOUTRINA
Maj Germano Seidl Vidal.

TEORIA DE GUERRA

Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenômeno por excelência social, que é a Guerra.

A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.

DOUTRINA DE GUERRA

Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos, mostra-nos desde logo, que ela não pode ser nem imutável, nem geral, sendo então, sòmente aplicável àquele país e numa determinada época.

Sendo a Guerra um fenômeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.

REGULAMENTO

Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.

Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduz o pensamento doutrinário, o modo operatório em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.

I — BASES FILOSÓFICAS

1. A DOUTRINA MILITAR RUSSA NA 2ª GUERRA MUNDIAL

Ten-Cel J. A. JIMENEZ CORONADO, do Ex Espanhol
Extraído da revista "Ejercito"

NOTA DO REDATOR

Encarecemos a atenção dos nossos leitores para o tema desenvolvido pelo Ten-Cel Coronado, relativamente à Doutrina Militar Russa durante a guerra de 39/45. Sobretudo, porque aí afloram, e muito bem focalizados, não apenas os aspectos conceptuais que justificam o caráter nacional duma Doutrina de Guerra e, decorrentemente, da Doutrina Militar. Mas, e principalmente, a estruturação das Fôrças Armadas Soviéticas e os fundamentos da doutrina, aplicados na Frente Oriental durante a Campanha de 1941 a 1945, em suas diversas fases. Além de esmiuçar, inclusive, a doutrina de emprêgo das Armas terrestres.

É, como se vê, num conjunto unitário, completo, muito bem estruturado, facilitando grandemente àqueles que pretendam incursionar pela organização militar soviética, no propósito de buscar inspiração de fundo filosófico à compreensão da Guerra.

Embora titubeante, de início, aos poucos se afirma a Doutrina Militar Soviética, traduzindo-se operacionalmente em suas 3 fases nítidas:

— Grande manobra em retirada (41/42);

— Batalha defensiva (42/44);

— Batalha ofensiva (44/45);

aparecendo, de permeio e em conjunção de esforços com as Fôrças Regulares, a luta de Guerrilhas, sobretudo a partir da 2ª fase.

Vejam os leitores, que o presente estudo envolve a consideração duma Concepção e duma Conduta da Guerra em moldes, como hoje entendemos, Convencionais. Certamente que a organização dos grupamentos de fôrças, os métodos e processos de ação e, pois, a Doutrina de Emprêgo das Armas

Terrestres, apresentavam aspectos atualmente ultrapassados, como é o caso da organização das GU, as DC e a massa Hipomóvel. Contudo, para os analistas da atualidade militar e das tendências que se esboçam tendo em vista solucionar o Problema Militar, tal exame da conjuntura soviética vale como ponto de extraordinário relêvo à compreensão da Guerra Moderna.

Mas o que mais convém destacar, a nós que falamos de Doutrina Militar Brasileira, são as idéias que justificam o "porquê" da Doutrina, de Guerra e Militar, russa da 2ª Guerra Mundial.

Major A. RAPOSO FILHO

As doutrinas de guerra variam — e devem variar — com as condições de cada país, correspondendo aos fatôres de ordem política, geográfica, econômica e industrial que lhes são próprios. Indubitàvelmente, uma exata avaliação dêsses fatôres dá origem a doutrinas diferentes.

Por um país ter saído vitorioso de uma guerra não quer dizer que sua doutrina seja aceitável por outro ou outros de diferentes capacidade industrial, potencial humano, cultura ou grau de especialização técnica. A doutrina representa a concepção do modo de fazer a guerra, e com ela se procura obter a cooperação intelectual entre o Comando e as tropas, a unidade de ação, a unidade moral e o máximo de rendimento dos meios de ação; isto é, o que, segundo Foch, constitui *a mesma maneira de ver e o mesmo modo de agir*. Ver e agir podem ser realizados de modo diferente por dois indivíduos ou por duas nações, segundo variem seus caracteres morais, políticos, orgânicos, técnicos e econômicos, correspondendo às realidades do problema da guerra e possibilidades próprias, nível cultural e técnico bem como o índice de progresso, ambiente social, psicologia racial, índice econômico e que satisfaça, de maneira geral, às particularidades do modo de ser nacional.

Ao tratar, hoje, nesta Revista, da doutrina aplicada pelos exércitos soviéticos na última guerra, não nos move o intuito de refutá-la ou aceitá-la. Trata-se simplesmente, por ser de interêsse profissional, de divulgar, dentro das nossas possibilidades de informações, a doutrina aplicada por um outro país, a fim de conhecer sua forma de ação, seu modo de proceder na batalha e no combate durante a guerra passada, como base de experiência para uma guerra futura.

* * *

Ao iniciar-se a 2ª Guerra Mundial, as doutrinas polarizavam-se, de um modo geral, em tôrno de três tipos: *francesa, alemã* e *inglêsa*, sendo a mais comumente aceita, com ligeiras modificações, a primeira.

Esta, limitada em seus fins, em última análise, se caracterizava pelo predomínio do conceito defensivo, conduzindo a uma batalha na qual,

fixando-se o inimigo por meio da fortificação procurava-se destruí-lo pelo fogo; motorização parcial das unidades e mecanização das necessárias à realização de manobras de objetivo limitado.

A alemã se fundamentava no conceito da grande potência material da máquina, a qual o homem dá vida, tendendo para a máxima potência com o mínimo de massa — esta bem especializada — com uma amplitude máxima de movimento e procurando abreviar a guerra por meio de manobras potentes e profundas.

A doutrina inglêsa era a exaltação da máquina. Exércitos pequenos, muito potentes e com grande mobilidade para a manobra.

Em resumo, a Alemanha fundamentava sua doutrina buscando a expansão política pelo ataque; a França pretendia a manutenção do estado de coisas pela defensiva e a Inglaterra confiava sua cooperação na coligação franco-britânica, a um pequeno exército, potente, móvel e ofensivo que iria constituir a massa de manobra ao amparo da defensiva na França.

A Rússia, flutuando entre essas doutrinas, mantinha uma atitude de espera confiada em sua extensão territorial, em sua enorme massa e na capacidade de seus recursos, que lhe permitiriam travar uma batalha defensiva em amplas extensões.

ORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO RUSSO

Antes de entrarmos na exposição da doutrina russa na guerra passada, faremos um ligeiro estudo da organização do Exército vermelho.

A "Frente" soviética correspondia sensìvelmente ao Grupo de Exércitos e compreendia um número variável de Exércitos, integrados, por sua vez, por outro número, também variável, de Corpos de Exército, Corpos de Cavalaria e Corpos Blindados.

A Divisão de Infantaria se compunha de três Regimentos de Infantaria a três Batalhões, um Regimento de Artilharia de dois Grupos mistos de 76 e 122, um Grupo Contracarro e um Grupo Antiaéreo; além disso, a Divisão tinha um Batalhão de Engenharia e uma Companhia de Transmissões, com um efetivo total da ordem de 9.300 homens.

A Divisão de Montanha era de quatro Regimentos de Infantaria; o Regimento de Artilharia dêste tipo de GU se compunha de dois Grupos mistos de 76 e de morteiros de 120, sendo motorizado o Grupo Antiaéreo.

O Corpo Blindado estava integrado por três Brigadas de carros médios a tres Batalhões (de 21 carros) por Brigada; uma Brigada de Infantaria dotada de canhões de assalto, morteiros pesados e lança-chamas; um Regimento de Artilharia com calibres de 85 e 152, lança-foguetes, morteiros pesados e um Grupo Antiaéreo, com um total no Corpo Blindado de 200 carros, umas 100 peças,: 24 canhões contracarro e 20 peças de Artilharia Antiaérea.

A Divisão de Artilharia era de quatro Brigadas: uma ligeira de canhões contracarro; uma de canhões de 152, com 50 peças; uma de obuses de 122, com 84 peças, e uma de morteiros de 120, com 108 peças.

A Divisão de Cavalaria, de três Regimentos de Cavalaria e um Grupo de Artilharia Antiaérea, quase sempre era reforçada com carros médios.

Na organização geral do Exército vermelho foi dada especial importância à reserva geral, cuja artilharia chegou a compreender não sòmente tôda a gama de calibres, como também unidades especiais de artilharia contracarro, lança-foguetes, morteiros pesados e antiaérea. As Divisões de Artilharia dessa reserva geral, integradas por peças ligeiras, pesadas e morteiros pesados, eram empregadas em massa nas direções decisivas, sem se fragmentarem, a fim de reforçar as Divisões normais.

A organização do Exército, apesar da evolução que sofreu, tanto em conseqüência das lições da própria guerra como da produção de material bélico e da redução introduzida nas Grandes Unidades normais para criar essa potente reserva geral, manteve sempre grande número de unidades hipomóveis, assim como uma grande massa de Cavalaria, e que é fàcilmente explicável tanto pela insuficiência de material automóvel como pela natureza do terreno e as grandes extensões pantanosas ou cobertas de bosques, pouco propícias aos movimentos motorizados. Essa massa hipomóvel, destinada principalmente a guarnecer setores passivos ou semipassivos, permitiria ao Comando Supremo concentrar as Grandes Unidades motorizadas e blindadas nas direções principais de esforço. Eis aí o motivo pelo qual o Exército vermelho manteve durante a guerra uma Cavalaria com o efetivo da ordem de 600.000 homens.

A organização das Fôrças Aéreas soviéticas correspondia também a um determinado conceito tático doutrinário. A GU Exército Aéreo era integrada por Divisões Aéreas de três tipos: Caça, Bombardeio e Assalto. Cada uma delas era composta por quatro a seis Regimentos, os quais tendo embora a mesma missão, podiam estar dotados de material diferente; no Regimento é que havia a homogeneidade de aparelhos. Os Regimentos de Caça compreendiam quatro Esquadrilhas de doze aviões.

A zona de ação de um Exército Aéreo correspondia normalmente à de uma "frente" terrestre, embora tenha sido também empregado, em algumas ocasiões, em apoio e proteção de várias delas ao mesmo tempo.

A organização acima reflete o conceito de emprêgo da Aviação. As diretrizes do Marechal Novikok, Comandante das Fôrças Aéreas, diziam: *Não é possível obter a vitória sem uma colaboração estreita de tôdas as Armas. Em conseqüência, a missão principal das Fôrças Aéreas consiste em levar o seu concurso e apoio às Fôrças terrestres.* Outra diretriz do Comando Supremo afirmava: *Na guerra moderna é muito difícil à Infantaria bater-se sem carros e sem o suficiente apoio aéreo.* Em conseqüência, tôda a Aviação soviética, seja de Caça, Bombardeio ou Assalto, devia intervir com prioridade sôbre o campo de batalha.

A Aviação de caça se esforça para conseguir a superioridade sôbre a caça adversária a fim de cobrir as tropas de terra dos ataques aéreos. A de bombardeio participa de modo direto na batalha terrestre, prolongando a ação da Artilharia e atacando os aeródromos inimigos, e só excepcionalmente, batendo objetivos longínquos. A de assalto tinha

como objetivo primordial os carros inimigos, atacando com as armas de bordo ou com bombas, as tropas adversas de primeira linha e as reservas táticas.

Por isto, segundo êste conceito de emprêgo, as Divisões aéreas estavam concebidas para dispor de uma grande flexibilidade que lhes permitia passar da centralização total à descentralização absoluta, de tal modo que um Regimento de Aviação podia ser empregado em apoio a uma Divisão, cabendo às suas esquadrilhas o encargo de apoiar os Regimentos de Infantaria da mesma; ou, ao contrário, uma Divisão de caça completa podia se encarregar de garantir a proteção de uma zona do terreno.

OS FUNDAMENTOS DA DOUTRINA

Os fundamentos da estratégia soviética se evidenciam nas três fases sucessivas da guerra: *A grande manobra em retirada*, cujos limites estão definidos por Moscou, Leningrado e Stalingrado nos anos de 1941-42; *a batalha defensiva*, que conduziu à ruptura do equilíbrio em Kursk, Orel e Kharkov, e *a batalha ofensiva* de 1944, que originou a queda e a invasão da Alemanha em 1945.

Primeira fase: a manobra em retirada. — Tem sua inspiração em Clausewitz, em cuja obra *Da guerra* se encontra: "Temos considerado a retirada voluntária para o coração do território, como uma forma de defesa à mercê da qual se pode esperar a destruição do inimigo, não sòmente pelas armas como também pelo desgaste resultante, de seus próprios esforços. Neste caso, ou não se prevê nenhuma grande batalha, ou esta deve ter lugar quando as fôrças do inimigo estiverem consideràvelmente reduzidas". Esta teoria foi empregada no princípio da guerra quando se verificou a retirada, e com a qual, as diretrizes ditadas pelo Comando Supremo soviético pretendiam ganhar tempo para constituir as reservas e orientá-las para os pontos de emprêgo, e desgastar ao máximo o inimigo. Para conseguir isto, as diretrizes recomendavam:

— movimentos retrógrados, realizando grandes ianços;
— paradas previstas sôbre os principais fossos ou cursos d'água;
— evitar a retirada total da frente quando esta era rompida, para o que as tropas que se encontravam de um e do outro lado da brecha aberta deveriam conservar suas posições girando ou flexionando sua frente para evitar o envolvimento. As que, por haver sido envolvidas, fôssem obrigadas a se retirar, não deviam procurar alcançar a linha de deter seguinte, e sim, constituir núcleos de resistência nos flancos da brecha. A missão de deter as fôrças blindadas alemãs era dada a fortes reservas móveis, largamente providas de meios anticarro e apoiadas em posições previstas;
— lançamento de contra-ataques em forma de violentos golpes de aríetes, com poderosas formações de carros com as quais se dotavam as Grandes Unidades normais;

— apoio em localidades importantes, as quais, ainda que destruídas, ofereciam à defesa excelentes pontos de apoio, desde que fôssem suficientemente extensas e, melhor ainda, quando se tivesse podido organizá-las defensivamente de antemão.

Na execução da manobra em retirada, o Comando soviético praticou sempre a tática da "terra devastada", isto é, a evacuação de tôdas as instalações industriais, gado e tudo que pudesse ser utilizado, juntamente com as destruições em larga escala. Dificultava assim ao extremo os abastecimentos das tropas de ocupação, já por si árduos em virtude da extensão de suas linhas de comunicações e das ações ofensivas dos guerrilheiros russos existentes ou infiltrados nas retaguardas.

Segunda fase: a defensiva. — Alcançadas pelas tropas alemãs as proximidades de Leningrado-Moscou, em 1941, e Stalingrado, em 1942, o Comando soviético achou que atingira o limite de seu retraimento e deu ordem de resistir a todo custo nas linhas mantidas no momento. Então a defesa se fundamentou nos mais completos trabalhos de fortificação, entrincheiramento, rêdes de arame, abrigos, campos de minas, defesas anticarro de todo o tipo e, especialmente, fossos anticarro, empregando para isso a mão-de-obra civil, mobilizando populações inteiras.

O conceito da manobra defensiva se baseou nos seguintes princípios:

— quebrar o ataque ou fazê-lo abortar na própria zona da frente, sem permitir que as Grandes Unidades blindadas se lançassem em profundidade;

— passar à contra-ofensiva no momento preciso em que o inimigo haja sido desgastado suficientemente, aproveitando êsse momento crítico de sua debilidade, antes que êle possa ser reforçado ou reorganizado.

As zonas de defesa organizada se estenderam em certas ocasiões — como em Kursk e em Stalingrado — por 100 km de profundidade, compreendendo uma série de posições organizadas prèviamente que barravam integralmente o terreno. Ao desencadear-se o ataque alemão, as tropas ocupavam o terreno em uma profundidade de 30 a 40 km, abrigando os seus órgãos de fogo em trincheiras e abrigos. Lançavam na primeira linha, sem a menor vacilação, tôdas as armas anticarro que dispunham, assim como artilharia de todos os calibres, inclusive carros enterrados para abrir fogo contra os carros adversários, com a limitação entretanto de só fazê-lo quando êstes estivessem dentro do alcance verdadeiramente eficaz. Esta ação anticarro, que poderíamos chamar de tiro direto, era completada por concentrações de artilharia de vários Regimentos que, por sua vez, eram reforçadas por aviões de mergulho que recebiam missões de bater os carros e os elementos motorizados.

Se, apesar de tôdas essas providências, sobrevinha a ruptura da posição, o importante era localizar e limitar o avanço pela intervenção de reservas móveis, apoiadas em posições de segunda linha, que procura-

vam impedir a dilatação da brecha e a penetração, buscando assim converter a perfuração conseguida em uma bôlsa, reduzível, em curto prazo, por meio de contra-ataques realizados por Unidades blindadas com forte apoio de artilharia e aplicadas nos flancos da penetração. Assim, a batalha defensiva se concebia em forma de uma série ininterrupta de ações defensivas e ofensivas, estas últimas lançadas no momento preciso em que se detinham os carros alemães que se viam, assim, obrigados a realizar uma ruptura após outra, sem encontrar campo aberto para uma penetração em profundidade.

Terceira fase: a ofensiva. — Baseou-se na absoluta superioridade de meios. O Comando soviético não foi partidário, de um modo geral, de lançar ofensivas com meios ligeiramente superiores; negava reforçar as Unidades empenhadas na defensiva em situações críticas — não atendendo a seus angustiosos pedidos — para não gastar suas reservas e poder reuni-las em número suficiente para alcançar no contra-ataque ou na contra-ofensiva, uma esmagadora superioridade.

O critério ofensivo se baseou no aproveitamento da surprêsa, na ruptura em várias direções e no lançamento rápido pelas brechas abertas de Unidades móveis de exploração a fim de isolar as reservas em núcleos esparsos e batê-los por parte.

O dispositivo de ataque, organizado em profundidade, compreendia, em linhas gerais, dois escalões: o primeiro — o da vanguarda — composto de Unidades de tôdas as armas, apoiadas por artilharia e carros, era encarregado de realizar a ruptura; o segundo, constituído de Unidades blindadas e motorizadas, tinha por missão transformar o êxito tático em estratégico, devendo alcançar, no mais curto prazo, as retaguardas e linhas de comunicações do inimigo, desbordando, sem se deter, as resistências encontradas, cuja redução ficava a cargo das Unidades normais que o seguiam.

Os intervalos entre as rupturas oscilavam entre 15 a 20 km, e se buscava a convergências de duas direções de penetração em prazos que variavam de 2 a 5 dias, calculando-se a velocidade de deslocamento da infantaria em 5 a 10 km diários durante a ruptura, e em 20, no curso da progressão ulterior; a das Unidades blindadas de exploração, em 30 a 60 km diários, conforme as dificuldades. Isto dava penetrações, até alcançar a conjunção das massas, da ordem de 100 a 120 km, conseguidas em 5 dias, como foi o caso dos cercos de Don e Stalingrado.

Apesar dessas velocidades de avanço, vinha um momento em que se impunha uma parada para restabelecer as comunicações, fazer avançar os serviços de suprimento ou proceder as reorganizações necessárias, em virtude de o esfôrço não poder ser aplicado indefinidamente nas mesmas direções. Êste conceito do Comando soviético explica os saltos que o Exército vermelho dava alternativamente de um para outro setor da extensa frente, a fim de explorar os salientes criados pela ofensiva anterior. Êste critério surgiu das ligações apreendidas com os reveses

sofridos pelos alemães em seus avanços sôbre Moscou, em 1941, e Stalingrado, em 1942, nos quais impulsionando, a todo custo, o seu esfôrço ofensivo, não puderam, por vêzes, alimentá-lo em efetivos e material.

A INFORMAÇÃO

No período preparatório de cada nova ofensiva, os órgãos de informações desenvolviam o máximo de atividade para determinar o dispositivo adversário, a natureza e situação dos seus órgãos de defesa bem como os seus meios de fogo. Estas investigações eram completadas pelos reconhecimentos aéreos, ao mesmo tempo que os guerrilheiros, que se encontravam nas retaguardas alemãs, enviavam, pelo rádio ou por meio de emissários, os mais exatos informes.

A AÇÃO DOS GUERRILHEIROS

De acôrdo com a mais pura doutrina marxista, Stalin ditou, no dia 3 de julho de 1941, a seguinte ordem:

"Nos territórios ocupados pelo inimigo é necessário organizar Unidades de franco-atiradores montados e a pé, assim como grupos de guerrilheiros para combater as Unidades inimigas, incitar tôdas à guerra de emboscadas, arrebentar as pontes e as estradas, destruir as linhas telegráficas e telefônicas, incendiar os bosques, os depósitos de material e os armazéns de víveres".

Aos atentados isolados, destruições parciais, emboscadas, etc., sucederam-se autênticas operações combinadas de guerrilhas, dirigidas pelo Comando soviético e sincronizadas com as operações das frentes de combate.

DOUTRINA DE EMPRÊGO DAS ARMAS TERRESTRES

Princípios gerais. — A combinação de tôdas as Armas para assegurar mediante fogos maciços, em apoio constante e imediato à infantaria. Êste resultado se obtém empenhando-se em primeira linha, entre os escalões de infantaria, tanto os morteiros como peças de artilharia de todos os calibres e carros, bem como fazendo intervir a aviação de assalto e de bombardeio numa ação o mais próximo possível daquela arma.

A êste respeito, o Regulamento de Infantaria de 1942 dizia: *a ação da artilharia e da aviação tem por fim o apoio ininterrupto da infantaria mediante uma ação maciça durante tôdas as fases do ataque.*

Tanto na defensiva como na ofensiva, a luta em primeira linha se executa por pequenas Unidades de tôdas as armas que se constituem em células elementares de combate; dessa forma uma Seção de infantaria pode ser reforçada por uma peça de acompanhamento imediato e por um carro. A combinação dêstes elementos integrantes de uma cé-

lula se obtém pela subordinação dos apoios ao Chefe da infantaria apoiada; esta regra se observa tanto no escalão Seção e Companhia como também nos superiores — Batalhão, Regimento e Divisão.

No ataque, a artilharia e os morteiros apóiam a infantaria até o limite permitido pela distância de segurança, avaliada em 200 m para a primeira e 70 a 100 m para os segundos.

O infante soviético é instruído de modo a conduzir-se no combate com o desejo *constante e imperativo* de chegar ao choque, lançando-se ao assalto quando se aproxima a 50 m do adversário.

O enlace infantaria-artilharia de apoio se obtém pela justaposição dos postos de comando e o envio de observadores de artilharia para a primeira linha com os escalões avançados de infantaria, de tal forma que se uma Bateria apóia uma Companhia, há sempre um observador daquela encarregado de vigiar o conjunto da frente da companhia enquanto que um outro marcha com os pelotões de primeiro escalão. As peças de acompanhamento se movem sob a proteção das armas pesadas de infantaria, esforçando-se para dar um apoio constante aos elementos avançados desta.

Os carros que apóiam a infantaria atiram avançando e a infantaria reforça e completa seus fogos. Se o carro se vê obrigado a contornar um obstáculo ou desbordar uma resistência, separando-se momentâneamente de sua infantaria, conserva com ela o contato pelo fogo.

Na doutrina soviética de cooperação carros-aviação-infantaria admite-se que a segunda possa apoiar com seus fogos, quer por meio de bombardeios ligeiros quer por ataques com as armas de bordo, até uma distância de segurança que os Regulamentos avaliam em 200 m, desde que a infantaria relize um exato balizamento de suas linhas. Para poder realizar o apoio nas melhores condições, a aviação é empregada por patrulhas, que se sucedem ininterruptamente, em contato permanente com a infantaria, cuja ligação é assegurada por meio de um Oficial de ligação, utilizando o rádio, que permanece na linha de combate.

A continuidade da progressão. — Um dos preceitos que mais insistentemente fixa a doutrina soviética é o da progressão contínua, de dia ou de noite, até alcançar resultados decisivos. A êste respeito, o Comando Supremo baixou, em janeiro de 1942, uma diretriz que diz literalmente, entre outras coisas: "*...a progressão da infantaria e dos carros deve efetuar-se ao compasso das explosões e da música da artilharia*", e acrescentava depois que qualquer parada em um objetivo intermediário pode comprometer o ritmo do avanço.

Do mesmo modo, a doutrina prescreve a necessidade de prosseguir de noite o avanço, para explorar o êxito obtido durante o dia e impedir a reorganização do inimigo. Diretrizes posteriores afirmam que a experiência demonstrou que a noite não constitui impedimento para o combate, assim como para o emprêgo de todos os modernos meios, se o ataque foi bem planejado e se fôr prevista minuciosamente a ligação

interior das pequenas Unidades de infantaria, bem como a desta com os carros e demais armas que o apóiam.

Emprêgo da infantaria. — Na batalha defensiva, o emprêgo da infantaria se fundamenta em sua aderência às linhas sucessivas que o terreno oferece. A primeira preocupação dessa infantaria é separar a adversária dos carros que a apóiam, obrigando-a a aferrar-se ao terreno e abandonar a proteção que aquêles lhe oferecem. Da batalha de Kursk, o Comando soviético deduziu que uma forte infantaria dispõe de meios suficientes para intervir na luta contra carros, detê-los e infligir-lhes graves perdas (1).

Nessa batalha, principalmente, o Comando russo fundamentou sua convicção de que quando a infantaria adversária é separada de seus carros, êstes se retraem até retomarem o contato com os elementos apoiados.

Na ofensiva, como já dissemos, o principal cuidado da infantaria é continuar sua progressão sem se deter, pelo que, a missão de reduzir as resistências isoladas é dada a um segundo escalão, devendo o primeiro desbordá-las sistemàticamente.

Emprêgo da artilharia. — Desde o começo da guerra, e de uma maneira progressiva, a artilharia soviética foi aumentando sua densidade, tanto no ataque como na defesa, chegando a alcançar na batalha de Stalingrado uma densidade de 110 peças por quilômetro, nas principais direções de esfôrço.

Parece que foi em Kursk que se empregou pela primeira vez u'a massa de artilharia para defesa contra os carros, estabelecendo-se na pri-

---

(1) Na citada batalha — na qual o comando alemão procurava reduzir o reentrante que fazia sua frente na altura da dita povoação — intervieram o IX e o IV Blindado, com direções de ataque norte-sul e sul-norte, respectivamente, ao mesmo tempo que o II Exército realizava um ataque frontal com o fim de fixar o inimigo. O IX Exército dispunha de 20 Divisões em uma frente de ataque de 40 km — com 7 Divisões blindadas atacando numa frente de 10 km. No sul, na zona do IV Exército, em 80 km de frente, atacaram 18 Divisões das quais 10 blindadas, ficando o esfôrço principal a cargo de 6 Divisões blindadas e duas de infantaria.

O ataque se desenrolou obedecendo às mesmas normas em ambos os setores norte e sul. Os carros tipo "Tigre", recém-lançados, dotados de canhão 88 e de 60 toneladas de pêso, marchavam na testa em grupos de 10 e 15 carros, protegidos por tiros maciços e potentes de artilharia e acompanhados dos automotores "Ferdinand", também de recente lançamento; após, marchavam os carros médios M-IV em grupos de 50 a 100, seguidos por infantaria. Desde a saída da base de partida, os carros foram submetidos aos fogos, também maciços, da artilharia russa e batidos em tiro direto por todos os meios anticarro, carros enterrados, granadas de carga ôca, garrafas de líquido inflamável, etc., ao mesmo tempo que a infantaria se empenhava em separar a infantaria alemã de seus carros. Lançado o ataque simultâneamente em ambos os setores, no dia 5 de julho, a 9, foi detido ao norte e na direção do esfôrço principal do sul; no dia 11, o Comando do setor lançou um contra-ataque, dando lugar à maior batalha de carros, com mais de 1.500 entre ambos os lados.

meira linha considerável número de peças (de médio e grande calibres) enterradas e mascaradas, constituindo um grupamento de 10 Regimentos de artilharia que destruiu centenas de carros.

As conclusões a que o Comando soviético chegou ao finalizar a guerra, podem ser expressas da seguinte maneira:

a) Para que a infantaria possa vencer as resistências inimigas sem perdas excessivas, o sistema de fogos do adversário tem que ser neutralizado por um potente fogo de artilharia que bata tôda a profundidade da posição que se pretende conquistar. A neutralização do inimigo e a obtenção do máximo efeito moral só se conseguem mediante a combinação dos fogos de massas de artilharia que atirem de posições desenfiadas e com inúmeras peças em tiro direto.

b) Todo ataque de carros, por potente que seja, tem que ser obrigatória e eficazmente apoiado por artilharia, se não quiser fracassar diante da ação das armas anticarro inimigas. Considera-se axioma o seguinte princípio: *Quanto mais carros, mais artilharia.*

c) É indispensável constituir reservas de artilharia, especialmente mecanizadas, para cobrir, segundo as direções prováveis de contra-ataques, os flancos das Unidades que atacam, para que possam vencer as resistências que encontrarem.

A organização e a articulação da artilharia soviética baseiam-se nessas conclusões.

O Regimento de Infantaria é apoiado por "Grupamento de artilharia regimental", composto de artilharia divisionária e de reforços variáveis de morteiros e obuses da reserva geral de artilharia.

A artilharia regimental e parte da divisionária atuarão normalmente de posições descobertas que permitam, na ofensiva, o tiro direto contra as organizações inimigas e, na defensiva, contra os carros atacantes. A tal ponto chegaram os russos neste conceito de tiro direto que empregaram, e com relativa freqüência, peças de 122, de 152 e até de 203 em tal modalidade de tiro. A proporção das peças que atuavam dêste modo geralmente variava entre 25 e 30% do total da artilharia empenhada, chegando em algumas ocasiões excepcionais a maiores porcentagens. A companhia de infantaria dispunha, em geral, de duas a quatro peças que atuavam em tiro direto; para a preparação do ataque, os morteiros de 82 e de 122, reunidos em um grupamento regimental, ficavam às ordens do Comandante do grupamento de artilharia regimental.

O "grupamento de artilharia divisionária" assumia a missão de reforçar o grupamento de artilharia do Regimento que realizava o esfôrço principal, para o que, por sua vez, era reforçado com Unidades da reserva geral e, eventualmente, com Unidades de morteiros da "Guarda".

O "grupamento de artilharia de Corpo de Exército" era o encarregado, normalmente, de bater as reservas inimigas, podendo também receber missões nas direções de esfôrço.

A contrabateria e as ações longínquas ficavam, geralmente, a cargo dos "grupamentos de artilharia de Exército".

Os lançadores de projéteis-foguetes, os chamados "Katiuska", foram utilizados, pela primeira vez, na frente de Leningrado, no dia 12 de setembro de 1941, para deter um ataque alemão que fracassou no início. Seu emprêgo seguiu uma progressão crescente, aparecendo os de grosso calibre no curso da batalha de Stalingrado. Desde os fins de 1943, os Katiuskas foram usados em número cada vez maior em tôdas as operações de ruptura para acompanhar a infantaria e, nos últimos anos da guerra, para fazer o mesmo com relação aos carros e a cavalaria. Na ruptura de posições fortemente organizadas, seu emprêgo teve lugar em massa, por meio de potentes concentrações sôbre os principais objetivos.

O crescimento da artilharia soviética é bem apreciado nas cifras seguintes, que indicam a densidade de peças e morteiros pesados por quilômetro de frente que foram empregados nas principais operações:

Orel-Kursk	290
Istmo de Carélia	220
Bobruisk-Jassy-Kichiniev	250
Berlim	650

Em conjunto, para a ruptura do cêrco de Leningrado foram empregadas 5.000 peças (janeiro de 1944); na travessia do Vístula, realizada pelo Grupo de Exércitos da Rússia Branca, o apoio foi dado por 9.500 peças; as defesas de Berlim foram bombardeadas por 22.000. A proporção de artilheiros nos efetivos do Exército vermelho passou de 15%, no princípio da guerra, para 50%, no término, com uma média de 32 peças para cada 1.000 combatentes.

Artilharia anticarro. — Do mesmo modo, a artilharia anticarro não deixou de sofrer aumento no curso da guerra e foi também submetida a uma notável descentralização que se adaptava ao desdobramento da infantaria, sem que perdesse a possibilidade de um emprêgo maciço para deter os ataques em fôrça (1).

---

(1) Para dar uma idéia do emprêgo das unidades contracarro, vamos citar duas ações constantes das Memórias do Coronel Aliochkine, Comandante do 289º Regimento de Artilharia Anticarro:

Dia 10 de outubro de 1941. — O Regimento se encontra reforçando a 8ª Divisão (General Panfilov) e recebe a missão de cobrir um importante nó de comunicações, situado a 179 km a SW de Volokolahsk.

O Regimento desdobra-se em dois escalões: o primeiro, composto de 4 Baterias, barra as direções mais perigosas; o segundo, constituído de 2 Baterias, é espalhado na posição ocupada pela infantaria.

Nos dias 19 e 21, os alemães lançam dois reconhecimentos ofensivos, apoiados por 11 e 17 carros, respectivamente; para não denunciar o dispositivo nem as suas posições, só fazem fogo as peças isoladas.

No dia 25, os alemães lançam o ataque principal, precedido por uma preparação de artilharia que não obtém efeitos eficazes sôbre os homens nem sôbre o material, graças ao seu disfarce e por ter sido cuidadosamente enterrado. A preparação de artilharia é reforçada por um ataque de aviação de duas vagas

Na evolução e crescimento do emprêgo dos meios anticarro chega-se, durante o ano de 1942, diante de Stalingrado, ao emprêgo em grande escala da manobra de importantes grupamentos de artilharia contracarro, e, assim, para deter o ataque de duas Divisões blindadas e duas de infantaria que tentam cruzar o Volga, lança-se um grupamento de cinco Regimentos anticarro.

É opinião do Comando soviético que êste emprêgo de seus meios anticarro lhe permitiu, durante todo o desenrolar da batalha defensiva, dispor sempre de um prazo de duas a três horas para realizar o bloqueio eficaz das direções de ataque alemão; durante essa etapa, constituíram-se reservas móveis de artilharia anticarro nas Divisões, Corpos de Exército e Exércitos. Ao iniciar-se a ofensiva, a artilharia anticarro começa a ser empregada na preparação do ataque e no seu acompanhamento, e, em meio dessa fase, já se lançam decididamente na vanguarda aquelas Unidades, que vão transpor os grandes cursos d'água com os primeiros escalões. Graças a êsse lançamento na vanguarda, foi possível manter e ampliar as cabeças de ponte, apesar dos fortes contra-ataques alemães lançados contra elas, que sistemàticamente eram apoiados por carros.

Emprêgo dos carros. — O emprêgo dos carros por parte do Exército soviético foi por demais variado, correspondendo às condições da batalha, da indústria e da produção em cada momento. Nos primeiros tempos da guerra, foi nítida e clara a inferioridade dos materiais russos em face dos alemães; esta diferença foi diminuindo progressivamente até o outono de 1942; a partir daí, os novos carros russos começam a desempenhar um papel cada vez mais importante nas operações.

As condições de terreno, assim como a evolução dos processos inimigos, foram sempre determinantes da forma de emprêgo; dêste modo, na batalha de Stalingrado, as particularidades da luta nas ruas, as ruínas que as obstruíam, os grandes engarrafamentos produzidos pelos bombardeios aéreos e demais transtornos do terreno, impediram o emprêgo maciço dos carros, empenhando-se pequenas Unidades do tipo Seção para

---

sucessivas — a primeira, de 27 aviões Junkers, e a segunda, de 40 — que atacam as primeiras linhas por meio de bombardeiros de mergulho e tiros de metralhadoras. A seguir, lançam-se ao ataque 150 carros, sem que as peças contracarro das quatro Baterias do primeiro escalão rompam fogo até que se encontrem à distância de 400 a 500 m. A abertura do fogo é feita simultâneamente, destruindo-se nos primeiros momentos 57 carros. Detidas em seu ataque frontal por êste fogo, as Unidades alemães procuram um ataque de flanco, apoiadas por uma Companhia de carros, que é igualmente repelido.

Êste mesmo Regimento, em fins de novembro do mesmo ano, foi enviado para Solnetchnogorsk a fim de bloquear a estrada Leningrado-Moscou. O ataque alemão, embora sèriamente perturbado pela ação do Regimento, que rompeu fogo a distâncias muito curtas, pôde, entretanto, progredir, logrando envolvê-lo e cercá-lo; o Coronel conseguiu romper o cêrco, liberando a maior parte de suas Baterias, colocando-as novamente em posição. Cercado outra vez, consegue ainda escapar-se, entrando, pela terceira vez, em posição e conseguindo, finalmente, depois de reforçado, deter o ataque alemão.

o acompanhamento das Unidades ou destacamentos de assalto, enquanto que outros carros isolados eram empregados como órgãos blindados fixos, situados nas proximidades das organizações de infantaria, nas praças ou nos cruzamentos.

Da mesma forma, na batalha defensiva de Kursk, em 1943, os carros foram empregados isoladamente em certas ocasiões, por Unidades completas — para reforçar a defesa contracarro, como órgãos fixos de fogo que se enterravam e mascaravam sem deixar emergir do solo mais do que o canhão e as metralhadoras. Êste emprêgo teve lugar, normalmente, para barrar o avanço de Unidades blindadas alemães que haviam logrado perfurar a organização defensiva.

Não obstante, êste modo de emprêgo foi eficaz quando o Comando soviético tinha absoluta certeza da direção do ataque inimigo, e, por isto, não havia inconveniente em sacrificar, como órgãos de fogo semifixos, numerosos carros que ocupavam essas posições, com a ordem, sem dúvida, de reagrupar-se oportunamente para passar aos contra-ataques ou retrair-se para outra posição prèviamente preparada.

Na ofensiva iniciada em 1944, o emprêgo dos carros teve lugar segundo as modalidades que poderemos chamar de clássicas: nos ataques de ruptura, em íntimo contato com a infantaria; quando a finalidade era penetrar ràpidamente nas retaguardas alemãs e cortar suas linhas de comunicações, importantes formações blindadas eram lançadas à frente sem ligação com a infantaria. No primeiro caso, a ruptura, o sistema dependeu sempre da organização da posição inimiga; se o terreno não estava fortemente organizado e defendido, os carros constituíam o primeiro escalão, que desembocava sob a proteção da artilharia para penetrar na posição, neutralizando em sua passagem, a infantaria e os serventes das armas anticarro; eram seguidos, em segundo escalão, pela infantaria, encarregada de subjugar as resistências subsistentes.

Se, ao contrário, o terreno estava fortemente defendido por obstáculos naturais e artificiais, era a infantaria que formava o primeiro escalão, desembocando de suas bases de partida sob a proteção dos fogos de aviação, da artilharia e dos carros que deviam segui-la. Quando a infantaria conquistava a primeira linha inimiga, com a cooperação dos sapadores, abria as passagens necessárias através dos obstáculos e dos campos de minas, por onde os carros se lançavam, não em profundidade, e sim, através da posição, em íntima ligação com a infantaria que apoiavam. Dentro da posição de resistência, os carros manobravam constantemente para atacar de flanco ou de revés os centros ou núcleos de resistência que a infantaria encontrava, até que ambos conseguissem abrir uma brecha suficientemente ampla e desembaraçada.

Era neste momento que os carros recobravam sua autonomia para passar à exploração em profundidade.

Em síntese, pode-se dizer que o critério de emprêgo dos carros se baseou, como o da artilharia, na manutenção da máxima flexibilidade, tanto na ofensiva como na defensiva.

Emprêgo da cavalaria. — A cavalaria do Exército vermelho foi amplamente empregada na 2ª Guerra Mundial, sempre crescendo os seus efetivos. É claro que isto correspondeu às características do terreno, com extensas zonas de bosques e pântanos de difícil praticabilidade para os carros e nas quais a cavalaria encontrava excelentes condições de emprêgo. O incremento experimentado por essa arma na guerra se verifica pelo fato de seus efetivos, segundo dados russos, terem alcançado cêrca de 600.000 homens ao terminar a luta.

Inicialmente, a cavalaria foi empregada para fazer a vigilância em setores secundários situados entre os grandes eixos de penetração. A partir de 1942, seu emprêgo já se faz por Grandes Unidades (primeiro, por Divisões, e depois, por Corpos de Exército); quando o degêlo torna impraticável o terreno para os carros, alcançam supremacia operacional sôbre as Unidades blindadas. Em 1944, começam a ser empregadas em conjunto com as Divisões blindadas para a manobra de exploração, substituindo as Divisões de infantaria que antes acompanhavam aquelas e que se mostram demasiadamente lentas em seus movimentos. Nos casos em que a infantaria não podia seguir os carros, a cavalaria a substituía, e quando os carros eram detidos em seu eixo de marcha por fortes resistências, a cavalaria realizava amplas manobras de desbordamento através, precisamente, das zonas de bosque e pântanos acima citadas, nas quais o inimigo não podia conduzir seus contra-ataques blindados.

Por outro lado, é certo que êste incremento da Cavalaria russa correu paralelamente com a diminuição da potência dos carros do Exército alemão, bem como com a perda da superioridade no ar; de outra forma, seguramente a sua intervenção teria ficado reduzida à primitiva vigilância de setores secundários ou à exploração nas zonas impraticáveis aos engenhos blindados.

Emprêgo dos sapadores. — Em virtude do aspecto hidrográfico do teatro de operações, os sapadores adquiriram como nunca uma importância extraordinária nos quadro operacional. Tôdas as correntes d'água que cruzam os territórios da Alemanha, Polônia e Rússia são importantes, tanto em largura como em profundidade, e constituem verdadeiros obstáculos a serem levados em consideração na manobra, tanto para vencê-los como para explorá-los. Todos êles foram transpostos no curso da guerra, umas vêzes na ofensiva e outras na retirada.

As diretrizes soviéticas visavam proporcionar às Unidades de tôdas as Armas uma instrução suficiente da transposição de rios com meios improvisados ou de fortuna, balsas, passadeiras, pontões, etc., mercê dos quais a infantaria e as armas contracarros se instalavam dentro da cabeça de ponte na margem oposta, ficando a artilharia desdobrada na 1ª margem para cobrir com seus fogos o dispositivo da infantaria.

A intervenção dos sapadores se orientava de preferência para estabelecer, no mais curto prazo, o meio de passagem dos carros para a cabeça de ponte; esta era a sua missão principal, e para isto, era necessário que as demais Unidades se bastassem a si próprias.

A extensão das frentes e a profundidade das penetrações em um país cuja densidade de vias de comunicações — férreas ou rodoviárias — é pobre, imprimiram um caráter de primazia para o restabelecimento de tais vias quando chegou a fase da ofensiva. Como o critério russo de emprêgo dos sapadores foi sempre a sua colocação na vanguarda para trabalhos de primeira urgência, houve necessidade de liberar essas tropas da missão de restabelecimento das comunicações que ficou a cargo das Unidades que, em nossa linguagem, poderíamos chamar de sapadores ferroviários e de pontes e estradas.

Com esta organização se conseguiu o objetivo do Comando russo de que os sapadores contribuíssem no ataque das frentes fortificadas. Para evitar a dispersão dos meios, seu emprêgo se baseou nos seguintes princípios:

a) Os sapadores só devem executar os trabalhos que por seu caráter técnico não possam ser confiados à infantaria.

b) Sempre que possível, os sapadores serão empregados por Unidades completas e sob as ordens dos Chefes da Engenharia.

Em conseqüência, as Unidades de sapadores dos Grupos de Exércitos, Exércitos e Corpos de Exército não eram atribuídas como meios de reforço às Unidades de infantaria, salvo em casos de extrema necessidade e por tempo estritamente indispensável. Quando era atribuída alguma dessas Unidades como reforço à outra de sapadores divisionária, era para participar em operações de ruptura, sendo recuperada imediatamente.

Em princípio, segundo a doutrina soviética, *a infantaria deve realizar com seus próprios meios, sem o concurso dos sapadores, o levantamento dos campos de minas e a abertura de passagem para os carros e a artilharia através das zonas de obstáculos normais.*

Na fase da ofensiva, no período de 1944-45, os sapadores tiveram um amplo emprêgo no que se chamou de "manobra de minas". Ao efetuar-se a penetração no dispositivo alemão como conseqüência de uma ruptura da frente, Unidades completas de Engenharia, motorizadas, se lançavam pela brecha junto com a artilharia anticarro, para cobrir com campos minados os flancos da penetração, evitando os contra-ataques de carros. Sôbre as direções perigosas estendiam seus campos que eram levantados no momento em que cessava o perigo para continuar na vanguarda e estabelecer novas barreiras. Papel análogo desempenharam as Unidades de sapadores nos períodos de defensiva, constituindo-se em destacamentos móveis de estabelecimento de obstáculos para proteger os flancos ameaçados ou deter os contra-ataques.

A dotação de material técnico moderno dos sapadores soviéticos era por demais precária. Êles sòmente dispuseram do necessário e adequado quando a lei americana chamada de Empréstimos e Arrendamentos lhes facilitou escavadeiras, serras mecânicas e demais máquinas e engenhos.

Emprêgo da aviação. — Ao tratar da organização das fôrças aéreas, já expusemos o conceito do Comando Supremo de não dividir sua aviação em uma "aviação tática", com a missão de apoio ou em proveito das fôrças terrestres, e em outra "aviação estratégica" ou de ação longínqua. A quase totalidade da aviação disponível se empregou na primeira dessas missões, e sòmente em raras ocasiões se efetuaram vôos de bombardeio em profundidade sôbre Berlim, sôbre os poços petrolíferos romenos ou outros objetivos semelhantes.

O certo é que pela forma com que se desenrolou a guerra não foi possível deduzir conseqüências muito sólidas a êste respeito, pois, embora o contraste notável do modo de emprêgo das aviações russa e anglo-norte-americana, é bem possível que o modo de emprêgo desta haja influído no daquela. Com efeito, pode-se dizer que a aviação anglo-norte-americana empenhou a maior parte de sua massa na destruição das retaguardas alemães, seus centros de produção, nós de comunicações, instalações industriais, etc., ao passo que a soviética se dedicou ao acompanhamento, apoio e proteção da batalha terrestre. Indiscutìvelmente, porém, isto foi possível porque a ação da aviação aliada a liberou daquele encargo o qual ela teria, forçosamente, de realizar caso estivesse sòzinha ou a se outra não o tivesse feito. Se a inferioridade aérea inicial russa pôde ser paulatinamente superada, deve-se provàvelmente a várias causas: a primeira foi a paralisação a que se viu obrigada a aviação alemã pelas batalhas aéreas sôbre a Inglaterra e a França, e mais tarde sôbre a própria Alemanha, uma vez que a "segunda frente aérea" precedeu de muito à terrestre, a tal ponto que aquela se estabeleceu antes que a ofensiva alemã se desencadeasse; outra causa, derivada da anterior, foi que, para procurar conter os ataques anglo-norte-americanos aos centros de produção alemães, êstes tiveram que forçar a produção de aviões de caça em detrimento dos de bombardeio (isto é, passar do material de ofensiva ao de defensiva), e depois, a defender o seu próprio território contra os bombardeios do Oeste com maior cuidado do que a cobertura de suas tropas de ambas as frentes.

A tendência soviética em empregar a maior parte de seus meios aéreos em cooperação com a batalha terrestre se baseou tanto na escassez de material como na concepção de sua doutrina, conseqüência de deduções extraídas da guerra de libertação da Espanha.

Até 1936, as doutrinas aéreas imperantes na Rússia concediam a primazia à aviação de bombardeio, que se constituía de 40% da totalidade dos aparelhos disponíveis. Na guerra da Espanha manifestou-se a importância da aviação e seu decisivo papel na batalha terrestre, e, como conseqüência desta dedução, em 1939, a proporção de bombardeios ficou reduzida a 26%. A propósito desta dedução, lemos a seguinte informação russa: *A maior parte das vitórias republicanas se deve ao emprêgo da aviação. Em Guadalajara, 125 aparelhos soviéticos, caças e bombardeiros médios, derrotaram as tropas italianas ao surpreendê-las em plena ofensiva.*

Ao iniciar-se a ofensiva alemã em 1941, o número de aviões russos era de uns 8.000, dos quais os mais rápidos, segundo os próprios russos, *tinham feito maravilhas no céu da Espanha com os seus 450 km por hora.* Os alemães também haviam colhido experiências no céu da Espanha e, posteriormente, no da Europa Ocidental, e já aquêles "maravilhosos" aparelhos estavam superados pelos Messerchmidt-109 e pelos Heinkel. Assim a vantagem inicial estava do lado da aviação germânica, que nos primeiros momentos se lançou, como o fizera na Polônia e na Holanda, ao bombardeio maciço dos aeródromos para a destruição dos aparelhos em terra e a paralisação das fôrças aéreas.

Já nos fins de 1941, depois da transferência de tôda a indústria aeronáutica para Leste, começaram a sair das fábricas os aviões de assalto conhecidos por "Stormovik", aos quais, juntamente com a artilharia contracarro, se confiou a missão de deter as Unidades blindadas alemãs. Para a ofensiva, sobretudo, se intensificou a estreita e íntima ligação entre a aviação e as grandes Unidades de carros. Esta ligação se obtinha graças à justaposição dos postos de comando e ao estabelecimento da rêde rádio que permitiam à aviação seguir constantemente o avanço dos carros e a êstes solicitar o apoio aéreo.

CONCLUSÕES

Todos os princípios de emprêgo tático das diversas Armas do Exército russo que predominaram no curso da 2ª Guerra Mundial, tiveram seu principal fundamento na estrutura geral do país, seu regime, idiossincrasia, densidade de população, recursos, área e regime político que determinaram:

— *Unidade de doutrina,* aceita por pura fé ou imposta à viva fôrça.

— *Unidade de direção* nos aspectos políticos, econômico e militar, por recair numa só pessoa as Chefias do Partido, do Govêrno e do Exército.

— *Autoridade e estabilidade* do Poder, impostas pela ditadura mais severa.

— *Preparação industrial e militar:* a primeira, prevista nos planos qüinqüenais, que, fundamentalmente, tendiam para a preparação da guerra, e a militar, baseada em Exércitos permanentes enormes e em uma instrução pré-militar, à qual ninguém escapava e que começava na própria escola primária.

— *Mobilização total dos recursos* humanos e materiais dêsse imenso país a cuja população se exigiu o máximo de rendimento em seu trabalho, mediante uma disciplina inflexível e um tanto desumana, quando necessário.

— *Moral das tropas,* baseada na quantidade de seus efetivos e na propaganda política, dando à guerra passada, como às futuras, um caráter de Cruzada, pela exaltação da liberdade e expansão da *Santa Rússia* ou a redenção dos *tiranizados povos do Ocidente.*

2. DECISÕES FATAIS

Major AMERINO RAPOSO FILHO
Major J. R. DE MIRANDA CARVALHO

Prefácio da edição brasileira de "Fatals Decisions" excelente depoimento de chefes militares alemães relativamente à estratégia operacional das Fôrças Armadas nazistas, a ser brevemente lançado pela Biblioteca do Exército.

O estudo da Estratégia Geral e Operacional Militar desenvolvida na Segunda Guerra Mundial, tanto pelos alemães como pelos Aliados, exige muita meditação, por forma a possibilitar a interpretação correta dos problemas de alto nível, surgidos nesse Conflito, nos campos político e militar. E isso porque, se de um lado poderemos encontrar úteis ensinamentos emanados dos inúmeros erros de natureza estritamente política, de outro é evidente que o aspecto puramente militar oferece vultosa gama de preciosas lições, tendo em vista uma guerra futura, cujo advento a humanidade ainda não conseguiu proscrever. Tais idéias brotam em nossa imaginação e se afirmam com meridiana clareza ao nos debruçarmos sôbre o problema da Concepção e da Conduta da Estratégia Aliada — Geral e Militar — na guerra de 1939-45, da qual expressivos mananciais são os depoimentos — cada qual no seu nível e consoante, de certo modo, às "aspirações nacionais" de seus respectivos países — de Eisenhower, Montgomery, Bradley, Mark Clark, Carpentier, De Lattre de Tassigny e tantos outros. Depoimentos de Chefes militares que viveram, duramente, dramas dos mais sérios para a sorte da Comunidade Aliada (e note-se, tôdas essas análises se prendem à fase ofensiva da luta contra o Eixo, portanto, quando a guerra já estava pràticamente ganha, pelo menos do ponto de vista estratégico, desde que não surgissem as *armas secretas* tão anunciadas pela propaganda nazista...). Também, quando folheamos as páginas cheias de conhecimentos do campo da Política Internacional, de homens tão altamente credenciados como Churchill, Liddell Hart, Fuller e Baldwin, onde exponta tôda a complexa engrenagem política da Estratégia Aliada, poderemos haurir ensinamentos de valor, inestimáveis como base para a solução de problemas presentes e futuros.

O entrosamento da Política e da Guerra tanto mais difícil quanto se eleva o vulto da coligação de nações, está a exigir completo inventário, amplo e profundo, onde se tome por base particularmente o último Conflito, para que não continuemos eternamente sob o fantasma da "próxima guerra"... Pois, se *a Guerra é uma coisa muito séria para que se a deixe nas mãos dos generais*, como, ao que se afirma, disse Clemenceau, quando a Guerra de 1914-18 talvez vivesse sua fase mais crítica e decisiva para os Aliados, não é menos verdadeiro o que escreveu um estudioso dêsse problema: *os Chefes políticos devem evitar que faleça a Estratégia Militar, devido a decisões imponderáveis. Ambas as estratégias*

têm que se harmonizar no campo da luta. Por outro lado, se os fatôres que influenciam a grande estratégia — assinala o Almirante R. B. Carney — *estão constantemente mudando, levados pela sorte e pelas diferentes tendências das nações, as conclusões estratégicas devem ser periòdicamente revistas. A estratégia em si, portanto, é uma coisa fluida, que se move sob o efeito das circunstâncias. Os princípios da guerra (a estratégia posta em prática) são constantes, mas a estratégia muda;* se isso ocorre, principalmente em função de tal mutabilidade, devemos compreender com perfeição o que se passou nas mesas das conferências de cúpula e na intimidade dos Estados-Maiores mais elevados.

Convém, aliás, ter sempre presente a advertência do clássico da Guerra, quando tratava das relações entre esta e a Política. Eis o que afirma, a propósito, Clausewitz em "Da Guerra":

A política está acima de todos os meios de relações mútuas entre as nações. Todos os elementos que interessam à guerra, tais como, o potencial nacional, as alianças e as características do povo e do Govêrno, são de natureza política. A guerra é, apenas, mais um elemento da existência social, outro meio de intercâmbio entre as nações, comparável ao comércio. É uma conseqüência das relações políticas entre as nações e essas relações são o seio em que se alimenta e no qual se escondem suas grandes linhas em estado rudimentar. Portanto, a guerra não pode ser senão a continuação da política por outros meios. A expressão "por outros meios" aparece para ressaltar que as relações políticas não cessam com o eclodir da guerra, mas que as linhas principais, ao longo das quais se desenvolvem os acontecimentos da guerra e para os quais se orientam, são apenas aspectos gerais da política. Não se pode conceber de outro modo, pois, a suspensão das notas diplomáticas não detém as relações políticas entre as nações. A guerra é meramente outra maneira de escrever, na qual as batalhas substituem as notas diplomáticas. Se as guerras fôssem feitas até o último alento, sem nenhum ódio mútuo, seria perfeitamente concebível que o ponto de vista político cessasse completamente quando irrompessem. Mas como a guerra é realmente a manifestação da própria política, não seria razoável a subordinação do ponto de vista político ao militar, pois, a política criou a guerra, que é sòmente seu instrumento. Sendo a guerra um instrumento da política, tomará o caráter que esta tiver. Assim, se a política fôr ampla e poderosa, a guerra também o será. Se a guerra deve corresponder inteiramente à intenção da política e se esta deve adaptar-se aos meios para fazer a guerra, a direção política e militar deve ser centralizada em uma só pessoa. O comandante militar, porém, deve exigir que as tendências e desígnios da política não sejam incompatíveis com os meios necessários à guerra.

* * *

Tais considerações se valorizam, de modo extraordinário, quando encaramos a Estratégia — Política e Militar — de Hitler e seus reflexos no correspondente campo Aliado. Não tanto quando se acompanha a trajetória fulgurante do expansionismo militar nazista, possibilitado por

operações admiràvelmente conduzidas — pelo menos do ponto de vista da violência e rapidez — nas frentes Ocidental, balcânica, oriental e norte-africana, mas sim quando meditamos sôbre a fase defensiva da Estratégia Militar alemã. Na verdade, quase não se chegaria à compreensão do verdadeiro valor dos Chefes e do Estado-Maior germânicos quando se analisam *Decisões* que importaram, por exemplo:

— na paralisação das fôrças alemães diante de Dunquerque;

— na Batalha aérea da Grã-Bretanha;

— na invasão da Rússia;

— nas batalhas decisivas de Moscou, de Stalingrado e de El Alamein;

— nas contra-ofensivas de Mortain e das Ardenas, não fôsse o entendimento do exato sentido da indébita interferência de Hitler no planejamento e na conduta das operações, descendo mesmo aos detalhes puramente táticos. Enfeixando a Direção da Guerra — Política e Militar — beneficiou-se, inicialmente de uma série de vantagens extraordinárias antes da eclosão do Conflito, nas primeiras Campanhas, até chegar ao limite máximo da fase ofensiva, Stalingrado, ao Norte e, El Alamein, ao Sul do Teatro de Guerra. Porém, êsse poder absoluto de Hitler foi-se revelando como verdadeira hipertrofia do conceito de Unidade do Comando, vindo a lhe ser fatal com o correr da Guerra.

Os Aliados enfrentaram dificuldades, à primeira vista quase insuperáveis, começando com o estabelecimento do famoso "Plano D" — complexo, desde o aspecto de respeitar a neutralidade da Bélgica e da Holanda, antes que seus territórios fôssem invadidos pelo inimigo. Prosseguindo, vemos a política inglêsa de deixar a França à própria sorte, para que o Império Britânico pudesse readquirir a liberdade de atuação no mar e no ar. Culminam essas dificuldades nas conferências dos *Três Grandes*, cheias de antagonismos, até se chegar à verdadeira Diretriz Estratégica, que comportava a absoluta convergência de esforços contra a Alemanha, ou seja, assegurava maior ênfase à Estratégia Militar — em detrimento, aliás, de vários princípios fundamentais no plano da futura Política Internacional. Enquanto isso, que se passava do lado alemão? De início, máxima ênfase atribuída à Estratégia Política e Militar. Depois, restrição progressiva até confinar-se a um campo muito limitado e completamente deformado da Estratégia Militar.

* * *

A reconstituição das seis grandes Batalhas perdidas pelos alemães, feita em estudo crítico de alta idoneidade profissional por generais delas participantes e perfeitamente credenciados, revelando as verdadeiras ra-

zões das *Decisões Fatais*, responsáveis por essas derrotas e pela debacle do poderio nazista, constitui, em essência, o grande mérito do livro que ora trazemos ao público brasileiro. Aí estão as Batalhas da Grã-Bretanha, Moscou, em Alamein, Stalingrado, França-1944 e Ardenas-1944, reunidas num só volume, de extraordinário valor à compreensão da parte operacional alemã, analisadas por êsses sete chefes militares germânicos.

Melhor avaliaremos agora certos aspectos restritivos da Unidade de Comando e da intromissão do fator político no campo essencialmente militar, ora precipitando acontecimentos, ora estancando o curso de excelentes manobras, mesmo em nítida fase de acabamento. Ou, no período do desespêro estratégico, impondo o desencadeamento de operações verdadeiramente suicidas, infringindo os Princípios da Guerra, em busca de vantagens que propiciassem condições para que o fator político readquirisse alguma expressão, ainda que efêmera.

Em *Decisões Fatais* bem se destacam os erros de Hitler, dos quais o principal foi a Invasão da Polônia, em setembro de 1939, contra a opinião dos Chefes militares mais responsáveis. Aqui é oportuno citar o que relata Liddell Hart no seu livro *The other side of the hill*, feito à base de entrevistas com os generais alemães. Diz êle que, quando Von Beck, Chefe do Estado-Maior do Exército Alemão, submeteu ao Estado-Maior o seu memorando, no qual reafirmava ser contrário ao desencadeamento da Guerra (isso em meados de 1939, quando o Fuhrer pensava em invadir a Polônia), *particularmente numa causa tão inexpressiva como a dos sudetos*, foi corroborada pelo General von Rundstedt. Esclareceu, ademais, Rundstedt que *logo que Beck terminou a leitura do memorando, von Brauchitsch levantou-se e perguntou se algum dos presentes tinha objeções a fazer, antes da sua remessa a Hitler. Ninguém contestou e, assim, foi enviado o documento, que provocou grande furor em Hitler, levando-o a demitir, imediatamente, Beck, que foi substituído por Halder.*

Vemos pois que a *Lei do Atrito* se fazia sentir na alta direção militar e política da Alemanha e — extranho! — seria, principalmente, a espetacular vitória alcançada na Polônia, que iria produzir *efeito inebriante* em Hitler, contribuindo para que a "bola de neve" da Guerra rolasse a montanha e seu *"dinamismo se encarregasse de precipitar os acontecimentos.* E a prova está em que a invasão que se segue, da Noruega, em abril de 1940, já aparece como decorrência dessa primeira e mais desastrosa *Decisão Fatal.* Pois, *foi êsse o primeiro ato de Hitler que não fôra premeditado* — diz Liddell Hart — *desencadeado mais pelo temor do que pelo desejo, porém sob a influência combinada da persuasão e da provocação.* Era a Estratégia Política inglêsa já esboçando seus primeiros *passos...*

A Campanha da França, desenvolvida pouco depois, possibilita a focalização de uma idéia, de inestimável valor à compreensão da derrota alemã na Batalha da Grã-Bretanha, traduzida na fixação do mesmo objetivo estratégico de 1914-18 — Paris — para concretizar o domínio na

Frente Ocidental e não levando em conta que nessa Guerra de 1939-45, Londres é que se impunha como tal, dado o progresso técnico-científico — industrial. Num futuro conflito, possìvelmente será Washington, para os russos...

Procedendo de modo diverso, Hitler não preparou os meios indispensáveis à invasão das Ilhas Britânicas. Por outro lado, a paralisação das fôrças blindadas alemãs diante de Dunquerque — quando, a 22 de junho de 1940, Reinhardt atingia o Canal Aire — St Omer, a menos de 32 quilômetros de Dunquerque, do único pôrto restante para a evacuação da Fôrça Expedicionária Britânica, *naquela ocasião*, diz von Rundstedt, *uma chamada telefônica do Coronel von Griefferberg, do O. K. H., determinava que as fôrças* (blindadas) *de Kleist deviam fazer alto na linha do Canal", a "uma distância de Dunquerque igual ao alcance da artilharia média (13 a 15 quilômetros)* — possibilitou a retirada da Fôrça inglêsa, embora ali deixando todo seu material pesado, mas levando o pessoal experimentado que iria enquadrar os elementos dos Exércitos que posteriormente iriam bater as hostes germânicas. Essa Decisão, ao que hoje se sabe, essencialmente política, de reflexo imediato no Campo de Batalha, foi fatal para os alemães na continuação da Guerra. *Ninguém absolutamente poderia ter escapado* — diz Liddell Hart — *se Hitler não tivesse detido o arrasador avanço de suas fôrças "panzer" nos arredores daquele pôrto.*

E foi Dunquerque, sem dúvida, possibilitada pela própria mão de Hitler, que veio a se constituir em ponto de inflexão da Guerra, pois *a partir daí é possível falar-se em Estratégia Aliada.* Então, a Invasão da Polônia, que prosseguira na Noruega e terminara na França, em meados de 1940, facultou, como assinala um articulista italiano *que em Dunquerque os inglêses recuperassem sua liberdade de ação estratégica, perdida 25 anos antes, quando abandonaram sua política secular para se amarrar à liderança da França e esgotar, nos campos de Flandres, a vitalidade do Império.* De qualquer forma, seria Dunquerque e, logo depois, a Invasão da Rússia e Pearl Harbor, que fariam ressurgir a Estratégia Aliada, inicialmente com os inglêses e logo comprometendo a União Soviética e os Estados Unidos, estratégia que iria constituir o formidável instrumento de destruição do Eixo. Demais, Dunquerque representava grande vitória para a Inglaterra, pois *quaisque fôssem então (a partir de 1942) os sucessos germânicos na frente russa, a Ilha estava agora pràticamente a salvo da invasão, pois o poderio que se avolumava no outro lado do Atlântico, em proporções jamais registradas, teria na Europa seu principal ponto de aplicação.*

Relativamente à Campanha da Rússia, que foi outra *Decisão Fatal* alemã, quase nada acrescentaremos, pois, o admirável estudo do teatro de operações, os aspectos analógicos com a Campanha Napoleônica, seguidos de excelente crítica da fase ofensiva e da defensiva da Estratégia Operacional, contidos nesta obra, dispensam quaisquer esclarecimentos. No entanto, deve-se destacar, dado ser impressionante, aquela mesma

atração irresistível sofrida por Napoleão na invasão da Rússia, que iria dominar o Fuhrer, a despeito das advertências de Brauchitsch e de Halder, *que procuravam demover a Hitler dessa ambição do buscar o triunfo onde Napoleão tinha fracassado.* A indecisão dominou, completamente, o Chefe Supremo das Fôrças Armadas alemães, levando-o a deslocar, sucessivamente, o centro de gravidade do esfôrço de sua Estratégia ofensiva, de Leningrado para Moscou e Stalingrado. Comenta, a propósito, Liddell Hart, que, *ao se desfazerem as esperanças dos exércitos alemães duma vitória decisiva a Oeste de Dnieper, Hitler, num estado de grande excitação, deslocou, temporàriamente, o esfôrço para a Ucrânia; mas, logo depois do espetacular envolvimento dos russos ao redor de Kiew, retomou aquela primitiva direção.*

Aliás, é na Frente Oriental que se destaca um aspecto da maior importância, tendo em vista a Unidade de Comando, com reflexos imediatos e definitivos nessa e na restante Estratégia Operacional de Hitler, então inteiramente flutuante. De fato, se até aí, isto é, desde a Invasão da Polônia, fôra a luta terrestre conduzida pelo *O. K. H.* (Supremo Comando do Exército), *com interferência muito restrita do O. K. W.* (Supremo Comando das Fôrças Armadas), a partir de Kiew o quadro se transforma. E isso porque, segundo o depoimento de Dittmar, *Hitler decidiu que a esfera de ação do O. K. H. ficaria confinada à frente russa e que ao O K. W. deveria caber exclusivamente a direção de todos os demais teatros de guerra. Disso resultou que o O. K. H. não mais pôde ter uma visão conjunta da Guerra e essa restrição de suas atribuições progressivamente enfraqueceu sua capacidade de insistir no debate contra os erros da Estratégia. A divisão de esferas de atribuição e de interêsse entre o O. K. H. e o O. K. W. foi, sem dúvida, uma grave deficiência de planejamento alemão.*

* * *

Eis algumas das idéias sugeridas da leitura de *Decisões Fatais*. Poderíamos continuar comentando os sucessivos fracassos do lado alemão, assim como interpretar as repercussões decorrentes para a Estratégia Aliada, que vai crescendo de valor, daí por diante, apontando, principalmente as deficiências advindas das crises de Comando. Crises que ficaram, de certo modo, ultrapassadas no Norte da África e, sobretudo, diante de Cassino-Ânzio, quando os Aliados ajustaram, em várias conferências, dissenções e interêsses. Deixemos, porém, ao leitor o prazer de tais digressões. Aqui ficamos, acentuando que não apenas os alemães tomaram *Decisões Fatais* — aquelas que se traduziram em sucessivas derrotas no campo operacional militar. Também as tomaram os Aliados, particularmente no campo Político-Militar, fazendo "tábua rasa" daquelas advertências tão sábias de Clausewitz, quando fala da Política e da Guerra e do velhíssimo Sun-Tzu, quinhentos anos antes de Cristo. Ocorreram antes da eclosão do Conflito e, particularmente, depois que a Rússia foi

por Hitler invadida e passou a somar esforços com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos.

Citaríamos apenas, as três principais conferências. A de Casablanca, de janeiro de 1943, em que os inglêses e norte-americanos chegaram a um acôrdo sôbre as diretrizes a seguir no Teatro de Operações no Mediterrâneo, após a derrocada alemã na Tunísia. Foi nesta conferência que se adotou a chamada fórmula da *Rendição Incondicional*, proposta por Roosevelt, hoje considerada como o *maior êrro da Estratégia Política Aliada no curso da Segunda Guerra Mundial*, por isso que, segundo entendem Baldwin e Liddell Hart, tal Decisão fêz com que a luta se prolongasse muito além da duração que poderia ter, consumindo extraordinário potencial humano e material desnecessário e, o que é pior, comprometendo o equilíbrio pós-guerra, ao possibilitar à União Soviética o domínio de considerável parte da Europa.

Em novembro do mesmo ano, decidiram os *Três Grandes* em Teerã a invasão da Normândia, em maio de 1944, pondo de lado a investida partindo do Mediterrâneo, visando a abrir a nova frente nos Balcãs na qual a larga visão dos britânicos tanto insistiu, pela voz de Churchill, o que era um lance de grande alcance estratégico, capaz de assegurar outra situação para o pós-guerra...

Para completar a trindade, viria Yalta, já ao final da Guerra, em fevereiro de 1945, *epílogo melancólico* da Política Aliada, onde se plantaram as sementes da *Guerra Fria* que desde então passamos a viver, com os bloqueios de Berlim, a guerra da Coréia e tantos episódios recentes.

Diríamos, então, para finalizar, que a gravidade do êrro da Decisão de Hitler, no sentido de invadir a União Soviética, foi tão grande que não apenas a Alemanha pagaria caro por essa insensatez, durante e sobretudo terminado o Conflito, mas igualmente os Aliados, por paradoxal que pareça, de vez que daí decorreram, entre outros aspectos político-militares, a necessidade de aliança com a Rússia, o fortalecimento do poderio militar soviético, à custa dos aliados ocidentais, e o crescimento desmesurado da sua influência internacional.

Que se colham os preciosos ensinamentos proporcionados pela leitura de *Decisões Fatais*, são os votos que formulamos ao entregar ao público brasileiro a tradução dessa obra que é, indiscutìvelmente, um valioso repositório de conhecimentos indispensáveis à compreensão da Estratégia desenvolvida no Teatro de Guerra Euro-Norte-Africano durante o último Conflito e dos erros aí cometidos, que sempre nos poderão servir de lição.

Livros publicados pela BIBLIOTECA MILITAR e que se relacionam com DOUTRINA MILITAR BRASILEIRA :

1 — HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL (2 Volumes) — Cel Genserico de Vasconcellos.

2 — A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO — Gal Tasso Fragoso.

3 — CAMINHOS HISTÓRICOS DE INVASÃO — Ten-Cel Antonio de Souza Júnior.

4 — A REVOLUÇÃO FARROUPILHA — Gen Tasso Fragoso.

5 — LUTAS AO SUL DO BRASIL — Gen F. de Paula Cidade.

6 — NOÇÕES MILITARES FUNDAMENTAIS — Cel J. B. Magalhães.

7 — DO RECÔNCAVO AOS GUARARAPES — Maj Antonio de Souza Júnior.

8 — HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A T. ALIANÇA E O PARAGUAI — Gen Tasso Fragoso.

9 — COMPREENSÃO DA UNIDADE DO BRASIL — Cel J. B. Magalhães.

10 — EVOLUÇÃO MILITAR DO BRASIL — Cel J. B. Magalhães.

11 — OS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO — Gen Tasso Fragoso.

12 — REMINISCÊNCIAS DA CAMPANHA DO PARAGUAI — Dionísio Cerqueira.

13 — OS SERTÕES COMO HISTÓRIA MILITAR — Ten-Cel Umberto Peregrino.

14 — RICARDO FRANCO — Gen Silveira de Melo.

15 — ANTONIO JOÃO — Gen V. Benício da Silva.

16 — NOTAS DE GEOGRAFIA MILITAR SUL-AMERICANA — Cel F. Paula Cidade.

17 — CAXIAS E NOSSA DOUTRINA MILITAR — Maj Amerino Raposo Filho.

II — GUERRA REVOLUCIONÁRIA

GUERRILHAS E GUERRILHEIROS

Ten-Cel FREDERICK WILKINS,
Extraído da "Revue Bimestrielle"

NOTA DO REDATOR

No quadro da Guerra Revolucionária, existem dois aspectos bem destacados do ponto de vista doutrinário:

— a guerra psicológica, longa, complexa, de planejamento envolvendo sobretudo o domínio estratégico;

— as guerrilhas, operações irregulares preparadas consoante um quadro peculiar, ou executadas de modo espontâneo e buscando pelo menos, o desgaste e a desmoralização das fôrças adversárias.

O excelente estudo que ora apresentamos aos leitores de "A Defesa Nacional" trata, como se vê, da parte operacional da guerra revolucionária, desde os tempos antigos. Embora se atenha ao centro de gravida militar, europeu do ponto de vista da exemplificação histórica — não se referindo o Ten-Cel Wilkins às manifestações irregulares do tipo libertação ou de natureza puramente insurrecional, em determinadas áreas do globo, como é o caso da América do Sul, e especialmente, do Brasil, que necessàriamente deveria estar presente a qualquer desenvolvimento dessa natureza — contudo estamos diante de trabalho de grande utilidade à compreensão dessa outra forma de guerra.

E a verdade, é que se trata de análise de alto nível doutrinário e que merece máxima atenção dos nossos leitores. No próximo número, apresentaremos um artigo ligado a êsse ângulo da Guerra Revolucionária, razão pela qual não desenvolvemos com maior profundidade a apresentação do presente artigo.

Major A. RAPOSO FILHO

Não estando mais limitada a uma tática militar especial, as guerrilhas têm conseqüências políticas e econômicas, que podem ser mais perigosas do que a ação direta das fôrças armadas. A guerrilha é uma chaga aberta que, hoje, incomoda; amanhã, torna-se insuportável; em um mês, provoca um enfraquecimento e, mal cuidada, poderá mesmo provocar a morte. A guerra de "partisans" pode ser levada a efeito nas selvas da Malásia e na retaguarda das linhas de frente da Coréia, como, também, numa grande escola ou por ocasião da reunião de um conselho sindical. Mesma técnica e mesmos resultados.

Aquilo que chamamos de "guerrilha" existe desde que os homens habitam o mundo. No decurso de milhares de campanhas, países invadidos e esmagados conseguiram preservar a chama do sentimento nacional, graças à ação de alguns homens corajosos, operando em geral nas montanhas e em regiões de bosques. Êsses bandos irregulares estavam em condições de compensar, pela grande mobilidade e pelo grande conhecimento do terreno, sua inferioridade numérica e suas fraquezas militares. Atacando, de surprêsa, pequenos destacamentos inimigos êles conseguiam alcançar sucessos locais, embora raramente obtivessem resultados duráveis. Homens dêsse calibre entraram na história e na lenda de inúmeros países, sem jamais ocuparem um lugar importante na história militar oficial.

Algumas dessas campanhas conheceram, todavia, vitórias retumbantes. Durante a guerra dos Cem Anos, os inglêses perderam a maior parte do território por êles ocupado na França graças a um guerrilheiro. Du Guesclin, o condestável de França, recusou enfrentar os inglêses em batalha aberta. Êle estudara a tática inglêsa e interpretara, com bastante discernimento, as razões de sua superioridade no campo da batalha. Achando-se sempre em inferioridade numérica, os inglêses combatiam em posições preparadas de antemão e se serviam dos projéteis de seus arqueiros para dispersar os franceses. Assim é que, sob o vôo das flechas, o inimgio se desorganizava, as reservas inglêsas passavam ao ataque e derrotavam os sobreviventes. Tôdas as grandes batalhas dessa guerra tinham sido realizadas de acôrdo com essa tática.

Du Guesclin rescusou-se, assim, a atacar os inglêses. Em vez disso, executou, na calada da noite, diversos golpes contra as fôrças britânicas, organizou emboscadas aos seus comboios e fustigou suas praças fortes, bem como suas vilas e cidades. Não fêz qualquer esfôrço para rechaçá-los da França, limitando-se a tornar sua vida em solo francês extremamente insuportável! Êsse tipo de atividade militar encorajou enormemente os franceses e desgostou e desencorajou os inglêses. Êstes últimos perderam, sucessivamente, tudo aquilo que, antes, tinham conquistado através de diversas batalhas e jamais tiveram oportunidade de enfrentar os atacantes em campo aberto. Era u'a maneira pouco cavalheiresca de conduzir a guerra êsse método de se *recusar* ao combate e, por certo, não contava com as simpatias dos guerreiros medievais em ambos os lados. A história, êsse livro maravilhoso onde são travadas as batalhas

esquecidas, as ocasiões perdidas e as lições que não foram levadas em consideração, a história, dizíamos, registrou sucintamente os sucessos alcançados por Du Guesclin. Alguns séculos se passaram antes que seus métodos fôssem novamente empregados.

A guerra colonial na América formou alguns excelentes combatentes irregulares, tais como os célebres "Rogers Rangers". Marion, a "rapôsa dos pântanos", foi um de nossos melhores guerrilheiros e inúmeros chefes peles-vermelhas realizaram uma constante luta irregular. Os militares da época não eram de modo algum dessa opinião e, ao contrário, consideravam o combatente irregular como um personagem desnecessário, inconveniente e inepto. Para êles, a melhor maneira de ganhar uma batalha consistia em dispor de um punhado de poderosos e sólidos soldados "regulares", que atacavam a baioneta e sofriam pesadas perdas sem esmorecer.

Foi preciso esperar as campanhas da Espanha (1808 a 1814) para se ver o desenvolvimento pleno dos métodos e mesmo do têrmo "guerrilhas". Assim que os franceses invadiram a Espanha, não tiveram dificuldades em vencer as fôrças regulares espanholas. Apossaram-se de numerosas cidades e praças fortes, dispersaram um exército inimigo após outro, mas jamais conseguiram controlar o resto do país. A Espanha, país montanhoso, ainda era, nessa época, cheia de bosques e contava com um número muito reduzido de caminhos ou estradas, tôdas elas em péssimas condições de conservação. Os franceses encontraram grandes dificuldades para manter as comunicações entre suas guarnições e logo começaram a sofrer a ação de bandos irregulares, compostos de civis. Alguns camponeses, por exemplo, se reuniam e atacavam um comboio de forragem, refugiando-se logo em seguida nas montanhas. Um correio era abatido numa estrada solitária na montanha. Patrulhas de cavalaria que se aventuravam nas florestas, aí caíam numa cilada e encontravam a morte. Os franceses responderam cruelmente a êsses ataques, mas a resposta dos irregulares não deixava de ser menos cruel.

Foram calculadas em cêrca de cem homens as perdas diárias sofridas pelos exércitos franceses, diante da ação dos guerrilheiros. Já não era nada prudente ao destacamento de menos de vinte e cinco homens se aventurar pelo país; até mesmo formações mais importantes eram atacadas. Quando os irregulares se mostravam mais afoito e se empenhavam numa batalha aberta, eram sempre batidos; no entanto, essas tentativas eram muito raras. Os espanhóis chamavam a êsse método de combate "a pequena guerra" (guerrilha) e é justamente por êsse nome que hoje a conhecemos.

Após obterem sucessos locais, os guerrilheiros passaram a apoiar os bandos constituídos em outras províncias do país. O povo espanhol abraçou sua causa, e a chama da resistência, em vez de se apagar, renovou-se com um brilho ainda mais forte. As fôrças francesas eram obrigadas a efetuar deslocamentos inúteis e perdiam homens sem obter resultados compensadores. Suas perdas em armas e outros materiais constituíam pesada carga pecuniária.

Prosseguindo a guerra, os chefes dos guerrilheiros começaram a cooperar com as fôrças inglêsas, que se achavam na Espanha e em Portugal. Os bandos de "partisans" foram submetidos a um treinamento regular e, por ocasião das batalhas finais dessa campanha, combateram lado a lado com os inglêses, primeiro na Espanha e depois na França. Wellington lhes dedicou inúmeros elogios. Não é muito certo que os inglêses, a despeito de sua boa infantaria e da tática nem sempre muito acertada, dos franceses, tivessem conseguido a vitória sem o concurso dos guerrilheiros que, durante vários anos, tinham minado o poderio das fôrças gaulesas. Malgrado a fraqueza de sua tática, os franceses teriam conseguido expulsar de Portugal as fôrças inglêsas se tivessem podido concentrar as suas.

Eis aí, pois, a primeira guerrilha dos tempos modernos e uma das mais bem realizads. Porém, a última batalha, a batalha decisiva, por ter sido dirigida por Wellington, lançou em grande parte ao esquecimento a atuação dos guerrilheiros espanhóis na mesma. Os peritos militares da época cometeram os mesmos erros que cometemos ainda recentemente, considerando o guerrilheiro como um homem apto, apenas, ao combate local. Para êles, os guerrilheiros eram bons para alcançar vantagens táticas, mas não podiam ser levados em consideração no estabelecimento dos planos estratégicos.

De 1814 até a primeira grande guerra inúmeras guerrilhas foram realizadas em diversas parte do mundo. Os "partisans" mexicanos perturbaram sèriamente os movimentos de Scott, na campanha pela cidade do México. Houve excelentes chefes "partisans" em ambos os campos da luta, durante a guerra de Secessão, e a conquista do oeste foi uma longa luta dessa natureza. Os britânicos tiveram que dar combate a "partisans" em muitas regiões dificilmente acessíveis de seu império e os russos não raro tiveram que combater os grupos turcomanos. No entanto, nenhuma dessas guerrilhas pôde terminar com a vitória dos "partisans", que foram finalmente esmagados após obterem sucessos locais. Porém, nessa época, ninguém percebeu, ou quis ver, que o fracasso dêsses guerrilheiros fôra devido à ausência de planos melhor concebidos. A guerrilha era, com efeito, considerada como um ato de desespêro e não como uma medida estratégica cuidadosamente preparada. Por essa razão tôdas essas campanhas se viram fadadas ao fracasso embora os "partisans" alcançassem, com freqüência, significativos sucessos locais.

T. E. Lawrence mostrou, nas campanhas da Palestina e da Arábia (1916 a 1918), o que era possível fazer com os "partisans", desde que se contasse com um plano estratégico preciso. Não temos a menor intenção de reabrir, aqui, as discussões em tôrno de Lawrence. Outros já o comentaram antes de nós e, com tôda certeza, tornarão a fazê-lo no futuro. Um inglês o qualificou de "pequeno bastardo cômico", enquanto outros se deixaram conquistar pela beleza do estilo em que êle descreveu a vida na Arábia. Qualquer que possa ser, finalmente, a verdade sôbre

êsse homem misterioso, limitamo-nos a relembrar aqui que foi êle o primeiro a formar, graças a algumas regras, um quadro especial para a guerra de "partisans". Enquanto outros, antes dêle, tinham recorrido a essa tática quando já nada mais lhes restava a fazer, Lawrence adotou deliberadamente a guerrilha após refletir cuidadosamente sôbre a mesma. Foi o primeiro a discernir que o combate não é, necessàriamente, o objetivo principal da guerra de "partisans".

Embora não fôsse militar de carreira, Lawrence lera as obras de todos os grandes escritores militares e se convencera da exatidão da doutrina de Clausewitz, segundo a qual é preciso, em primeiro lugar, aniquilar as fôrças de campanha do adversário. Tendo sido enviado à Arábia com o propósito de organizar uma revolta das tribos árabes contra a Turquia, Lawrence e seus árabes logo conheceram um grande sucesso capturando Meca. Entretanto, seus esforços para conquistar também a cidade de Medina fracassaram. Foram batidos no curso de uma batalha em campo aberto e o movimento revolucionário ficou ameaçado de se extinguir.

Convalescente, após uma grave doença, Lawrence procurou determinar as causas de seu fracasso. Clausewitz, sem dúvida, era um guia exclente e útil para as guerras na Europa, mas Lawrence se encontrava muito longe daí. Êle descobriu, assim, que, se tentasse fazer uma guerra à européia num teatro de operações extra-europeu, combatendo fôrças regulares com formações de "partisans", estaria uma vez mais se entregando ao fracasso. Por mais que se esforçassem os instrutores britânicos para estabelecer um exército árabe, não há dúvida de que essas fôrças não conseguiriam enfrentar em campo aberto as fôrças otomanas. Após ter decidido que um tal encontro de fôrças não era necessário, Lawrence elaborou um esquema da guerrilha, que desde então serviu de modêlo para os seus seguidores.

No seu livro "Os Sete Pilares da Sabedoria", Lawrence explica o plano que provocou, realmente, a derrota dos turcos na Arábia. Escreveu êle: "No exército turco, o material era raro e precioso e havia mais homens do que equipamento; recomendava-se, por conseguinte, não atacar os homens e, sim, seu material." Os turcos perderam 35.000 homens após a aplicação, por Lawrence, de novos métodos de combate, mas essas perdas estavam relacionadas com os ataques desferidos por aquêles para a destruição do material inimigo. O principal objetivo do plano de Lawrence era obrigar os turcos a reconhecer que *não poderiam manter-se na Arábia* e, nunca, tentar rechaçá-los dessa região.

Com o concurso de especialistas britânicos no setor das destruições, Lawrence demoliu pontes e túneis ferroviários, cortou as linhas e fustigou as estações fortificadas dos caminhos de ferro. Ameaçou os postos e guarnições isoladas, obrigando, com isso, aos turcos, a reforçá-las. A partir dêsse instante, essas guarnições não eram mais atacadas, mas os seus homens, bastante reforçados, se viam condenados à inatividade. Êles não tinham outra escolha senão aguardar os acontecimentos e de esgotar

seus estoques de víveres. Dentro de mais algum tempo os turcos conheciam novas dificuldades de reaprovisionamento e em nenhuma parte Lawrence aceitou a luta aberta. Por tôda a parte, onde o inimigo concentrava suas tropas com o objetivo de esmagar os rebeldes, Lawrence ordenava a dispersão e evitar o ataque. Enganadas por um falso sentimento de segurança, as fôrças turcas voltavam às suas guarnições e os golpes dos árabes recrudesciam.

Assim, a situação tornou-se insustentável para os turcos. As guarnições se enfraqueceram e a eficácia das fôrças de campanha era apenas uma coisa teórica. Lawrence teria mesmo desejado que essa situação se prolongasse, pois o reaprovisionamento das guarnições dispersadas vinha juntar um novo encargo, bastante pesado, ao sistema de reaprovisionamento do inimigo, já submetido a uma rude prova. Após conseguir sucessos locais, as tribos árabes deveriam, de acôrdo com os planos pré-estabelecidos, ser agrupadas em unidades. Não cabe qualquer culpa a Lawrence o fato dessa última etapa não ter sido concretizada. Na investida final das fôrças aliadas através da Palestina e da Síria, o trabalho essencial realizado pelos guerrilheiros árabes foi esquecido no calor da batalha. Allenby e a Síria, eis algo que muito se assemelha a Wellington e a Espanha! Todavia, a despeito dessa analogia da situação, o nome de Lawrence já era então muito conhecido para cair no esquecimento. Êle escreveu um artigo para uma das principais obras sôbre essa guerra, no qual apresentou numa forma definitiva as suas idéias sôbre a guerra de "partisans". Êle converteu numa verdadeira ciência as táticas dos guerrilheiros e afirmou que nenhum inimigo poderá ocupar com sucesso um país que empregue a tática das guerrilhas, a menos que ocupe, efetivamente, com suas fôrças cada hectare do terreno dêsse país.

Seus trabalhos foram, contudo, melhor apreciados na Rússia e na China do que pròpriamente por seus compatriotas. Na propagação do comunismo pelo mundo seus métodos foram copiados para serem aplicados em dois importantes teatros de operação e no decurso de inúmeros conflitos de menor envergadura. Às suas idéias puramente militares, russos e chineses acrescentaram concepções econômicas e políticas, e, com isso, a guerra de "partisans" veio a conhecer uma expansão realmente grande e sofreu um certo número de modificações.

Pouco tempo depois de Lawrence, Lenine estudou, numa de suas obras, a melhor maneira de se conduzir os movimentos revolucionários. Tal como Lawrence, recomendou evitar o choque direto com a potência inimiga e pôs, assim, a guerrilha a serviço da revolução mundial. Espionar os movimentos do adversário, guardando ao mesmo tempo o segrêdo de suas próprias intenções, é uma das táticas básicas dos "partisans" e dos comunistas e, na realidade, talvez constitua mesmo o seu principal segrêdo tático. Utilizando pequenas unidades, o chefe comunista (ou guerrilheiro) consegue neutralizar uma fôrça mais poderosa, porém menos móvel. Concentrando seus esforços em objetivos de importância vital, o guerrilheiro (ou o revolucionário) enfraquece o adversário e encoraja seus compatriotas. Enquanto são executados os ataques

diretos, o inimigo se sente ao mesmo tempo enfraquecido progressivamente pela desunião, pela desconfiança e por uma baixa generalizada do moral entre as suas fôrças e sua população civil. No setor civil, essa ação é realizada muitas vêzes com o auxílio da propagação de falsas notícias, não sendo necessária uma ação direta. Assim, de acôrdo com as idéias elaboradas por Lenine, o movimento comunista, no seu conjunto, estava transformado numa gigantesca guerrilha. Um novo fator foi, entretanto, adicionado aos métodos empregados até então: a utilização do mêdo. O emprêgo deliberado do terror, com o fim de quebrar a resistência do adversário, mantendo, ao mesmo tempo, o seu próprio povo sob um contrôle mais severo, tornou-se assim uma nova e perigosa arma.

Lenine não foi o único chefe comunista a escrever sôbre as guerrilhas. Em 1937, um chinês, que mais tarde se tornou famoso, escreveu um pequeno tratado sôbre a guerra de "partisans", que se tornou uma das obras clássicas nesse assunto. Nessa época, Mao-Tsé-Tung era bem menos temível do que hoje, o que vem provar o sucesso das guerrilhas por êle realizadas. A obra de Mao-Tsé é uma mistura, composta de certos princípios da doutrina comunista, de suas próprias experiências, nesse setor, e de princípios enunciados no ano 500 A.C. pelo escritor chinês Sun-Tzu. Mao-Tsé proporcionou uma contribuição capital à estratégia das guerrilhas, que fôra apenas esboçada por Lawrence. Com efeito, êle afirmou que uma fôrça de guerrilheiros, se a oportunidade se oferecer, poderá transformar-se imediatamente num exército regular. Essa afirmativa se deve, em grande parte, ao longo período durante o qual Mao-Tsé e os comunistas chineses foram obrigados a combater e, também, ao desprêzo que os asiáticos têm pelo fator "tempo".

No início dêste século, quando a dinastia mandchu se desintegrou, alguns homens "da esquerda" se manifestaram na China. Uma vintena de anos mais tarde, quando os chefes militares do país brigavam entre si, já havia um partido comunista, definitivamente constituído e bastante ativo. A princípio, êsse partido cooperou com Chang-Kai-Shek, mas assim que se tornou evidente que êste último estava destinado a controlar o país, os comunistas puseram um fim à colaboração e se tornaram os seus mais perigosos adversários. A guerra aberta teve início em 1927 e, de 1931 a 1934, Chang empreendeu quatro grandes campanhas contra os Vermelhos, rechaçando-os finalmente para os confins da província de Chansi (época da "Grande Marcha"). Chang jamais estêve em condições de aniquilar completamente o exército comunista na China; perturbações internas e a intervenção japonêsa o impediram de realizar um esfôrço total contra seus inimigos internos. Foi, assim, que êstes conseguiram estabelecer nos confins do país uma poderosa base. Aquêles que estavam ao corrente da natureza real do trabalho dos comunistas em Chansi, evidentemente, nada falaram, e a opinião mundial, ignorando a verdade, passou a considerar Mao-Tsé e seus homens como um grupo militante interessado na reforma agrária de seu país.

A invasão nipônica permitiu aos comunistas assumir o papel de "patriotas". Em 1937, Mao-Tsé publicou seu panfleto sôbre a guerra de "partisans", que foi amplamente divulgado na China. Essa pequena obra é uma mescla hábil, onde podem ser encontrados conselhos militares, propaganda comunista e até mesmo considerações sôbre a conduta política e o contrôle econômico. Atualmente, compreendemos melhor do que em 1937 a estreita interdependência dêsses diferentes setores. Em seu livro, Mao-Tsé explica igualmente com minúcias a natureza dessas unidades de guerrilhas, para responder com isso às acusações dos nacionalistas, segundo as quais os seus homens não passavam de bandidos. Qualquer que seja a nossa opinião sôbre a política seguida por Mao-Tsé-Tung, é preciso reconhecer que êle soube apreciar exatamente a situação chinesa e as fraquezas dos japonêses. Eis aqui, a êsse respeito, alguns trechos escolhidos de suas obras:

"Numa guerra com características de revolução, a guerrilha desempenha um papel indispensável; as operações dos "partisans" não devem ser consideradas como uma forma de guerra independente. Elas constituem apenas uma etapa na luta revolucionária."

"No decurso da evolução das hostilidades, as fôrças "partisans" se transformam progressivamente em fôrças regulares, operando em cooperação com as fôrças regulares já criadas."

"Quais são as relações entre a guerrilha e o povo? Sem um objetivo político a guerrilha está condenada ao fracasso, como também está fadada à derrota se seus objetivos políticos não corresponderem às aspirações do povo. Sem a simpatia, a cooperação e a ajuda dêste, nada se pode conseguir."

"Oriunda em grande parte da massa do povo e sendo por êste apoiada, a guerrilha não pode existir, nem se desenvolver se se separar do povo e não mais se beneficiar de sua simpatia e de seu auxílio."

"Tôda unidade de guerrilheiros deve ter uma direção política e militar. Os chefes guerrilheiros devem estar bem formados na questão da técnica revolucionária, devem ter confiança em si mesmos, devem impor uma disciplina rígida e, finalmente, devem estar em condições de enfrentar a contrapropaganda inimiga."

"Em que consiste a estratégia básica dos guerrilheiros? Ela deve basear-se principalmente na vigilância e na agilidade, na mobilidade e no espírito ofensivo."

"Todo aquêle que emite a opinião que a guerrilha tem o direito de existir, mas a considera de maneira isolada (separada da guerra geral), não conhece o justo valor das possibilidades dessa forma de guerra."

Trechos isolados, embora escolhidos com cuidado, não podem substituir o conjunto da obra; porém, os trechos que acabamos de citar acima contêm os pontos principais da obra de Mao-Tsé-Tung sôbre as guerrilhas. Em suas discussões táticas, algo breves e subordinadas à direção política, Mao se apóia sobretudo na obra de Sun-Tzu, muitas vêzes ci-

tando-o textualmente. Todos os guerrilheiros aplicaram o ensinamento clássico de Sun-Tzu, o único capaz de permitir a um grupo de "partisans" combater eficazmente seus adversários: aproveitamento da astúcia, da velocidade e da surprêsa.

Mao elaborou um plano estratégico, levando em conta, além da topografia chinesa e do poderio militar dos chineses, as fraquezas dos japonêses. Êle trabalhou na suposição de que os japonêses só poderiam empenhar uma parte de suas fôrças, na campanha da China e se achavam na obrigação, ainda, de alcançar a vitória o mais breve possível. Enquanto o invasor pudesse concentrar suas fôrças e dispor de boas vias de comunicação, êle estaria em condições, provàvelmente, de vencer todo exército que os chineses lançassem à luta. Por essa razão, a estratégia dos guerrilheiros deveria consistir em atacar o inimigo numa ampla frente, para obrigá-lo a se dispersar, fustigando contìnuamente seu sistema de reaprovisionamento e suas vias de comunicação.

A fim de desempenhar o seu papel de patriotas, os comunistas se viram obrigados a combater os japonêses. Ao mesmo tempo, essa intervenção lhes serviu, mais tarde, na disputa com Chang-Kai-Shek, depois que os japonêses capitularam, permitindo-lhes exercer um contrêle eficaz nas províncias por êles libertadas do domínio japonês. O Oitavo Exército Vermelho chinês e o novo Quarto Exército combateram em geral como fôrças regulares, embora em alguns casos tivessem lutado como unidades de guerrilheiros, aplicando a tática de guerrilhas. Essas fôrças regulares estabeleceram zonas de guerrilhas, comandadas por um QG especial. Faziam a caça aos civis que lhes eram hostis e organizavam bando regulares de "partisans". No escalão inferior, isto é, abaixo dêsses guerrilheiros organizados, estavam os "camponeses armados", que combatiam como "partisans" mas não se achavam tão bem oragnizados quanto as outras formações comunistas. Não existem documentos exatos sôbre o assunto, mas de qualquer forma se calcula que o Oitavo Exército contava com cêrca de meio milhão de guerrilheiros e de camponeses armados. Quanto ao Quarto Exército, seus efetivos atingiam a um pouco mais de cem mil homens.

Todos os grupos de guerrilheiros recebiam instrução militar, compreendendo o emprêgo das armas, a sabotagem e a destruição, bem como uma instrução política, à maneira soviética. A envergadura das operações militares aumentou com a chegada de armas novas ou capturadas ao inimigo. Uma propaganda cuidadosamente orientada lhes fazia crer que apenas os guerrilheiros comunistas lutavam contra os japonêses. Não há dúvida de que êles muito contribuíram para a vitória, embora essa contribuição fôsse de muito menor importância do que o mundo acreditou, baseado na propaganda comunista. No decurso de um certo numero de ataques, os guerrilheiros comunistas desfecharam poderosos golpes contra o inimigo. Em agôsto de 1940, uma série de golpes simultâneos permitiu a destruição de mais de 320 quilômetros de vias férreas vitais e de mais de 800 quilômetros de estradas. Durante êsses ataques foram também destruídas pontes, instalações telegráficas, etc., e por um

período prolongado as comunicações nipônicas no norte da China ficaram completamente desorganizadas.

Tal como os árabes, os guerrilheiros chineses jamais se mostraram interessados em enfrentar seus inimigos em campo aberto, em batalha organizada. O equipamento e as comunicações constituíam os pontos fracos dos japonêses e contra êles, justamente, se lançavam os guerrilheiros chineses. Com isso, o Japão esgotava a sua substância material e não conseguia consolidar suas conquistas na China. A princípio, a invasão da China estava destinada a se transformar numa operação lucrativa. Porém, graças à ação dos guerrilheiros, ela acabou sendo um pesado encargo pecuniário. E durante todo êsse tempo, Mao e seus homens se preparavam para o dia em que os japonêses abandonassem finalmente o país e teria lugar, então, o ajuste de contas com Chang-Kai-Shek.

Veio o fim da guerra. Os russos capturaram as fôrças japonêsas na Mandchúria e cederam suas armas e equipamento às formações de guerrilheiros. Quando os nacionalistas adotaram a tática de uma defesa estática, tal como tinham feito os japonêses, os guerrilheiros comunistas os isolaram em suas cidades, cortaram suas vias de comunicações e começaram a se transformar em exércitos de campanha. Foi assim que a China se tornou comunista, uma província e uma cidade após outra. Os guerrilheiros de ontem passaram a ser os novos senhores do país.

Os chefes soviéticos influenciaram a evolução do movimento de guerrilhas chinês. Durante a segunda guerra mundial, êles tinham, também, organizado um sistema de guerrilhas quase tão importante quanto o de Mao-Tsé-Tung. As "Diretrizes Relativas aos Guerrilheiros Russos", de 1933, compreendiam os planos gerais de guerrilha, a serem executados em caso de invasão da Rússia. Apesar da existência dêsses planos, a atividade dos "partisans" soviéticos permaneceu algo limitada nas primeiras fases da invasão alemã. Os golpes poderosos desfechados pelas unidades blindadas alemãs dispersaram as unidades de cobertura soviéticas, obrigando-as a se retirarem para o interior do país. Nas regiões invadidas, as unidades combatentes alemãs desempenhavam, a princípio, as funções de fôrças de ocupação. Sendo severas, elas eram entretanto justas e, de um modo geral, tratavam a população de maneira humana. Em geral, não houve muito ressentimento a seu respeito por parte da população civil. Na Ucrânia, os alemães chegavam mesmo a ser acolhidos como amigos.

Assim que essas unidades combatentes foram novamente lançadas para o Leste, tropas políticas vieram substituí-las. Para estas, a população russa não passava de escravos de trabalho e, na realidade, não perderam qualquer ocasião para criar o ressentimento entre civis. Após o choque inicial da invasão, milhares de soldados soviéticos, deixados para trás pelo avanço alemão, começaram a se agrupar em formações de guerrilheiros e a operar em vastas zonas florestais e pantanosas do país. O Alto Comando russo aproveitou-se imediatamente dessa nova situação. Uma propaganda ativa contra os invasores foi administrada entre a po-

pulação civil e atos de terrorismo foram imputados aos alemães. Quando não havia incidentes com os ocupantes, êstes não tardavam em ser criados. Desta forma, os civis, após uma fase de expectativa, passaram a ajudar os bandos de guerrilheiros em vias de formação. Já em fins de 1941 os atos de sabotagem e as emboscadas realizadas por exímios atiradores se tornavam incidentes comuns nas zonas à retaguarda das linhas alemãs.

A propaganda soviética não tardou em fazer heróis dêsses guerrilheiros, o que, de fato, muitos dêles eram. Além disso, na imprensa, os chefes guerrilheiros eram apresentados como homens e mulheres abnegados, que comandavam seus filhos contra o inimigo. Na realidade, o chefe guerrilheiro típico era um homem de caráter duro. Como a maioria, era civil, só poderia elevar-se a um pôsto de comando, pela fôrça de seu caráter, sua coragem e sua sorte. Dentro de mais algum tempo, os chefes que tivessem um passado militar devidamente verificado, passariam a comandar um grande número de bandos. Êles foram, em seguida, reunidos a comissários políticos, sendo considerada tão importante a boa linha política quanto o sucesso militar. Isso era ainda mais importante em certas zonas duvidosas, como, por exemplo, a Ucrânia.

Os chefes guerrilheiros reforçaram severamente a disciplina e a aplicação da doutrina do partido comunista em suas formações. Assim que um homem se tornava guerrilheiro, sua vida passava a depender apenas de seus chefes, e os traidores eram abatidos sem misericórdia. A população civil das regiões em que operavam os guerrilheiros era aproveitada em serviços de espionagem e devia ajudar no reaprovisionamento dos guerrilheiros. Tôdas as cidades que não cooperaram foram destruídas. Por ocasião dos ataques contra as bases alemãs, os civis serviam de engôdo ou de escudo. Não tardou muito para a luta de guerrilhas transformar-se numa verdadeira questão de vida ou de morte, e os pobres camponeses se encontraram irremediàvelmente colocados entre russo se alemães, uns e outros bastante interessados em impedir que fôsse dado qualquer auxílio ao adversário.

A tática empregada pelos "partisans" soviéticos era, em seu conjunto, semelhante àquela de todos os guerrilheiros. Êles operavam, pelo menos no princípio, em pequenos grupos, partindo de bases estabelecidas nas florestas e nos pântanos. A rêde rodoviária soviética era pouco densa e o reaprovisionamento das fôrças alemãs era feito sobretudo por via férrea. Por êsse motivo, os caminhos de ferro constituíam o objetivo principal dos ataques dos guerrilheiros; os outros meios de comunicação bem como os PC alemães, constituíam objetivos secundários. A tática dos guerrilheiros consistia em destruir as linhas férreas procurando perturbar o reaprovisionamento alemão e interromper os transportes de reforços. Os ataques dirigidos contra os centros de comunicação tinham por fim criar a confusão e desorganizar a cooperação dos diferentes serviços alemães e as unidades combatentes, enquanto que os ataques lançados contra os PC tentavam tornar ainda mais difícil o comando das unidades germânicas. Assim, aumentando o vigor de seus ataques, os

guerrilheiros esperavam obrigar os alemães a recorrer às unidades das linhas de frente para proteger sua retaguarda.

Êsses planos foram coroados de êxito. Em 1942, os "partisans" soviéticos estavam bem organizados e se encontravam sob um comando único, embora certos grupos de menor importância agissem ainda de maneira independente. Os lançamentos de pára-quedistas tornaram-se cada vez mais freqüentes e a captura de estoques de aprovisionamentos alemães permitia um número sempre maior de homens participar das operações. Em 1943, a guerra de "partisans" transformou-se numa séria ameaça e os alemães procuraram os meios mais eficazes para enfrentá-la. Organizaram "destacamentos de caça" e executaram o cêrco de zonas inteiras, consideradas suspeitas. Porém, a atividade dos guerrilheiros não cessou de crescer e, em 1944, as unidades alemães estacionadas nas zonas da retaguarda passaram mais tempo a combater os guerrilheiros do que a atender as missões normais. Os transportes e meios de comunicação se achavam bastante perturbados. Certas operações dos guerrilheiros foram, aliás, cuidadosamente coordenadas. Foi assim que, na noite de 19 para 20 de junho de 1944, as guerrilhas colocaram mais 15.000 cargas explosivas na zona do grupo de exércitos central e conseguiram fazer explodir 10.000 delas. É fácil imaginar a confusão criada por uma ação em massa dessa natureza, sem falar nos desgastes efetivamente conseguidos.

Tôdas as operações dos guerrilheiros nem sempre, entretanto, eram coroadas de êxito. Tal como os indivíduos, era difícil aos grupos de guerrilheiros permanecerem incógnitos em suas operações. Certos grupos foram destruídos, por terem realizado ações muito além dos meios à sua disposição. Outros se tornaram por demais importantes para conseguirem se disfarçar eficazmente e permanecer suficientemente móveis. Êles também foram aniquilados. Outros grupos conheceram o mesmo destino, após tentarem enfrentar as fôrças alemãs em batalha aberta. Freqüentemente, também, os guerrilheiros permitiram aos alemães adivinhar, graças à sua acentuada atividade num setor normalmente calmo, as intensões do comando soviético quanto a um novo ataque. Apesar de terem sofrido perdas elevadas e algumas derrotas esmagadoras, os guerrilheiros soviéticos tomaram parte ativa na luta pela vitória final. Durante as últimas fases da contra-ofensiva soviética, capturaram elementos isolados, destruíram estradas e obrigaram o comando alemão a empregar em missões de vigilância e de proteção de PC e de vias férreas, unidades de que necessitavam urgentemente nas linhas de frente.

O fim da segunda guerra mundial não foi, contudo, o fim da atividade dos guerrilheiros. Tendo sua tática sido aprovada sob o fogo da batalha, os comunistas desfecharam uma série de ações de guerrilhas em diferentes regiões do mundo, fiéis ao ensinamento de Mao-Tsé-Tung que diz da necessidade de acender em tôda a parte a chama da revolta. Os acontecimentos da Grécia, da Malásia, das Filipinas, da Indochina e de um certo número de outras ações de guerrilhas menos importantes, nos mostram com que mestria os vermelhos vêm empregando a tática das guerrilhas para enfraquecer seus inimigos.

Embora separadas entre si no terreno geográfico, tôdas essas campanhas apresentam traços característicos comuns. O próprio fato de eclodirem conflitos dêsse tipo em diferentes pontos do mundo constitui uma parte do plano comunista. Se as potências ocidentais procuram socorrer ao mesmo tempo tôdas as nações convulsionadas, são compelidas a suportar uma pesada carga econômica e arriscam pôr em perigo um sistema, que os comunistas já consideram como oscilante. Se, por outro lado, não agem, a vitória comunista é certa. Tôdas essas ações de guerrilheiros se desenrolam em regiões de difícil acesso, tais como a Grécia com suas montanhas ou as selvas do Extremo Oriente. Em tôda a parte os comunistas pretendem representar os interêsses do povo, quer se trate de defender o indígena da Malásia ou da Indochina contra os brancos, quer o patriota contra a opressão de capitalistas estrangeiros na Grécia e nas Filipinas. Tôdas as vêzes essa guerra tem sido realizada com a mais completa indiferença pelas vidas humanas e pela propriedade privada e, por isso, só pode ser mesmo considerada como uma guerra de bandidos. Apenas na Indochina os guerrilheiros empreenderam esforços realmente sérios para expulsar os estrangeiros do país.

Estaríamos, entretanto, cometendo um grande êrro se procurássemos diminuir, por êsse motivos, essas atividades de guerrilheiros, ou se não quiséssemos reconhecer a ameaça mortal que elas constituem, simplesmente porque se revestem mais de um aspecto de banditismo do que de uma guerra regular. Os chefes comunistas nada mais fizeram do que proceder a um estudo militar da situação e lançar, em seguida, um ataque contra o país onde acharam maiores possibilidades de alcançar o sucesso pelo menor custo. Algumas dessas ações de guerrilha perduram há mais de sete anos e apenas os guerrilheiros gregos foram vencidos.

Se a Grécia tivesse caído sob o domínio comunista, tôda a região balcânica se encontraria, hoje, sòlidamente unida sob êsse regime e a Turquia estaria perigosamente isolada. A despeito do auxílio britânico e americano, os guerrilheiros comunistas conseguiram, durante vários anos, realizar uma guerra, bem sucedida, contra seus compatriotas. Êles eram bem reabastecidos por agentes oriundos dos países situados ao norte da Grécia e podiam recuar para a Bulgária e outros países balcânicos para se repousarem e se reagruparem. Estavam bem armados e tinham um excelente moral, principalmente devido ao sucesso em combate e a um constante treinamento político e militar. Na fase inicial dessa guerra existiam cêrca de 73.000 guerrilheiros comunistas em ação. Êles conseguiram arruinar inteiramente a vida de uma nação de 7 milhões de habitantes e obrigaram mais de 700.000 pessoas a abandonar seus lares. Regiões inteiras foram devastadas e a vida econômica grega se desmoronou.

A tática comunista baseava-se, tal como na Ásia, num processo de destruição. Suas duas principais bases se encontravam nas montanhas situadas ao norte do país, mas os guerrilheiros dispunham de grupos dispersados por tôda a Grécia. Êsses bolsões comunistas paralisavam a vida da nação e os bandos de guerrilheiros destruíam as colheitas, obrigavam os camponeses a abandonar suas habitações, atacavam aldeias

e cidades e levavam reféns com êles. A impotência do govêrno helênico em impedir êsses ataques lançou o descrédito sôbre as autoridades governamentais e aumentou o prestígio dos guerrilheiros. Embora, em sua maioria, a população lhes fôsse adversa, os guerrilheiros assim mesmo conseguiram em muitas regiões uma certa cooperação, utilizando-se da ameaça de represálias em caso de recusa.

Após a chegada de um auxílio em massa, bem como de conselheiros militares americanos e britânicos, foi empreendido um poderoso esfôrço para eliminar os guerrilheiros. Foram organizadas fôrças de defesa locais com o fim de proteger as localidades e de abolir o receio pelas represálias. Um mínimo de fôrças de campanha foi igualmente constituído com o propósito de fixar os guerrilheiros nas montanhas ao norte do país, enquanto que uma vasta ação de limpeza tinha lugar ao sul. Pessoas reconhecidamente comunistas e aquelas que se desconfiavam como tal foram prêsas, a fim de privar os grupos de guerrilheiros de informações sôbre os ataques projetados. Em seguida, os bolsões formados pelos guerrilheiros foram atacados noite e dia, com as fôrças governamentais avançando sôbre uma ampla frente, de maneira a impedir que os guerrilheiros se reagrupassem ou fugissem em direção ao norte. Primeiro a região de Vitsi e depois a dos Montes Grammos foram vasculhadas e limpas, não dando as fôrças governamentais qualquer descanso aos guerrilheiros para se reagruparem ou se repousarem. Tudo isso exigiu um certo tempo, mas afinal, foi possível elabarorar uma tática que alcançou pleno êxito.

Infelizmente, essa mesma tática não pôde ser empregada com o mesmo sucesso na Ásia. As guerrilhas na Indochina se transformaram numa verdadeira guerra, tendo os guerrilheiros evoluído de bandos de rebeldes a um certo número de divisões regularmente constituídas.

Na Malásia e nas Filipinas as dificuldades extremas do terreno entravaram sèriamente a luta antiguerrilha. Considerações políticas e econômicas não permitiram a execução de uma guerra de envergadura à semelhança da empreendida na Grécia. Além disso, os guerrilheiros gregos se achavam bem estabelecidos e ocupavam regiões distintamente delimitadas, enquanto que o guerrilheiro malásio é, de dia, camponês ou comerciante e, à noite rebelde.

Em nenhum momento houve mais de 5.000 guerrilheiros em atividade na Malásia, e as fôrças de polícia britânicas e indígenas mataram, certamente, número mais ou menos idêntico; os vermelhos, porém, estão sempre em condições de recrutar novos combatentes ou de fazê-los vir clandestinamente da China. Para enfrentar essa fôrça numèricamente importante, são necessárias fôrças de polícia bem mais consideráveis cuja manutenção custa mais de um milhão de dólares por semana. Além disso, os comunistas se esforçam em criar o desentendimento entre os britânicos e os dirigentes locais, bem como entre os malásios e os chineses. Êles executam golpes contra as minas de estanho e as plantações de borracha, destruindo-as e incendiando-as, levando consigo os operários indígenas e matando o pessoal de raça branca. Isto é mais do que ban-

ditismo. É a execução de um plano cuidadosamente estabelecido com o objetivo de destruir o potencial econômico britânico. A borracha e o estanho são, com efeito, dois preciosos artigos de exportação para a Grã-Bretanha, que ficaria sèriamente enfraquecida sem êles.

Enquanto os chineses que vivem na Malásia se sentirem tratados como inferiores, não há dúvida de que proporcionarão auxílio e apoio aos guerrilheiros. Se os malásios acreditarem que não existe, em sua pátria, nada que valha a pena ser defendido, por certo não participarão de maneira ativa na luta antiguerrilhas. A resposta a tôdas essas questões está, com efeito, num âmbito que não é ùnicamente militar. Não basta matar os bandidos e é evidente que sete anos de luta não resolveram qualquer problema. O Govêrno Britânico começa a compreender essa verdade, tal como aconteceu com os filipinos, que combatem agora os rebeldes num outro plano.

Não haverá em qualquer parte do mundo movimentos de guerrilhas se as condições econômicas e políticas forem suficientemente satisfatórias. A massa dos guerrilheiros marcha, porque acredita num objetivo político e é isso que permite seus chefes dirigi-la. Se, ao contrário, êsses mesmos guerrilheiros descobrirem que lhes será possível viver dignamente, sem necessidade de roubar ou de passa fome, que terão um terreno para cultivar e um teto para se abrigar, não sentirão mais qualquer necessidade de lutar. Se a grande maioria da população sabe que existe um govêrno forte e justo para protegê-la, não haverá mais qualquer razão para cooperar com os rebeldes e sua rêde de informações, desaparecendo, assim, automàticamente, a ajuda aos guerrilheiros. Privados do apoio da população, os chefes guerrilheiros poderão fàcilmente ser vencidos.

Enquanto uma barreira intransponível separar os povos do Ocidente e do Oriente, seremos obrigados a continuar nossa luta antiguerrilha. Conhecemos atualmente uma situação difícil na Coréia. Quanto à África do Norte e o Oriente Médio, devemos dizer que essas regiões são suscetíveis de ser o palco de uma meia dúzia de movimentos de "partisans" bastante perigosos. Essas duas regiões são de uma importância vital para as potências ocidentais, tanto sob o ponto de vista político como geográfico. Devemos preparar-nos para enfrentar de duas maneiras diferentes os guerrilheiros: militar e polìticamente. Certamente que nos é possível conter temporàriamente os rebeldes pela fôrça; porém, o único meio durável, que nos permite aniquilar um movimento de guerrilheiros, consiste na destruição das bases morais sôbre as quais êle se edifica. Uma concepção mais realista dos acontecimentos deve substituir a idéia de que apenas regiões "secundárias" constituem abrigo para os guerrilheiros. Na realidade, a guerrilha pode ser tão bem realizada numa grande cidade moderna quanto nas selvas da Malásia. Jamais deveremos perder de vista essa verdade!

A guerrilha é uma espada de dois gumes. Enquanto aperfeiçoamos nossa tática militar na luta antiguerrilha, devemos preparar-nos para levá-la ao próprio campo do adversário. Na hora atual, a guerrilha não mais constitui o elemento marginal da família militar.

DOUTRINA MILITAR NACIONAL

"O problema é diferente para cada país, dependendo de ser êle uma grande potência industrial, ter as novas armas e de quanto a política e a administração estão ligadas às necessidades das grandes massas. Tudo isso influencia a elaboração final de uma doutrina e o estabelecimento dos princípios a que o país e suas fôrças armadas obedecerão na guerra. Por êsse motivo, as doutrinas oficiais e semioficiais e a reorganização dos exércitos dos diferentes países em geral revelam o verdadeiro aspecto da situação interna e externa."

General VIKTOR BUBANJ, ex-iugoslavo

DOUTRINA E TÉCNICA

"O passo de sete léguas dado pela tecnologia possìvelmente permitiu maior progresso nos últimos 15 anos do que nos 15 séculos anteriores. Esta constatação torna bem claro que o progresso científico e tecnológico, para criar novo equipamento, é mais fácil de conquistar, muitas vêzes, do que o progresso doutrinário, isto é, o desenvolvimento de novas concepções e sua integração completa como componente do poder de combate. A causa é que a complexidade crescente da evolução doutrinária, com seus valores humanos e éticos, períodos de elaboração e opiniões divergentes, é normalmente terreno mais difícil de desbravar do que o dos problemas de laboratório ou de fábrica. O progresso doutrinário também é mais complexo do que o tecnológico porque o pensamento profissional militar não se pode limitar ao material, com exclusão de novas táticas e idéias mais ou menos independentes daquele — as ligadas à chefia, os problemas de moral, comunicações, psicologia e organização. A sobrevivência nacional impõe o aproveitamento da tecnologia no máximo grau possível.

Em conseqüência, o militar profissional deve contìnuamente procurar hoje trocar o manto da praxe e da suficiência por uma busca incessante de respostas realistas e práticas aos problemas de amanhã."

Gen Div LIONEL C. MCGARR, Cmt ECEME/EUA

III — ORGANIZAÇÃO

NOSSAS FÔRÇAS ARMADAS E A NOVA DOUTRINA

Major GERMANO SEIDL VIDAL

NOTA DO REDATOR

Mais um artigo publicamos hoje em nossa Seção envolvendo, não apenas aspectos conceptuais e de indagação doutrinária, antes procurando responder — ainda que de maneira sucinta, verdadeira citação como calha à natureza do trabalho — a problemas ligados à reformulação de nossa estrutura organizacional, e quem o faz, está excelentemente credenciado para opinar, que vem de servir no comando de uma de nossas unidades da Artilharia de Costa e está atualmente na 5ª Seção do EME. O Major Germano Vidal, espírito jovem, culto e dinâmico, cerra fileira conosco nessa cruzada de recuperação institucional. Fazemos votos que o número de colaboradores efetivos continue em ritmo crescente. Pois, só assim, poderemos cooperar com os chefes militares empolgados na tarefa gigantesca de reorganização das Fôrças Terrestres do país em moldes que atendam às necessidades da Guerra Moderna.

E, diga-se de passagem, a reestruturação que se impõe, que urge considerar para o "caso brasileiro", não decorre apenas do estado conjuntural do país e da precariedade de nossos meios. De modo algum, que as potências mundiais também o enfrentam. E emergiram da guerra de 39/45, com seu parque industrial inteiramente voltado para as solicitações da Guerra em tôdas as frentes.

A razão é que o "momento" que vive o mundo é de verdadeiro pânico, de subversão dos conceitos ortodoxos até

agora aceitos, dado o desenvolvimento verdadeiramente espantoso da Ciência, da Técnica e da Indústria. Ora, assim sendo, temos nós que cuidar de restruturar nossa Instituição, para torná-la realmente digna — como sempre o foi — da Realidade Brasileira, presente e cujo futuro já se vislumbra, no quadro regional e mundial.

O artigo do Major Vidal focaliza aspectos correlacionados com a Doutrina de Guerra do país, como sejam os campos das Doutrinas Econômicas (letras f e g), Psico-Social (d, e) e h) e Militar a) b) e c), tudo num quadro de convergência de esfôrços tendo em vista as necessidades da Segurança Nacional.

Major A. RAPOSO FILHO

Leio, com interêsse, os conceitos que "Doutrina Militar Brasileira" traz a lume, em momento dos mais cruciantes para as nossas Fôrças Armadas.

O Brasil, após arremedos de vitalização de seu progresso, rompe as amarras do subdesenvolvimento e enfrenta a industrialização, que só as potências mundiais podem ensejar. Isto acontece, exatamente, quando o Mundo, bipartido pela dialética da "Paz pela Fôrça", parece viver momentos de intensa agitação politica de extremo perigo ante a ameaça de nova guerra. E êste colosso de massa continental e valor populacional, que é o nosso país, não poderá, por certo, assistir incólume e passivo — para não dizer neutro e apático — as legiões a se chocar em novas cruzadas ideológicas. Se no país não se configurar um Teatro de Operações, seu povo e território serão, pelo menos, objetivos de vital importância a conquistar, impor a vontade ou usufruir.

Há, portanto, uma *Guerra de sobrevivência* que, nós, os profissionais da Ciência de Marte (ou da "Arte de pura execução"?) temos que pensar, imaginar e prever em benefício de tôda a Nação.

Como no número de abril desta Revista, que novamente se revela com a fôrça renovadora de seus fundadores, é abordado pelo *Major Amerino Raposo Filho* o problema organizacional de nossas Fôrças Terrestres, senti-me motivado a expender idéias paralelas sôbre matéria de tal relevância.

Penso, de início, que a reorganização das Fôrças Armadas do país é fato que se impõe, não sòmente com uma exigência da estratégia e tática contemporâneas, mas também um insopitável anseio nacional, desde o povo até às elites intelectualizadas.

Coloco, em conseqüência, o assunto em plano acima das meras contingências futuras dos campos de batalha, para dizer que o indefectível

dever das Fôrças Armadas é servir o país queimando-lhe o mínimo de calorias e fornecendo-lhe o máximo de energias que acionem suas mais legítimas aspirações.

O dispêndio previsto, para o corrente ano, com a *Defesa Nacional* é de 26,5% do orçamento da República, ou, em números redondos, cêrca de 44 bilhões de cruzeiros. É um pesado sacrifício, a que se impõe o país, para contar com Fôrças Armadas prontas e eficientes na garantia de nossa segurança interna e externa.

Para atingir tal desiderato, de forma rendosa e eficiente, penso deva ser cuidado, decididamente, no conjunto das três Fôrças Armadas, de ampla *reforma institucional*, abordando, entre outros, os seguintes aspectos:

a. *Formulação da Doutrina Militar Brasileira* — de modo a se desfrutar de uma Doutrina de Guerra, nìtidamente nacional, que possa preservar a vida da nação, usando o homem e os recursos brasileiros.

b. *Desenvolvimento da Doutrina de Emprêgo das Fôrças Armadas* — por meio de Regulamentos que definam, dentro do conceito geral da nova Doutrina, os princípios táticos para uso das GU e Un das FA.

c. *Nova organização das nossas Fôrças de terra, mar e ar* — objetivando os princípios de guerra a que devam atender prioritàriamente dando ênfase a defecção de tudo o que fôr acessório, obsoleto ou arcaico e permitindo a flexibilidade necessária nos diversos TO que podemos vir a atuar.

d. *Estabelecimento de princípios filosófico-educacionais* — de molde a criar na consciência do militar o senso daquilo que nos convém na presente conjuntura econômica, política e social do país e do Mundo. Assim, os aspectos positivos do patriotismo, civismo e nacionalismo deveriam ser incrementados, analisados e doutrinados; como os aspectos negativos das idéias subversivas, de revolta, sedição, insurreição ou revolução e as de fascismo ou comunismo, seriam dizimadas pela argumentação lógica, coerente e persistente em todos os estágios da formação do oficial e em tôdas as ocasiões de educar a tropa.

e. *Formação Técnico-Profissional* — dos quadros, revista em face das exigências de novos propósitos, visando refundir currículos das Escolas e explorando a oportunidade de usar o ensino de Cultura Geral, conjuntamente com a aprendizagem técnica, como recurso poderoso para estimular a ideologia sadia que convém ao País.

f. *Mobilização e Equipamento do Território* — planejada de forma integral e coordenada no âmbito das três Fôrças Armadas e em consonância com a Doutrina estabelecida.

g. *Logística, de paz, comum às três Fôrças Armadas* — usando os Serviços Técnicos para atendimento indiferente às Un das três Fôrças; desenvolvendo programa comum de fabricação dos instrumentos bélicos,

preconizados na Doutrina e incentivando pesquisas técnológicas para ampliar o fortalecimento de nossos recursos de guerra.

h. *Racionalização administrativa* — modernizando, aperfeiçoando e barateando nossa máquina burocrática.

Tais estudos teriam que ser norteados por axiomas básicos, definidores do uso do *poder militar brasileiro*. Seriam, assim, feitos em face das hipóteses de evento da guerra regular ou irregular, convencional ou atômica, no espaço nacional, sul-americano ou mundial. Ter-se-ia em vista, também, os nossos problemas internos permanentes, de tempo de paz, com reflexos nas Fôrças Armadas, como sejam entre outros: o de educação, o de ocupação e desenvolvimento de áreas geo-estratégicas críticas, o de garantia do regime democrático.

Essas considerações estão aqui registradas com a única finalidade de contribuírem, embora modestamente, para o debate, em têrmos altos, de problemas de magna importância — ventilados nesta Seção da Revista — pois êles envolvem, de forma inelutável, a própria salvação da Pátria.

NECESSIDADE DUMA DOUTRINA

"Para arrostar com a guerra, não é suficiente possuir seus "eternos princípios", nem ter feito planos para as primeiras horas, os primeiros dias ou as primeiras semanas. É preciso uma Doutrina. De que forma, sem Doutrina, poder-se-ia eficazmente adaptar princípios e ensinamentos à realidade, tal como ela se apresenta? Como, sem Doutrina, obter essa disciplina intelectual, que, só ela, pode assegurar a unidade de ação, desde o comandante-chefe até o mais humilde dos subordinados? Como, sem Doutrina, conduzir a instrução, principalmente a dos quadros e dos homens da reserva, que não podem consagrar tôda sua atividade e tôda sua meditação ao estudo dos problemas militares de seus respectivos escalões? É preciso uma Doutrina tão objetiva quanto possível, apesar de tôdas incertezas presentes".

Cel NEMO, do Ex Francês



GEOGRAFIA

ASPECTOS ECONÔMICOS

ARGENTINA — COLÔMBIA E CHILE

1 — ARGENTINA

Simultâneamente com o problema fundamental da paralisação econômica em que vem se debatendo, desde vários anos, a economia argentina, observam-se outros três fenômenos estreitamente relacionados entre si: a) insuficiência relativa da capacidade de importar e a conseqüente vulnerabilidade do comércio exterior; b) o atraso que mostram alguns setores básicos; c) a inflação de preços. Ainda que êste conjunto de fatôres configure em essência a crise estrutural que atravessa o país, sobressai entre êles o da capacidade para importar, que vem se constituindo ùltimamente em obstáculo fundamental ao desenvolvimento econômico e à estabilidade. A política de reconstrução econômica delineada em fins de 55 teve como principal finalidade, entre outras, a de superar êste estrangulamento exterior. Esta finalidade não foi atingida, daí a gravidade da crise de balanço de pagamentos e o largo tempo que requer a total solução do problema. Em 1958, a política mencionada atuou sôbre o balanço de pagamentos em três setores diversos: a) a produção agrícola de exportação; b) a produção de petróleo; d) a substituição da importação de bens industriais.

Em matéria agropecuária, 1958 não representou progresso em relação ao ano anterior, devido em parte aos fenômenos meteorológicos que se apresentaram de forma desfavorável e, em parte, a que o incentivo do preço parece ser insuficiente, por si só, para impulsionar um crescimento considerável da produção nas atuais circunstâncias. Com efeito, ocupada já em sua totalidade os pampas disponíveis — como conseqüência das medidas de fomento adotadas como lógica reação ao abandono em que se havia mantido essa produção — o aumento que se deseja só pode ser obtido pelo incremento do rendimento por hectare e por homem

ocupado, isto é, com a introdução de nova tecnologia que aumente substancialmente a produtividade. Enquanto não se logre êste acréscimo de produtividade, o incentivo do preço considerado isoladamente só pode fazer crescer a agricultura às expensas da pecuária, ou vice-versa, de acôrdo com a diferença de preços que se verifique entre essas atividades. Assim, por exemplo, desde 1956 vem se verificando que esta diferença produzida pelos diferentes tipos de câmbio aplicados a essa atividade levou a uma rápida liquidação da pecuária. Devido a tal fato, em 1958 foram impostas quotas máximas de exportação de carne e se melhoraram consideràvelmente os preços do gado. De qualquer forma, tanto a exportação agrícola, como a exportação de outros produtos não registraram nesse ano incrementos importantes em relação com os anteriores. Resulta assim imperioso perseverar no sentido de aumentar a produtividade agrícola, para o que parece estar capacitado o Instituto de Tecnologia Agropecuário.

E matéria de petróleo, iniciou-se a construção do oleoduto e gaseduto de Campo Dupan a São Lourenço, o que há de significar em um futuro próximo um alívio à distribuição de combustíveis e ao balanço de pagamentos. Assinatura de cinco contratos com firmas estrangeiras, concedendo para exploração diversas zonas petrolíferas, tendem a eliminar totalmente no futuro as importações dêsse produto.

Também no campo da produção industrial se fêz progressos, em particular, em importantes projetos já existentes da indústria pesada. Devemos destacar que o aumento da produção industrial registrada em 1958 se apoiou, exclusivamente, no que se realizou neste tipo de indústrias, porquanto as de consumo corrente permaneceram estabilizadas em seu conjunto. Não constitui isto um fato, mas a simples confirmação de que essas manufaturas esgotaram pràticamente a substituição de importações e só poderão crescer com o aumento da população e do poder aquisitivo.

Além do estrangulamento exterior da economia, já se mencionou a situação de atraso em que se encontram alguns setores básicos que atuam internamente no mesmo sentido, sobretudo o transporte e a energia elétrica. Êstes dois tipos de obstáculos — externo e interno — são os que impedem em definitivo a vigorosa reação do produto bruto, e por isto está atuando também sôbre o problema que originaram. Os acordos efetuados em 1958, com duas companhias importantes, tendem a solucionar o problema da eletricidade de Buenos Aires e, quanto ao interior do país, algumas iniciativas tomadas contribuíram para superar a insuficiência da distribuição de energia. Tudo indica que a solução integral dos problemas internos exigem grandes inversões, a maior parte das quais seriam em bens de capital importados. E aqui aparece de novo o estrangulamento exterior como obstáculo adicional para a solução do atraso aos setores básicos.

Já se mencionou a extrema instabilidade interna da economia. O índice do custo de vida tende a subir ràpidamente em 1958, passando a constituir a manifestação mais visível da referida instabilidade. A insu-

ficiência da capacidade para importar e o atraso antes assinalado nos setores básicos são dois estrangulamentos que têm influído no processo inflacionário. Porém, em 1958 verificou-se um excesso de procura e um aumento de custo da produção que fizeram crescer ràpidamente os preços. O excesso de procura foi determinado principalmente pelo aumento de vencimentos do pessoal do Estado, pelo aumento das aposentadorias e pensões e pelo *deficit* das emprêsas estatais de serviço público. Êstes aumentos e a ascensão constante do dólar no câmbio, durante todo o ano, determinaram o aumento do custo de vida.

Não contou o país com um adequado volume de recursos externos e internos que, como massa de manobra, permitisse impulsionar um vigoroso crescimento do produto por habitante, sem originar maiores dificuldades. Pelo contrário, a ausência daquela massa de manobra, e o intento de lograr êsse crescimento com uma política expansionista conduziu ao surgimento de maiores pressões internas e externas. Em vista disso, o Govêrno adotou no fim do ano uma política enérgica e decidida tendente a aliviar essas pressões e a formar as bases para um futuro crescimento com estabilidade.

A extrema gravidade da crise estrutural da economia argentina resulta do fato de não ser possível a aplicação de remédios de resultados imediatos. Pelo contário, a natureza dessa crise requer medidas cujos resultados só se verificarão a longo prazo, conseqüentemente os frutos só poderão sobrevir no fim de alguns anos. Assim, por mais severas e enérgicas que sejam as medidas tomadas ùltimamente, seus resultados só poderão ser apreciados em um futuro imediato.

2 — COLÔMBIA

A economia colombiana é muito vulnerável em seu setor externo. As exportações de café constituem 80% das vendas de bens ao exterior. Devido à relativa paralisação da produção agropecuária, as importações de matérias-primas representam uma elevada proporção do valor total, que atingiu a 52% e 40%, respectivamente, em 1957 e 1958. As matérias-primas participaram com mais de 80% no valor total das importações de bens nos últimos quatro anos.

Em conseqüência de ser um grande exportador da rubiácea, é evidente que uma baixa no valor das exportações de café terá sempre repercussões desfavoráveis no país. Na realidade, desde abril de 1954, quando o preço do café Manizales começou a baixar no mercado de New York, passando de um máximo de 91 centavos de dólar por libra, em março daquele ano, a 49 centavos de dólar, em dezembro de 1958, essas repercussões fizeram se sentir de forma inequívoca. Mantendo as importações em altos níveis em 1955 e 1956 produziram-se *deficit* na balança de pagamentos, que se traduziram na acumulação de uma dívida comercial

superior a 340 milhões de dólares entre 1956 e começo de 1957. O esfôrço do país para cobrir estas dívidas atrasadas aguçou a escassez de divisas destinadas à importação de matérias-primas e bens de capital.

As medidas de ordem interna que foram adotadas para garantir o preço do café — sobretudo o financiamento das safras através do Banco da República — e para manter o nível das atividades econômicas, aumentaram a oferta monetária em detrimento da estabilidade dos preços. A inflação resultante, traduzida pelo acréscimo do índice nacional de preços de consumo somado ao emprêgo dos meios de contrôle no setor externo, contribuíram por sua vez para reformar a estrutura dos preços relativos.

Neste ambiente processava-se a evolução da economia nacional ao começar 1958. Ao correr do ano o govêrno colombiano fêz notáveis esforços para estabilizar a situação monetária interna, saldar as dívidas comerciais pendentes do govêrno anterior e corrigir algumas das deficiências de seu regime cambiário. Por outro lado, iniciou-se uma política de fomento das exportações e de produção das matérias-primas que atualmente se importam. Presume-se que as medidas adotadas poderão conduzir à recuperação da economia colombiana. A política seguida no setor monetário e fiscal logrou minorar o ritmo da inflação, porém, dadas as dificuldades de importação de matérias-primas e bens de capital, redundou, ao que parece, em uma diminuição das atividades econômicas, a julgar pelos dados disponíveis. A falta de dados atuais acêrca da produção e de outros elementos importantes, como as inversões, não permitem uma apreciação cabal dos resultados obtidos em 1958 pela economia colombiana.

3 — CHILE

As tendências da economia chilena não apresentaram modificações substanciais quanto aos anos anteriores. Mantiveram-se as medidas antiinflacionárias de tipo monetário e, ao mesmo tempo, por não haver sido possível equilibrar o orçamento nem corrigir o *deficit* com empréstimos externos, recorreu-se novamente ao Banco Central, restando ainda uma grande quantidade de obrigações pendentes de pagamento. O desnível persistente entre os ingressos e as obrigações do setor público neutralizou em grande parte os efeitos favoráveis que se esperavam da política antiinflacionária, pois o impacto de tais medidas recaindo essencialmente sôbre o setor privado, e em forma mais acentuada sôbre o comércio, a indústria e os assalariados, começava a originar, através da insolvência e da baixa das remunerações reais, uma tendência acumulativa para o debilitamento da economia.

A quase paralisação da produção bruta interna em têrmos reais, agravada pela deterioração apreciável da relação de preços de intercâmbio e uma forte diminuição das importações reduziu a oferta de bens na-

cionais e importados. Por outro lado, a demanda monetária viu-se de novo incrementada, em conseqüência do financiamento do *deficit* fiscal por novas emissões.

A contradição aparente entre a continuada inflação monetária e a decadência de importantes setores da produção, demonstra que não foi possível alcançar a estabilidade através de uma política de caráter passivo, isto é, orientada para a redução do gasto privado, indicando que a adoção de uma política estabilizadora ativa poderia levar ao restabelecimento do equilíbrio com o aumento da produção e do emprêgo.

É certo que uma nova redução do preço do cobre — que chegou nos primeiros meses de 1958 a seu nível mais baixo em oito anos — tendeu a agravar mais ainda os problemas a que faz face a economia chilena. Todavia, por mais importante que seja êste fator, não convém exagerar sua influência imediata. Na realidade, devido a situação angustiante em que a baixa do preço do cobre colocou sua economia, o Chile teve que recorrer a empréstimos externos a curto prazo, que compensaram plenamente os menores ingressos do cobre, tanto no orçamento interno como no balanço de pagamentos. Não obstante, não se evitou com isto uma nova redução de importação, porque subsistia a insuficiência crônica da capacidade para importar. Em face de medidas adotadas sôbre preços e condições de produção desde 1955, o volume físico da produção não se viu afetado pelas condições adversas do mercado mundial, mantendo-se no mesmo nível os salários e as disponibilidades de emprêgo nas grandes emprêsas mineiras e prosseguindo as grandes inversões projetadas, o que foi um fator de estabilidade para o conjunto da economia.

Outro fator favorável foi a produção agropecuária. Graças a um aumento de certa importância da área cultivada e sobretudo a condições meteorológicas muito favoráveis, o volume físico da safra de 58 foi superior em 18% ao ano anterior. Com isto, reduziu-se o volume de algumas importações imprescindíveis e estabilizaram-se os preços internos de determinados alimentos essenciais.

Apesar dos notáveis progressos realizados em alguns setores — papel, refinação de açúcar e petróleo — o índice global da produção tornou a baixar, alcançando o retrocesso a 12% em três anos. Se bem que haja indícios de aumento da produtividade do operário na indústria, é bem verdade que o desemprêgo é bem maior. Isto suscita graves problemas de caráter social em um país em que já existia o desemprêgo e onde a taxa de inversão bruta não parece ter possibilidades de melhoramento, face a um contínuo aumento vegetativo da oferta de trabalho. A causa principal da queda da produção industrial, desde 1955, reside na redução do poder aquisitivo, que foi uma conseqüência da considerável diminuição, em têrmos reais, das remunerações de trabalho e da redução de mais de 50% de construções imobiliárias, por causa das limitações creditícias.

Podemos, pois, afirmar que em 1958 foi um ano de acentuada depressão econômica para o Chile.

SÍNTESE DOS DISCURSOS PRONUNCIADOS NO ALMÔÇO OFERECIDO PELO JOCKEY CLUB BRASILEIRO AO EXÉRCITO NACIONAL, NA SEMANA DE CAXIAS

Por ocasião do almôço realizado no Hipódromo Brasileiro, quando das comemorações da Semana de Caxias, o Dr. Carlos Guimarães de Almeida, 2º Vice-Presidente, ao saudar, em nome da Diretoria do Jockey Club Brasileiro, o Exército Nacional, nas pessoas do Sr. Ministro da Guerra, Marechal Odylio Denys, e generais presentes, salientou ser esta homenagem uma das mais legítimas tradições que a Sociedade vem mantendo, por ocasião dos festejos do "Dia do Soldado", simbolizado na figura edificante do grande soldado e estadista Duque de Caxias, destacando sua personalidade e exaltando o sentido da data cívica que anualmente se festeja.

Ressaltou que o Exército Nacional, "nutrido nos ideais, nas virtudes e no exemplo do seu grande patrono", é a "mais importante dentre as instituições nacionais, base, fundamento e segurança, que sempre foi e será, da unidade política e espiritual do país e do regime democrático". Fêz sentir ainda, em sua oração, que o Jockey Club Brasileiro é uma instituição que, "a par do seu objetivo principal, relacionado com a criação do cavalo puro sangue, idéia a que não estêve ausente o genial Caxias, também se orgulha de suas relevantes atividades sociais e culturais, dentre as quais destaca-se, por sua significação, a comemoração de todos os acontecimentos de caráter cívico".

Em nome do Sr. Ministro da Guerra, o General Floriano Peixoto Keller agradeceu a homenagem tributada pela Sociedade ao Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, salientando que as comemorações patrióticas que se desenvolvem na semana que lhe é dedicada visam lembrar seu passado magnífico, inspiram-se nas suas realizações extraordinárias e objetivam consolidar os elos que ligam o passado ao presente, "tendo por fim forjar a corrente que sustentará o futuro de liberdade, progresso, ventura e aspirações cristãs da Nação Brasileira". Depois de tecer as mais significativas



O Presidente do Jockey Club Brasileiro, Dr. Francisco Eduardo de Paula Machado, tendo à direita o Ministro da Guerra, Marechal Odylio Denys e à esquerda o Dr. Justo Mendes de Moraes

considerações sôbre o "soldado-cidadão", sôbre êsse "gênio militar e gênio civil" que, no Brasil, cimentou a unidade nacional e, na América, venceu o desvário tirânico", lembrou o ilustre orador que a periódica vocação do vulto e dos feitos de Caxias decorrem, no quadro nacional, da gratidão e reconhecimento dos brasileiros e constitui imperativo da segurança e sobrevivência do Estado e, no âmbito das sociedades civis e das associações desportivas e culturais, se tornam "imposição de justiça e motivo de estímulo a lembrança e a exaltação das personalidades eminentes que as criaram e desenvolveram, as consolidaram e moralizaram".

Nesse sentido, relembrou duas figuras ligadas às tradições do Jockey Club Brasileiro, a cuja memória ofereceu as homenagens do Exército Nacional; a de André Gustavo Paulo de Frontin, professor emérito e administrador eficiente, sábio político e insigne estadista, enfim, brilhante homem público e turfista, cujo centenário de nascimento se comemora êste ano, e a de Linneu de Paula Machado que, à semelhança daquele, simbolizou o cavalheiro da iniciativa privada, a cujos empreendimentos se deve o alargamento das nossas fronteiras comerciais, industriais e econômicas e conseqüente e decisiva contribuição na prosperidade do Brasil. Dois eminentes brasileiros, de personalidades tão diferentes e de comportamentos sociais bem distintos, mas que possuíam um traço comum, uma afinidade muito viva, que os aproximando e unindo, permitiu-lhes criar e desenvolver, consolidar e moralizar o maior e mais perfeito movimento desportivo do País, o turfe nacional.

No momento, orientado pelas intenções puras e dirigido pelas mãos firmes do filho de Linneu de Paula Machado, o Jockey Club Brasileiro jamais se afastará das pistas onde só devem triunfar a correção e a moralidade.

Concluindo sua brilhante oração ressaltou o General Keller que a homenagem do Jockey Club Brasileiro tinha, para os Generais do Exército Nacional, significação muito especial, porque traduzia o elogio e aprovação da opinião pública, daí os sinceros, intensos e definitivos agradecimentos do Ministro da Guerra e do Exército Nacional aos associados do Jockey Club Brasileiro.

MONUMENTO E MUSEU DE CANUDOS

A pesquisa de documentário para fazer-se História e, principalmente História Militar constitui tarefa ingrata por achar-se esparsa e em destino, muitas vêzes, desconhecido a documentação que interessa ao conhecimento dos fatos.

O Instituto de Geografia e História Militar do Brasil sugeriu, há tempos, ao Ministro da Guerra medidas para a coleta e tratamento dessa documentação quer em arquivos e museus regionais, quer em órgão central. A iniciativa dessas medidas encarece a necessidade de ser a realização orientada por pessoas experimentadas e especializadas em assuntos de História Militar, pois, os arquivos e museus só são úteis quando entre os seus serventuários se encontram pessoas com os aludidos requisitos. Estamos crentes de que a proposição do Instituto foi encaminhada ao Congresso Nacional.

A matéria vem agora à baila com três acontecimentos de relêvo: a publicação do livro de autoria do Ministro Alencar Araripe "Expedições Militares Contra Canudos — Seu Aspecto Marcial"; a campanha lançada louvàvelmente pelo General João de Almeida Freitas, Comandante da 6ª RM, pela ereção de um grandioso monumento aos mártires de Canudos, a que se deve anexar um Museu; e recomendação da Secretaria da Guerra, por iniciativa do Ministro Marechal Denys, de reunir no Arquivo do Exército os documentos, fotografias e conhecimentos pessoais referentes à Campanha de Canudos.

O Marechal Denys, profundo cultor de nossas tradições e do espírito militar das Fôrças Militares, não deixará escapar a oportunidade de exaltar e homenagear os bravos soldados que se imolaram em defesa das instituições nacionais. Por seu lado os Círculos Militares de tôdas as guarnições poderão cooperar por meio de subscrições públicas, para a completa realização dessa idéia de alto valor patriótico.

Pensamos que Salvador, na Bahia, se impõe para localização dêsse Museu-Monumento, que fale também do sofrimento do povo baiano e do seu heroísmo, principalmente daqueles que prestaram desinteressada e abnegada cooperação às fôrças legais.

Para exemplo estão os sacrificados das primeiras expedições, soldados da tropa de linha e da polícia estadual e os devotados médicos, farmacêuticos e acadêmicos de medicina, civis, que voluntária e bravamente se imolaram ao grande sacrifício e à obra de caridade. A êstes já se prestou singela homenagem, quando do regresso do General Arthur Oscar. O povo baiano, com êsse General à frente, fêz questão de colocar no Salão Nobre da Faculdade de Medicina da Bahia expressivo bloco de mármore, em que se gravou, segundo a imprensa da época:

> "A Bahia eterniza neste mármore o seu agradecimento aos médicos, farmacêuticos e acadêmicos que exerceram o seu apostolado durante a dolorosa quadra de Canudos — 1897".

Que venham o Museu e o Monumento aos mártires de Canudos "como preito de tôda a Nação aos seus heróicos defensores".

A DEFESA NACIONAL

(Fundada em 10 de outubro de 1913)

1 — Reestruturando sua Seção de Anúncios, "A DEFESA NACIONAL" espera a colaboração de todos aquêles que tenham interêsse em tornar conhecidos seus empreendimentos, particularmente no seio das Fôrças Armadas.

2 — A vida de um anúncio, nesta Revista, é maior do que em outra publicação qualquer, porque:

a) ela circula em todos os Estados do Brasil e Países da América do Sul;

b) seus exemplares passam por muitas mãos e são lidos, pelo menos, por dez vêzes mais do que o número de seus assinantes;

c) depois de lida, constitui fonte permanente de informações, porque, sendo uma Revista técnica, é colecionada por todos, o que não acontece com a maioria das revistas;

d) vive num meio de ponderável capacidade aquisitiva, a que o anúncio, muitas vêzes, não chega senão através desta Revista.

3 — Se sua existência, de quase meio século, não fôsse bastante como prova de seu sólido prestígio, melhor atestado não haveria que o Aviso de 22 de janeiro de 1947, em que o Exmo. Sr. General Ministro da Guerra recomenda "A DEFESA NACIONAL" ao interêsse do Exército em face de sua utilidade incontestável para as classes armadas.

AVISO N. 99

Tendo em vista que "A DEFESA NACIONAL" vem cooperando, ininterruptamente, na obra de aperfeiçoamento, ampliação e divulgação de conhecimentos técnico-profissionais e de cultura geral, úteis à formação intelectual dos militares, e que suas colunas abertas à colaboração de todos devem refletir o amor ao estudo e o grau de capacidade profissional dos quadros do Exército, apraz-me recomendá-la à atenção e interêsse de todos os oficiais, quer intelectualmente nela colaborando, quer materialmente, fazendo-se seus assinantes.

Esta sugestão deve ser transcrita nos boletins internos de todos os escalões do comando e da administração do Exército.

(a) Gen *Canrobert P. da Costa*



DEMOCRACIA VERSUS COMUNISMO

Comunismo e comunista são palavras que se ouvem com freqüência. Algumas pessoas usam-nas para descrever tudo aquilo e todos aquêles de quem não gostam, outras receiam-nas, sem contudo saber o que significam.

Há séculos, o escritor romano Tácito já dizia que:

> "Tudo aquilo que se desconhece parece ser maior do que é na realidade..."

Os temores e a confusão do homem comum, com referência ao comunismo, dificulta a compreensão dêsse perigo que ameaça a Democracia. Atualmente os comunistas controlam uma grande parte da Europa e da Ásia. A Rússia Soviética e a China Vermelha, juntamente com algumas das pequenas nações vizinhas, apresentam, aos países democráticos do Ocidente, um bloco comunista sólido e poderoso. Os povos ocidentais têm constatado, desde a Segunda Guerra Mundial, que têm pela frente um inimigo implacável e disposto a dominar o mundo. Nessa gigantesca luta é vital que se compreenda o oponente, que se saiba quais os seus objetivos e que se conheça o seu modo de operar.

O General Eisenhower, fêz em 1956, a seguinte declaração:

> "A luta pelo contrôle da mente humana tem início quando o homem é ainda um estudante. É nessa fase que se deve ensinar-lhe a discriminar entre a falsidade e a verdade; deve-se ensinar-lhe especificamente a reconhecer a diferença entre a forma de govêrno democrata e a forma soviética. Dando-se-lhe todos os fatos, estou certo de que êle saberá escolher acertadamente".

Neste artigo — 3ª Parte da série que estamos apresentando — analisamos alguns exemplos da vida comunal, assim como o nascimento do comunismo moderno e citamos, também, exemplos de como o comunismo afeta a vida humana.

Coronel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS,
Diretor-Secretário.

3ª PARTE — O QUE É O COMUNISMO

Não é fácil definir Comunismo. Trata-se de uma velha palavra com significados diferentes, para as pessoas que viveram muito antes do estabelecimento do govêrno soviético na Rússia. Tem servido, por vêzes, para definir um utópico paraíso terrestre que congrega as esperanças dos idealistas; outras vêzes é definido como uma revolução contra a miséria e a pobreza, mas que traz em si, violência e destruição. Atualmente, o Comunismo exprime, em geral, a forma de govêrno adotada na Rússia Soviética e na China Vermelha e traduz o domínio de alguns poucos homens que conquistaram o poder de modo violento, mediante uma revolução. Os que se acham no poder declaram governar em nome dos trabalhadores, mas, entretanto, usam a fôrça e a falsidade para permanecer no govêrno, que possui e controla tôdas as propriedades.

Os ditadores referem-se a uma sociedade ideal, mas impedem a participação dos trabalhadores nas decisões que visam a realização daquele objetivo. Prometem liberdade, mas são responsáveis pela destruição da liberdade de palavra, escrita e falada, assim como de muitas outras liberdades individuais, conforme demonstramos em artigo publicado na "A Defesa Nacional" do mês passado.

Uma das crenças fundamentais dos comunistas é que a propriedade — terras, minas, fábricas, etc. — deve pertencer e ser explorada pelo Estado. Assim, de acôrdo com essa crença o govêrno deve, realmente, dirigir as fazendas, explorar as minas e administrar as fábricas. O Comunismo, entretanto, tem sempre significado o contrôle drástico do govêrno sôbre a vida das pessoas, indo a ponto de determinar o modo de pensar, viver, casar, trabalhar e divertir-se.

A) O COMUNISMO NO PASSADO

1 — O comunismo é uma velha idéia

Desde os tempos antigos, tem havido homens — pensadores, sonhadores e filósofos — que sonham com um mundo perfeito. Nesse mundo ideal não haveriam pobres ou ricos; todos viveriam como se fôssem irmãos; todos trabalhariam pelo bem de todos, repartindo tudo igualmente, de modo que não haveria pobreza ou injustiça e, em conseqüência, apenas uma necessidade pequena de lei e govêrno.

A maioria dêsses sonhos, de um *"estado perfeito"*, nunca passou de uma idéia e, os poucos que foram realmente tentados, fracassaram.

2 — Platão e o Estado Ideal

Na velha Atenas, o filósofo Platão escreveu um livro intitulado "A República" em que descrevia um Estado imaginário que considerava ideal. Ao ler-se êsse livro de Platão, constata-se que alguns de seus aspectos não são, em absoluto ideais. Platão acreditava que a finalidade do govêrno era proporcionar justiça; sua idéia de justiça era, entretanto,

bastante diferente da atualmente professada pelas nações ocidentais. Era de opinião que os homens não nasciam com os mesmos direitos e, assim sendo, motejava das idéias democráticas gregas.

Seu conceito de justiça atribuía a cada homem o direito de obter aquilo que lhe cabia por seu pôsto ou hierarquia no Estado. Em Atenas e Esparta, onde vivia Platão, havia duas classes de pessoas: cidadãos e escravos. Em sua república ideal haveria quatro classes: escravos, trabalhadores e agricultores, soldados e governantes Êstes últimos, também chamados *chefes,* eram cognominados *"reis filósofos".*

3 — Platão e o povo

Na república imaginária de Platão, os governantes e os soldados não teriam família; não possuiriam bens, tais como terras, casas ou dinheiro, e viveriam em quartéis, fazendo suas refeições numa mesa comum. Platão acreditava que essas duas classes serviriam à "república" com maior eficiência se não possuíssem família ou bens pessoais, que os distraíssem de suas obrigações.

Ao grupo formado pelos trabalhadores e agricultores, e também pelos escravos, seria permitido ter família e possuir propriedades. Entretanto, tôdas as crianças seriam separadas de suas famílias e educadas pelo Estado. A educação das crianças menos promissoras terminaria mais cedo, destinando-se elas a preencher os lugares de trabalhadores e agricultores; as demais receberiam uma educação melhor e seriam soldados, enquanto as mais inteligentes viriam a constituir a classe dos governantes da república; sua educação os capacitaria a proporcionar justiça — segundo o conceito de Platão — a todos os homens e mulheres sob sua autoridade.

"A República" não faz menção à lei, pois Platão a considerava desnecessária em seu Estado Ideal. Acreditava que todo cidadão devia ser educado para obedecer a seus chefes e que todo governante devia ser treinado para comandar. Entretanto, no fim de sua vida, Platão chegou à conclusão de que nunca haveria um país sem leis e aceitou a necessidade de leis que regulassem a conduta do govêrno.

4 — Aristóteles e Platão

Um outro filósofo grego, Aristóteles, discípulo de Platão, discordava das idéias de seu mestre quanto ao Estado Ideal. Suas críticas à república ideal de Platão, em seu livro "Política", tornaram-se quase tão famosas quanto a "A República".

Aristóteles era contrário ao plano de Platão, de separar as crianças de seus pais, pois acreditava que essa separação, ao invés de trazer amor a tôdas as crianças, resultaria em falta de amor para tôdas elas; afirmava que as relações humanas íntimas, como as que existem numa família, eram a base da afeição.

Não aceitava tampouco a tese de Platão de que a posse comum da propriedade proporcionaria a harmonia entre todos e declarava que a

posse individual era um direito natural de tôda a humanidade, não vendo como a extinção dêsse direito poderia contribuir para propiciar relações pacíficas entre os homens.

Aristóteles era de opinião que Platão incindia em êrro ao pensar que o povo poderia ser violentamente dividido e grupado de acôrdo com suas habilidades, não sabendo como poderia ser reconhecida e medida essa habilidade; o povo, em sua opinião, não poderia ser separado em classes, como Platão as imaginava. Essa separação em classes resultaria, apenas, numa unidade falsa e artificial, unidade essa que, segundo Aristóteles, só seria verdadeira e duradoura se resultasse do equilíbrio natural decorrente das relações normais entre as pessoas de tôdas as categorias e níveis de atividades.

O plano de Platão, para a fundação de uma república ideal, é o mais conhecido de todos os planos já elaborados visando o estabelecimento de uma forma comunista de govêrno; entretanto, nunca foi pôsto em prática, pois os gregos eram por demais práticos para tentar tal experiência. "A República" tem, sido no entanto, largamente estudada durante séculos, principalmente porque contém, algumas das teorias políticas de Platão, sem dúvida um dos maiores filósofos do mundo.

Outros filósofos, desde a era de Platão, têm escrito sôbre imaginários estados ideais. Em 1518, o inglês Sir Thomaz Mórus, escreveu um pequeno livro denominado "Utopia", no qual descrevia um Estado imaginário em que não existia propriedade privada e onde todos os cidadãos viviam em perfeita harmonia. Êsse livro sincero e agradável foi tão amplamente lido que a palavra "utopia" passou a ser usada para designar qualquer estado ideal. É interessante observar que a palavra "utopia" é originária das palavras gregas "ou topos" que significam "inexistência".

5 — Experiências de comunismo

Nos dois primeiros séculos de nossa era, em que os cristãos eram, com freqüência, tratados brutalmente, várias comunidades cristãs estabeleceram uma forma simples de comunismo. Os membros dessas comunidades dividiam entre si os alimentos e algumas outras utilidades necessárias à vida; orientavam-se de acôrdo com um ideal de fraternidade, procuravam viver com justiça e igualdade e os mais prósperos dividiam generosamente seus bens com os pobres.

Na América do Norte, em 1600, alguns dos colonizadores experimentaram o comunismo tendo em vista assegurar a proteção de suas povoações contra os perigos e as vicissitudes. Os Peregrinos de Plymouth, Massachusetts, e os colonos de Jamestown, Virgínia, fizeram essa experiência e houve época, em ambos os lugares, em que a terra não era propriedade de ninguém, e todos os colonos se supriam nos pequenos depósitos da comunidade. Essa experiência de comunismo foi afinal abandonada, pois os colonos preguiçosos trabalhavam pouco em detrimento dos mais ativos e trabalhadores. A terra foi novamente dividida

entre todos e cada família passou a trabalhar para satisfazer a suas necessidades.

Na França e na Inglaterra, em 1800, alguns idealistas fizeram planos para experiências comunistas, sem o uso da violência. Charles Fourier, um reformador francês, procurou estabelecer uma utopia ou sociedade perfeita, a semelhança do que preconizara Sir Thomaz Mórus. De acôrdo com sua idéia, o povo seria organizado em grupos com 1.620 membros e cada trabalhador de um grupo teria uma função específica, cabendo-lhe compartilhar com os demais a produção, embora não igualmente.

O plano de Fourier foi experimentado em vários lugares dos Estados Unidos. A mais conhecida dessas experiências de vida comunal teve lugar em Brook Farm, Massachusetts. Nathaliel Hawthorne, autor de renome, ingressou nesse grupo e escreveu a vida daquela comunidade durante os cinco anos que durou a experiência.

Robert Owen, um fabricante e reformador inglês, dedicou grande parte de seu tempo e gastou bastante dinheiro na fundação de cidades ideais. Sua primeira experiência verificou-se, em 1825, na cidade de New Harmony, Indiana; êsse seu sonho de criar uma utopia fracassou, como muitos outros, pois os chefes do povoado passaram a discutir e os trabalhadores a reclamar.

6 — O Socialismo Marxista

Em meado do século XIX, uma nova forma de comunismo surgiu na Alemanha. Um de seus idealizadores foi Karl Marx, estudante da Universidade de Berlim, que juntamente com seu amigo Friedrich Engels, filho de um abastado negociante, se tornara socialista. Êsses dois homens estabeleceram um novo sistema de idéias.

Marx e Engels refugavam tôdas as idéias religiosas e acreditavam que o mundo em que vivemos, assim como o resto do universo, eram de origem material; a palavra "materialismo" passou a ser usada para exprimir essa crença. O materialismo pode ser encontrado em muitas ciências filosóficas, tanto novas como antigas. Seus adeptos, os materialistas, não acreditam na existência de Deus ou de deuses e tampouco no valor da religião; não reconhecem também importância em certas normas de conduta consideradas, pelos adeptos do Judaísmo e do Cristianismo, como valores espirituais. A nova teoria baseou-se, portanto, no materialismo e foi denominada por Marx e Engels de "materialismo dialético".

7 — Marx e Engels e o Capitalismo

Em seu raciocínio ou dialética, Marx e Engels declaravam que sempre houvera, em tôda a história, uma luta entre o pobre e o rico, que chamavam de "guerra de classes". Essa luta era, para êles, uma espécie de guerra entre proprietários e trabalhadores. No Capitalismo, como se sabe, a posse de propriedade privada exerce um papel muito importante. Nas cartas constitucionais dos países democráticos, é reco-

nhecido aos indivíduos o direito de posse de propriedade, mas de acôrdo com as idéias de Marx e Engels isso era um êrro do Capitalismo, pois proporcionava sempre maiores riquezas à classe superior ao mesmo tempo que contribuía para aumentar à sempre crescente miséria do trabalhador.

O ressentimento de Marx e Engels contra o Capitalismo era, em parte, devido aos baixos salários dos trabalhadores e, também, por acharem êles que os lucros dos proprietários das fábricas eram excessivos em relação àqueles salários. Acreditavam, também, que sob o regime capitalista a "burguesia" — nome dado aos proprietários de grandes latifúndios e de fábricas — prosperava sempre e de forma segura, enquanto que o pequeno comerciante e os agricultores donos de terra eram forçados a viver como "proletários", isto é, como trabalhadores desprovidos de qualquer propriedade.

8 — A Revolução Marxista

Marx e Engels, tendo em vista essas idéias, denunciaram todos os governos capitalistas. Estavam certos que o Capitalismo se destruiria por si próprio em guerras ou pela alternância dos períodos de prosperidade e depressão, fenômeno êsse conhecido como "ciclo econômico". Essa espera pela autodestruição do sistema capitalista seria muito longa, de modo que Marx e Engels passaram a incitar os trabalhadores de todos os países a se rebelarem contra os capitalistas a fim de exterminarem, pela revolução, o sistema existente. A violência, para Marx e Engels, era o meio de atingir o progresso. Em sua "Filosofia da Pobreza", publicada em 1847, e em outros livros, Marx expunha sua fé na guerra de classes e na revolução violenta. Preconizava a aliança, no início da revolução, entre trabalhadores e a "classe média", devendo os primeiros, no final, controlar todo o país. Após a revolução, com a conseqüente destruição do govêrno, os líderes comunistas estabeleceriam uma "ditadura do proletariado", ou ditadura dos trabalhadores, e esmagariam, a seguir, os inimigos da revolução. Surgiria, finalmente, uma sociedade sem classes; a ditadura perderia gradualmente sua fôrça e acabaria por desaparecer.

Em 1848, pouco antes da revolução geral irromper em muitas parte da Europa, Marx e Engels publicaram uma proclamação, o "Manifesto Comunista", em que apelavam aos trabalhadores para que "derrubassem pela fôrça todos os sistemas sociais existentes". Êsse Manifesto terminava com as seguintes palavras:

"Façamos as classes governantes tremer face à Revolução Comunista. Os proletários nada possuem além de cadeias e têm todo um mundo a conquistar.

Trabalhadores de todos os países, uni-vos !"

Marx e Engels, não obstante o vigoroso apêlo do "Manifesto Comunista", ficaram desapontados com os resultados da revolução de 1848, na Europa. Ao contrário do que esperavam, nenhuma ditadura comunista

foi estabelecida, tendo mesmo a revolução contribuído para a melhoria do govêrno democrático na Inglaterra, França, Áustria, Alemanha e Itália. Êsses países promulgaram muitas reformas legislativas visando a melhoria das condições de trabalho. Marx e Engels, e mais tarde Lenine, não visavam apenas reformas, mas sim a revolução violenta que destruiria o govêrno democrático e possibilitaria a sua substituição por uma ditadura do proletariado.

Em 1864, Marx teve papel de destaque na fundação de uma organização que ficou sendo conhecida como a "Primeira Internacional". Essa organização tinha por finalidade a união dos trabalhadores e intelectuais de todos os países tendo em vista promover a revolução comunista. Marx tinha esperança de que a guerra franco-prussiana, de 1870, conduzisse a essa revolução, mas mais uma vez enganou-se. Realmente, chegou a haver na França um levante comunista, de um grupo conhecido como "Comuna de Paris"; sua violência, entretanto, foi mais prejudicial do que benéfica ao comunismo, pois fêz com que o povo se rebelasse contra tôdas as formas de socialismo marxista. A "Primeira Internacional" deixou de existir pouco tempo depois; entretanto, as idéias comunistas persistiram, especialmente na Alemanha. Meio século mais tarde, uma bem preparada organização comunista apossou-se do govêrno da Rússia e estabeleceu a ditadura do pequeno e revolucionário Partido Bolchevista.

B) O COMUNISMO NA ATUALIDADE

1 — A Conquista da Rússia

Após longos e secretos preparativos, os comunistas subiram finalmente ao poder no outono de 1917, na Rússia. Durante a I Guerra Mundial, em março daquele ano, os líderes moderados do legislativo russo que haviam conseguido a abdicação ou resignação do Tzar, deram os primeiros passos para o estabelecimento de um govêrno democrático. No período de confusão, que se seguiu à derrubada do antigo regime, os comunistas iniciaram uma outra revolução e conseguiram, por sua vez, derrubar o novo e ainda vacilante govêrno. Essa segunda revolução surpreendeu as nações ocidentais e foi de tal modo espetacular e profunda que o velho conceito de comunismo adquiriu, de um momento para outro, um novo significado. Atualmente, quando se fala em comunismo, faz-se referência, não sòmente às idéias de Marx, mas também ao sistema de govêrno impôsto à Rússia, após a Revolução de Outubro de 1917, pelos bolchevistas comunistas.

O famoso líder e ditador comunista, Vladimir Lenine, estabeleceu em 1918, a República Federal Socialista Soviética Russa, constituída pela própria Rússia que era, então, o cerne do império dos tzares. Seis anos mais tarde, em 1924, os comunistas formaram a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) que englobava tôdas as províncias do antigo império.

A palavra "república", embora fôsse familiar aos povos ocidentais, tinha um significado bastante diferente para Lenine. A república é uma forma de govêrno em que os cidadãos podem escolher seus chefes através de eleições livres, o que justamente não sucede na Rússia Soviética, constituindo, assim, uma das principais diferenças entre a democracia ocidental e o comunismo. A forma de govêrno da União Soviética foi sempre uma ditadura, mas não exatamente uma ditadura do proletariado ou dos trabalhadores, como preconizavam Marx e Engels.

Vladimir Lenine foi o primeiro ditador da Rússia Soviética. A palavra "ditador" é usada para exprimir sua fôrça, embora seu cargo real fôsse o de Chefe do "Politburo" ou Comitê Central. Êste órgão era constituído por um pequeno grupo de líderes do Partido Comunista Russo e exercia completo contrôle sôbre o país, dirigindo sua vida política, controlando todo o seu comércio e sua agricultura e, principalmente, tomando muitas decisões que, nos países democráticos, competem ao povo.

Ao ser organizado, por Lenine, o govêrno da Rússia Soviética, o Partido Comunista contava com menos de um por cento (1%) da população russa, entre seus membros. Os restantes noventa e nove por cento (99%) foram, entretanto, sendo gradativamente controlados pelo Partido.

Nessa organização de govêrno, feita por Lenine, seus elementos básicos eram os grupos chamados "sovietes", cuja importância se traduziu pela inclusão dêsse vocábulo no próprio nome da nação: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O soviete era um pequeno conselho ou comitê local, constituído por trabalhadores ou camponeses, que atuava como um elemento de govêrno local. Êsses sovietes, de acôrdo com as promessas comunistas, deveriam eleger delegados para as assembléias legislativas provinciais e até mesmo para o Soviete Supremo, que era o órgão legislativo nacional; entretanto, só era permitido votar nos candidatos escolhidos pelos líderes do Partido.

2 — Expansão comunista

O sistema estabelecido por Lenine e seus seguidores na Rússia, conseguiu firmar-se e seus líderes comunistas tornaram-se todos-poderosos. Posteriormente, o Politburo, sob a chefia de Stalin, e utilizando-se do Exército Vermelho e do Partido Comunista, ultrapassou as fronteiras da União Soviética e submeteu ao contrôle russo as nações bálticas; Lituânia, Letônia e Estônia. Em seguida, criou, na Europa Oriental, os estados satélites, controlados por comunistas e entre os quais se achavam a Polônia, Tcheco-Eslováquia, a Hungria, a Romênia, a Bulgária, a Albânia e a Iugoslávia; êste último país conseguiu, em 1948, libertar-se do contrôle soviético permanecendo, todavia, como uma ditadura comunista.

Na Ásia, da mesma forma que na Europa, a Rússia Soviética apoiou a expansão comunista, estabelecendo na Coréia do Norte, em 1948, um govêrno comunista. Em 1949, o auxílio soviético ao líder comunista chinês, Mao Tse-tung, possibilitou impor o domínio do Partido Comunista a 450 milhões de chineses. De 1947 a 1954, a Rússia Soviética apoiou o líder comunista Ho Chi Minh e seus exércitos de guerrilheiros na

Indochina, proporcionando aos comunistas uma vitória parcial que resultou no estabelecimento de um regime comunista no Vietnam Norte, território desmembrado daquele país.

Vê-se, assim, que a violência, um dos princípios fundamentais do Marxismo, continuou sendo uma das características do Comunismo na fundação e durante o desenvolvimento da Rússia Soviética.

3 — As "promessas" comunistas

O Comunismo tem conseguido milhões de adeptos através da promessa de uma "boa vida". Na Europa, o Marxismo surgiu durante a Revolução Industrial ocasionada pelo surto da máquina, no século XVIII e a conseqüente mecanização das fábricas. Muitos camponeses abandonavam a vida árdua dos campos em busca de trabalho nas fábricas e nas minas, onde trabalhavam quatorze, e até mesmo dezesseis horas por dia, sem confôrto, sem higiene e, muitas vêzes, em condições perigosas, em troca de salários ínfimos. Os marxistas aproveitavam-se dessa situação, e se propunham a acabar com essas vicissitudes, prometendo aos trabalhadores melhores moradias, maior quantidade de alimentos e de roupas e, também, melhores salários e condições de trabalho. Em troca, os trabalhadores teriam apenas que tornar-se comunistas e derrubar, pela revolução, a classe privilegiada dos capitalistas.

As teorias de Marx e Engels encontraram pouca aceitação nas classes trabalhistas da Inglaterra, pois as vicissitudes decorrentes da Revolução Industrial eram sempre reduzidas por reformas periódicas. O Parlamento Inglês sancionou leis fabris que trouxeram grande alívio aos trabalhadores inglêses; as horas de trabalho foram reduzidas inicialmente para doze e, mais tarde, em 1890, para dez horas diárias; o trabalho subterrâneo nas minas foi vedado às mulheres e crianças; as fábricas passaram a ser fiscalizadas e o preço do pão foi reduzido. Êsses melhoramentos resultaram, em parte, do progresso tecnológico e dos esforços das uniões trabalhistas e dos reformadores e, o que é importante, sem qualquer ajuda do Comunismo.

Fatos semelhantes ocorreram, também, no Continente Europeu onde, a despeito da insistência de Marx e Engels, de que o comunismo era a única esperança dos trabalhadores, êstes, a exemplo de seus confrades inglêses, resolveram todos os seus problemas sem qualquer assistência comunista.

4 — As falsidades comunistas

Em sua campanha de recrutamento de novos adeptos, os comunistas do século XIX declaravam que a miséria dos trabalhadores, ou do proletariado, e o número de pessoas insatisfeitas aumentava ràpidamente; diziam que os pequenos negociantes estavam falindo e que os camponeses perdiam suas terras. No século seguinte, entretanto, ficou flagrante a falsidade dessas afirmativas comunistas. Os salários dos trabalhadores aumentaram em todos os países da Europa Ocidental e dos Estados

Unidos; as horas de trabalho diminuíram ainda mais; os trabalhadores passaram a viver com mais confôrto e com melhor assistência social; muitos dêles eram donos de seus próprios lares e, nos Estados Unidos, possuíam até carro particular; alguns compravam ações e apólices das corporações em que trabalhavam tornando-se, por sua vez, capitalistas.

Os planos de aposentadoria das emprêsas e o sistema de assistência social do govêrno, para os quais empregados e empregadores contribuíam igualmente, asseguravam fundos para a inatividade e também para os trabalhadores desempregados. Aquêles que trabalhavam em fazendas de outros já começavam a adquirir terras para si próprios. As uniões trabalhistas da Europa Ocidental e dos Estados Unidos tornavam-se poderosas e os governos democráticos já reconheciam os direitos dos trabalhadores de formar uniões cujos representantes eram investidos de autoridade para debater com os empregadores as condições de trabalho e os salários.

Quando o povo está capacitado para obter maior parcela dos bens e serviços de que necessita e aprecia, pode-se concluir que seu padrão de vida aumentou ou melhorou. Entretanto, a despeito do constante aumento do padrão de vida dos trabalhadores das nações ocidentais, os comunistas, em meado do século XX, ainda apregoavam que o único meio dos trabalhadores conseguirem uma vida boa era a revolução comunista e o estabelecimento de uma ditadura do proletariado.

Os comunistas opõem-se freqüentemente às reformas feitas pelos países democráticos com a finalidade de melhorar o padrão de vida de seus cidadãos, pois não ignoram que tais reformas contribuem para que o povo daqueles países fique cada vez mais satisfeito com o sistema capitalista e, destarte, menos favorável às promessas comunistas de paz e prosperidade.

5 — A persistência comunista

Os comunistas e seus agentes nos países democráticos prosseguem em seu trabalho de conversão de adeptos à causa da revolução que, em sua opinião, proporcionará a prometida "boa vida". Declaram, de início, que o sistema capitalista deve terminar; e que tôda a produção e distribuição de bens, que constituem a vida econômica de uma nação, deve ser controlada pela ditadura dos trabalhadores; em seguida, afirmam que os trabalhadores terão maiores salários, melhor educação, mais liberdade, assistência social completa, maiores períodos de descanço e melhores casas.

Para gozar da liberdade prometida, o povo, segundo os agentes comunistas, deve trabalhar em fábricas, escritórios e fazendas dirigidas pelo govêrno, cabendo a cada pessoa uma mesma parcela de tôda a produção nacional.

Karl Marx dizia que num sistema comunista, cada pessoa trabalharia "de acôrdo com sua capacidade" e que seria remunerada "de acôrdo com suas necessidades". Pode-se imaginar a dificuldade de qualquer

govêrno para determinar ou descobrir a capacidade de trabalho e as necessidades de uma pessoa. Terão tôdas as pessoas a mesma capacidade de trabalho e as mesmas necessidades? Não poderia ocorrer, numa ditadura do proletariado, caso fôsse experimentado aquêle princípio, que se olvidasse o indivíduo e se o tratasse como um animal? A história diz, em exemplo bastante recente, que numa nação totalitária o importante não é o indivíduo, mas aquilo que êle faz pelo govêrno.

Nessa luta pela conversão de novos adeptos, os comunistas usam, como argumento final, o fato de terem descoberto alguns segredos científicos desconhecidos do resto do mundo. Anunciam a descoberta de "leis" que governam a história e a economia e que explicam o passado e o futuro. Mediante o conhecimento de tais leis, dizem, foi-lhes possível eliminar os ciclos econômicos na Rússia Soviética. Êsses períodos alternados de prosperidade e depressão, que têm ocorrido nos países capitalistas, representam vicissitudes e desemprêgo para os trabalhadores. Assim sendo, a eliminação dos ciclos econômicos permite-lhes, asseveram, ter prosperidade sempre constante e emprêgo para todos.

C) A VIDA SOB O COMUNISMO

1 — "A boa vida"

Muitas pessoas concordam que "boa vida" significa, antes de tudo, fartura de alimentos, roupas decentes e adequadas e uma casa ou apartamento confortável. Poder-se-ia também incluir algumas coisas materiais como automóveis, aparelhos de televisão e outros instrumentos elétricos, e ainda, além disso, os serviços religiosos, médicos, odontológicos e escolares. Ao se fazer uma lista das necessidades para uma "boa vida" é certo que não se deixaria de incluir na mesma todos os direitos que se tem, como por exemplo: o direito de, como votante qualificado, eleger seus representantes no govêrno; o direito de igualdade perante a lei; o direito de liberdade de palavra e de imprensa; o direito de escolher sua profissão; e o direito de possuir bens.

2 — As necessidades do povo

A Rússia, em 1917, era um país atrasado. Tinha, por exemplo, muito menos fábricas, usinas elétricas e usinas siderúrgicas do que as nações ocidentais. Desta forma, muitos habitantes russos viam-se privados de artigos manufaturados e de energia elétrica que eram de uso corrente entre os habitantes dos países ocidentais. A partir de 1917, entretanto, houve grandes alterações na indústria russa, aumentando consideràvelmente o número de estabelecimentos fabris e de usinas. De 1917 a 1956, a produção de aço aumentou de quatro milhões anuais de toneladas métricas para quarenta e oito milhões. Posteriormente, será examinada a finalidade dos Planos Qüinqüenais da Rússia Soviética que estabelecem metas e quotas de produção para períodos de cinco anos.

Êsse surto extraordinário da indústria soviética terá proporcionado ao povo da União Soviética os alimentos, as roupas, as habitações que êles necessitam e almejam? Para responder essa pergunta, faz-se necessário entender algo sôbre o pequeno grupo de homens chamado "Presidium" e que, até 1952, era conhecido pelo nome de "Politburo". Êste é um pequeno mas extremamente poderoso comitê constituído exclusivamente por líderes do Partido Comunista da Rússia Soviética. É o Presidium que decide sôbre tudo que deve ser produzido na União Soviética e também sôbre a sua distribuição, isto é, é êle que determina quem receberá aquêles produtos. Compete, por exemplo, ao Presidium decidir a fabricação de mais sapatos, bicicletas, armas, máquinas, etc.

Ao decidir os bens que serão produzidos, o Presidium atende, antes de tudo, os interêsses do Partido; o que sobra, pode ser utilizado para satisfazer às necessidades dos indivíduos.

A União Soviética, também, sustenta um dispendioso exército — o maior da Europa — e uma vasta fôrça de polícia secreta. O custo de manutenção do exército e da polícia secreta é de responsabilidade do govêrno, e êsse custo de muito reduz a produção de bens de consumo.

Destarte, as utilidades que os indivíduos precisam, tais como café, pão, carne, roupa e sapatos, são pouco abundantes e demasiado caras.

3 — Quanto ganha um trabalhador

Uma vez que o valor do dinheiro é diferente em cada país, não se pode comparar o salário em têrmos de dinheiro; mas podemos compará-lo examinando o que com êles se pode comprar.

Em 1956, um operário especializado ganhava, em Moscou, 740 rublos (Cr$ 7.400,00) por mês, pouco mais que o salário mínimo nacional; no entretanto, um par de sapatos, da mais inferior qualidade, custava 185 rublos (Cr$ 1.850,00) ou seja, um quarto de seu salário! Aqui no Brasil, um sapato de qualidade regular pode ser adquirido por Cr$ 800,00, cêrca de dois quartos do salário mínimo. O govêrno soviético tem feito constantes promessas de que melhorará êste estado de coisas, e de que o custo de vida baixará, mas tais promessas não têm sido cumpridas. Por exemplo, a produção de sapatos, rádios e roupas, em 1957, foi inferior à de 1955. Tampouco foi aumentada a produção de outros bens de consumo, como carne, pão, leite, etc.

4 — Não foram abolidas as classes sociais

Uma das promessas de Karl Marx e dos demais filósofos comunistas foi a da abolição das "classes sociais"; o comunismo seria uma sociedade "sem classes", onde todos teriam os mesmos privilégios e repartiriam igualmente a riqueza nacional. Tais promessas não foram cumpridas, e até Trotsky, líder soviético exilado por Stalin, criticou o regime por não haver cumprido um de seus dogmas: "de cada um de acôrdo com sua capacidade; à cada um de acôrdo com suas necessidades"...

Ao invés de criar uma sociedade sem classes, a revolução comunista instituiu novas classes que podem ser assim hierarquizadas:

— Funcionários importantes do govêrno;
— Oficiais das Fôrças Armadas;
— Cientistas, artistas e escritores;
— Funcionários do govêrno, de menor categoria;
— Membros do Partido e gerentes de fábricas;
— Contramestres de fábricas e soldados;
— Operários;
— Camponeses;
— Prisioneiros dos campos de concentração.

Os membros das classes superiores da URSS recebem uma grande parcela da riqueza nacional; êles, na verdade, não são os "donos" de nenhuma propriedade industrial, mas a usam como se lhes pertencesse.

Os altos funcionários e oficiais das Fôrças Armadas possuem casas no campo e na cidade, usam luxuosos automóveis, vestuário fino, alimentação bem cuidada, e outros requintes de luxo.

Os funcionários de menor categoria possuem apartamentos de cinco peças, automóveis pequenos, boas roupas e adequada alimentação.

O operário vive em um apartamento superlotado — as vêzes uma família só dispõe de um único quarto — e poucos conhecem instalações sanitárias. Raros são os que possuem uma bicicleta, e, sua alimentação é pouca e de má qualidade.

Nos países satélites da URSS o padrão de vida também é baixo, e existe a mesma divisão em classes da União Soviética.

5 — O povo dominado pelos comunistas é mantido na ignorância

Você deve ter ouvido, freqüentemente, que *"um povo informado é um povo livre"*. Numa Democracia, os cidadãos normalmente sabem o que seus representantes estão fazendo. O govêrno trabalha como que em uma caixa de vidro, a publicidade que o cerca é fruto de uma imprensa livre e da existência de um ou de vários partidos de oposição, que constituem um obstáculo para a fraude e a corrupção do govêrno.

No Brasil, a Câmara e o Senado debatem os assuntos com as portas abertas, e o Poder Executivo mantém freqüentes contatos com a imprensa escrita e falada, para prestar contas de seus atos. A oposição tem o direito de interpelar o govêrno e de denunciar à opinião pública seus erros e suas omissões. Suas críticas são ràpidamente difundidas pelo rádio, pela televisão e pela imprensa, e o partido no poder pode perder as eleições seguintes — que se processam com freqüência — o que, evidentemente não lhe convém. O govêrno é, pois, controlado pelos eleitores, pelo povo

No govêrno comunista, as coisas se passam de modo diverso. Não permitem crítica alguma e muito menos publicidade que o contrarie. Nos países comunistas não existem as seguintes garantias para o cidadão:

— Debate livre no Parlamento;
— Partido de oposição;
— Liberdade de palavra e de imprensa;
— Eleições livres.

Em todos os países comunistas, o govêrno controla as notícias do rádio e da imprensa; as notícias irradiadas destinam-se apenas a servir aos interêsses do Partido.

Em suma, os comunistas só permitem ao povo tomar conhecimento de notícias que lhes interessem, sejam verdadeiras ou falsas.

6 — Os comunistas adulteram as notícias

O Comunismo foi construído em tôrno da idéia da suprema importância e infalibilidade do Partido. Portanto, aos olhos dos comunistas as falsidades que servem à política do Partido não estão erradas. Lenine incitou todos os "bons comunistas" a usar métodos ilegais, mentiras e subterfúgios.

Seguindo esta diretriz o Presidium fornece ao povo várias estatísticas referentes à produção e ao consumo de artigos, mas, apenas indica a porcentagem. Como não existem jornais da oposição, podem, impunemente, suprimir todos os dados que não lhes agradam e apresentar falsas estatísticas, pois que o povo não as poderá confrontar.

O Partido tampouco informa ao povo sôbre suas agressões no exterior. Em 1949, sob a direção de Moscou, os partidos comunistas de todo o mundo, aproveitando-se do intenso desejo de paz, por tôdas as nações do mundo, iniciaram a chamada "Cruzada da Paz". Essa "Cruzada" se iniciou, exatamente, no mesmo momento em que os soviéticos encetaram sua ofensiva sôbre a Coréia e sôbre a Indochina.

7 — A juventude Russa é desorientada pelos professôres e pelos livros

Sabemos que os cidadãos dos países democráticos conservam-se informados sôbre as atividades do seu govêrno e o dos outros países, através da imprensa livre de censura e da vigilância da oposição. Há, ainda, outro modo para que o povo aprenda o que se passa em sua Nação e nos demais países do mundo: é através de suas escolas e universidades.

Mas, na União Soviética, os livros e os professôres fornecem, ùnicamente, deliberadas mentiras a seus alunos, a respeito do que se passa no seu país e nas demais áreas do mundo.

O sistema educacional soviético devota-se a treinar os jovens russos na obediência ao Partido, não lhes permitindo acesso a qualquer fonte de informação que não seja controlada pelo govêrno.

8 — O comunismo é uma ditadura inconstitucional

Os cidadãos de uma nação democrática gozam as liberdades que lhes garante sua constituição, e a qualquer um é permitido fazer parte do govêrno, caso seja eleito por seus concidadãos.

Na URSS, os cidadãos não têm nem liberdades nem direitos. Só podem fazer parte do govêrno os membros do Partido, e a admissão no Partido é estritamente controlada (na Rússia, para uma população de 200 milhões só existem 7 milhões de membros do Partido).

O próprio membro do Partido não tem liberdade, pois suas ações são controladas pela "elite" que é constituída por pequeno número de privilegiados da confiança do ditador.

A "Ditadura do Proletariado" proclama-se uma "democracia" como se as palavras "ditadura" e "Democracia" não fôssem antagônicas.

O Comunismo realiza eleições muito peculiares: o Partido indica os candidatos — um candidato para cada cargo — e o povo, submisso, nêles vota, aparecendo o fenômeno de candidatos eleitos com 100% no sufrágio.

É totalmente proibida a concorrência e o cidadão que não vota no candidato indicado, pode votar em branco, mas passa a sofrer restrições.

É como se dissessem "podes votar em qualquer um, contanto que seja em João". A essa farsa denominam "eleições", e o povo não tem remédio senão conformar-se!

O único *"direito"* do cidadão é obedecer ao Partido.

Mas, quando em qualquer país democrático, um adepto do Comunismo é detido por desenvolver atividades subversivas, a primeira coisa que faz é recorrer aos tribunais, apelando para a proteção de um direito que lhe é assegurado por uma constituição, direito que não nos seria outorgado, caso conseguissem ver vitoriosa sua ideologia no nosso país...

Caros leitores! Pretendemos continuar com nossa campanha que tem por fim, principal, facilitar os oficiais subalternos na preparação de seus comandados no combate ao inimigo que cada vez mais se aproxima.

Êste trabalho, fruto, como já dissemos, de uma equipe de oficiais de nosso Exército, terá prosseguimento, em nosso próximo número com sua 4ª Parte, que se intitula — A PROPAGANDA COMUNISTA.

Devido à grande procura, nossos números de junho e julho estão esgotados. Todavia continuamos com a promessa de, brevemente, em um só volume, editar todos os artigos referentes ao assunto.

Coronel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS,
Diretor-Secretário.

OS GUARDIÕES DA DEMOCRACIA

Na linguagem simples a que nos propusemos, procuramos auxiliar os assinantes mais jovens de "A DEFESA NACIONAL" a prepararem suas palestras sôbre assunto que devem ministrar a seus instruendos.

É certo que existem muitos brasileiros que nunca acreditaram na Democracia, ou, ao menos, que começam a perder a confiança nela, mas nós militares somos a salvaguarda de nossas instituições e disso jamais devemos nos esquecer.

Em 1939 o mundo entrou numa guerra tremenda, na qual mergulhou durante seis longos anos, para sair combalido e depauperado em homens e material. Tal guerra foi desencadeada por um totalitarismo, o nazista, que teve apoio de outro totalitarismo, o facista. Então, só não foi consumado o sepultamento universal da liberdade e da dignidade humana, porque duas nações democráticas a isto se opuseram, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Num momento, quando tudo parecia irremediàvelmente perdido, um "NÃO" de um grande estadista, WINSTON CHURCHILL, salveu a civilização. Hitler, senhor de boa parte da Europa, entendido com a Rússia, aliado da Itália e dominador da França, mandou propor tréguas com rendição à Inglaterra, sob pena de invadi-la e destruí-la. CHURCHILL resistiu. Sem nada, só com a fôrça moral e a visão de um verdadeiro político, resistiu. E resistiu exatamente porque tinha uma inabalável fé na Democracia, de tal modo que preferiu para o seu país agruras de morte à morte da liberdade.

Hoje, desgraçadamente começa a faltar de novo fé na Democracia.

No âmago de algumas consciências já começa a rendição. No interior de cada um, já se esboça a descrença quando êste cada um, começa a tornar-se indiferente pela liberdade do espírito e a menosprezar a dignidade humana.

É preciso então que se lhes diga — e aqui estamos nós, os militares, para fazê-lo — que só com a Democracia, bem realizada, poderemos estabelecer um regime justo, humano e atendedor de tôdas as necessidades, e não apenas as do estômago, sob o preço de bater palmas ao ditador do momento.

É preciso que se saiba e se diga que a Democracia é um regime difícil, que pede a constante colaboração e cooperação de todos, e que ela não pode referir-se, apenas, às instituições políticas e administrativas, mas tem que promover o bem-estar e a felicidade dos homens Todos têm de dar o seu quinhão de boa-vontade e de amizade cívica. Todos devem interessar-se por todos.

A Democracia é ótima, é insubstituível, é o único regime compatível com a dignidade humana. Só é preciso mantê-la e aperfeiçoá-la sempre e cada dia. E nós, militares, temos ainda o dever de protegê-la, pois êste foi nosso juramento e de nós, isto espera o Povo Brasileiro que sempre confiou em suas Fôrças Armadas.

AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS
Coronel Diretor-Secretário

A DEFESA NACIONAL mantém intercâmbio com as seguintes revistas estrangeiras:

AMÉRICA DO SUL

Argentina:

— *Revista Nacional de Aeronautica — Combustibles y Energia;*
— *Boletin del Centro Naval — Revista del Suboficial;*
— *Revista de los Servicios del Ejercito — Revista del Tiro;*
— *Tecnica e Industria — Boletin de Combustibles;*
— *Boletin Mensual de Estadistica — Boletin de Informaciones Petroleras — Revista Militar — Revista de la Escuela Superior de Guerra — Revista del Servicio de Informaciones del Ejercito — Revista de Publicaciones Navales — Biblioteca Nacional de Aeronautica.*

Bolivia:

— *Revista Militar.*

Chile:

— *Memorial del Ejército de Chile — Revista de Mariña.*

Colômbia:

— *Revista de las Fuerzas Armadas — Armada.*

Equador:

— *Revista Militar — Revista Municipal.*

Paraguai:

— *Revista de las Fuerzas Armadas de la Nación — Boletin Naval.*

Peru:

— *Revista de Chorrillos — Revista Policial del Peru — Revista Militar del Peru — Revista de Mariña — Revista de CIMP.*

Uruguai:

— *Revista Militar y Naval.*

Venezuela:

— *Revista de las Fuerzas Armadas — Revista del Ejército, Mariña y Aeronautica.*

AMÉRICA DO NORTE

Estados Unidos:

— *Armor-Army Information Digesti-Army.*

México:

— *El Legionário.*

AMÉRICA CENTRAL

Cuba:

— *Boletin del Ejército.*

EUROPA

Alemanha Ocidental:

— *Ibero Amerikanische Bibliothek.*

Bélgica:

— *La Revue Maritime Belge.*

Espanha:

— *Guion — Ejército.*

França:

— *Revue des Forces Terrestres — Revue Militaire Générale — Revue Militaire D'Information — Defense Nationale — Revue des Forces Aeriennes Françaises.*

Itália:

— *Revista Militare — Notizziario di Aviazione — Rivista Marittima — Rivista Aeronautica.*

Portugal:

— *A Defesa Nacional — Revista Militar — Revista de Cavalaria — Revista de Marinha.*



Preço do Exemplar
Cr$ 30,00

SMG
IMPRENSA DO EXÉRCITO
Rio de Janeiro — 1960